



**Le ne fay rien  
sans  
Gayeté**

*(Montaigne, Des livres)*

**Ex Libris  
José Mindlin**







Hugomaso

O CORUJA

## Obras de Aluizio Azevedo

### ROMANCES

- Uma lagrima de mulher.** — Edição esgotada.  
**O Mulato.** — 2ª edição. 1 v. in-8 enc., 3\$000 br. . . . . 2\$000  
**Memorias de um condemnado.** — 1 vol. in-4° enc.  
3\$000, br. . . . . 2\$000  
**Mysterio da Tijuca.** — 1 vol. in-4° enc. 3\$000 br. . . . . 2\$000  
**Casa de Pensão.** — 1 vol. in-8° enc. 3\$000 br. . . . . 2\$000  
**Philomena Borges.** . . . . .  
**O Coruja.** — 1 vol. in-8° enc. 3\$000 br. . . . . 2\$000  
**O Homem** — 4ª edição. 1 vol. in-8° enc. 3\$000, br. . . . . 2\$000

### THEATRO

- O Mulato** — Drama em 3 actos. Representado no theatro *Recreio Dramatico*. 1884. Empreza Dias Braga.  
**Casa de Orates** — Comedia em 3 actos. 1882. Theatro *Sant'Anna*. Empreza Heller.  
**Flôr de Liz** — Opereta em 3 actos, de collaboração com o Snr. Arthur Azevedo. 1882. Theatro *Sant'Anna*. Empreza Heller.  
**Philomena Borges** — Comedia em 1 acto. 1884. Theatro *Principe Imperial*. Empreza Braga Junior.  
**Venenos que curam** — Comedia em 4 actos, de collaboração com o Snr. Emilio Rouede. 1885. Theatro *Lucinda*. Empreza Martins.  
**O Caboclo** — Drama em 3 actos, de collaboração com o Snr. Emilio Rouede. 1886. Theatro *Sant'Anna*. Empreza Heller.  
**Os sonhadores** — Comedia em 3 actos. 1887. Representada com o titulo *Macaquinhos no Sotão*. Theatro *Sant'Anna*. Empreza Heller.  
**Triboulet** — Traducção em verso rimado, alexandrinos, do drama em 5 actos de Victor Hugo — *Le roi s'amuse*. Collaboração com o Snr. Olavo Bilac. Foi lido este trabalho em uma sessão do *Gremio de Lettras e Artes*. 1887.  
**Fóra d'horas** — Um volume de contos, já impressos em diversos jornaes da Côte.

*Hugomacia*

ALUIZIO AZEVEDO

---

# O CORUJA

---

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER, LIVREIRO-EDITOR

71, RUA DO OUVIDOR, 71

PARIS. — E. MELLIER, RUE SÉGUIER, 17

—  
1889



## PRIMEIRA PARTE



# O CORUJA

---

## PRIMEIRA PARTE

---

### I

Quando, em uma das pequenas cidades de Minas, falleceu a viuva do obscuro e já então esquecido procurador Miranda, o pequenito André, unico fructo desse extincto casal, tinha apenas quatro annos de idade e ficaria totalmente ao desamparo, se o parochio da freguezia, o Sr. padre João Estevão, não o tomasse por sua conta e não carregasse logo com elle para casa.

Esta bonita acção do Sr. vigario levantou entre as suas ovelhas um piedoso côro de louvores, e todas ellas, mettendo até as menos chegadas ao padre, estavam de accôrdo em prophetisar ao bemaventurado orphão um invejavel futuro de doçuras e regalias, como se elle fôra recolhido pelo proprio Deus e tivesse por si a paternidade de toda a côrte celeste.

A Joanna das Palmeirinhas, essa então, que era muito mettediça em cousas de igreja, chegava a enxergar no factio intenções secretas de alguma divindade protectora do logar e, quando queriam-lhe fallar nisso, benzia-sc precatadamente e pedia por amor de Christo que « não mexessem muito no milagre ».

— E' melhor deixar! segredava ella — E' melhor deixar que o santinho trabalhe a seu gosto, porque ninguem como elle sabe o que lhe compete fazer!

Mas o « pequeno do padre » como desd'ahi lhe chamaram, foi ao poucos descachindo das graças do inconstante rebanho, pelo simples factio de ser a criança menos communicativa e mais embe-soirada de que havia noticia por aquellas alturas. O proprio Sr.

vigario não morria de amores por elle, e até se amofina de vel-o passar todo o santo dia a olhar para os pés, n'uma taciturnidade quasi irracional.

— Ora, que mono fôra elle descobrir!... dizia de si para si, a contemplar o rapaz por cima dos oculos. — Aquella lesmo não havia de vir a prestar nem para lhe limpar as galhetas!

O pequeno era de facto muito triste e muito calado. Em casa do reverendo não se lhe ouvia a voz durante semanas inteiras; e tambem quasi nunca chorava, e ninguem se poderia gabar de tel-o visto sorrir. Se o vestiam e o levavam a espairecer um bocado á porta da rua, deixava-se o mono ficar no logar em que o largavam; o rosto carrancudo, o queixo enterrado entre as clavículas, e seria capaz de passar assim o resto da vida se não tomassem a resolução de vir buscal-o.

A criada, uma velha muito devota, mas tambem muito pouco amiga de crianças, só olhava para elle pelo cantinho dos olhos e, sempre que olhava, fazia depois uma careta de nojo. « Apre! Só mesmo a bondade do Sr. vigario podia supportar em casa sentehante lorpa! »

E cada vez detestava mais o pequeno; afinal era já um odio violento, uma antipathia especial, que se manifestava a todo o instante por palavras e obras de igual dureza. E a graça é que jámais nenhuma destas vinha só; era chegar a descompostura e ahí estava já o repellão, em duas, tres, quatro sacudidelas, conforme fosse o tamanho da phrase.

O André deixava-se sacudir á vontade da criada, sem o menor gesto de opposição ou de contrariedade.

— Ah! Só mesmo a paciencia do Sr. vigario!

Apezar, porém, de tanta paciencia, o Sr. vigario, se se não mostrava arrependido daquella caridade, era simplesmente porque esse rasgo generoso muito contribuiara para a boa reputação que elle gosava, não só aos olhos da parochia inteira, como tambem aos dos seus superiores, a cujos ouvidos chegára a noticia do facto. Mas, no intimo, abominava o pupillo; mil vezes preferira não o ter a seu lado; supportava-o, sabia Deus como! como quem supporta uma obrigação inevitavel e aborrecida.

Ah! não havia duvida que o pequeno era com effeito muito embirantezinho. Sobre ser uma criança feia, progressivamente moleirona e triste, mostrava grande difficuldade para aprender as cousas mais simples. Não era com duas razões, nem tres muros, que o tutor conseguia metter-lhe qualquer palavra na cabeça.

O pobre velho desesperava-se, ficava tremulo de raiva, defronte



de semelhante estupidez. E, como não tivesse jeito para ensinar, como lhe faltasse a feminil delicadeza com que se abrem, sem machucar, as tenras pétalas dessas pequeninas almas em botão, recorria aos berros, e, vermelho, com os olhos congestionados, a respiração convulsa, acabava sempre empurrando de si os livros e o discípulo, que iam simultaneamente rolar a dous ou tres passos de distancia.

— Aquelle maldito estúpido não servia senão para o encher de bilis ! O melhor seria mettel-o num collegio, como interno... Era mais um sacrificio — Vá ! mas, com a bréca ! ao menos ficava livre delle !

Oh ! o bom homem já não podia aguentar ao seu lado aquella amaldiçoada criança. A's vezes, ao vel-a tão casmurra, tão feia, com o olhar tão insociavel e tão ferrado a um ponto, tinha impetos de torcel-o nas mãos, como quem torce um panno molhado.

Nunca lhe descobrira a mais ligeira revelação de um desejo. A' mesa comia tudo que lhe punham no prato, sem nunca deixar ou pedir mais. Se o mandavam recolher á cama, fosse a que hora fosse, deitava-se incontinenti ; se lhe dissessem « Dorme ! » elle dormia ou parecia dormir. « Acorda ! Levanta-te ! » elle se levantava logo, sem um protesto, como se estivesse á espera daquella ordem.

Qualquer tentativa de conversa com elle era inutil. André só respondia por monosyllabos, no mais das vezes incompreensiveis. Nunca fazia a ninguem interrogação de especie alguma, e, certo dia perguntando-lhe o padre se elle o estimava, o menino sacudiu com a cabeça, negativamente.

— E que tal?... considerou o vigario ; — olha que entranhas tem o maroto !...

E segurando-lhe a cabeça para o fitar de frente :

— Com que, não gostas de mim, heim ?

— Não.

— Não és agradecido ao bem que te tenho feito ?

— Sou.

— Mas não me estimas ?

— Não.

— E, se fores para o collegio, não terás saudades minhas ?

— Não.

— De quem então sentirás ?

— Não sei.

— De ninguem ?

— Sim.

— Pois então é melhor mesmo que te vás embora, e melhor será que nunca mais me appareças! Calculo que bom ingrato não se está preparando ahí! Vai! Vai, demonio! e que deus te proteja contra os teus proprios instinctos!

Entretanto, á noite, o padro ficou muito admirado, quando, ao entrar no quarto do orphão que dormia, o viu agitar-se na cama e dizer, abraçando-se aos travesseiros e chorando: « Mamã! minha querida mamã! »

— São partes, Sr. vigario são partes deste souso! ... explicou a criada, tregeitando com arrelia.

## II

André seguiu para o collegio n'um principio de mez. Veio buscar-o á casa do tutor um homem idoso, de cabellos curtos e barbas muito longas, o qual parecia estar sempre a comer alguma cousa, porque, nem só mexia com os queixos, como lambia os beiços de vez em quando.

Foram chamal-o á cama ás cinco de manhã. Elle accordou promptamente, e como já sabia de vespera que tinha de partir, vestio-se logo com um fato novo que, para esse dia, o padre lhe mandára arinar de uma batina velha. Deram-lhe a sua tigela de café com leite e o seu pão de milho, o que elle ingerio em silencio; e, depois de ouvir ainda alguns conselhos do tutor, beijou-lhe a mão, recebeu no bonet uma palmada de criada e sahio de casa, sem voltar, sequer, o rosto para trás.

O das barbas longas havia já tomado conta da pequena bagagem e esparava por elle, na rua, dentro do trolley. André subio para a almofada e deixou-se levar.

Em caminho o companheiro, para enganar a monotonia da viagem, tentou chamal-o á falla:

Então o amiguinho vai contente para os estudos?

Sim, disse André, sem se dar ao trabalho de olhar para o seu interlocutor. E este, suppondo que o bonet do menino, pelo muito enterrado que lhe ficára nas orelhas com a palmada da criada, fosse a causa dessa descortezia, apressou-e a suspender-l'ho e accrescentou:

— E' a primeira vez que entra para o collegio ou esteve n'outro?

— E'.

— Ah! E' a primeira vez?

- Sim. .  
 — E morou sempre com o reverendo?  
 — Não.  
 — Elle é seu parente?  
 — Não.  
 — Tutor, talvez...  
 — E'.  
 Como se chamava seu pai?  
 — João.  
 — E sua mãe?  
 — Emilia.  
 — Ainda se lembra delles?  
 — Sim.

E, depois de mais alguns esforços inuteis para conversação, o homem das barbas convenceu-se de que tudo era baldado e, para fazer alguma cousa, poz-se a considerar a estranha figurinha que levava a seu lado.

André representava então nos seus dez annos o specimen mais perfeito de um menino desengraçado.

Era pequeno, grosso, muito cabeçudo, braços e pernas curtas, mãos vermelhas e polposas, tez morena e aspera, olhos sumidos de uma côr duvidosa e fusca, cabello duro e tão abundante, que mais parecia um bonet russo do que uma cabelleira.

Em todo elle nada havia que não fosse vulgar. A expressão predominante em sua physionomia era desconfiança? nos seus gestos retrahidos, na sua estranha maneira de esconder o rosto e jogar com os hombros, quando andava, transparecia alguma cousa de um urso velho e mal domesticado.

Não obstante, quem lhe sorprendesse o olhar em certas occasiões descobriria ali um inesperado brilho de ineffavel doçura, onde a resignação e o soffrimento transluziam, como a luz do sol por entre um nevoeiro espesso.

Chegou ao collegio banhado de suor dentro da sua terrivel roupa de lustrina preta. O empregado de barbas longas levou-o á presença do director, que já esperava por elle, e disse apresentando-o :

— Cá está o pequeno do padre.

Ah! resmungou o outro, largando o trabalho que tinha em mão. — O pequeno do padre Estevão. E' mais um alumno que mal dará para o que ha de comer ! Quero saber se isto aqui é asylo de meninos desvalidos !... Uma vez que o tomaram á sua conta, cra pagarem-lhe a pensão inteira e deixarem-se de pedir

abatimentos, porque ninguem está disposto a supportar de graça os filhos alheios !

— Pois o padre Estevão não paga a pensão inteira? perguntou a barbadão a mastigar em secco furiosamente, e a lamber os beiços.

— Qual! Veio-me aqui com uma choradeira de nossa morte. E, porque seria uma obra de caridade, e, porque ja tinha gasto mundos e fundos com o pequeno » emfim, foi tal a lamuria que não tive outro remedio senão reduzir a pensão pela metade!

O das barbas fez então varias considerações sobre o facto, elogiou o coração do Dr. Mosquito (era assim que se chamava o director) e ia a sahir, quando este lhe recommendou que se não descuidasse da cobrança e empregasse esforços para receber dinheiro.

— Veja, veja, Salustiano, se arranja alguma cousa, que estou cheio de compromissos !

E o Dr. Mosquito, voltando ao seu trabalho, exclamou, sem mexer com os olhos :

— Approxime-se !

André encaminhou-se para elle, de cabeça baixa.

— Como se chama ?

— André.

— De que ?

— Miranda.

— Só ?

— De Mello.

— André Miranda de Mello... repetiu o director, indo a escrever o nome em um livro que acabava de tirar da gaveta.

— E Costa, acrescentou o menino.

— Então por que não disse logo de uma vez ?

André não respondeu.

— Sua idade ?

— Dez.

— Dez quê, menino ?

— Annos.

— Heim ?

— Dez annos.

— An !

E, emquanto escrevia :

— Já sabe quacs são as aulas que vai cursar ?

— Já.

— Já, sim, senhor, tambem se diz !

— Diz-se.

— Como ?

— Diz-se, sim, senhor.

— Ora bem ! concluiu o Mosquito, afastando com a mão o papéto para coçar as costellas. E, depois de uma careta que patenteava a má impressão deixada pelo seu novo alumno, resmungou com um boejo :

— Bem ! Sente-se espere que venham buscal-o.

— Onde ? perguntou André, a olhar para os lados, sem descobrir assento.

— Alli, menino, oh !

E o director suspendeu com impaciencia a penna do papel, para indicar uma das duas portas que havia do lado opposto do escriptorio. Em seguida mergulhou outra vez no seu trabalho, disposto a não interrompel-o de novo.

André foi abrir uma das portas e disse lentamente :

— E' um armario.

— A outra, a outra, menino ! gritou o Mosquito, sem se voltar.

André foi então á outra porta, abriu-a e entrou no quarto proximo.

Era uma saleta comprida, com duas janellas de vidraça, que se achavam fechadas. Do lado contrario ás janellas havia uma grande estante, onde se viam innumerous objectos adequados á instrucção primaria dos rapazes.

O menino foi assentar-se em um canapé que encontrou e dispoz-se a esperar.

Foi-se meia hora e ninguem appareceu. Seriam já quatro da tarde e, como André ainda estava só com a sua refeição da manhã, principiou a sentir-se muito mal do estomago.

Esgotada outra meia hora, ergueu-se e foi, para se distrahir, contemplar os objectos da estante. Levou a olhar-os longo tempo, sem comprehender o que tinha defronte da vista. Depois, espreguiçou-se e voltou ao canapé.

Mais outra meia hora decorreu, sem que o viessem buscar.

Duas vezes chegou á porta por onde entrara na saleta e, como via sempre o escriptorio deserto, tornava ao seu banco da paciencia. E, no emtanto, o appetite crescia-lhe por dentro de um modo insupportavel e o pobre André principiava a temer que o deixassem ficar ali eternamente.

Pouco depois de entrar para a saleta, um forte rumor de vozes e passos repetidos lhe fez comprehender que alguma aula havia terminado ; d'ahi a cousa de cincoenta minutos, o toque de uma

sineta lhe trouxe á idéa o jantar, e elle verificou que se não enganára no seu raciocínio com o barulho de louças e talheres que faziam logo em seguida. Depois, comprehendeu que era chegada a hora do tal recreio porque ouvia uma formidavel vozeria de creanças que desciam para a chacara.

E — nada de virem ao seu encontro.

— Que maçada ! pensava elle, a segurar o estomago com ambas as mãos.

Áfinal, a escuridão começou a invadir a saleta. Havia cessado já o barulho dos meninos e agora ouviam-se apenas de vez em quando alguns passos destacados nos proximos aposentos.

Em taes occasiões, o pequeno do padre corria á porta do escriptorio e espreitava.

Ninguém.

Já era noite completa, quando um entorpecimento irresistivel se apoderou delle. O pobresito vergou-se sobre as costas do canapé, estendeu as suas pernas curtas. E adormeceu.

Dormindo conseguiu o que não fizera acordado : seus roncos foram ouvidos pelo inspector de collegio, e, dahi a pouco, André, sem dar ainda accôrdo de si, era conduzido á mesa do refeitório, onde ia servir-se o chá.

Seu typo, já de natural estranho, agora parecia fantastico sob a impressão do estremunhamento ; e os estudantes, que o observavam em silencio, abriram todos a rir, quando viram o inesperado collega atirar-se ao prato de pão com uma voracidade canina.

Mas André pouco se incommodou com isso e continuou a comer soffregamente, no meio das gargalhadas dos rapazes e dos gritos do inspector que, sem elle proprio conter o riso, procurava channel-os a ordem.

Por estes factos apenas fez-se notar a sua entrada no collegio, visto que elle, depois da ceia, recolheu-se ao dormitório e acordou no dia seguinte, ao primeiro toque da sineta, sem ter trocado meia palavra com um só de seus companheiros.

Não procuraram as suas relações, nem elle as de ninguém, e, apesar das váias e das repetidas pilherias dos collegas, teria passado tranquillamente os primeiros dias da sua nova existencia, se um incidente desagradavel não o viesse perturbar.

Havia no collegio um rapaz, que exercia sobre outros certa superioridade, nem só porque era dos mais velhos, como pelo seu genio brigador e arrogante. Chamava-se Fonseca, e os companheiros o temiam a ponto de nem se animarem a fazer contra elle qualquer queixa ao director.

André atravessava n'uma occasião o pateo do recreio, quando ouviu gritar atrás de si « O' Coruja ! »

Não fez caso. Estava já habituado a ser escarnejado, e tinha por costume deixar que a zombaria o perseguisse á vontade, até que ella cansasse e por si mesma se retrahisse.

Mas o Fonseca, vendo que não conseguira nada com a palavra, correu na pista de André e ferrou-lhe um pontapé por detrás.

O pequeno voltou-se e arremettem com tal furia contra o aggressor, que o lançou por terra. O Fonseca pretendeu reagir, mas o outro o segurou entre as pernas e os braços, tirando-lhe toda a acção do corpo.

Veu logo o inspector, separou-os e, tendo ouvido as razões do Fonseca e dos outros meninos que presenciaram o facto, conduziu André para um quarto escuro, no qual teve o pequeno esse dia de passar todos os intervallos das aulas.

Soffreu o castigo e as accusações dos companheiros, sem o menor protesto e, quando se vio em liberdade, não mostrou por pessoa alguma o mais ligeiro resentimento.

Depois desse facto, os collegas deram todavia em olhal-o com certo respeito, e só pelas costas o ridicularisavam. A's vezes, do fundo de um corredor ou do meio de um grupo, ouvia gritar em voz disfarçada :

— Olha o filhote do padre ! Olha o Coruja !

Ella, porém, fingia não dar por isso e afastava-se em silencio.

Quanto ao mais : raramente comparecia ao recreio, e apresentava-se nas aulas sempre com a lição na ponta da lingua.

No fim de pouco tempo, os proprios mestres participavam do vago respeito que elle impunha a todos : e, posto que estivessem bem longe de sympathisar com o desgraçoso pequeno, apreciavam-lhe a precoce austeridade do costumes e o seu admiravel esforço pelo trabalho.

Uma das particularidades de sua conducta, que mais impressionava aos professores, era a de que, apesar do constante mal que lhe desejavam fazer os collegas, elle jámais se queixava de nenhum, e tratava-os a todos da mesma fórma que tratava ao director e aos lentes, isto é, com a mesma sobriedade de palavras e a mesma frieza de gestos.

Em geral, era por occasião da mesa que as indirectas dos seus condiscipulos mais se assanhavam contra elle. O Coruja, como já todos lhe chamavam, não tinha graça, nem distincção no comer ; comia muito e soffregamente, com o rosto tão chegado ao prato que parecia querer apanhar os bocados com os dentes.

Coitado! Além do rico appetite de que dispunha, elle não recebia, à semelhança dos outros meninos, presentes de doce, de requeijão e fructas que lhes mandavam as competentes familias; não andava a paparicar durante o dia como os outros; de sorte que, á hora official da comida, devorava tudo que lhe punham no prato, sem torcer o nariz a cousa alguma.

Um dia, porque elle, depois de comer ao jantar todo o seu pão, pediu que lhe dessem outro, a mesa inteira rebentou em gargalhadas; mas o Coruja não se alterou, e fez questão de que dali em diante lhe depuzessem ao lado do pratos dous pães em vez de um!

— Muito bem! considerou o director — E' dos taes que paga por meio e come por dous! Seja tudo por amor de Deus!

### III

Assim ia vivendo o Coruja, desestimado e desprotegido no collegio, e como que formando na sua exquisitice uma ilha completamente isolada dos bons e dos máos exemplos, que en torno delle se agitavam.

Dir-se-hia que nascêra encascado em grossa armadura de indifferença, contra a qual se despedaçavam as varias manifestações do meio em que vivia, sem que ellas jámais conseguissem lhe corromper o animo. A tudo e a todos parecia estranho, como se naquelle eorção, ainda tão novo, já não houvesse uma só fibra intacta.

E, todavia, nenhum dos companheiros seria capaz de maltratar em presença delle um dos mais pequenos do collegio, sem que o exquisitão tomasse immediatamente a defeza do mais fraeo. Não consentia igualmente que fizessem mal aos animaes, e muita vez o encontraram acororado sobre a terra protegendo um mesquinho reptil, ou lhe enxergaram vivos signaes de ameaça em favor de alguma pobre borboleta perseguida pelos estudantes.

Na sua mystica affeição aos fraeos e indefesos, chegava á acarinhar as arvores et plantas de jardim e sentia-se vel-as mal amparadas na hora do recreio. Não reconhecía em ninguem o direito de separar uma flôr da haste em que nascera ou encarcerar na gaiola um misero passarinho.

E tudo isso era feito e praticado naturalmente, sem as tredas apparencias de quem deseja constituir-se em modelo de bondade. Tanto assim, que taes cousas só foram deveras preebidas por



um antigo creado da casa, o Militão, a quem os meninos alcu-  
nharam por pilheria de «Dr. Caixa d'olucos».

O Caixa d'olucos era nada mais do que um triste velhote de  
cincoenta a sessenta annos, vindo em pequeno das illias e que  
aqui percorrera a tortuosa escala das occupações sem futuro.  
Fôra porteiro de diversas ordens religiosas, moço de camara a  
bordo de varios navios, depois permanente de policia, em segui-  
da sacristão e creado de um conego, depois moço de hotel, bilhe-  
teiro n'um theatro, copeiro em casa de um titular e afinal, para  
descançar, creado no collegio em que se achava o Coruja.

De tal peregrinação apenas lhe ficára um desgosto surdo pela  
existencia, um vago e triste malquerer pelos fortes et pelos vic-  
toriosos.

E foi por isso que elle sympathisou com o Coruja; porque o  
suppunha ainda mais desprotegido e ainda mais desarmado do  
que elle proprio.

Era, emfim, o unico em quem o pequeno do padre, durante o  
seu primeiro anno de collegial, nem sempre encontrára o desprezo  
e a má vontade.

Vindas as férias, o Revm. João Estevão, a pretexto de que o  
pupillo lucraria mais ficando no collegio do que indo para casa,  
escreveu a esse respeito ao Dr. Mosquito, e bem contra a vontade  
deste, o pequeno por lá ficou.

André recebeu a noticia, como se já a esperasse, e vio, sem  
o menor symptoma de desgosto, partirem, pouco a pouco, todos  
os seus compaheiros. Destes, a alguns vinham buscar os proprios  
pais e as proprias mãis; e, ali, entre as frias paredes do internato,  
ouviram-se, durante muitos dias, quentes palavras de ternura,  
e sentiram-se estalar beijos de amor, por entre lagrimas de sau-  
dade.

Só elle, o Coruja, não teve nada disso.

Vio despoovar-se aos poucos o collegio; retirarem-se os pro-  
fessores, os empregados, e afinal o ultimo collega que restava.  
E então julgou-se de todos só e abandonado como uma pobre  
andorinha que não pudesse embandar-se á revoada das compa-  
nheiras.

Só, completamente só.

E' verdade que o director occupava o segundo andar com a  
familia, isto é, com a mulher e duas filhas ainda pequenas; mas  
as férias aproveitavam elles para os seus passeios, e, além disso,  
o Coruja só poderia procural-os á hora das refeições. Em baixo  
ficaram apenas o hortelão e o Caixa d'olucos.

André pediu licença ao director para tomar parte no serviço da horta e obteve-a promptamente.

Com que prazer não fazia elle esse trabalho todas as manhãs ! Ainda o sol não estava fóra de todo e já o Coruja andava pela chacara, descalço, em mangas de camisa, calças arregaçadas, a regar as plantas e a remexer a terra. O hortelão, vendo o gosto que o ajudante tomava pelo serviço, aproveitava-o quanto podia e limitava-se a dirigil-o.

— O' Coruja, gritava-lhe elle, já em tom de ordem, a perna trançada e o cachimbo no canto da boca : — Apara-me ahí essa gramma ! Ou então : Remexe-me inelhor aquelle canteiro e burrifa-me um pouco mais a alface, que está a me parecer que levou pouca agua !

As horas entre o almoço e o jantar dedicou as o Coruja aos seus estudos, e ás quatro da tarde descia de novo á chaçara, onde encontrava invariavelmente o Caixa d'oculos ás voltas com uma pobre flauta, dentro da qual soprava elle o velho repertorio das musicas de seu tempo.

Foi essa miseravel flauta que acordou no coração de André o gosto pela musica. Caixa d'oculos deu por isso, arranjou um outro instrumento e propoz-se ministrar algumas lições ao pequeno. Este aceitou com um reconhecimento muito digno de tão boa vontade, mas sem duvida de melhor mestre, porque manda a verdade confessar que aquelle não offuscava a gloria de nenhum dos innumerados flautistas que occupam a superficie da terra, contando mesmo os máos, os pessimos e os insupportaveis.

Mas o caso é que, depois disso, elles lá passavam as ultimas horas da tarde, a duclarem-se furiosamente com as notas mais temiveis que um instrumento de sopro póde dardejar contra a paciencia humana; e terminade a luta, recolhia-se André ao dormitorio e pegava no somno até á madrugada seguinte.

As fêrias não lhe corriam por conseguinte tão contrarias, como era de suppor, e só dous desgostos o atormentavam. Primeiro, não poder comprar uma flauta nova e boa; segundo, ver sempre fechada a bibliotheca do collegio.

Que curiosidade lhe fazia aquella bibliotheca !

Elle a rondava como um gato que fareja o guarda-comida; parecia sentir de fóra o cheiro do que havia de mais appetitoso naquellas estantes, e, por seu maior tormento, bastava trepar-se a uma cadeira e espiar por cima da porta, para devassar, perfeitamente a bibliotheca.

Um supplicio ! Vinham-lhe até impetos de arrombar a fechadura; e, como consolação, passava horas esquecidas sobre a cadeira, na pontinha dos pés, olhar de longe para os livros, procurando distinguir e ler o que diziam elles nas letras de ouro que expunham nos lombadas.

Alguns, cntão, lhe produziam verdadeiras angustias, principalmente os grandes, os de lombo muito largo, que ali estavam de costas, soberbos, como bojudos sabios, concentrados e adormecidos na sua sciencia.

O Coruja tivera sempre um pendor muito particular por tudo aquillo que lhe cheirava a alfarabio e linguas mortas. Adorava os livros velhos, em cuja leitura encontrasse difficuldades a vencer; gostava de cansar a intelligencia na procura de explicação de qualquer ponto duvidoso ou de qualquer phrasc sujeita a varias interpretações.

Já desde a casa do padre Estevão que semelhante tendencia se havia declarado nelle. E' que seu genio retrahido e secco dava-se maravilhosamente com esses amigos submissos e generosos — os livros; esses falladores discretos, que podcmos interromper á vontade e com os quaes nos é permittido conservar dias inteiros, sem termos aliás obrigação de dar uma palavra.

Ora, para o André, que morria de amores pelo silencio, isto devia ser o ideal das palestras. Além do que, á sua morosa e arrastada comprehensão só o livro podia convir. O professor sempre se impaciencia, quando tem de explicar qualquer cousa mais de uma vez; o livro não, o livro exige apenas a boa vontade de quem o estuda, e no Coruja a boa vontade era justamente a qualidade mais perfeita e mais forte.

Um dia, o director, descendo inesperadamente ao primeiro andar, encontrou-o tão embebido a espiar para dentro da bibliotheca que se chegou a elle sem sentido e deu-lhe uma ligeira palmada no logar que encontrou mais á mão.

O Coruja, trepado ás costas de uma cadeira e agarrado á bandeira da porta, virou-se muito vermelho e confuso, como se o tivessem sorprendido a commetter um crime.

— Que faz o senhor ahí, *seu* Miranda ?

— Olhava.

— Que olhava o senhor ?

— Os livros.

O Dr. Mosquito encarou-o de alto a baixo, e, depois de meditar um instante, accrescentou :

— Vá lá acima e diga á mulher que mande as minhas chaves.

André saltou do seu observatorio e apressou-se a dar cumprimento as ordens do director.

Este, logo que chegaram as chaves, abriu a bibliotheca e entrou. O pequeno, á porta, invadio-a com um olhar tão soffrego e tão significativo, que o Dr. Mosquito o chamou e perguntou-lhe qual era o livro que tanto o impressionára.

André coçou a cabeça, hesitando, mas a sua physionomia encarregou-se de responder, visito que o director, depois de lamentar com um gesto a grande quantidade de pó encamado sobre os livros, foi á fechadura, separou do mólho de chaves a da bibliotheca e disse, passando lha :

— Durante o resto das férias, fica o senhor encarregado de cuidar destes livros e de trazer tudo isto arranjado e limpo. Quer?...

André sacudio a cabeça affirmativamente e apoderou-se da chave com uma tal convicção, que o director não pôde deixar de rir.

Logo que se vio só, tratou de munir-se de um espanador e de um panno molhado, e, com o auxilio de uma escadilha que havia na bibliotheca, principiou a grande limpeza dos livros.

Não abriu nenhum delles, emquanto não deu por bem terminada a espanação. Methodico, como era, não gostava de entregar-se a qualquer coisa sem ter de ante-mão preparado o terreno para isso.

Oh! Mas quão differente foi do que esperava a impressão recebida, quando se dispoz a usufruir do thesouro que lhe estava franqueado.

Não sabia qual dos livros tomar de preferencia; não conseguia ler de nenhum delles mais do que algumas phrases soltas e apalhadas ao acaso.

E, toda aquella sabedoria encadernada e silenciosa, toda aquella sciencia desconhecida que ali estava, por tal fórma o confundio e perturbou que, no fim de alguns segundos de dolorosa hesitação, o Coruja como que sentia libertar-se dos volumes a a lha de cada pagina para se refugiarem todas dentro da cabeça delle.

Bem penosas foram as suas primeiras horas de bibliotheca. O desgraçadinho quasi que se arrependeu de havel-a conquistado com tanto empenho, e chegou a desejar que, em vez de tamanha fatura de livros, lhe tivessem franqueado apenas quatro ou cinco.

Mas veio-lhe em soccorro uma idéa que, mal surgin, começou logo por accentuar-se-lhe no espirito, como uma idéa de salvação

Era fazer um catalogo da bibliotheca.

Esta luminosa idéa sò por si o consolou de toda a sua decepção e de todo o seu vexame. Afigurava-se-lhe que, catalogando todos aquelles livros n'um só, vel-os-ia disciplinados e submissos ao seu governo. Entendeu que, por esse meio, tel-os-hia a todos de paixo da vista, arregimentados na memoria, podendo evocal-os pelos nomes, cada um por sua vez, como o inspector do collegio fazia a chamada dos alumnos ao abrir das aulas.

E o catalogo ficou sendo a sua idéa fixa.

Principiou a euidar delle logo no dia seguinte. Mas, a cada instante, surgiam-lhe difficuldades: não sabia como dar começo á sua obra, como leval-a a effeito. Tentou arranjar a cousa alphabeticamente; teve, porém, de abandonar essa idéa, como inexecuível; numerou as estantes e experimentou se conseguia alguma resultada por este systema; foi tudo inutil.

Afinal, depois de muitas tentativas infructiferas, o acaso, no fim alguns dias, veiu em seu auxilio, atirando-lhe ás mãos o catalogo de uma bibliotheca de provincia.

Era um folheto pequeno, encadernado e nitidamente impresso.

Coruja abriu-o, religiosamente e passou o resto do dia a estudal-o. Na manhã seguinte, a sua obra achava-se começada, pela hona on decima vez é certa, mas agora debaixo de auspicios muito mais promettedores.

E em todo o resto das férias foi o seu tempo systematicamente dividido entre o trabalho da horta, o estudo de seus compendios, as lições do Caixa d'oculos e a organização do famoso catalogo. Esta, porém, era de todas as suas occupações a mais querida e desvelada; o que, entretanto, não impediu que ella ficasse por acabar depois da reabertura das aulas.

— Fica para mais tarde, pensou o Coruja, cheio de confiança na sua vontade.

E, sem confiar a sua idéa de ninguem, nem mesmo do director, passava todos os dias feriados e todas as horas de recreio, mettido na bibliotheca, de cuja fiscalização eontinuava encarregado.

#### IV

Entre os novos alumnos, que entraram no seguinte anno para o collegio do Dr. Mosquito, vinha um, que se chamava Theobaldo Henrique de Albuquerque. Menino de doze annos, muito bonito, elegante e criado com mimo.

Falava melhor o inglez e o franceez do que a sua propria lingua, porque estivera mais tempo em Londres do que no Brazil.

O typo desta creança fazia um verdadeiro contraste com o do Coruja. Era debil, espigado, de uma palidez de mulher; olhos negros, pestanudos, boea fidalga e desdenhosa; principalmente quando sorria e mostrava a perola dos dentes. Todo elle estava a respirar uma edueação despendiosa; sentia-se-lhe o dinheiro na excellencia das roupas, na delicada escolha dos perfumes que a familia lhe dava para o cabello e para o lenço, como em tudo de que se compunha o seu rico enxoval de pensionista.

Creança como era, já falava de eousas em que o outro nem sonhava ainda; tinha já predilecções e exquisitees de gosto; diseutia prazeres, eriticava mulheres e zombava dos professores, sem que estes aliás se dessem por achados, em razão dos obsequios pecuniarios que o collegio devia ao pai de Theobaldo, o Sr. Barão do Palmar.

Não obstante, esses mesmos dotes e mais sua estroiniee de menino caprichoso, sua altivez natural e adquirida por edueação abriam em torno delle o odio ou a inveja da maior parte dos condiscipulos. Logo ao entrar no collegio, fizera muitos inimigos e, pouco depois, era tido e julgado como o mais embirante e o mais insupportavel entre todos os alumnos do Dr. Mosquito.

Não lhe perdoavam ser ao mesmo tempo tão rico, tão formoso, tão intelligente e tão gentilmente vadio. Além de tudo isso, como se tanto já não bastara, havia ainda para o fazer malquistado dos companheiros aquella escandalosa proteecção que lhe votavam os professores, apezar da formidavel impertinencia do rapaz.

Em verdade a todos falava Theobaldo com uma sobranzeria offensiva e proveoadora. No seu modo de olhar, no tom da sua voz, no desdem de seus gestos, sentia-se a uma legua de distancia o habito de mandar e ser obedecido.

Esta constante arrogancia, levada ao supremo gráo, afastou de junto delle todos os seus condiscipulos. Mas o orgulhoso não parecia impressionar-se com o isolamento a que o condemnavam as suas maneiras, e, se o sentia, não deixava transparecer em nenhum dos gestos a menor sombra de desgosto.

Ninguem o queria para amigo.

Um domingo, porém, ao terminar o almoço, ouviu dentre um certo grupo de seus collegas uma palavra de offensa, que lhe era dirigida.

Voltou-se e, apertando os olhos com um ar mais insolente que que nunca, exclamou para o grupo :

— Aquelle de vocês que me insultou, se não é um covarde, apresente-se ! Estou disposto a dar-lhe na cara !

Ninguém respondeu.

Theobaldo franziu o labio com tédio e, atirando ao grupo inteiro, por cima do hombro, um olhar de desprezo, afastou-se, dizendo entre dentes :

— Canalha !

Mas, ao chegar pouco depois á chacara, seis meninos, dos mais fortes dos que compunham o grupo, aproximaram-se d'elle e exigiram que Theobaldo sustentasse o que havia dito no salão.

Theobaldo virou-lhes as costas e os seis iam precipitar-se sobre elle, quando o Coruja, que tudo presenciára á certa distancia, de um pulo tomou-lhes a frente e os destroçou a murros.

Acudiu o inspector, fez cessar a briga e, tomando o Coruja pelo braço, levou-o á presença do Dr. Mosquito.

Theobaldo acompanhou-o.

Exposto o occorrido, foi o Coruja interrogado e confessou que era tudo verdade : « Batera em alguns de seus companheiros. »

— Pois então recolham-no ao quarto do castigo, disse o director. Passará ahi domingo, fazendo considerações sobre o inconveniente das bravatas !

— Perdão ! observou Theobaldo ; quem tem de soffrer' esse castigo sou eu ! Fui o causador unico da desordem. Este menino não tem a menor culpa !

E apontou para o Coruja.

— O' senhores ! Pois se eu o vi atracando-se aos outros, como um demonio ! exclamou o inspector.

— E elle proprio o confessa... acrescentou o director. Vamos ! Cumpra-se a ordem que dei !

— Nesse caso eu tambem serei preso, respondeu Theobaldo.

E tão resolutamente acompanhou o collega, que ninguém o deteve.

Foram recolhidos á mesma prisão, e desta vez, graças á influencia de Theobaldo, o outro, além de não ter de gramar o escuro, recebeu licença para levar comsigo alguns livros e a flauta que lhe emprestára o Caixa d'olculos.

Logo que os dous meninos se acharam a sós, Theobaldo foi ter com o Coruja e disse, apertando-lhe a mão :

— Obrigado.

André fez um gesto com a cabeça, equivalente a estas palavras : « Não tem que agradecer, porque o mesmo faria por qualquer creatura. »

— Se o senhor fazia parte do grupo que insultei, volveu Theobaldo, peço-lhe desculpa.

— Não fazia, respondeu o outro, dispondo-se a entregar-se de corpo e alma á sua ingrata flauta.

Felizmente para o collega, foram interrompidos por uma pancada na porta.

Theobaldo correu a receber quem batia, e soltou logo uma exclamação de prazer :

— Oh ! Você, Caetano ! Como estão todos lá em casa ? Mamã está melhor ? E papai, papai que faz que não vem me ver, como prometteu ?

Caetano, em vez de responder, pousou no chão uma cesta que trazia, e abriu os braços para o menino, deixando correr pelo sorriso de seu rosto duas lagrimas de ternura que se lhe escaparam dos olhos.

Era um homem de meia idade, alto, magro, de cabellos grisalhos, á escovinha, cara toda raspada ; e tão sympathico, tão bom de physionomia, que a gente gostava delle á primeira vista.

Trajava uma libré côr de rapé, com botões de latão e alamares de veludo preto.

Caetano entrára muito creança para o serviço do avô de Theobaldo, pouco antes do nascimento do pai deste, e nunca mais abandonou essa familia, da qual mais adiante teremos de falar, e por onde se poderão avaliar os laços de velha amizade que ligavam aquelle respeitoso creado ao neto de seu primeiro amo.

Por emquanto diremos apenas que o bom Caetano viu crescer ao seu lado o pai de Theobaldo ; que o acompanhou tanto nas suas primeiras correrias de rapaz, como mais tarde nas suas aventuras politicas durante as revoluções de Minas ; e que a intimidade entre esses dous companheiros por tal fórma os identificou, que afinal o creado era já consultado e ouvido como um verdadeiro membro e amigo da familia a que se dedicára.

— Mas, Caetano, que diabo veio você fazer aqui ? perguntou Theobaldo. Ha novidade lá por casa ? Fale ! Mamã piorou ?

— Não ; graças a Deus não ha novidade. A senhora baroneza não piorou, e parece até que vai melhor ; o que ella tem é muitas saudades de vossemecê.

— E papai, está bom ?

— *Nho-Miló* (era assim que chamava o amo) está bom, graças a Deus. Foi elle quem me mandou cá. Vim trazer um dinheiro ao doutor.

— Ah ! Ao director ? Quanto foi ?



— Tresentos mil réis.

— Seriam emprestados, sabes?

— Creio que sim, porque trouxe uma letra que tem de voltar assignada...

— E isso que trazes ahi no cesto é para mim?

— E', sim senhor. E' a senhora baroneza quem manda.

Theobaldo apressou-se a despejar a cesta. Vinham doces, queijo, nozes, figos seccos, passas, amendoas, fructas crystalisadas e uma garrafa de vinho Madeira.

— Isto é que e pouco; devia ter vindo mais... considerou elle, pousando a garrafa no chão.

— Pois fique sabendo que, se não fosse *Nhó-Miló*, nem essa teria vindo... A senhora baroneza chegou a zangar-se com elle.

E, mudando de tom: — Mas é verdade, vossemecê está prestó?

— Qual! Estou aqui porque assim o quiz.

Em quatro palavras Theobaldo contou o motivo da sua prisão.

— Ah! disse o creado, vossemecê é seu pai, sem tirar nem pôr!

— Sim, mas não contes nada em casa...

— Não ha novidade, não senhor?

E, depois de conversarem ainda mais alguma cousa, Caetano abraçou de novo o rapaz, despediu-se do outro e retirou-se, pretextando que não convinha demorar-se para não chegar muito tarde á fazenda.

Outra vez fechada a prisão, Theobaldo, restituído ao seu bom humor com o presente da familia, voltou-se, já risonho, para o companheiro e disse, batendo-lhe no hombro:

— Ao menos temos aqui com que entreter os queixos. E, dispondo tudo sobre uma cadeira, principiou a expor o contendo dos pacotes e das caixinhas de doce: — Felizmente a garrafa está aberta e o pucaro d'agua serve para beber o vinho. Não acha que isto veiu a proposito?

— E', resmungou o Coruja.

— Pois então, mãos á obra! Gosta de vinho?

— Não sei...

— Como não sabe?

— Nunca provei.

— Nunca? Oh!

— E' exacto.

— Pois experimente. Ha de gostar.

André entornou no pucaro tres dedos de vinho e bebeu-o de um trago.

— Que tal ? perguntou o outro fazendo o mesmo.

— E' bom ! disse Coruja a estalar a lingua.

— Com um pouco de queijo e doce ainda é melhor. Atire-se !

André não se fez rogado, e os dous meninos, em face um do outro, puzeram-se a petiscar, como bons amigos. Theobaldo, porém, depois de repetir varias vezes a dose de vinho, precisava dar expansão ao seu genio commentador e satyrico ; ao passo que o companheiro saboreava em silencio aquelles delicados pitéos, que chamavam ao seu mal confortado paladar delicias inteiramente novas e desconhecidas para elle.

E contentava-se a desmumgar, de vez em quando : — E' muito bom ! E' muito bom !

— Pois eu, sempre que receber presentes lá de casa, prometteu o outro, hei de chama-l-o para partici-par delles. Está dito ?

— Está.

— Você chama-se . . .

— André.

— De . . .

— Miranda.

— André Miranda.

— De Mello.

— Ah !

— E Costa.

— Não sabia. Como todos no collegio só o tratam por « Coruja » . . .

— E' alcunha.

— Foi aqui que lh'a puzeram ?

— Foi.

— Porque ?

— Porque eu sou feio.

— E não fica zangado quando lhe chamam assim ?

— Não.

— Eu tambem faria o mesmo, se me puzessem alguma. Os nossos collegas são todos uns pedaços d'anos, não acha ?

Coruja sacadiu os hombros e Theobaldo, um pouco agitado pelo Madeira, começou a desabafar todo o resentimento que até ali reprimia com tanto orgulho. Falou francamente, queixou-se dos companheiros, julgou-os a um por um, provando que eram todos adutores ou invejosos.

— Não quero saber delles para nada ! exclamou indignado. Você é o unico com que me darei !

E, muito loquaz e vario, passou logo a falar dos collegios :

europeus, do modo pelo qual ali se tratavam entre si os estudantes, dos modos de brincar, de estudar em commum, do modo, enfim, pelo qual se protegiam e estimavam.

André o escutava, sem dar uma palavra, mas patenteando no rosto enorme interesse pelo que ouvia.

Era a primeira vez que se achava assim, em communicação amistosa com um seu semelhante; era a primeira vez que alguém o escolhia para confidente, para intimo. E sua alma teve com a surpresa desse facto o mesmo goso de impressões que experimentára ainda ha pouco o seu paladar com os saborosos doces até ahí desconhecidos para elle.

E o Coruja, a quem nada parecia impressionnar, começou a sentir affeição por aquelle rapaz, que era a mais perfeita antithese do seu genio e da sua pessoa.

Quando Salustiano veio abrir-lhes a porta a hora do jantar, encontrou Theobaldo de pé, a discursar em voz alta, a gesticular vivamente, defronte do outro que, estendido na cadeira, toscanejava meio tonto.

— Então? exclamou o hõmem das barbas longas — Que significa isto?

— Isto que, ó meu cara de quebranozes? Interrogou Theobaldo, soltando-lhe uma palmada na barriga.

— Menino! reprehendeu o homem; não quero que me falte ao respeito!

— E um pouco de Madeira, não queres tambem?

— O senhor bem sabe que aqui no collegio é prohibido aos alumnos receberem vinho...

— Para os outros, não duvido! Eu hei de receber sempre, se não digo ao velho que não empreste mais um vintem ao director?

— Não falle assim... O senhor não se deve metter nesses negocios...

— Sim, mas em vez de estares ahí a mastigar em secco e a lambor os beiços, é melhor que mastigues um pouco de requieirão com aquelle doce.

— Muito obrigado.

— Não tem muito obrigado. Coma!

E Theobaldo, com a sua propria mão, metteu-lhe um doce na boca.

Você é o diabo! considerou Salustiano, já sem nenhum signal de austeridade. E, erguendo a garrafa á altura dos olhos: — Pois os senhores dous beberam mais de meia garrafa de vinho?!

André, ao ouvir isto, começou a rir a bandeiras despregadas, o que fazia talvez pela vez primeira em sua vida.

Pelo menos, o facto era tão estranho que tanto o Salustiano como Theobaldo cahiram tambem na gargalhada.

— E não é que estão ambos no gole?... disse o homem, a cheirar a boca da garrafa e, sem lhe resistir ao bom cheiro, despejou na propria o vinho que restava.

— Que tal a pinga? perguntou Theobaldo.

— E' pena ser tão mal empregada... respondeu o barbadão a rir.

— Este Salustiano é um bom typo! observou o menino, enchendo-lhe as algibeiras de fructas e doces.

— Ora, quando o director não pôde com o senhor, eu é que hei de poder?...

E, querendo fazer-se sério de novo:

— Vamos! vamos! Avicm-se, que está tocando a sineta pela secunda vez!

— Não vou à mesa, respondeu Theobaldo — D'aqui vou para o jardim; diga ao doutor que estamos indispostos.

E, voltando-se para o Coruja:

— Oh! André! toma conta de tudo isso e vamos lá para baixo ouvir a flauta do Caixa-d'oculos.

## V

Desde então os dous meninos fizeram-se amigos.

Foi justamente a grande distancia, o contraste, que os separava, que os unio um ao outro.

As extremidades tocavam-se.

Theobaldo era detestado pelos collegas por ser muito desinsofrido e petulante; o outro por ser muito casmurro e concentrado. O esquisitão e o travesso tinham, pois, esse ponto de contacto—o isolamento. Achavam-se no mesmo ponto de abandono, viram-se companheiros de solidão, e é natural quo se comprehendessem e que se tornassem afinal amigos inseparaveis.

Uma vez reunidos, completavam-se perfeitamente. Cada um dispunha daquillo que faltava no outro; Theobaldo tinha a comprehensão facil, intelligencia prompta; Coruja, o methodo, e a perseverança no estudo; um era rico; o outro economico; um era bonito, debil e atrevido; o outro feio, prudente e forte. Ligados, possuiriam tudo.

E, com o correr do anno, por tal fórma se foram estreitando entre os dous os laços da confiança e da amizade, que afinal nenhum delles nada fazia sem consultar o camarada.

Estudavam juntos e juntos se assentavam nas aulas e á mesa.

Por fim, era já o André quem se encarregava de estudar pelo Theobaldo; era quem resolvia os problemas algebraicos que lhe passavam os professores; era quem lhe arranjava os themas de latim e o unico que se dava á maçada de procurar significados no dicionario. Em compensação o outro, a quem faltava a paciencia para tudo isso, punha os seus livros a sua vivacidade intellectual a disposição do amigo, e dividia com este os presentes e até o dinheiro enviado pela familia, sem contar as regalias que a sua amizade proporcionava ao Coruja, fazendo-o participar da illimitada consideração que lhe rendia todo o pessoal do collegio, desde o director ao cozinheiro.

Do todas as gentilezas de Theobaldo a que então mais impressionara ao amigo foi o presente de uma flauta e de um tratado de musica, que lhe fez aquelle á volta de um passeio com o director do collegio.

Coruja trabalhava á sua mesa de estudo quando o outro entrou da rua,

Trago-te isto, disse-lhe Theobaldo apresentando-lhe os objectos que comprara.

— Uma flauta! balbuciou André no auge do commoção. — Uma flauta!

— Vê se está a teu gosto.

Coruja ergueu-se da cadeira, tomou nas mãos o instrumento, á experimentou-lhe o sopro, e ficou tão satisfeito com o presente do amigo que não encontrou uma só palavra para lh'o agradecer.

— Que fazias tu? perguntou-lhe Theobaldo.

Mas correu logo os olhos pelo trabalho que estava sobre a mesa e accrescentou:

— Ah! E' ainda o tal catalogo!

— E' exacto.

— Gabo-te a paciência! Não seria eu!

E, tomando a bocejar uma das folhas escriptas que o outro tinha defronte de si:

— Isto vem a ser?...

— Isto é a numeração das obras, respondeu André.

— Ah! Vais numeral-as...

— Vou. Para facilitar.

— E isto aqui? interrogou Theobaldo, tomando uma outra folha de papel.

— Isso é uma lista dos titulos das obras.

— E isto?

— O nome dos autores,

— Depois reunes tudo?

— Reuno.

— Melhor seria fazer tudo de uma só vez. Seria mais. Assim, não é tão cedo que te verás livre dessa maçada!

— Ha de ficar prompto.

Mas estava escripto que o celebre catalogo não teria de ficar acabado nas férias desse anno. Uma circumstancia extraordinaria vciu alterar completamente os planos do autor.

Logo ao entrar das férias, o pai de Theobaldo apresentou-se no collegio para ir em pessoa buscar o filho.

Entrou desembaraçadamente a gritar pelo rapaz desde a porta da rua.

Ah! E' V. Exc. ! exclamou o director com espalhafato, logo que o viu. E correu a tomar-lhe o chapéo e a bengala.

Bella surpresa! Bella surpresa, Sr. Barão! Tenha bondade de entrar para o escriptorio!

— Vim buscar o rapaz. Como vai elle?

— Muito bem, muito bem! Vou chamal-o no mesmo instante. Tenha a bondade V. Ex. de esperar alguns segundos.

E, como se a solitudine lhe dera scbo ás canellas, o Dr. Mosquito desapareceu mais ligeiro que um rato.

O Sr. Barão do Palmar, Emilio Henrique de Albuquerque, era ainda nos seus cincoenta e tantos annos uma bella figura de homem.

A vida accidentada e reversa, a que o condemnara sempre o seu espirito irrequieto e turbulento não conseguira alterar-lhe em nada o bom humor e as gentilezas cavalheirescas de sua alma romantica e afidalgada.

Como brasileiro, elle representava um producto legitimo da época em que veiu ao mundo.

Nascera em Minas, quando ferviam já os preludios da independencia, e seu pai, um fidalgo portuguez dos que emigraram para o Brazil em companhia do principe regente e de cujas mãos se passara depois para o servico de D. Pedro I, dera-lhe por mãe uma formosa cabocla paraense, com quem se havia casado e de quem não tivera outro filho senão esse.

De taes elementos, tão antagonicos, formou-se-lhe aquelle, character hybridó e singular, aristocrata e rude a um tempo; porque nas veias de Emilio de Albuquerque tanto corria o refinado sangue da nobreza, como o sangue barbaro dos tapuias.

Crescera entre os sobresaltos politicos do começo do seculo, ouvindo roncar em torno do berço a tempestade revolucionaria, que havia de mais tarde lhe arrebatara a familia, os amigos e as primeiras e mais bellas illusões politicas.

Desde muito cedo destinado ás armas, matricoulou-se na Escola Militar, fez parte da famosa guarda de honra do primeiro imperador, e, com a protecção deste e mais a natural vivaçidade do seu temperamento mestiço, chegou rapidamente ao posto de capitão.

Teve, porém de interromper os estudos para fazer a lamentavel guerra da Cisplatina, d'onde voltou seis mezes depois, sem nenhuma das illusões com que partira, nem encontrar os pais e amigos, que succumbiram na sua ausencia, e nem mais sentir palpitar-lhe no coração o primitivo enthusiasmo pelos defensores legaes da integridade nacional.

Orphanado, pois, aos vinte e dous annos, senhor do uma herança como bem poucos de tal procedencia apanhavam nessas épocas, pediu baixa do exercito e levantou o vôo para á Europa, fazendo-se acompanhar por um creado que fôra de seu pai, o Caetano, aquelle mesmo creado que, trinta e tantos annos depois, appareceu no collegio do Dr. Mosquito vestido de libré côr de rapé, com botões amarellos.

Ah! Se esse velho quizesse contar as estroinices que fez o querido amo pelas paragens européas que percorreu! que quizesse dizer quantas vezes não expoz a pelle para livral-o em situações bem criticas! quantas vezes por causa de alguma aventura amorosa ou por alguma simples questão de rua ou de café não voltaram os dous, amo e creado, para o hotel com o corpo moído de páoladas e os punhos cançado de esbordoar!

Durante essas viagens levaram elles a vida mais aventureosa e extrayagante que é possivel imaginar; só voltarem para o Brazil no periodo da regencia, depois da abdicação do Sr. D. Pedro I, por quem o rapaz não morria de amores.

Tornando á provincia, Emilio, talvez na intenção de refazer os seus bens já minguidos, casou-se, a despeito da opposição do Caetano, com uma rapariga de Malabar, filha natural de um negociante portuguez que commerciava directamente com a India.

Açtironou-se então a especular no commercio, mas os seus tempe-

ramento não lhe permittia demora-se por muito tempo no mesmo objecto e, achando-se viuvo pouco depois de casado, lançou as vistas para Diamantina, que nessa occasião attraia os ambiciosos, e lá se foi elle, sempre acompanhado pelo Caetano, explorar o diamante.

Tão depressa o viram em 1835 na Diamantina, como em 1842 em Santa Luzia na revolução dos liberaes mineiros, lutando contra a celebre reacção conservadora manifestada pela lei de 3 de Dezembro.

A galhardia e valor com que se houve nessas conjuncturas valheu-lhe a estima de Theophilo Ottoni e outros importantes chefes do seu partido. Dessa estima e mais dos bens particulares que então gastou na politica foi que se originou o titulo, com que mais tarde o agraciaram.

A sua attitude politica, a sua riqueza e os seus dotes naturaes haviam-lhe já conquistado na côrte as melhores relações desse tempo.

Uma vez, por occasião de trazer para ali uma excellente partida de diamantes, travou conhecimento com um importante fazendeiro de café, em cuja fazenda se hospedou por acaso.

Esse homem, mineiro da gemma, era no logar a principal influencia do partido-conservador e, sem duvida, um dos que primeirò explorou a famosa *Matta do Rio*, que então começava a cobrir-se de novas plantações.

O fazendeiro tinha uma filha e Emilio cobiçou-a para casar. Mas o encascado politico, descendente talvez dos antigos *emboabas* que avassallaram o centro de Minas, não cedeu ao primeiro ataque, e Emilio teve de lançar mão de todos os recursos insinuativos da sua raça para conseguir captar a confiança do pai e o coração da filha.

Quando lá tornou segunda vez, deixou o casamento ajustado. Então foi ainda a Diamantina liquidar os seus negocios e, voltando á *Matta*, recebeu por esposa a mulher, que, inal sabia elle, estava destinada a ser a mais suave consolação e o melhor apoio do resto de sua vida.

Foi desse enlace que nasceu Theobaldo, logo um anno depois do casamento.

Emilio só reapareceu na côrte em 1847, onde os seus co-religionarios, então no poder, o agraciaram com o titulo de Barão do Palmar; mas voltou logo para Minas e tratou de estabelecer com os seus capitaes uma fazenda na vizinhança da do sogro, que acabava de fallecer.



Foi esse o melhor tempo de sua vida, o mais tranquillo e o mais feliz. Só depois de casado, Emilio pôde avaliar e comprehender déveras a mulher com quem se unira; só depois de casado, descobriu os thesouros de virtude que ella lhe trouxe para casa, escondidos no coração.

Laura, assim se chamava a boa esposa, era um desses anjos, creados para a boa segurança do lar domestico; uma dessas creaturas que nascem para fazer a felicidade dos que a cercam.

Em casa, senhores e escravos chamávam-lhe « Santa ». E este doce tratamento condizia com os seus actos e com a sua figura.

— Esta, sim! exclamava o Caetano, entusiasmado. Esta, sim, é uma esposa de conta, peso e medida!

Pouco a pouco, Emilio foi amando a mulher, ao ponto de chegar a estremecer-a, o que até ali lhe parecia impossivel.

No meio de toda essa felicidade, Theobaldo deu os seus primeiros passos pela mão do pai, de Santa e do fiel Caetano, que já o adorava tanto como os outros.

O pequeno era o mimo da casa, era o cuidado, o enlevo, a preocupação de quantos ó viam crescer.

Com que sacrificio não consentiu, pois, o Barão do Palmar que o filho, dahi a seis annos, seguisse sosinho para um collegio de Londres, donde havia de passar a Coimbra.

Mas assim era necessario, porque Emilio, então compromettido no trafico dos negros africanos, viu-se atrozmente perseguido por Euzebio de Queiroz, terror dos negreiros e seu inimigo politico.

’ Eis ahi quem era e donde vinha o pai de Theobaldo.

E agora, visto aos cincoenta e tantos annos, aquelle typo, correcto na fórma e um pouco desabrido nas maneiras, estava ainda a dizer a sua procedencia mestiça. For mais despejado que fosse todavia, captivava sempre com muita graça e muita insinuação. Ar gentil e franco, gestos largos, coração tão aberto a tudo e a todos, que até ao mal franquearia a entrada, desde que houvesse lá por dentro uma idéa de vingança.

Possuia elle um desses temperamentos desensoffridos e ao mesmo tempo saturados de bom humor; tão promptos a zombar dos grandes perigos, como a inflammarse á menor palavra que de longe lhe tocasse em pontos de honra. Temperamentos que não conhecem meio termo e que vão da pilheria á bofetada com a rapidez de um salto.

Amava loucamente a mulher e adorava o filho. Todas as suas paixões de outr’ora, todos os seus gostos e habitos sacrificados

ao actual meio em que elle vivia, como que se transformaram em um sentimento unico, em um amor de quinta-essencia, em uma dedicacão sem limites por Theobaldo. Mas não sabia educal-o e por cegueira de affeição permittia-lhe todos os caprichos. A mais extravagante fantasia do menino era uma lei em casa do Sr. barão.

Defronte daquelle pequeno Deus, ninguem scria capaz de levantar a voz. Theobaldo vivia entre os seus parentes como um principe no meio da sua côrte ; o pai, a mãi, uma irmã desta, que agora a acompanhava, todos pareciam apostados em merecer-lhe as graças em troca de amor e submissão.

Póde-se, pois, facilmente calcular qual não seria a commoção de Emilio ao ver o filho, quando o foi buscar nas fèrias, depois de tantos mezes de ausencia.

— Theobaldo ! exclamou o barão, correndo para elle de braços abertos.

O menino saltou-lhe ao pescoço e deixou-se beijar, enquanto perguntava pelos de casa.

E depois, a queixar-se :

— Ora ! prometteste que virias visitar-me, e nem uma vez !...

— Não pude abandonar a fazenda um só dia durante o anno ! Aquillo por lá tem sido o diabo !...

Ia continuar, mas interrompeu-se para dizer ao filho :

— Anda dahi, rapaz ! Mexe-te, que, ao contrario, chegaremos muito tarde !... Vamos ! Eu te ajudo a preparar a mala. Onde é o teu quarto ?

Theobaldo tomou de carreira a direcção do dormitorio e o pai acompanhou-o, a mexer com todos os pequenos que encontrava no caminho.

— Quem é o tal André, de que falas tu nas cartas com tanta insistencia ? perguntou ao filho, enquanto este emmalava a sua roupa.

— Ah ! o Coruja ? E' o meu amigo ; mostro-t'ó já ; espera ahi.

E, quando atravessavam o salão, já com a mala prompta, Theobaldo exclamou, puxando o braço do pai :

— Olha ! E' aquelle ! Aquelle que está ao lado do director.

— E aquelle padre, quem é ? Aquelle que conversa com o Dr. Mosquito ?

— Deve ser o tutor de André.

— O tutor ?

— Sim, porque André já não tem pai, nem mãi ; foi o vigario quem tomou conta delle e quem o mettu no collegio.

— E agora veiu buscal-o e 'leva-o para casa durante as férias?...

— Talvez não. Já o anno passado, deixou-o ficar aqui sosinho com os creados.

— Mas pôde ser que desta vez não aconteça o mesmo...

Emilio foi, porém, convencido logo do contrario pelo que ouviu entre o director e o padre, cujo dialogo ia-se esquentando a ponto de lhe chegar perfeitamente aos ouvidos.

— Abuso?... exclamava o vigario. Não vejo onde esteja o abuso!

— Pois não! replicava o director. Pois não! V. Revma. vem ter commigo e pede-me que tome conta do seu pupillo pela metade do que recebo pelos outros alumnos; eu consenti, consenti, porque sabia que o pobre menino não tem outra protecção além da sua... Pois bem! chegam as férias; o senhor não o manda buscar, o que é sempre um inconveniente para um estabelecimento desta ordem, e...

— Não sei por que... interrompeu o padre.

— Sei eu, gritou o director. E a prova, olhe, é que tencionava fazer pelas férias um passeio á côrte com minha familia, e não fiz!...

— Sim, mas o senhor, naturalmente, não foi detido só por este...

— Engana-se; seu pupille foi o unico alumno que ficou no collegio durante as férias!

— Não é culpa minha!

— De accôrdo e não é disso que faço questão. Deixe-me continuar...

— Póde continuar.

— Como dizia: o senhor, não satisfeito com a abatimento que lhe fiz durante o anno inteiro, pediu-me ainda que lhe fizesse um novo abatimento durante as férias. Permitta que lhe diga: o que V. Revma. pagou não deu sequer para as comedorias, porque não é com tão pouco que se alimenta aquelle rapaz! Não imagina que appetite tem elle!

André, ao ouvir esta accusação, abaixou o rosto, envergonhado como um criminoso, e poz-se a roer as unhas, sentindo sobre si o olhar colérico do padre, que o media da cabeça aos pés.

— Pois bem! proseguiu o director; chegam de novo as férias e, quando estou resolvido a remetter-lhe o menino, vem o senhor e diz que desta vez não póde pagar tanto como das outras!... Ora! ha de V. Revma. convir que isto não tem geito!

— Seria uma obra de caridade!... objectou o padre.

— Sim, mas eu já fiz o que pude. . .

— Pois vá ! Pagarei o mesmo que nas férias do anno passado.

— Não, senhor, não serve ! V. Revma leva o menino e, se quizer, póde apresentar-m'o de novo em Janeiro. De outra fórina, não !

— Tenho então de levar o pequeno commigo ? exclamou o padre, fazendo-se vermelho.

— De certo, respondeu o director sem hesitar. As férias inventaram-se para descanso e eu não posso ficar tranquillo, sabendo que ha um aluunno em casa. Dá-me o mesmo trabalho que me dariam vinte ! Não ! não !

— Mas, dontor ! . . .

— Não, não quero ! E' um cuidado constante. Retiram-se todos os empregados e fica ahi o menino só com o servente ; de um momento para outro, uma travessura, uma tolice de creança, póde occasionar qualq'uer desgraça, e serci eu por ella o unico responsavel ! Não quero !

— E se eu pagar o mesmo que pago durante o anno ? perguntou o reverendo já impaciente e cada vez mais vermelho.

— Nem assim.

— Nem assim ? E quanto então é preciso que eu pague ?

— Nada, porque estou resolvido a não aceitar.

— De sorte que eu tenho por força de levar o pequeno ? . . .

— Fatalmente.

— Pois então, pilulas ! exclamou o padre, deixando transbordar de todo a colera ; pilulas !

E, voltando-se para o Coruja :

— Vá ! vá fazer a trouxa e avie-se !

O Coruja afastou-se tristemente enquanto o padre resmungava : Peste ! só me serve para dar massadas e fazer-me gastar o que não posso !

O barão, que á certa distancia ouvira tudo ao lado do filho, disse a este em voz baixa :

— Pergunta a teu amigo se elle quer vir connosco passar as férias na fazenda.

Theobaldo, satisfeito com as palavras do pai, foi de carreira ter com o Coruja e voltou logo com uma resposta affirmativa.

— Reverendo, disse então o fidalgo aproximando-se do padre com summa cortezia. Por sua conversação com o Dr. Mosquito fiquei sabendo que o contraria não poder deixar o seu pupillo no collegio ; lembrei-me, pois, se não houver nisso algum inconveniente, de levar-o com meu filho, a passar as férias na fazenda em que resido.

O director deu-se pressa em apresental-os um ao outro, desfa-  
zendo se em zumbaias com o barão. E o padre, cuja physionomia  
se illuminara á proposta do adulado, respondeu curvando-se :

— Meu Deus ! O Sr. barão póde determinar o que bem quizer!..  
Receio apenas que o meu pupillo não saiba talvez corresponder á  
tamanho gentileza ; uma vez, porém, que o generoso coração de  
V. Ex. sente vontade de praticar esse acto de caridade...

— Não, não é caridade ! atalhou Emilio, francamente. Não  
é por seu pupillo que faço isto, mas só para ser agradavel a meu  
filho... Elles são amigos.

— Se V. Ex. faz gosto nisso...

— Todo o gosto.

— Pois então o pequeno está ás ordens de V. Ex.

— Bem. Ficamos entendidos. Levo-o commigo e tral-o-hei  
com Theobaldo, quando se abrirem de novo as aulas.

O reverendo entendeu a proposito contar ao Sr. barão, pelo  
miudo, a historia do « pobre orphão » ; como elle o recolherá e  
sustentara, repetindo no fim de cada phrase « Que não estava  
arrepellido » e, terminando com a financeira e conhecida ma-  
xima : « — Quem dá aos pobres, empresta a Deus !... »

## VI

— E' bem feiozinho, benza-o Deus ! o tal teu amigo !... disse  
o barão ao filho, enquanto André se afastava para ir buscar a  
sua trouxa.

— Sim, mas um bello rapaz, respondeu Theobaldo. Tem por  
mim uma cega dedicação.

— Embora ! E' muito antipathico !  
Está sempre a olhar tão desconfiado para a gente !... E parece  
mudo — só me respondeu com a cabeça e com os hombros ás  
perguntas que lhe fiz.

— E' assim com todos...

— Nem sei como vocês se fizeram amigos. Então tu, que,  
segundo me disse ainda ha pouco o Mosquito, não te chegas  
muito para os teus collegas.

— Só me chego para o Coruja. E' o unico.

— Coitado ! O reverendo, ao que parece, não morre de amores  
por elle ; nem á mão de Deus Padre queria carregal-o para casa.

— Um máo sujeito, o tal reverendo !

— Mas, com certeza não foi por maldade que elle o recolheu á sua protecção.

— Não sei. Talvez !...

Emilio olhou mais attentamente para o filho e disse sorrindo :

— Tens á vezes cousas que me sorprendem. Com quem aprendeste tu a desconfiar desse modo dos teus semelhantes ?

— Comtigo. Não me tens dito tantas vezes que a gente deve desconfiar de todo o mundo ?

— Para não soffrer decepções a cada passo... é exacto !

— E que, no caso de erro, é preferivel sempre nos engarnamos contra, do que a favor de quem quer que seja !...

— De certo. O homem deve sempre collocar-se superior a tudo e fazer por dominar a todos. O mundo, meu filho, compõe-se apenas de duas classes — a dos fortes e a dos fracos ; os fortes governam, os outros obedecem. Ama aos teus semelhantes, mas não tanto como a ti mesmo, e, entre amar e ser amado, prefere sempre o ultimo ; da mesma fórma que deves preferir sempre — dar, a pedir, principalmente se o obsequio for de dinheiro.

— Achas máo que eu seja amigo do Coruja ?

— Ao contrario, acho excellente. Essa escolha, entre tantos collegas mais bem parecidos, confirma o bom juizo que faço do teu orgulho, e mostra que tens sabido aproveitar-te dos meus conselhos.

— Não comprehendo.

— Tambem ainda é cedo para isso. E' preciso dar tempo ao tempo.

O Coruja reapareceu sobraçando a sua pequena mala de couro crú.

— Prompto ? perguntou-lhe Theobaldo.

O outro meneou a cabeça, affirmativamente.

— Pois então a caminho ! exclamou Emilio, descendo a escada na frente dos rapazes.

Um carro os esperara á porta do collegio ; o cocheiro tomou conta das bagagens ; Emilio fez subir os dous meninos e assentou-se defronte delles.

André, muito esquerdo com a sua roupinha de sarja, que ja já-lhe ficando curta, não olhava de frente para os companheiros e parecia afflicto naquella posição ; ao passo que Theobaldo, muito filho de seu pai, conversava pelos cotovelos, dizia o que vira, praticara e assistira durante o anno, criticando os collegas, ridicularizando os professores e, ao mesmo tempo, fazendo espirituosos commentarios sobre tudo que lhe passava defronte dos olhos, pela estrada.

Chegaram á fazenda ás oito horas da noite. Vieram recebê-los ao portão a Sra, baroneza e mais a irmã. D. Geminiana, acompanhadas ambas pelo Caetano, que trazia uma lanterna.

Santa lançou-se ao encontro do filho, cobrindo-o de beijos soffregos e a chorar e a rir ao mesmo tempo, enquanto um escravo, que acudira logo, desembarcava as malas e adjudava o cocheiro a desatrelar os animaes.

Theobaldo passou dos braços da mãe para os da tia, que não menos o idolatrava, apesar de ser um tanto resingueira de genio.

— O nosso morgado traz-lhes um hospede! declarou o barão, empurrando brandamente o Coruja para junto das senhoras. — E' aquelle amigo de que elle fala nas cartas. Vem fazer-lhe companhia durante as férias.

André, muito atrapalhado de sua vida, porque jámais se vira em taes situações, quando deu por si estava nos braços da mãe de seu amigo e recebia um beijo na testa.

Coitado! Que estranhas sensações não lhe produziu aquelle beijo, ainda quente da ternura com que foram dados os outros no verdadeiro filho! Ha quanto tempo não aspirava o pobre orphão essa flor ideal do amor, essa flor sonora o beijo!

Depois de sua mãe ninguem mais o beijara. E Santa, sem saber, acabava de abrir no coração do desgraçado um sulco luminoso, que penetrava até ás suas mais fundas reminiscencias da infancia.

— Este menino está chorando! considerou D. Geminiana, que até ahí observara o Coruja como quem contempla um bicho raro.

— Que tens tu? perguntou Theobaldo ao amigo.

— Nada, respondeu este, limpando as lagrimas na manga da jaqueta.

E o seu gesto era tão desgracioso, coitadinho, que todos, á excepção de Santa, puzeram-se a rir.

— Não é nada, com effeito! A commoção talvez!... exclamou Emilio, batendo levemente nas costas de André. — Ha muito tempo que não se vê entre familia! D'aqui a pouco nem se lembrará que chorou... Não é verdade, amiguinho?

O coruja disse que sim, enterrando a cabeça nos hombros.

— Mas, vamos para cima, que eu estou morrendo por comer! prostetou Theobaldo, passando os braços em volta da cinta das duas senhoras e obrigando-as a acompanhal-o.

Assim subiram a pequena alameda de mangueiras que condu-

zia á casa e, dentro em pouco, penetravam todos na sala de jantar.

A despeito de se achar naquellas alturas, Emilio cercava-se de toda as commodidades que lhe permittia a época. O seu primeiro casamento abria-lhe o gosto pelos objectos do luxo asiatico e trouxera-lhe uma riquissima collecção de louças, de sedas e cachemiras, xarões, marfins, pinturas, objectos de gomma-laca, tetéas de sandalo e tartaruga, e tudo mais que era de costume nesse tempo introduzirem no Brazil os portuguezes vezeiros no commercio das Indias.

Viam-se ahi tambem, pelas paredes, quadros antigos, de santos, alguns dos quaes haviam pertencido a D. João VI, e das mãos deste passado ás do avô de Theobaldo. Viam-se igualmente estalados retratos de damas e cavalheiros da côrte de D. José e D. Maria I, detestavelmente pintados, nas suas pittorescas vestimentas do seculo XVIII e defronte de cujas télas inutilizadas e resequidas pelo anti-aristocratico sol brasileiro, habituara-se o velho Caetano a possuir-se de todo o respeito, porque lhe constava que entre aquelles figurões havia parentes do seu rico amo.

E, ao lado da mobilia, relativamente nova, descobriam-se classicas peças de madeira preta, que juntavam ao aspecto daquellas salas uma nota religiosa e grave.

Na bibliotheca, aliás bem guarnecida, destacavam-se, por entre as estantes, antigas armas portuguezas, dispostas em symetria e caprichosamente entrelaçadas por arcos e flechas do Brazil. Na sala de jantar, dominando a larga et longa mesa da comida, havia um grande retrato de Cromwel, representado na occasião em que elle invadiu o parlamento inglez de chicote em punho.

O coruja passou por tudo essa, ás cegas, sem animo de olhar para cousa alguma. O desgraçado sentia perfeitamente que agora, á luz das velas, a sua antipathica figura havia de produzir sobre todos uma impressão ainda muito mais desagradavel do que a primeira; sentia-se mais feio, mais irracional, posto em contraste com aquella gente e com aquelles objectos.

Mal se assentaram á mesa, D. Geminiana continuou a observar-o fixamente e conclui afinal o seu julgamento franzindo os cantos da boca em um tregeito de repugnancia; Santa porém, não se mostrou tão desagradada e chegou a sorrir para o Coruja, quando lhe passou o prato de sopa.

O barão, que havia tomado a cabeceira, fizera sentar o filho ao seu lado e, segundo costume, conversava com elle, como se estivesse defronte de um homem.



Entretanto, o Coruja continuava tão mudo e tão fechado, que do meio para o fim do jantar ninguem mais se animava a dirigir-lhe a palavra.

Depois do café, Santa ergueu-se da mesa e foi pessoalmente dar as suas ordens para que nada faltasse ao taciturno hospede; mandou accrescentar uma cama no quarto do filho e disse ao outro que podia recolher-se quando quizesse.

Coruja apertou a mão de todos, um por um, e mettu-se no quarto.

— Já vais? perguntou-lhe o amigo. E's um mão companheiro!

Na sala, onde ficou ainda a familia a conversar por algum tempo, veio o Coruja á discussão. Emilio contou o dialogo que ouvira entre o padre e o director do collegio, e D. Geminiana, que parecia disposta a não perdoar ao orphão o ser tão desengraçado, acabou ella propria louvande o procedimento do cunhado.

## VII

Ninguem seria capaz de descrever a commoção que se apoderou do Coruja na sua primeira manhã daquellas férias.

Ergueu-se antes do despontar do sol, vestiu uma roupa de Theobaldo, que lhe mandaram pôr ao lado da cama, e, com as calças e as mangas dobradas, sahiu mais o companheiro ao encontro do barão, que já esperava por elles á margem de um rio, situado a cincoenta passos do fundo da casa.

Era ali que Emilio dava ao filho as suas lições de natação.

Mas não houve meio de conseguir que o Coruja se despisse na presença dos outros. Já em casa do padre, e tambem no collegio, observava-se a mesma cousa; tinha o Coruja um pudor exageradissimo, uma invencivel vergonha da nudez: não podia admitir que ninguem lhe visse a pelle do corpo. E, só depois que o barão e o filho se banharam, consentiu elle, bem certo de que não era espiado, em metter-se n'agua.

Sem dar demonstração, o Coruja estava maravilhado com tudo que ia se patenteando em torno d'elle. Seu coração, puro e compassivo, abria-se para receber amplamente aquella grande paz do campo tão sympathica ás precoces melancolias de sua pobre alua.

E as castas propensões do Coruja, os gostos immaculados que dormiam a somno solto dentro d'elle, tudo isso acordou alegre-

mente aos primeiros rumores da floresta e ás primeiras irradiações da aurora como um bando de passaros quando vai amanhecendo.

Nunca se julgou assim feliz. Todas aquellas vozes da natureza, todo aquelle aspecto tranquillo das mattas e das montanhas; tudo o fascinava secretamente, como se elle tivera nascido ali, entre aquellas cousas tão calmas, tão boas, tão communicativas.

Os curraes, os trabalhos agricolas, o gado grosso e o gado miudo, a criação dos animaes domesticos, a cultura dos legumes e hortaliças, tudo isso tinha para elle um encanto muito particular e muito suave.

— Então? que tal achas isto aqui? perguntou-lhe Theobaldo, depois de mostrar ao amigo as bemfeitorias da fazenda.

— Tudo muito bom, respondeu elle.

— E o velho? Que tal?

— Bom, muito bom.

— E Santa?

— E a tia Gemi?

— Não é má.

— Um pouquinho resingueira, não é verdade? Mas não faças caso, que ella se chegará ás boas. Olha! se a quizeres agradar, faze-te devoto; reza-lhe dous padre-nossos e tel-a-has conquistado.

E mudando logo de tom:

— Depois do almoço temos um passeio com o velho. Vais ver o que é bom! Sabes montar a cavallo?

— Não mas aprendo. Onde é o passeio?

— A' fazenda do Hyppolito. Não é longe.

— Que Hyppolito?

— Um vizinho nosso, amigo do velho e pretendente á mão da tia Gemi.

— Ah!

— Vem connigo á estribaria.

Defronte dos animaes, Theobaldo chamou a attenção do amigo para um bello cavallo alazão, meio sangue, que o pai lhe havia comprado ainda o anno passado.

— Eu preferia aquelle burro... disse o Coruja, depois de examinar municiosamente as bestas.

— Que? Pois preferes o jumento áquelle bello alazão?...

— De certo.

— Mas, por que?

— Não, sei: gosto mais do burro que do cavallo.

— Que gosto ! Antes andar a pé .

E accrescentou ainda, apontando para o alazão :

— Olha só para aquillo ! E' um animal nobre ! Parece que tem consciencia do seu valor !

Terminado o almoço e vestido o Coruja pelo melhor que se pôde arranjar, o barão, os dous meninos e o velho Caetano abandonaram a casa e encaminharam-se para a estribaria.

— Sabes, papai ? O André prefere ir no burro.

— Porque não é cavalleiro ? O burro com effeito é muito menos perigoso para elle. Anda com isso, ó Caetano !

Promptos os animaes, o velho creado ajudou Coruja a cavalgar o burro.

— Não tenha medo ! gritou-lhe, a segurar a bride. Esta besta é mais mansa do que uma pomba !

André, todo vergado sobre o peito e a segurar as redeas com ambas as mãos, não conseguia endireitar-se na sella do animal, por mais que o amigo lhe gritasse :

— Espicha as pernas, rapaz ! Levanta a cabeça ! Pareces um macaco !

O barão e o filho, uma vez montados, metteram entre os seus cavallos o jumento em que ia o Coruja, e puzeram-se a caminho, seguidos á certa distancia pelo creado, cuja libré dava á modesta cavalgata um ligeiro colorido de aristocracia.

Os primeiros minutos do passeio foram todos gastos com André, que, diga-se a verdade, fazia o possivel para bem aproveitar as lições.

— Assim ! assim ! gritou-lhe Theobaldo, mettendo as esporas no animal ; afrouxa um pouco mais a redea e mette-lhe o chicote com vontade ! Não tenhas medo !

Coruja foi pôr em pratica esta ordem, mas com tal precipitação o fez que o burro se espantou e, dando um salto, cuspiu-o por terra.

— O' diabo ! exclamou Emilio, fazendo parar o seu cavallo.

— Ficaste magoado ? perguntou Theobaldo ao amigo.

— Foi nada ! disse o Coruja, erguendo-se a segurar o asno pela redea, e, antes que lhe puzessem embargos, tomou o estribo, galgou de um pulo a sella e, tocando o animal com certa energia, gritou aos companheiros :

— Vamos adiante !

E ás quatro da tarde, sem nenhum outro incidente desagradavel, voltavam á fazenda, trazende consigo o tal Hyppolito, que parecia emburrar com o Coruja ainda mais do que a propria noiva.

Mas com quem não emburraria aquelle demonio de barbas pretas e cabello ruivo, eterno maldizente, capaz de encontrar pontos de censura na vida de Santa Maria et de S. José ?

O barão supportava-o, tão sómente para não prejudicar a trino-eunhada, que arriscava-se a ficar solteira se lhe escapasse occasião de ter marido. Hyppolito era já um bom arranjo, tinha algum dinheiro e promettia ir muito mais longe com o seu sistema de economia que orçava sensivelmente pela avareza.

A politica era talvez a sua paixão dominante; elle, porém, a disfarçava quanto possivel e não se mettia com os partidos, receioso de gastar alguma cousa. Aparecia frequentemente na fazenda de Emilio e estava sempre a criticar, em segredo com a noiva, a educação que davam a Theobaldo.

— Deus queira que não venham a amargar mais tarde! dizia Hyppolyto, cheio de reprehensão. Nunea vi em dias de minha vida semelhante genero de ensino! Pois se até o fedelho trata aos pais por tu, como se estivesse a falar com os negros! Emfim eada um faz o que entende; eu, porém, tenho o direito de achar bom ou máo.

Outro pretexto constante para a sua indignação era a vida despendiosa de Emilio.

— Para que tanta prosapia e tanta galanice? resmungava freneticamente. Ora eu, que sei perfeitamente com que linhas elle se cose, não posso ver isto a sangue-frio! As consequencias deste esbanjamento bem sei eu quaes são: os parentes que se apertem! Mas não ha de ser conmigo que ninguem se arranjará! Cá sei o quanto me eusta a conservar o que tenho! E já não é pouco!

Que importava, porém, a mastigação do serrazina, se ella ficava sepultada nas discretas orelhas de D. Geminiana?

Não seria por isso que as matilhas do Sr. barão deixariam de acordar as florestas com seus latidos, á madrugada, em busca da anta ou do porco bravo; não seria por isso que a mesa do fidalgo seria menos farta, os seus cavalloos menos de raça e os seus vinhos menos escolhidos e generosos.

---

Assim se ábria para o Coruja uma existencia completamente nova e imprevisita, mas muito ao sabor do seu genio rustico e simples.

A certos divertimentos ia entretanto só pela satisfação de acompanhar o amigo, porque, á medida que ella se familiarisava com o campo, accentuavam-se-lhe os gostos e as preferencias. Não

trocaria, por exemplo, a mais modesta pescaria pela melhor caçada; desagradava-lhe o alvoroço, o grito dos batedores, o barulho dos cães e não gostava de ver cahir ao tiro das escopetas a pobre besta foragida e tonta de terror.

A pesca, sim, era um prazer afinado pelo seu temperamento calmo e silencioso; passava horas esquecidas, de caniço em punho, á espera que se climpasse o peixe nò azol. Theobaldo ás vezes o acompanhava ao rio por condescendencia, mas levava sempre consigo uma espingarda passarinheira.

Era interessante de ver aquelles dous meninos tão contrarios e tão unidos, partirem de madrugada para o matto, onde passavam quasi sempre as melhores horas do dia. André carregava consigo os utensilios da pesca e raro dizia uma palavra emquanto mattejava; o outro, com a sua passarinheira a tiracollo, falava por si e por elle, descrevendo entusiasmado as façanhas do pai ou do avô, que muitas vezes, em noites de internada, ouvira da boca do velho Caetano.

Todavía, um adorava o socego, a doce e morna tranquillidade dos valles ou as margens frondosas e sombreadas do rio, para onde levava os seus livros favoritos, entre os quaes *Robinson Crusé* tinha o primeiro logar; e outro, não; o outro só queria da floresta aquillo que ella lhe pudesse dar de imprevisto e aventureoso: queria a sensação, o perigo, o romanesco e o transcendente.

A's vezes, emquanto o Coruja lia ou pescava á beira d'agua, Theobaldo, ao seu lado, deitado sobre a relva, olhos fitos na verde-negra cupola das arvores, sonhava-se heróe de mil conquistas, cada uma do seu genero; tão depressa se via um grande poeta, como um politico inexcedivel ou um divino orador. Idealisava-se em todas as attitndes gloriosas dos grandes vultos; não lhe passava pela vista a biographia de qualquer celebriedade, fosse esta conquistada pelo talento, pela energia, pela fortuna, pela intrepidez ou pela grandeza d'alma, que elle não descobrisse logo em si muitos pontos de contacto com o biographado.

Theobaldo não anava o campo, aceitava-o apenas como um fundo pittoresco em que devia destacar-se maravilhosamente a sua « extraordinaria figura », aceitava-o como simples accessorio das suas fantasias. Nunca lhe comprehendera as vozes mysteriosas, nem jamais communicara a sua alma com a delle. Tanto assim que naquelles passeios, o que mais o preocupava não era a contemplação da natureza e sim os pequenos detalhes elegantes que diziam respeito particularmente á sua pessoa, como a roupa, o aspecto do animal que montava e a distincção do exercicio que escolhia.

Elle nunca sahia a passear sem as suas trabalhadas botas de poli-mento, sem o seu calção de flanela, a sua blusa abotoada até ao pescoço e cingida ao estomago por um cinturão com fivella de prata ; não sahia sem o seu chapéo de pluma, a sua bolsa de caça, o seu polvarinho, o seu chumbeiro e, ainda que tivesse a certeza de não precisar da espingarda, levava-a, porque a espingarda fazia parte do figurino.

Um dia exigiu que o pai lhe dêsse uma pistola e um punhal.

— Para que diabo queres tu todo esse armamento ? perguntou-lhe o barão, sem poder deixar de rir.

— Para o que der e vier...

— Descansa, que por aqui não terás necessidade disso.

— Mas eu queria...

— Pois bem, havemos de ver.

E, para não contrariar de todo o filho, o que não estava em suas mãos, Albuquerque estabeleceu nos fundos da casa um tirocinio de pontaria ao alvo e consentiu que o rapaz nos seus passeios á matta trouxesse á cinta um rico punhal de ouro e prata que pertencera ao avô.

— Tu não queres tambem uma arma ? perguntou Theobaldo ao Coruja.

— Não ; só se fosse um fação para cortar matto.

— Ora, vocês não querem tambem uma peça de artilheria ? exclamou o barão, quando o filho lhe foi pedir o que desejava o amigo.

Emquanto Theobaldo fazia tanta questão das apparencias e das exterioridades, André, enfrornado em um fato de ordinaria ganga amarella, que nem era delle, com um grande chapéo de palha na cabeça e ás vezes descalço, comprazia-se em percorrer a fazenda, não em busca de aventuras como o amigo, mas de alguem que lhe ensinasse o nome de cada arvore, a utilidade e a serventia de todas ellas, assim como o processo empregado na cultura de taes e taes plantações, o modo de semear e colher estes ou aquelles cereaes ; qual a época para isto, qual a época para aquillo ; queria que lhe explicassem tudo ! Uma de suas mais arraigadas preocupações era a obscura existencia dos insectos ; interessava-se principalmente pelos alados, procurando acompanhar-lhes as metamorphoses, desde o estado de larva á mariposa. Se lhe despejassem as algibeiras, haviam de encontrar ahi varias chrysalidas, besouros e cigarras seccas, como encontrariam igualmente varios caroços de fructa e pedrinhas de todos os fei-tios.

Algumas semanas depois da sua estada na fazenda era elle quem mais se desvelava pelos carneiros e pelos porcos e quem ia dar quasi sempre a ração aos cavallos. E, quando havia uma feradura a pregar ou qualquer tratamento a fazer nos animaes, mostrava-se tão afoito que parecia o unico responsavel por isso.

No fim do primeiro mez das férias já o Coruja sabia nadar, correr a cavallo, atirar ao alvo e, por tal forma havia se familiarizado com a vegetação, com a terra viva, com o sol e com a chuva, que parecia não ter tido nunca outro meio que não fosse aquelle.

Em geral acordava muito mais cedo que o amigo e, ainda dormia este a somno solto, já andava elle a dar uma vista d'olhos pelo serviço das hortas e dos curraes.

D'entre toda essa bella existencia só uma cousa o contrariava sem que todavia deixasse o Coruja transparecer o menor desgosto contra isso : — era a teimosa perseguição que lhe fazia D. Geminiana. A resinqueira senhora achava sempre um máo gesto ou uma palavra dura para lhe antepor aos actos mais singelos.

Manifestou-se-lhe logo a impertinencia a proposito da flauta do rapaz. André, coitado, não desmentia o mestre que lhe dera o acaso, e D. Geminiana, uma noite em que conversava com o noivo, depois de ouvir por algum tempo o fiel discipulo do Caixa d'olculos arrancar do criminoso instrumento certas melodias bastante equivocadas, foi ter com elle, sacou-lhe vivamente das mãos o corpo de delicto e, atirando com este para cima de um canapé, tornou ao lado de Hyppolito, sem dar uma palavra ao delinquente, rico, porém, de gestos e caretas muito expressivas.

O homem das barbas ruivas e cabelo preto observou tudo isso em silencio, contentando-se apenas com sacudir a cabeça a apertar os beiços em signal de approvação.

Coruja, quando os noivos mergulharam de novo no seu colloquio, retomou sorrateiramente a flauta e fugiu com ella para um caramanchão de maracujás, que havia a alguns passos da casa. Suppunha que d'ahi não seria ouvido pela rispida senhora; mas, no dia seguinte, procurando o instrumento não o encontrou em parte alguma.

— Minha flauta?... perguntou elle a D. Geminiana.

— Está guardada! disse essa seccamente. Só l'ha restituirei quando o senhor voltar para o collegio.

Coruja resignou-se, sem um gesto de contrariedade e não falou a ninguem sobre esse incidente, nem mesmo ao amigo.

Com effeito, só tornou a ver sua querida flauta ao terminar das férias, quando se dispunham, elle e Theobaldo, a voltar para o internato do Dr. Mosquito.

O barão foi leval-os em pessoa ao collegio, e Santa, chorando pelo filho, despedira-se do Coruja, dizendo-lhe :

— Continue a ser amigo de Theobaldo e nós faremos com que você passe aqui as férias do anno que vem.

## VIII

Como o correr do seguinte anno, a dedicação do Coruja pelo amigo parecia crescer (de instante para instante. Uma leão não defenderia os seus cachorros com mais amor e mais zelos.

Já não se contentava André com resguardal-o das ameaças e malquerenças dos collegas, como exigia tambem de todos que lhe rendessem a mesma estima e o mesmo respeito, que lhe tributava elle.

Theobaldo, vadio como era por natureza, quasi nunca estudava as lições, e quando não lhe valiam os recursos do seu « proverbial talento » ou da sua astucia, tinha de copial-as quatro, cinco ou seis vezes, conforme fosse o castigo. Então se revoltava e queria protestar contra a sentença dos mestres, mas o Coruja puxava-lhe a ponta do casaco e dizia-lhe baixinho :

— Não te importes, não te importes, que eu me encarrego de tudo...

E, com effeito, mal chegava a hora do recreio, enterrava se André no quarto de estudo e, imitando a letra do amigo, apromptava as cópias ; feliz com aquelle trabalho, como se o descanso do outro fosse o seu melhor prazer.

Muita vez perdeu com isso grande parte da noite, e no dia seguinte ainda encontrava tempo para tirar os significados da lição do amigo, para resolver-lhe os problemas de algebra e fazer-lhe os themas de latim.

Uma vez, em que o Coruja se apresentou nas aulas sem haver preparado as proprias lições, o professor exclamou com surpresa.

— Oh ! Pois o senhor, *seu André*, pois o senhor não traz a sua lição sabida !... Então que diabo fez durante o tempo de estudo o senhor que não larga os livros ?...

Entretanto, o outro, Theobaldo, estava perfeitamente preparado.



Esta dedicação fanática de Coruja pelo amigo crescia com o desenvolvimento de ambos; mas em Theobaldo a graça, o espirito e a sagacidade eram o que mais florescia; enquanto que no outro eram os musculos, o bom senso, a força de vontade e o ferreo e inquebrantavel amor pelo trabalho.

Agora, o pequeno do padre já emittia opinião sobre varias cousas, já conversava; tudo isso, porém, era só com o seu amigo intimo, com o seu Theobaldo. Parecia até que, á proporção que abria o coração para este, mais o fechava para os estranhos.

Quando terminou o anno, o filho do barão havia crescido meio palmo e o Coruja engrossado outro tanto; aquelle se fizera ainda mais esbelto, mais distincto e mais formoso; este ainda mais pesado, mais insociavel e mais feio.

Afinal, assim tão completados, formavam entre os seus companheiros uma força irresistivel. Theobaldo era a palavra scintillante e ferina, era a temeridade e o arrojo; ou outro era o braço em acção a força e o peso do musculo. Um provocava e o outro resistia.

Um erá o florete aristocratico, fino e aguçado, que só tem a serventia de palitar os dentes do orgulho; o outro era o malho grosseiro e solido, que tanto serve para esmagar, como serve para construir.

---

Partiram de novo para a fazenda, deixando atrás de si a solemne gratidão do collegio pelo catalogo da bibliotheca, que « elles » concluíram e offereceram ao estabelecimento; e deixando tambem por parte de seus condiscipulos um rastro de odios, odios que serviram aliás durante o anno para melhor os aproximar e unir, acabando por constituil-os em uma especie de ser unico, do qual um era a fantasia e outro o senso pratico.

Foi então que lhes chegou a noticia da morte do padre Estevão; succumbira inesperadamente a um aneurisma, do qual nunca desconfiara sequer, e, no testamento, legara o pouco que tinha a uma comadre e áquella creada de máo genio que o servira.

Quanto ao Coruja: nem uma referencia, nem um conselho ao menos; o que fazia crer fosse escripto o testamento antes da adopção do pequeno e nunca mais reformado.

Esta circumstancia da morte do padre levou André a pensar em si, a pensar na sua vida e no seu destino. Interrogou o passado e o futuro e, pela primeira vez encarou de frente a posição que occupava ali, naquella fazenda do Barão do Palmar, esse protec-

tôr tão do acaso como o primeiro que tivera elle. Então notou que na sua curta e triste existencia passara de uma para outra mão, que nem um fardo inutil e sem dono.

— Que será de mim? perguntava o infeliz a si mesmo nas suas longas horas de concentração. Mas o amigo, com a prematuridade intuitiva do seu espirito, saltava-lhe em frente, antecipando razões, como se adivinhara todos os pensamentos de André.

— Em que tanto pensas tu, meu urso? perguntava-lhe elle, quando se achavam a sos, no bosque: Já hontem á noite não quizeste apparecer na sala e cada vez mais te escondes de todos, nem como se fosses um criminoso.

— E quem sabe lá?

— Que? Se és um criminoso?...

— Sim. A necessidade, quando chega a um certo ponto de impertinencia, que mais é senão um crime? Que direito tenho eu de incommodar os outros?

— Exageras.

— Não. A caridade é muito facil de ser exercida e chega a ser até consoladora e divertida, mas só emquanto não se converte em maçada.

— Não te comprehendo...

— Pois eu me farei comprehender. Vou contar-te uma parabolá, que o defunto padre Estevão repetia constantemente.

— Venha a historia.

— Senta-te ahi nesse tronco d'arvore e escuta :

Era um dia um sacerdote, que pregava a caridade.

« — A caridade, dizia elle, deve ser exercida sempre e apezar de tudo. »

Vai um caboclo, que o ouvira attentamente, perguntou-lhe, depois do sermão :

« — O' sô' padre, é caridade enterrar os mortos ?

« — De certo, respondeu o prégador ; é uma obra de misericordia. »

E o caboclosahiu, matou uma raposa e foi esperar o sacerdote na estrada ; quando sentiu que elle se aproximava, poz a raposa no meio do caminho e escondeu-se no matto. O padre, ao topar com ella e, observando que estava morta, ajoelhou-sc, cavou no chão, enterrou-a e, depois de dizer uma sentença religiosa, seguiu o seu caminho. O caboclo, assim que o viu pelas costas, correu á sepultura, saccou a raposa e, ganhando por um atalho, foi mais adiante e jogou com ella ao meio da estrada, antes que o prega-

dor tivesse tempo de chegar ; este, porém, não tardou muito e, ao ver de novo uma raposa morta no caminho, fez o que fizera da primeira vez, enterrou-a, mas sem se ajoelhar, nem repetir a sua maxima latina. O caboclo deixou-o seguir, tomou de novo da raposa e foi depol-a mais para diante na estrada ; o padre ao topal-a, enterrou-a já de máo humor e proseguiu receioso de encontrar outras rapozas mortas. Todavia, o caboclo não estava ainda satisfeito e repetiu a brincadeira ; mas, desta vez, o padre perdeu de todo a paciencia e, tomando a raposa pelo rabo, lançou-a ao matto com estas palavras : « Leve o diabo tanta raposa morta ! » Então o caboclo lhe appareceu e disse : « — Já vejo que enterrar um morto é obra de caridade, mas fazer o mesmo quatro ou cinco vezes é nada menos do que uma Formidavel estopada ! » Ao que o sacerdote respondeu que, desde que houvesse abuso da parte do protegido, era natural que o protector se enfastiasse...

— Queres dizer com isso, observou Theobaldo, que já estamos fartos de te aturar...

— De certo, porque tudo cansa neste mundo.

— E's injusto e, se meu pai e minha mãe te ouvissem, ficariam zangados contigo.

— Ah ! elles não me ouvirão, podes ficar tranquillo. Só a ti falo porque nós nos entendemos e bem sabes que não sou ingrato.

— Meus pais te comprehendem tão bem ou melhor do que eu.

— Mas não me perdoam, como tu perdoas, o facto de ser eu tão feio, tão antipathico e tão desengraçado...

— Ora ! ahi vens tu com a cantiga do costume. Deixa-te disso e vamos dar um passeio á rocinha do João da Cinta.

— Outra vez ? Que diabo vamos lá fazer agora ?

— Convidal-o e mais a familia para virem ao casamento da tia Geminiana.

— E' sempre no dia 15 o casamento ?

— Infallivelmente, e o alfaiate deve trazer-nos amanhã os nossos fatos novos. Mas, anda, vamos !

Coruja ergueu-se do logar onde estava assentado e acompanhou o amigo, que já havia se posto a caminho.

Tres quartos de hora depois chegavam a um grande cercado de acapú, á cuja frente corria um riacho quasi escondido entre a vegetação.

Theobaldo parou, disse ao amigo que esperasse um pouco por elle e, trancando pelos barrancos do riacho, foi ter á cerca e soltou um prolongado assovio.

A este signal, com a presteza de quem está de alcatéa, surgiu logo uma rapariguita de uns trese annos, forte, corada e bonita.

— Ah! disse ella, vindo encostar-se ás estacas.

— Não esperavas por mim?... perguntou o rapaz.

A pequena respondeu, entregando-lhe um ramilhete que trazia á sorrelfa. E perguntou depois como passava de saude o Sr. Theobaldo.

— Com saudades tuas... disse o moço, tomando-lhe uma das mãos.

— Mentiroso...

— Não acreditas?

Ella encolheu os hombros, a sorrir, de olbos baixos.

— Dize a teu pai que não deixe de ir com vocês ao casamento da tia Gemi. Vini convidal-os.

— Entre. Fale com mamã. Ella está ali.

— Não; é bastante que lhe dê o recado.

E mudando de tom:

— Não faltes, hein Joanninha?...

— Se me levarem, eu vou.

— Vá, que lhe tenho uma cousa a dizer...

Theobaldo havia conseguido passar o braço por entre duas estacas da cerca e segurava a cintura da rapariga; deu-lhe um beijo; ella o retribuiu com outro de igual sonoridade, fazendo-se muito vermelha e fugindo logo em seguida.

Este namoro, innocente de parte a parte, era o primeiro de Theobaldo. Nascera naquellas férias um dia em que elle, por acaso, encontrou a pequena a lavar no riacho em frente da casa as roupinhas do irmão mais novo. Desde então ia vel-a todas as tardes antes do jantar; falavam-se ás vezes á beira do correjo, outras vezes com a cerca de permeio. De certa época em diante ella o esperava com um ramilhete; conversavam durante um quarto do hora e despediam-se com um beijo.

O Coruja foi logo o depositario do segredo; Theobaldo contou-lhe a sua aventura e exigio que elle o acompanhasse todos os dias á rocinha do João da Cinta, quedando-se á certa distancia durante o tempo da entrevista.

André consentiu, sem mostrar o mais ligeiro espanto pelo que lhe revelára o amigo.

Ainda innocente e devéras casto, não conhecia os meandros do amor e julgava dos outros corações pelo seu, que resumia toda a gamma do affecto e da ternura em uma nota unica. Não calcu-

lava a que podia chegar aquelle innocente namoro originado entre o filho do Sr. Barão do Palmar e uma sertaneja, que nem ler sabia.

No dia seguinte o Coruja passeava sosinho por uma alameda sua favorita, quando o Caetano lhe foi dizer que o Sr. Theobaldo o mandara chamar e ficara á espera d'elle no quarto.

— André correu ao encontro do amigo.

— Chegaram as nossas roupas ! exclamou este ao vel-o.

E sua physionomia rejubilava com essas palavras.

— Ah ! fez o outro, quasi com indifferença.

— Experimentemos.

— Ha tempo.

O alfaiate observou que não podia demorar-se muito.

— Deve estar direito... respondeu André. Póde deixar.

— E' bom sempre ver... insistiu o alfaiate.

— E' indispensavel ! accrescentou Theobaldo.

André não teve remedio senão experimentar a roupa. Era um fato preto, fato de luto, que mal deixava perceber o collarinho da camisa.

E elle, pequeno, grosso, cabeçudo, o queixo saliente, os olhos fundos, com as suas boças superciliaes principiando a desenvolver-se pelo habito da meditação; elle, enfardelado naquella roupa muito séria, toda abotoada, só precisava de uns oculos para ser uma infantil caricatura do velho Thiers.

Comtudo, e apezar dos conselhos que lhe dava o amigo para mandar diminuir tres dedos no comprimento do paletó e tirar um pouco de panno das costas, achou que estava magnifica.

— Ao menos, disse Theobaldo, que acabava de se vestir, manda encurtar essas calças, rapaz ! e soltar a bainha dessas mangas !

— Estão boas... teimou o Coruja, esforçando-se por fazer chegar as mangas até ás mãos.

— Parece que te metteste nas calças de teu avô.

E voltando-se para o alfaiate :

— Tambem não sei como o senhor tem animo de apresentar uma obra desta ordem... Está uma porcaria !

— Perdão ! respondeu o alfaiate, dispondo-se logo a modificar a roupa de André. Vossemecê poderia dizer isso se a sua roupa não sabisse boa, e essa está que é uma luva, mas, quanto á deste moço, nem só é a primeira vez que trabalho para elle, como não

podia acreditar que houvesse alguém com as pernas tão curtas e os braços tão compridos. Parece um miacaco!

— Bem, bem, veja lá o que é preciso fazer na roupa, e deixe-se de comparações! observou Theobaldo, defronte do espelho, a endireitar-se, muito satisfeito com a sua pessoa.

Para esse dia estava reservado ao André uma surpresa muito agradável : D. Geminiana, tendo com o casamento de separar-se do sobrinho, queria deixar a este uma lembrança qualquer e mandou buscar da côrte um bom relógio de ouro e a respectiva corrente. A encomenda chegou essa noite, Theobaldo recebeu o seu presente da tia e, acto continuo, tomou do antigo relógio e da cadeia que até aqui usára, e deu tudo ao Coruja.

Seja dito que um dos sonhos dourados de André era possuir um relógio; desjava-o, não como objecto de luxo, mas como objecto de utilidade immediata.

— Poder contar o tempo pelas horas, pelos minutos e pelos segundos!...

Isto para aquelle espirito methodico e regrado era nada menos do que uma felicidade.

## IX

Durante o tempo que precedeu ao casamento, a fazenda do Sr. Barão do Palmar descahiu um tanto da sua patriarchal serenidade e tomou um quente aspecto de festas, porque com muita antecedencia começaram a chegar os convidados.

Emilio quiz reunir os seus vizinhos de uma legua em de redor e não se poupou a esforços para que nada lhes viesse a faltar. Havia de ser uma festa verdadeiramente gamachiana.

Ao lado das delicadas distracções das salas, o jogo, a dança, a musica e a palestra, queria elle a grande fartura da mesa e da copa; queria o grosso prazer pantagruelico: — Carne para mil! — Vinho para outros tantos!

A'faca as grandes rezes que pastavam socegradamente no campo á faca os trepegos, os chibarrs, os carneiros e os perús! Que não ficassem por ali, naquellas cinco leguas mais proximas, estomagos nem corações com laivos de tristeza!

O casamento devia effectuar-se na propria capella da fazenda, e meio mez antes da festa já ninguem descansava em casa de Emilio. Vieram cozinheiros de longe; cada convidado trazia dous e tres servantes e, apezar disso, havia trabalho para todos.

O Coruja ia pela primeira vez em sua vida assistir a um baile, e essa idéa, longe de o alegrar, trazia-lhe um fundo resabro de amargura, como se o desgraçado estivesse á espera de uma terrivel provação.

O facto de perturbarem a calma existencia da fazenda, só por si já não lhe era de fórma alguma agradável ; quanto mais a idéa de ter de acotovelar-se com pessoas inteiramente estranhas, a quem sem duvida não iria elle produzir bom effeito com a sua triste figura desengraçada.

Oh ! se fosse possível ao Coruja presenciar toda aquella festa, sem aliás ser descoberto por ninguém !... se elle pudesse, por um meio maravilhoso, tornar-se em puro espirito e estar ali a ver, a observar, a ouvir o que dissessem todos, sem que ninguem desse pela presença d'elle — oh ! então conseguiria desfructar, e muito !

Chegou entretento a vespera do grande dia, e de todos os pontos começavam a surgir, desde pela manhã, convidados a pé, a cavallo e a carro.

Um enorme telheiro, que se havia engendrado de improviso nos fundos da casa, ficou cheio de cavalgadas, trollys, carroções e segas das que se usavam no tempo.

A fazenda apresentava um aspecto magnifico. Emilio, como homem de gosto que era, procurou afestoal-a quanto possível. Por toda a parte viam-se florões de murta engranzados com as parasitas mais caprichosas ; jogos d'agua formando esplendidos matizes á refração das luzes multicores das lanternas chinezas. Defronte da casa o fogo de artificio, que seria queimado pelo correr da noite.

A's seis horas da tarde uma salva de vinte tiros de peça annunciou que estava terminada a cerimonia religiosa do casamento e que principiava o banquete. Os noivos foram tomar a cabeceira da mesa, acompanhados por mais de quinhentas pessoas.

Como nenhum dos aposentos da casa podia comportar tanta gente, o barão fez levantar no vasto terreiro da fazenda uma enorme tenda de lona, sustentada por valentes carnaubeiras, engrinaldadas de verdura.

Nessa festa foi que o Coruja teve occasião de apreciar mais largamente as brilhantes qualidades do amigo. Viu-o e admirou-o ao lado das damas, cortez e cavalheiro como um homein ; viu-o igualmente ao lado dos amigos do pai e notou que Theobaldo nem uma só vez cahia em qualquer infantilidade, e mais, {que todos, todos, até os velhos, prestavam-lhe a maior attenção, sem duvida facinados pelo talento e pelas graças do rapaz , viu-o na

bibliotheca, tomando parte nos jogos carteados, que André nem sequer conhecia de nome, e reparou que elle puxava por dinheiro e ganhava ou perdia com uma distincção seductoramente fidalga; viu-o nas salas da dansa, conduzindo uma senhora ao passo da mazurka, teso, correcto, elegante mais do que nunea, e como possuido de orgulho pelo gentil thesouro que levava nos braços; viu-o á mesa erguer-se de taça em punho e fazer um brinde á noiva, levantando applausos de toda a gente, e o Coruja, de cujas mãos sahira aliás essa festejada peça litteraria, chegou a desconhecer a sua obra, tal era o realce que lhe emprestavam os dotes oratorios do amigo; viu-o depois ao ar livre, debaixo das arvoras, a beber ponches e a mexer com a filha do João da Cinta, a qual olhava para elle, escrava e submissa, como defronte de um Deus.

Mas tudo isso não o fez ficar tão fortemente impressionado, como quando o contemplou ao lado de Santa, ao lado daquella adoravel mãe, que parecia resplandecer de orgulho e satisfação a rever-se no filho idolatrado.

Foi com a alma banhada pelos effluvios da felicidade de Theobaldo que o pobre Coruja ouviu palpar entre essas duas creaturas as seguintes palavras, mais ternas e harmoniosas que um dialogo de beijos:

— Amas-me muito, meu filho?

— Eu te adoro, minha Santa.

— E nunca te esquecerás de mim?

— Juro-te que nunca.

— Nem mesmo depois de eu ter morrido?

— Nem mesmo depois de teres ido para o céo.

— E sabes tu, meu filho, o muito que te quero?

— Queres-me tanto quanto eu a ti.

— E sabes quanto soffreria tua mãe se por instantes te esquecesses della?

— Não, porque não sei como possa a gente se esquecer de ti.

— E, quando fores completar os teus estudos na côrte, juras que...

— Não pôde ir adiante. A idéa da separação que já se avizinha a passos largos, tolheu-lhe a fala com uma explosão de soluços.

— Então, Santa, então, que é isso? murmurou Theobaldo, erguendo-se e chamando para sobre o seu peito a cabeça da baroneza — Não chores! não te mortifiques!...

Emilio acudiu logo, afastou o filho com um gesto e, tomando o lugar deste, segredou ao ouvido da esposa:



— Vamos, minha amiga, nada de loucuras !...

— Não posso conformar-me com a idéa de que Theobaldo torna a separar-se de mim...

— Bem sabes que é indispensavel...

— Perdôa-me. Ninguem melhor do que eu apreció os teus actos e as tuas intenções. Sei que elle precisa fazer um futuro condigno do seu talento ; sei que não podemos acompanhal-o de perto, não podemos morar na côrte, porque as nossas condições de fortuna já não...

— Santa ! olha que te podem ouvir !...

— Não me conformo com esta separação ! E' talvez um presentimento infundado, é talvez loucura, como dizes, mas não está em minhas mãos ; sou mãe, e elle é tão digno de ser amado !

— Mas, valha-me Deus ! não é uma separação eterna !...

— Não sei ! E' que uma terrivel idéa me preoccupa. A figura-se-me que nunca mais o tornarei a ver !... Oh ! nem quero pensar nisto !

E os soluços transbordaram-lhe de novo, ainda com mais impeto que da primeira vez.

O barão, sem perder uma linha do seu donaire, passou o braço na cintura da esposa e, deixando que ella se lhe apoiasse de todo no hombro, arrastou-a vagarosamente até á sua alcova.

---

Coruja, ignorado a um canto da sala, viu e ouviu tudo isso, e ao ver aquellas lagrimas de mãe e ao ouvir aquellas palavras de tanto amor e aquelles beijos mais doces do que as benções do céo, que estranhas amarguras sua alma não carpiu em silencio !...

Amarguras, sim, que, por menos egoista, por menos homem que fosse elle, lá do fundo do seu coração havia de sabir um grito de revolta contra aquella injustiça da sorte, que para uns dava tudo e para outros nada !

Aquelle spectaculo de tamanha felicidade havia fatalmente de amargural-o. Ainda se Theobaldo, possuindo muitos dotes, fosse ao menos feito como elle, o Coruja ; ainda se fosse miseravel ou estúpido, — vá ! Mas não ! Theobaldo era lindo, era rico, era talentoso e, além de tudo — amado ! amado por tantas creaturas e, principalmente, por aquella adoravel mãe, cujos beijos e cujas lagrimas eram o bastante para lhe adoçar todos os espinhos da vida.

E André, assim considerando, via-se perfeitamente, tinha-se defronte dos olhos, como se estivesse em frente a um espelho. Lá estava elle — com a sua disforme cabeça engolida pelos hom-

bros, com o seu torvo olhar de fera mal domesticada, com os sobrolhos carregados, a boca fechada a qualquer alegria, as mãos asperas e curtas, os pés grandes, o todo réles, miseravel, nullo!

O desgraçado, porém, em vez de dar ouvidos a estes raciocinios, voltou-se todo para uma voz intima, uma voz que tambem lhe vinha do coração, mas toda brandura e humildade.

E essa voz lhe dizia :

— Pois hem, miseravel ingrato ! tu, que és orphão ; tu, que não tens onde cahir morto ; tu, que és feio, que és o *Coruja* ; tu, que não tens nenhum dote brilhante, que não és distincto, nem espirituoso, nem possues merito de especie alguma ; tu, mal agradecido ! — és amado por Theobaldo, que dispõe de tudo isso á larga e que te faz penetrar á sua sombra no santuario de corações onde nunca penetrarias sem elle.

E o Coruja, sahindo da sala para respirar lá fóra mais á vontade, poz-se a caminhar, a caminhar á tôa entre as sombras das arvores, sentindo-se arrebatado por um ineffavel desejo de ser bom ; um desejo de ser eternamente grato a quem, possuindo todas as riquezas, o escolhia para seu intimo para seu irmão — a elle, que nada possuia sobre a terra.

Ser « boni » !

Mas seria isso humildade ou seria ambição e orgulho ?

Quem poderá affirmar que aquelle engeitado da natureza não se queria vingar da propria mãl, fazendo de si um monstro de bondade ? Sim. Vingar-se, fugindo da esphera mesquinha dos homens, fugindo ás paixões, as pequenas miserias mundanas e procurando refugiar-se no proprio coração, ainda receioso de que o céo, cumplice da terra, lhe negasse tambem a graça de um abrigo.

Ou quem sabe então se o ambicioso, vendo-se completamente desherdado de todos os dotes sympathicos a que tem direito a sua especie, não queria suppril-os por uma virtude unica e extraordinaria — a bondade ?

A bondade, esse pouco !

Visionario ! Não se lembrava de que a bondade, á força de ser esquecida e desprezada, converteu-se em uma hypothese ou só apparece no mercado social em pequenas particulas distribuidas por milhares de creaturas ; como se dessa heroica virtude houvesse apenas uma certa e determinada porção desde o começo do mundo e que, de então para cá, á medida que se multiplicaram as raças, ella se fôra dividindo e subdividindo até reduzir-se a pó.





## SEGUNDA PARTE

---

### I

Dous annos depois de casamento de D. Geminiana, Theobaldo e André chegaram ao Porto da Estrella accompanhados por tres pagens e mais por um moleque, o Sabino, que vinha para ficar ao serviço daquelle durante o tempo dos estudos.

Desmontaram cobertos de pó e derreados por vinte dias de viagem a cavallo. Foi recebel-os á boca do caminho o Sampaio um negociante de meia idade, a quem Emilio recommendara os rapazes.

— Então o barão não quiz dar um pulo até á côrte? Perguntou a Theobaldo o negociante, depois de fazer descarregar o *bagageiro* e providenciar para que o moleque se não extraviasse.

Não lhe foi possível, respondeu o interrogado. Não nos pôde acompanhar, a despeito do empenho que fazia nisso. Minha mãe está doente e elle não quiz deixal-a sozinha.

— Sozinha, não; ficaria com a irmã.

— Já não móra comnosco. Seguiu com o marido para Tijupá

— E o que sente a senhora sua mãe é cousa de cuidado.

— Diz o velho que sim; um pouco de cuidado.

— Qual molestia?

— Não sei. Uma complicação. Nervoso principalmente.

— Coitada! E já está assim ha muito tempo?

— Ha mais de anno. Foi isso que retardou a minha vinda para a côrte.

— E este moço é o tal que seu pai tambem me recommenda?

— E', confirmou Theobaldo, apresentando o amigo.

— Bem! disse o negociante — Ahi está a diligencia. Podemos ir. As bagagens já seguiram adiante.

— Os tres encarapitaram-se no carro e tomaram a direcção da cidade.

Theobaldo estalava de impaciencia por cahir nesse borborinho

da côrte, que de longe o attrahia em silencio, mas confessou-se prostrado pela viagem. Precisava desfazer-se de toda aquella roupa; metter-se n'um banho e estender-se ao comprido n'uma boa cama.

— Tenho pó até dentro dos miolos! exclamou elle, a sacudir os seu poncho de brim enxovalhado. Hei de ver-me limpo e ainda me parecerá um sonho!

— E' ter um bocado de paciencia. D'aqui a nada estaremos em casa.

— Onde mora?

— Na rua de S. Bento.

— E' longe?

— Nem por isso. Este seu companheiro é que não gosta muito de falar... observou o Sampaio, querendo puxar o Coruja a converso — Tambem vem para os estudos?

— Não sei, balbuciou André seccamente.

— Talvez se empregue, acrescentou Theobaldo.

— No commercio?

— Ou em outra qualquer cousa.

E Theobaldo, abrindo a boca em um bocejo: — Não sei que mais tenho, se vontade de dormir, de comer ou tomar banho!

— Com poucas fará tudo isso. Estamos quasi em casa: e descanse que nada lhe faltará. Ha de ver!

Estas attentões do negociante pelo rapaz não eram puro espirito de hospitalidade e provinham sem duvida dos interesses que o barão dava annualmente á casa commercial d'elle. Sampaio era o encarregado de lhe sortir a fazenda de tudo que precisava ir da côrte, e nessas facturas o fornecedor de antemão pagava-se de todas aquellas galanterias.

A's nove horas da noite achavam-se os nossos rapazes, depois do indispensavel banho, assentados em volta do seu hospede e defronte de uma excellente ceia, que fumegava sobre a mesa.

Sampaio, enquanto elles coniam, procurava instruil-os pelo melhor nos costumes da vida fluminense, da qual se julgava grande conhecedor, sem nunca aliás ter arredado pé do burguez e acanhado circulo em que vivia.

— Isto aqui, rezava elle — é um demonio de uma terrinha, que tanto pôde ser muito boa, como pôde ser muito má. Depende tudo de cada um e de cada qual. Não ha terra melhor e nem ha terra peor! Para aquelles que desejam se fazer gente, trabalhar, dar-se ao respeito — não ha terra melhor; mas para os que só pensam na pandega e têm, como o senhor, ordem franca

em uma casa commercial como esta, — não ha terra mais perigosa ! Estou certo, porém, de que o Sr. Theobaldo ha de dar boa contas de si !

— Tambem eu, disse o filho do barão, recuperando o seu bom humor.

— Sim, continuou o negociante, mas com esses ares, com essa carinha de moço bonito, é preciso ter muito cuidado com as francezas !

— Com as francezas ?

— Francezas é um modo de dizer. Refiro-me a todos esses diabos de que vai se enchando o Rio de Janeiro e que não fazem outra cousa senão esvaziar as algibeiras dos tolos !

— Mas de que diabos fala o Sr. Sampaio ?

— Ora essa ! das mulheres ! Pois então e senhor não me comprehende ?

— Ah ! Com que isto por aqui é fechar os olhos e...

— Um desaforo ! D'antes ainda as cousas não iam tão ruins, mas ultimamente é uma desgraça ! Todos os dias estão chegando mulheres de fóra ! Eu nem sei como o governo não toma uma medida séria a este respeito !

Theobaldo sorriu desdenhosamente, e o Sampaio acrescentou — Todo o cuidado é pouco para não cahir nas garras de algum dos taes demonios ! Encontrando o perigo -- é fugir, fugir, para não chorar ao depois lagrimas de sangue ! O senhor veio ao Rio foi para estudar, não é ? Pois enterre a cara dentro dos livros e feche os olhos ao mais !

— Póde ficar tranquillo, respondeu Theobaldo levando o seu copo á boca.

— Não digo que não se divirta... proseguiu o Sampaio ; consinto que vá ao theatro de vez em quando ; se se der com alguma familia, pode frequental-ó ; mas tudo isso, já se vê, com muita prudencia e com muito juizo. Evite as más companhias, fuja dos vadio e dos viciosos ; não frequente a rua do Ouvidor ; não entre nos cafés ! E, abaixando a voz e chegando-se mais para o moço, disse, com o mysterio de quem faz uma revelação terrivel — E, principalmente, meu amigo, não se metta a escrevinhador.

Theobalde erguiu a cabeça, sorprezo :

— Como ?

— Sim, confirmou o outro — Não se metta a escrevinhador, que isso tem posto muita gente a perder ! Poderia citar-lhe mais de cem nomes de estudantes, de quem fui correspondente, que perderam annos, que cortaram a carreira por causa da maldita

patifaria das letras ! Eu os vi, a todos, por ahí, enchendo as ruas de pernas, mal alimentados, e mal vestidos, com a mesada suspensa pela familia, a fazerem garbo das suas necessidades e ás vezes até das suas bebedeiras !

Theobaldo ouvia agora o negociante com singular attenção.

— Fuja ! continuava aquelle : fuja de semelhante porcaria ! se não quizer ver o seu nome todos os dias na boca do mundo !

— O nome ?

— Sim, sim, o nome, que seu pai lhe poz á pia do baptismo ! Se não quizer vel-o de boca em boca não se metta a escrevinhador ! E ainda se fosse apenas isso... vá ! E' feio, mas enfim, sempre ha' homens serios, cujo nome o publico não ignora ; o peor é que ás vezes rebenta por ahí cada descompostura, que é mesmo uma vergonha ! Quem se deixa cahir em tal desgraça não está livre das chufas da imprensa e dos commentarios do mundo inteiro !

E o Sampaio, para melhor firmar os seus argumentos, principiou a citar nomes.

— Mas esses nomes, acudiu, Theobaldo, recorrendo ás leituras que fizera na provincia — Esses nomes são todos muito distinctos. O senhor está citando os nossos poetas mais conhecidos !

— Ah ! ninguem nega que não sejam conhecidos, nem que não sejam poetas, mas posso affiançar-lhe que não são homens sérios.

— Homens serios ?... Que diabo entende o senhor por homem sérios ?

— Ora cessa ! Que entendo por homem sério ? — é boa ! Por homem sério entendo todo aquelle que não dá escandalos, que não é tratante e que se occupa em alguma cousa séria ! Enfim, todo aquelle que trabalha !

— Então quem escreve não trabalha ?

— Não digo isso, mas...

— Acabe.

— Mas não é um trabalho sério !

Theobaldo, em vez de prosquir no dialogo, olhou para o Sampaio com um gesto que tanto podia ser de lastima como de repugnancia, e, deixando escapar o seu predilecto sorriso de ironia, ergueu-se, bateu-lhe levemente no hombro e disse :

— O senhor é um grande homem !... Mas eu preciso descansar. Boa noite !

Semanas depois, mudaram-se os dous rapazes para Mata-cavallos, levando em sua companhia o moleque.

Theobaldo, no meio da casa, envolvido em um *robe de cham-*



bre de seda azul, um cigarro entre os dedos dirigia a collocação dos moveis.

— Esse espelho ali, ó André! E a secretaria deste outro lado. Assim! Agora, vejamos onde deve ficar o piano... Ah! cá está o logar delle, aqui, entre estas duas janellas. E anda com isso, ó Sabino! que ao contrario não se acaba tão cedo a arrumação!

O Sampaio espantara-se quando elle lhe dera a lista dos moveis de que precisava.

— Pois o senhor tambem quer cortinas? exclamou arregalando os olhos.

— Quero tudo isso que ali está notado, respondeu o estudante — o resto me encarrego de comprar pessoalmente.

— O resto? Ha então ainda outras cousas além disto?..

— Sem duvida. E' preciso alegrar a casa com alguns objectos d'arte. Chegam-me quatro ou cinco estatuetas...

— Estatuetas?...

— ... uma pendula de bom gosto, dous jarros para flores e meia duzia de quadros.

— Mas o senhor onde já viu casa de estudante com esse luxo?

— Não preciso ver para usar: se faço deste modo é porque assim o entendo. Comprehende?

— Bem, bem! isso é lá com o senhor... Tem ordem franca?...

— E jurou comsigo que Theobaldo não havia de ir muito longe com aquellas tafularias.

A casa, depois de cada objecto no seu logar, não parecia com effeito destinada á habitação de dous estudantes ainda tão novos; tal era o boa ordem, o asseio, o gosto bem educado e familiar que a tudo presidia. Tanto assim que a proprietaria e locadora do predio, que a principio não se mostrara lá muito satisfeita com os novos hospedes, rejubilava-se agora ao ponto de lhes propor que almoçassem e jantassem com ella, mediante uma estipulada mensalidade.

Instalados, cuidou Theobaldo de arranjar os necessarios explicadores para os preparatorios que lhe faltavam e mais ao Coruja, e dispoz-se a estudar com afincos.

Mas o seu espirito inconstante e vadio não se queria fixar sobre um ponto certo, e os dias passavam-se em repetidas polemicas a respeito da carreira que elle devia abraçar.

Mas, afinal, é preciso que te decidas por alguma!... dizia-lhe o Coruja — Se não sahires dessa hesitação, acabarás fatalmente por não estudar nada!

Theobaldo principiava sem duvida a demorar muito a escolha de uma profissão. Ao sahir da sua provincia vinha apparentemente resolvido a repetir na côrte os preparatorios e seguir logo para a Academia de S. Paulo. O direito, porém, se lhe apresentava á trefega fantasia com o insociavel aspecto de um velho carregado de alfarrabios, tresandando a rapé, fanhoso, pedantesco, sem bigode e de oculos na testa.

— Abomino-o ! exclamava elle a discutir com o amigo — Aquillo nem é sciencia, é uma cousa toda convencional, uma cousa arranjada segundo o capricho de quem a inventou ! Nada possui de certo e determinado ! No direito tudo admite sophismas ; tudo se pôde inverter ; tudo está sujeito a mil e um alvarás e a duas mil e tantas reformas ! Além disso, consta-me que ninguem pôde se gabar de saber direito antes de lidar com elle pelo menos quarenta annos ! Oh ! bella carreira ! bella carreira, que exige quasi meio sculo de estudo para se ficar sabendo alguma cousa dos seus mysterios !... E, demais, que diabo de vantagem offerece o tal direito ?... A magistratura ? Deus me defenda ! A advocacia ? Mas eu detesto os advogados !

— Por que ? atalhou o Coruja.

— Ora ? Qual é o papel de um advogado, qual é a sua missão ? Defender os réos ; muito bem ! Mas, das duas uma — ou o réo não tem crime e nesse caso está defendido por si ; ou o réo é um criminoso, é não menos será aquelle que, por meio da eloquencia e da astucia de seu talento, conseguir provar que elle é um innocente !

— Isso e asneira !

— Pois qual é a missão do advogado, senão empregar meios e modos para alterar a favor do seu constituinte o juizo feito pelos jurados ? Qual é a missão do advogado, senão convencer a quem suppõe um homem está tão innocente como no dia em que vestiu o seu primeiro par de calças ?...

Enganas-te, acudiu o Coruja ; o advogado serve para muitas outras cousas ; serve para evitar que um innocente soffra a pena que não merece ; serve para...

— Ora qual ! interrompeu Theobaldo. O advogado quasi nunca se acha convencido da innocencia do seu constituinte. Defende-o, porque a sua vida é defender os réos, e para isso lança mão de todos os recursos da orataria e serve-se de todos os laços e armadilhas da rhetorica !

— Mas...

— Ora ! se o advogado, empregando esses meios, consegue dos

jurados a absolvição do réo, e um homem pernicioso, porque faz com que aquelles se pronunciam, não pelo seu juizo calmo e reflectido, mas sim dominados pelos effeitos seductores de um bom discurso; e, se o advogado não consegue vencer a opinião dos jurados, sera nesse caso um falador inutil, visto que não adianta absolutamente nada do que estava feito!...

— Pois, se o direito te inspira tal repugnancia, escolhe então a medicina...

A medicina! Mas, onde iria eu buscar paciencia e disposição para retalhar cadaveres e aprender os remedios que se applicam no tratamento de taes e taes molestias?... Acreditas lá que semelhante cousa possa occupar a vida de um homem cheio de aspirações como eu?... Podes lá acreditar que eu chegasse a tomar interesse por um tumor ou por uma erysipela?!...

— E' o diabo!

— De todas as carreiras, mettendo a engenharia de que não gosto, por embirrança ás mathematicas, só a das armas não me desagrade totalmente.

— Pois ahí tens, decide-te pelo exercito ou pela marinha.

— Mas, valha-me Deus! o curso militar basêa-se todo nos malditos algarimos e eu nem para fazer uma conta de sommar tenho geito!...

— Então...

— Além de que eu jámais darias um bom soldado ou um bom marinheiro. Só a idéa de ficar eternamente submisso ao governo do meu paiz; só a idéa de que tinha de deixar de ser um homem, para ser um instrumento do militarismo, um defensor official da patria, com obrigação de ser um bravo a tanto por mez e de ter uma honra talhada pelo padrão de um regulamento; só isso ou tudo isso, meu André, faz-me desanimar.

— Então não ha remedio, decide-te pela engenharia...

— Impossivel! Seria um engenheiro que havia de contar pelos dedos, quando precisasse sommar tres addições!

— Então, parte quanto antes para a Allemanha e vai estudar sciencias naturaes...

— Que de nada me serviriam aqui no Brazil e para as quaes tenho tanta aversão quanta tenho ás taes sciencias exactas e moraes!

— Dedica-te á igreja...

— Se eu tivesse geito, quem sabe?

— Ou então ás bellas artes. Faz-te musico, pintor ou esculptor...

— E o talento para isso, onde ir buscal-o ? Queres que eu peça ao velho que me remetta lá de Minas, todos os mezes, um pouco de genio ?...

— Ora ! Tu tens talento para tudo.

— O que equivale a não ter para cousa alguma. Entendo um pouco de desenho, um pouco de musica, de canto, de poesia, de architectura, mas sinto-me tão incapaz de apaixonar-me por qualquer dessas artes, como por qualquer daquellas sciencias. Tudo me attrahe ; nada, porém, me prende !

E, depois de um silencio, durante o qual não encontrou Coruja uma palavra para dar ao amigo :

— Queres saber qual era a carreira que eu de bom grado abraçaria, se não fossem as conveniencias ?...

— Qual ?

— O theatro ! Fazia-me actor.

— Estais louco ?

— Ah ! não ! ainda não estou, que, se o estivesse, já teria me resolvido a entrár em scena.

— Havias de arrepender-te...

— Quem sabe lá ?...

## II

Levavam os dous amigos uma existencia bem curiosa na sua casinha de Mata-cavallos.

Completavam-se perfeitamente. Theobaldo era quem determinava tudo aquillo que dependesse do gosto, era sempre quem escolhia, o outro limitava-se a conservar e desenvolver.

Ao André faltava a fantasia, a originalidade ; não tinha inspirações, nem sabia communicar ás pessoas e ás cousas que o cercavam o mais ligeiro reflexo individual ; mas o que lhe faltava por esse lado sobrava-lhe em methodo, em paciencia e bom senso. Era ali o espirito da ordem, o pacifico regulador do asseio e da decencia ; queria as cousas no seu lugar, não podia comprehender o que lia ou escrevia, sem ver em torno de si a mais harmoniosa disposição nos moveis, nos livros e em todos os objectos de que se compunha a casa.

Theobaldo entrava e sahia de casa, sem horas certas, mudava de roupa, atirando a camisa enxovalhada para cima do primeiro traste que encontrava, e dahi a pouco perdendo a cabeça á procura do chapéo, ou da bengala, que elle proprio arrojara a um canto

do quarto, por detrás de algum movel. O Coruja, ao contrario, não punha os pés fóra de casa, sem passar uma vista d'olhos por tudo, sem arrumar aquillo que estivesse desarrumado ; e, ás vezes, depois de estar na rua, ainda voltava para certificar-se de que havia fechado a janella da sua alcova ou a gaveta da sua secretária.

Por este modo vivia a casa sempre no mesmo pé de limpeza e ordem.

Um dia Theobaldo, entrando da rua, exclamou para o compaheiro, que estudava á secretária, como era do seu costume :

— Sabes, Coruja ? Decidime-pela medicina !

— Mas tu ainda hontem disseste que ias entrar para a Escola Central !

— Mudei de intenção. A vida militar é incompativel commigo ! Uma vida sem futuro e sem liberdade ! Não quero !

E, gritando pelo Sabino, estendeu as pernas, para que o moleque lhe saccasse as botas.

— E' verdade ! accrescentou ; convidei hoje para jantar um rapaz que me foi apresentado hontem no theatro, o Aguiar, bello moço, que chegou ha dias de Londres.

— Ah !

— E os teus negocios, caminham ?

— Qual ! Não obtive a cadeira que desejava no collegio do tal Medeiros, mas em compensação um amigo do Sampaio arranjou-me um logar de conferente no *Jornal*.

— Quanto vais ganhar ?

— Trinta mil réis por mez.

— Oh !

— Antes isso do que nada...

— Quantas horas de serviço ?

— Das sete ás onze da noite.

— E' horrivel.

— Prometteram-me arranjar tambem alguns explicandos de latim, francez e portuguez.

Theobaldo já não o ouvia, porque estava entretido a falar com a dona da casa, que elle acabava de descobrir no andar de baixo.

— Temos então hoje um convidado ? perguntou ella, depois do que lhe disse o rapaz.

— E' exacto, um amigo. Póde accrescentar um talher á mesa ; dos vinhos encarego-me eu.

D. Ernestina, assim se chamava a senhoria, era uma rapariga de vinte e poucos annos, cheia de corpo, muito bem disposta,

mas um tanto mysteriosa na sua vida intima. Pelo geito possuia alguma cousinha de ser e era mulher honesta.

Viuva, casada ou solteira ?

Viuva, podia ser ; casada é que não, porque em tal caso não seria ella a senhora da casa e sim o marido. Solteira... mas ha tantos generos de mulher solteira...

Comtudo ninguem podia dizer mal de sua conducta. Passava todo o santo dia occupada com os arranjos da casa é só se mostrava á janella ou sahia a passear no jardim nas tardes de muito calor, quando o corpo reclama ar livre.

Theobaldo notara que, todas as noites, entre as sete e as dez, apparecia na sala de jantar de D. Ernestina um sujeito de meia idade, gordo, simi-calvo, discretamente risonho e pelo geito homem de negocios.

A persistencia deste typo ao lado da rapariga e as maneiras carinhosas com que elle a tratava levaram o estudante a decidir para si que o homem « Seu Miranda », como lhe chamava ella, sem duvida o verdadeiro dono da casa ; mas nem de leve se preoccupou com isso.

A's vezes D. Ernestina reunia em torno de si duas ou tres senhoras de amizade e palestravam antes do chá. Nessas occasiões, Theobaldo descia quasi sempre ao andar de baixo e, com a sua presença, animava a sala, cantando, tocando piano, fazendo presdigitações e recitando poesias.

Uma vez, em que elle deixou-se ficar á mesa depois do almoço, Ernestina guardou tambem a cadeira e os dous principiaram a conversar :

— Ainda não tinha vindo á côrte ? perguntou ella.

— Vim, mas de passagem, quando sahi de Minas para ir á Europa.

— Ah ! viajou pela Europa ?

— Estive em um collegio de Londres.

— E depois voltou para junto de sua familia...

— Até o dia em que vim para aqui.

— Seu pai é fazendeiro ?

— Sim, senhora.

— E pelos, modos, rico...

— Remediado.

— Como se chama ?

— Barão do Palmar.

— Ah !

— Ou então Emilio Henrique de Albuquerque.

— Ainda vive a Sra, sua mãe ?

— Ainda. Quer vêr o retrato della ? Trago-o nesta medalha.

D. Ernestina levantou-se e ficou por alguns segundos debruçada sobre Theobaldo a vêr a delicada miniatura em marfim que elle trazia na corrente do relógio.

— Ainda está moça... muito bem conservada...

— Hoje tem os cabellos quasi todos brancos. Meu pai, que é muito mais velho, não está tão acabado.

— Que perfume é esse que o senhor usa ?

— E' dos que ainda trouxe de casa. O velho recebe-os directamente da Inglaterra.

— E' muito agradável.

— Pois, se quizer, posso ceder-lhe um frasquinho ; tenho ainda muitos lá en cima.

D. Ernestina aceitou ; elle correu a buscar a perfumaria e, depois de conversarem a respeito do Coruja, que fôra trazido á baila e o qual declarou ella com franqueza que achava detestavel, Theobaldo entendeu chegada a sua vez de interrogar, e perguntou-lhe sem mais preambulos :

— A senhora é casada ?

Ella respondeu que « sim », mas vacillando.

— Com o Almeida...

Outro sim dubio.

— Ha muito tempo ?

— Ha algum já...

— Era viuva antes disso ?

— Sim, senhor.

— E não tem filhos ?

— Não felizmente.

— Felizmente, por que ?

— Ora ! os filhos fazem a gente velha...

E assim palavrearam durante uma boa hora, sem que o rapaz conseguisse precisar o seu juizo sobre aquella mulher, da qual nem mesmo a idade podia determinar.

Um homem mais velho que Theobaldo notaria entretanto que Ernestina era bem servida de fórmas, que tinha bons dentes, cabellos magnificos e um par de olhos bem guarnecidos e banhados de uma certa humidade voluptuosa..

Mas o filho do barão estava na idade em que os homens ainda não sabem apreciar as mulheres e aceitam-nas indeterminadamente, como simples recreio dos seus sentidos. Orçava elle então pelos dezoito annos e, mais formoso do que nunca, desenvolviam-

se-lhe as feições, sem detrimento da primitiva frescura. Tinha ainda alguma cousa da graciosa candura da creança et já, nos traços energicos de sua physionomia e nos movimentos donairosos de seu corpo, presentiam-se as manifestações de uma forte e precoce virilidade. Tez avelludada e pura, sorriso crespo e frio, olhar indifferente e terno a um tempo, — dirse-hia que elle, naquelle todo de joven principe aborrecido, realizava com a sua graciosa e pallida figura o typo idéal do romantismo da época.

Entrando em casa uma occasião ás duas horas da tarde, disse-lhe o Coruja que D. Ernestina o mandara procurar havia pouco e que lhe pedia o obsequio de ir ter com ella, logo que chegasse.

— Para que, sabes ? perguntou.

— Creio, respondeu André, que ella recebeu hoje a noticia da morte de algum parente... Uma tia, se me não engano.

— Sim ? E que diabo tenho eu com isso ?

Mas, por curiosidade, Theobaldo sempre desceu ao primeiro andar. E, ao barulho de seus passos, ouviu gritar logo de um quarto.

— E' o senhor, Sr. Theobaldo ?

— Sou eu, sim, minha senhora.

— Venha até cá ; entre. Tenha paciencia !

Elle, que não conhecia ainda os quartos do primeiro andar, seguiu a direcção da voz e achou-se pouco depois em uma alcova, meio atravancada de trastes, onde teve de andar ás apalpadelas, tão completa lhe parecia a principio a escuridão.

Entrou a tropeçar nos moveis e, de braços estendidos, tacteou casualmente alguma cousa que pela macieza seriam talvez as faces de D. Ernestina.

— Fique ! pôde ficar ! disse ella a um movimento de retracção que fez o estudante ; o senhor não é de cerimonia fique !

Theobaldo, que acabava de esbarrar com as pernas em uma cadeira, assentou-se e, habituando-se pouco a pouco á escuridão, foi gradualmente distinguindo o que o cercava. Só então reparou que D. Ernestina conservava uma das mãos d'elle entre as suas, e que ella estava estendida em uma cama larga, de casados, onde apenas a cabeça e os braços se lhe viam por entre cobertas e lençóis.

— Está doente ? perguntou elle.

— Muito, Sr. Theobaldo, muito !

— Que foi isso ?

— Ora ! Imagine que recebi hoje pela manhã a noticia da morte da unica parenta que me restava no mundo.



— Sua tia, disse-me o Coruja.

— Minha tia, não; não era só minha tia, era o meu tudo!

E a um rebote de soluços:

— Oh! como aquella nunca mais encontrarei outra! Nunca encontrarei!

Dizendo isto, D. Ernestina ergueu os braços para o tecto e, deixando-os cahir em volta do pescoço do rapaz, encostou a cabeça no peito deste e assim ficou a chorar por longo tempo.

— Bem... resmungou elle um tanto constrangido. Mas a senhora não lucra nada em se affligir desse modo! Faça por conformar-se com o que succedeu... Não ha de ser á força de lagrimas que sua tia voltará á vida! Console-se!

— Oh! mas é que eu não posso! mas é que eu não posso!

E, a cada exclamação, mais se estreitava contra o moço, a ponto de lhe fazer sentir nas faces, nas orelhas e afinal nos labios o resfolegar ardente dos seus soluços.

— Não posso! não posso conformar-me com semelhante desgraça!

— Mas faça por isso... retrucou elle, quasi que a soprar-lhe as palavras pela boca. Faça por ter um pouco de resignação!...

— Obrigada, muito obrigada!... suspirou a chorosa procurando conter o pranto.

E, como em agradecimento áquellas boas palavras de condolencia, levou aos labios as duas mãos do rapaz e cobriu-as de beijos que a outro qualquer surprenderiam, não a elle, desde o berço amimado a cada instante.

Em Theobaldo era já um habito muito antigo receber carinhos daquella especie. Quasi nunca os retribuia; aceitava-os friamente, sem commoção, como um provector e glorioso artista recebe os elogios de um homem que lhe fala pela primeira vez.

### III

Depois desta scena Ernestina passava a maior parte dos seus dias no segundo andar. Mas não gostava de lá ir enquanto o Coruja não tivesse sahido para a rua.

E' que elle a intimidava com o seu ar antipathico e carrancudo e com aquella reprehensiva gravidade de homem serio; defronte d'elle sentia-se acanhada e contrafeita, como se estivesse defronte de um velho intolérante e respeitavel; sentia-se mais criminosa ao lado de André do que ao lado do proprio Almeida.

Quanto a Theobaldo, esse, longe de a eonstranger, fascinava-a, attrahindo-a, dominando-a com a sua indifferença e com o seu orgulho graeios e seductor.

Ao tom senhoril das palavras delle, defronte daquelle olhar fidalgo ou daquelle frio sorriso de adulado, ella se sentia escrava e submissa, feliz em amal-o, mesmo eom a certeza de ser mal eorrespondida.

E, quanto mais passiva se tornava a pobre moça, mais senhor se fazia elle; tanto que afinal já lhe dava ordens e já a reprehendia, eomo se estivesse a falar eom o Sabino.

Uma vez em que Theobaldo á seeretária respondia as eartas da familia, ella tomou-lhe a eabeça entre as mãos e beijou-lhe os olhos.

— Que é isso? perguntou elle.

— Não ralhes commigo...

— Veja fogo!

Ernestina obedeceu e foi eollocar-se depois ao lado delle.

— Queres que me vá embora?... perguntou no fim de algum silencio.

— Póde ir.

Ella deu alguns passos para sahir da sala, mas voltou na ponta dos pés.

— Por que me trataes assim?... disse encostando a eabeça na delle.

— Ainda? exclamou Theobaldo, sem levantar a penna do papel.

— Estás farto de mim, não é?

— E'

— Ingrato!

Elle não lhe deu mais uma só palavra e continuou a escrever até que Ernestina se foi embora, a enxugar as lagrimas.

Entretanto, nem sempre a tratava assim; ás vezes ehegava até a mostrar-se earinhoso com ella. Nos bons dias, ao entrar da rua, corria-lhe a mão pelos eabellos e fazia-lhe festinhas no queixo. Dependia tudo do seu bom ou máo humor.

Uma noite, ella o fitou eom mais insistencia e perguntou-lhe se queria que o Almeida fosse para o olho da rua.

— Mas a senhora não disse que era easada eom elle?

— Tu bem sabes que não sou, e sabes igualmente que serei muito eapaz de lhe fechar a porta, se o ordenares.

— Deixa-te disso, filha!

— E' porque não me amas...

— Talvez.

O rapaz, com effeito, nada sentia do que ella experimentava por elle. Deixava-se adorar com uma indifferença de verdadeiro idolo: tanto se lhe dava que aquillo acabasse logo.

— Deixa-te estar, prophetisava ella; deixa-te estar, que algum dia serei vingada! Deus é grande! Has de encontrar uma mulher que judie contigo ainda mais do que tens judiado commigo!

E as angustias e dissabores de D. Ernestina foram crescendo á proporção que Theobaldo ia conhecendo a côrte e á medida que elle se relacionava e desenvolvia.

Dentro de um anno grandes modificações se operaram na vida dos dous rapazes. Theobaldo concluiu os preparatorios e matriculou-se na Escola de Medicina, esperançoso de largal-a de mão logue que descobrisse melhor carreira; ao passo que o Coruja não conseguira passar em nenhum dos seus exames, se bem que estivesse devéras senhor nas materias.

E, no entanto, fôra elle, o Coruja, quem fornecera ao outro os elementos daquelle successo; fôra elle quem o preparara, quem lhe mettera alguma cousa na cabeça!

Theobaldo ficou furioso com as reprovações do amigo.

— Ora entendam lá esta gente! exclamou entre um grupo de collegas. A mim, que passei pelos livros, como gato por brasas, — distincção! Ao Coruja, que estudou por vinte, — tome bomba! Ora bolas! Pois então reprova-se um pobre rapaz, só porque elle é acanhado?...

O Coruja, ainda assim procurava desculpar os examinadores:

— Coitados! dizia elle; não fizeram isso por mal; suppunham naturalmente que eu de facto não sabia as materias. Quem me mandou a mim não ser mais desembaraçado?...

— Qual! Nada me convencerá de que este nosso scandaloso systema de exames é só aproveitavel para os charlatas e pomadistas! Os estudantes de tua ordem fazem sempre má figura! Ali só o que se quer é presença de espirito!... E, fica sabendo, tomei tal embirrança a tudo isto, que vou escrever ao velho, dizendo-lhe que estou resolvido a seguir para a Europa. Formo-me em sciencia naturaes!

Em sciencias naturaes!

Em grande peralta é que elle se está formando! affirmava o Sampaio, á vista do dinheiro que Theobaldo retirava por mez de sua casa. E' pandega, pandega e mais pandega! O pai afinal não é nenhuma India! e se o doudo do filho não mudar de runo, ha de dar com a familia em pautanas!

O Coruja havia então conseguido, com muito custo em razão da sua tremenda antipathia, arranjar alguns discipulos, cujo producto, ligado ao do trabalho de revisão, dava-lhe já para as primeiras despesas.

Escrupuloso como era, tratou logo de conduzir a sua vida de modo a não ser pesado a ninguem, ainda que tivesse para isso de sacrificar as suas pretensões de formatura.

Dava uma parte do dia aos seus discipulos e uma parte da noite ao serviço do *Jornal*. Deitava-se impreterivelmente a uma hora e acordava ás cinco da madrugada; não tinha vicios de especie alguma; não comia senão ao almoço e ao jantar e nem sequer pensava em mulheres.

— E' um exquísitão! é um selvagem! diziam a respeito delle os amigos de Theobaldo, enquanto que a este qualificavam de « bom rapaz ».

O Coruja não se incommodava com aquelle juizo e, quando o forçavam a prestar contas de suas virtudes, desculpava-se humildemente, como se estivesse a pedir perdão para ellas. Se lhe offerciam charutos: « Desculpe, não fumo ». Se-lhe offerciam bebidas: « Não posso, queira desculpar. »

E todo elle parecia envergonhado de ser tão puro.

Ao lado da amizade que lhe dedicava, Theobaldo ia creando por elle um certo respeito, que era o freio unico para os seus excessos. A's vezes o bonito moço reunia em casa unia troça de amigos, fazia vir o que beber e, entre o fumo dos charutos, discutiam-se todos os assumptos, diziam-se todas as asneiras e a casa transformava-se em um verdadeiro inferno. Mas, sempre que algum dos rapazes se aproximava da mesa de André que estava ausente, Theobaldo exclamava desviando-o: Não! ahi não mexam! E' a mesa do Coruja!

Quando tambem levava á noite para casa algum companheiro meio ebrio, a quem offercia hospitalidade, dizia-lhe sempre, ao subir as escadas: Agora, toda a attenção!... O Coruja está dormindo! E' preciso não o acordar!...

E, em completa antithese de genios e de costumes, iam os dous todavia vivendo juntos. André descobriu um collegio de certa importancia, que lhe dava bom ordenado, casa, comida e roupa lavada, com a condição de que elle, além do serviço de professor, havia tambem de fiscalizar os rapazes á hora do recreio e fazer a escripturação da casa.

Consultou Theobaldo e, depois de ouvir a opinião deste, resolveu mudar-se para o collegio.

Agora podia abandonar o trabalho de revisão e tomar ainda alguns discipulos para as horas vagas, porque nelle o gosto pelo professorado começava a assumir ás proporções de uma verdadeira paixão.

Ensinava latim, francez, portuguez, historia e geographia do Brazil ; tudo isso com muito methodo, muita paciencia e sem nunca parecer fatigado.

— E a respeito de tua formatura ? perguntou-lhe o amigo.

— Ora ! respondeu elle. Formar-me ! Acho desnecessario ! Minha vocação toda é o professorado, e para isso não preciso ter carta, basta-me saber conscienciosamente as materias que ensinar.

#### IV

Havia em Catumby uma velha de uns quarenta e tantos annos, chamada Margarida, que vivia em companhia de sua filha unica — a Ignezinha-e sobre quem ella firmava todas as suas esperanças e a quem dedicava todos os seus affectos.

Moravam sósinhas e, porque não dispunham de outra fonte de receita senão o trabalho, labutavam a valer desde pela manhã até ao fugir do sol.

A velha era incansavel, activa como poucas, mas, por outro lado, geniosa e resingueira como ninguem. Posto que o trabalho lhe tomava todas as horas do dia e ás vezes uma boa parte da noite, ainda ella descobria algum tempo para dar á lingua com os vizinhos e commentar a vida do proximo.

— Aquella almasinha não tinha um momento de descanso, murmuravam os seus conhecidos.

E isso mesmo estava a dizer a figurinha enfrenziada de D. Margarida : pequena, secca a viva como um camondongo.

Era a primeira que se levantava no seu quartirão, e, ainda não se sabia a cara que traria o sol, já andava o demonio da velha na sua canceira de todos os dias ; braços arremangados, saia puxada ao cós, a lidar, a vassoír para a direita e para a esquerda e a ralar com a filha, que « Benza-a Deus ! não parecia ter vindo de tal mãe ! »

E dahi atiravam-se ás costuras, á lavagem ou ao engommado, e era trabalhar p'r'a frente, até dizer basta.

A Ignezinha, porém, com o seu ar de mosca morta, os seus olhos somnorentos e a sua voz arrastada e frouxa, mettia lhe fezes no coração.

— O' pequena! gritava-lhe a velha muitas vezes, a sacudir-lhe o braço, coma se quizesse acordal-a; onde diabo vais tu parar com toda essa molleza?... Deus me livre! Parecc que tens chumbo nas pernas! Pois olha que é preciso puxar pelo serviço, se queremos que não nos faltem os feijões!

Mas Ignezinha não endireitava nem á mão de Deus Padre e cada vez parecia mais ronceira e menos capaz de tomar caminho.

— Ah! está, resmungava a mãe; ah! está para que serviu saberes mais do que eu! Bem dizia teu pai, a quem Deus haja; bem dizia elle, quando te puz no collegio, que nada haviamos de lucrar com isso!

— Mas eu faço o que posso... contrapunha a rapariga. Que culpa tenho eu de não me ageitar á lavagem da roupa e muito menos ao ferro de engommar? Se algumas vezes deixo o serviço, é porque não ha outro remedio, é porque me apparece a pontada no estomago! Ora ah! está!

A mãe ralava-se. Aquella filha era o seu tormento! Ainda se Ignez fosse uma rapariga esperta, diligente para outras cousas, vá! Dar-se-lhe-lhia um geito; mas aquella mesmo, Deus te livre; aquella que não sabia se mexer pelos seus pés, aquella sem-vontade que só caminhava quando alguém a empurrava para a frente! Credo! que até parecia castigo do Deus!

Foi nessa conjunturar que D. Margarida se lembrou de fazer a filha tomar creanças para ensinar.

Vieram os primeiros discipulos, e tal gosto revelou Ignez para esse genero de trabalho, que no fim de pouco tempo a sua idéa fixa era arranjar uma cadeira do professora régia.

— Mas, com que pagar a um bom explicador de portuguez, que a apromptasse em pouco tempo?... A cousa não podia ser tão barata, e ellas, coitadas, mal ganhavam para o pão de cada dia.

A velha, entretanto, não descansou mais e tanto furou, tanto virou e tanto tagarelou sobre o caso, que afinal descobriu o Coruja; por intermedio da filha de uma sua amiga, a quem elle ensinava de graça,

Foi logo procural-o no collegio, levando engatilhado um arsenal de lamurias, que haveria de mover o coração do professor, por mais duro que fosse. André, porém, não lhe deu tempo para lançar mão do arsenal e, logo ás primeiras palavras da velha, declarou que ella estava servida.

— Deixe-me o numero de sua casa, disse elle, e vá descansada, vá, que a menina ha de apromptar-se para a primeira occasião.

D. Margarida quiz beijar-lhe as mãos.

— Não tem que me agradecer ; vá, vá ! Hoje por mim, amanhã por ti. Talvez que ainda esta noite dê um pulo até lá. E adeus, adeus, que vai entrar a aula de latim.

Dahi a dous dias principiava elle a dar as suas lições a Ignez, com a mesma pontualidade e o mesmo inalteravel zelo que empregava para com todos os seus discipulos.

Chegava lá regularmente ás sete horas da noite e principiava logo o trabalho, defronte de um grande candieiro de azeite, que D. Margarida trazia para o centro da mesa.

As duas senhoras viam em André um bemfeitor cahido do céu e, para mostrarem o seu reconhecimento, desfaziam-se em pequeninos obsequios : davam-lhe a melhor cadeira, só lhe falavam a sorrir e obrigavam-no a aceitar todas as noites uma chicara de café.

Em pouco o bom rapaz não representava para ellas um simples professor, mas um amigo, uma especie de membro da familia.

No fim de alguns mezes elle já as levava aos domingos a dar uma volta no Passeio Publico e, lá uma vez por outra, acompanhava-as a alguma festa de arraial ou a algum espectáculo no Provisorio.

Et tudo isso era praticado com tamanha seriedade, com tanto affecto e respeito, que a velha principiou a enxergar no Coruja um noivo capaz de fazer a felicidade da filha e, por conseguinte, a sua felicidade della, Margarida.

Mas o peor era que, a despeito dos conselhos maternos, Ignez tratava o seu dedicado professor com a mesma dubiedade de maneiras, com a mesma frieza e, póde-se dizer até, com a mesma indifferença com que tratava a toda gente. Seus gestos e seus olhares estavam como a dizer : A mim tanto se me dá seis como meia duzia... Casar com este ou casar com aquelle, para mim é tudo a mesma cousa, comtanto que não me incomodem e não me obriguem a ter de tomar uma resolução. Querem que eu case com o Sr. Miranda ? Pois seja, não digo o contrario, mas, por amor de Deus, deixem-me em paz !.

A mãe, porém, que não tinha aquella flegma e entendia que sem a sua intervenção nada se arranjaría, resolveu tomar o negocio a seu cuidado.

— O Sr. Miranda nunca pensou em casar ?... perguntou-lhe ella uma vez, sem mais preambulos.

André corou e respondeu que não podia ainda pensar nisso.

— Ainda é muito cedo... disse.

E, abaixando os olhos e a voz :

— Além de que eu não devo esperar semelhante cousa... Conheço-me perfeitamente... sei quanto sou feio... quanto sou antipathico... Onde iria descobrir uma mulher que me aceitasse?..

— Quem sabe lá !... retrucou a velha, olhando com intenção para o lado da filha. Quem sabe lá, *Seu Miranda* !..

A's vezes a gente nem desconfia e as cousas estão nos entrando pelos olhos !..

André tornou a corar, mas desta vez sorrindo e levantando a vista para sua discipula.

Ignéz, porém, não tugia nem mugia. Ali estava, como uma empada, tão prompta para casar no dia seguinte como para não casar nunca.

A velha percebendo isso e confiando muito pouco no genio iniciativo do professor, teimou com tal insistencia nas suas allusões, que o rapaz não teve remedio senão entrar no assumpto.

— Ah ! eu não digo que... sim, quer dizer, se eu encontrasse uma menina de bom genio, que me estimasse, não digo que não ; teria até muito prazer com isso...

— Pois ha ! acudiu a velha ; ha uma menina nessas condições ! E ali está ella defronte de nós ! Não é verdade, Ignézinha, que de bom grado aceitarias o Sr. Miranda para teu marido ?

Ignézinha disse que sim com a cabeça, e a velha accrescentou, muito commovida :

— Pois então, meus filhos, abracem-se em minha presença. Quero ver isto assentado de pedra e cal ! Vamos, vamos ! Não têm de que se mostrar tão envergonhados !... Então, Ignéz ! então, Sr. Miranda !..

Os dous taciturnos namorados ergueram-se em silencio e deram entre si um abraço de pura formalidade.

— Agora, voltou D. Margarida, é cuidarmos de decidir quando ha de ser o grande dia !

O Coruja, sempre methodico e cauteloso, declarou que achava bom esperar um pouco. Nada de precipitações !.. Elle estava no principio de sua carreira, ainda não podia realizar o casamento ; mas, se as cousas caminhassem para a frente, como era de esperar, em breve tudo se poderia fazer.

Desde então as suas constantes visitas á casa da discipula tomaram um character mais exclusivo e mais familiar. Aparecia agora mais cedo e assentava-se ao lado da noiva, no mesmo lugar onde, desde o principio, se habituara a dar as suas lições.



O estudo durava em geral duas horas, no fim das quaes se afastavam os livros e começavam todos os tres a conversar até ao bater das nove.

Coruja, facil como era para se escravisar aos habitos, no fim de algum tempo já não podia passar sem aquelles calmos serões à luz do velho candieiro de D. Margarida ; já não podia dispensar a chicarinha de café, que elle ouvia moer ao pilão, no quintal ; e precisava sentir ao seu lado, durante aquellas horas certas, o vulto passivo e silencioso de Ignez.

Seu coração immaculado e casto foi pouco e pouco se deixando vencer por um sentimento até ahí desconhecido para elle.

Era um amor muito transparente, muito calmo, que esperava com evangelica paciencia o dia da ventura, sem a mais ligeira perturbação dos sentidos.

## V

Desde que André se mudou para o collegio, a casa de Theobaldo foi aos poucos perdendo e seu digno aspecto de asseio e de ordem, até se transformar em verdadeira republica de estudantes.

A Ernestina ficou pasma.

— Como este rapaz tem mudado !... exclamava ella a cada instante, sem attribuir sequer ao outro, ao feio, a alma da primitiva limpeza e do primitivo arranjo, que tanto a maravilharam.

Agora, Theobaldo já não tinha, como dantes, certo escrupulo em conservar a casa decente. Os seus companheiros da pandega, que lhe appareciam com mais frequenciá ja não lhe ouviam dizer em certas occasiões : « Não ; não façam isso, para não affligir o Coruja ! Elle não gosta destas brincadeiras !... »

Ernestina supportava-lhe as estouvices porque não tinha outro remedio : adorava-o cada vez mais ; soffria em vel-o tão extravagante, tão sem coração e sem juizo, mas soffreria ainda peor se não o pudesse ver absolutamente.

Enquanto a não abandonara a esperanza de conquistal-o, empregou para isso todos os recursos de sua ternura ; depois, certa de que nada conseguiria, resignou-se ás migalhas do amor que elle lhe atirava de vez em quando, como para a esfaimar ainda mais.

A infeliz já se não queixava e já nem sequer procurava disfarçar o seu captiveiro ; entretanto, um dia em que lhe appareceu na

porta uma melher alta, bonita, vestida com um certo exagero de moda, a perguntar muito desembaraçada se era ali que morava Theobaldo, ella disparatou :

— Pois até mulheres já queriam entrar tambem na patuscada ? Era sô o que faltava !

E, fechando-lhe a porta no nariz :

— Procure-o na rua, se quizer !

Depois, metteu-se no quarto e poz-se a chorar, como uma desesperada.

A's tres horas, quando Theobaldo chegou de fóra, ella foi-lhe ao encontro e, mais branca do que a cal da parede, os beiços tremulos, as feições estranguladas de ciuime, disse-lhe quasi sem poder falar :

— Isto não póde continuar assim !

— Assim, como ?

— Nesta desordem em que vai tudo ! O senhor está um perdido !

— E a senhora que têm a vêr com isso ?

— Quero desabafar !

— Pois desabafe, mas que seja longe daqui !

— Cynico !

— Não me aborreça !

E Theobaldo galgou a escada do segundo andar.

Ella seguiu atrás.

— O senhor precisa mudar de vida ! exclamou penetrando no quarto.

Elle, com a certeza de quem é amado a ponto de lhe perdoarem tudo, poz-se a cantarolar, tirou o paletó e estendeu-se sobre o divan.

— Até aqui, proseguiu Ernestina, sem poder conter a colera ; até qui supportei e supportei muito ! O senhor transformou esta casa em uma republica, mas agora a cousa é outra ; agora até as mulheres querem entrar na pandega !

— Hein ? fez Theobaldo, voltando-se para ella.

— Sim, senhor ! Veiu ahi uma mulher á sua procura.

Theobaldo deu um pulo da cama.

— Uma mulher ? exclamou. Ah ! eu bem contava que ella havia de vir !

E, voltando-se vivamente para a rapariga :

— Uma mulher alta, não é verdade ? Pallida, de olhos pretos ? !...

— Vá para o diabo que o carregue ! respondeu Ernestina, virando-lhe as costas e sahindo do quarto furiosa.

— Então?... disse consigo Theobaldo, estregando as mãos; voltou ou não voltou?... Ah! logo vi que Leonilia havia de voltar!...

Leonilia era a mais formosa creatura que empunhava nesse tempo o sceptro do amor bohemio.

Teria então pouco menos de trinta annos e parecia não haver ainda orçado pelos vinte.

No poema de sua vida, poema caprichoso e fantastico, escripto *au jour le jour*, ora com lagrimas, ora com Champagne, Theobaldo representava talvez a pagina mais sentida e com certeza uma das mais recentes e palpitantes.

Mas, que diabo tinha consigo aquelle rapaz para enfeitigar desse modo as mulheres de toda a especie? Que fluido mysterioso espalhava elle em torno de si, com a ironia de seus risos, com o desdem de seus olhos, com a fidalguia de suas maneiras, para as render tão captivas e arrastal-as a seus pés, como Christo antigamente?

Leonilia vira-o uma noite, por acaso, no theatro, desejou-o logo e pediu a um amigo commun que lh'o apresentasse.

Theobaldo tratou-a com o mesmo seductor e natural desinteresse que costumava usar para as mulheres desse genero; mas depois, quando a conheceu mais de perto e teve occasião de compulsar-lhe o espirito, principiou a distinguil-a entre todas as outras com certa preferencia.

Leonilia, porém, no solipsismo da sua paixão, não se contentou com isso e quiz amor, amor tão bom o tão ardente como o que ella lhe dava.

Louca! Theobaldo não era homem para essas transacções e, á primeira scena de ciumes que lhe fez a amante, tomou o chapéo e desertou da alcova della, sem lhe attirar ao menos uma palavra de despedida.

A loreira apanhou entre dentes a affronta e resolveu lançal-o á valla commun dos seus amores esquecidos; mas tal energia só durou emquanto durou a esperanza de ver Theobaldo regressar aos seus braços; e, logo que se convenceu de que o ingrato não voltava, calcou no coração todos os reclamos do orgulho e foi ao encontro d'elle.

O adorado moço consentiu em tornar á abandonada alcova, mas consentiu friamente, como por mera condescendencia, e fazendo-se rogar aos seus carinhos.

Leonilia submetteu-se. Precisava daquelle demonio para a sua ventura; que diabo havia de fazer? Todavia, a uma palavra de

resentimento que lhe escapou uma occasião ao jantar, Theobaldo soltou-lhe, em cheio no rosto, uma tremenda bofetada e desappareceu de novo.

Foi depois deste episodio que ella o procurou em casa pela primeira vez. E não o fez esperar muito, visto que já calculava com experiencia que o rapaz não voltaria por motu proprio.

Ernestina, coitada, é que ficou brutalmente ferida no seu amor proprio. Ao sahir do quarto ia tonta, estrangulada de raiva ; mas, ferida por uma idéa voltou logo ao segundo andar, fechou-se por dentro e disse a Theobaldo, que nessa occasião se apromptava para sahir de novo :

— Você não ha de agora sahir de casa !

— Por que ? perguntou o rapaz, atando a gravata defronte do espelho.

— Porque não quero !

— Não quer ? Tem graça !

— Verá !

— Veremos !

E, quando elle deu por finda a sua toilette, approximou-se de Ernestina :

— Vamos, filha, basta de tolice ! Dá-me a chave.

— Não quero que saia, já disse !

— Dá-me a chave por bem ou eu te obrigo a dar-m'a á força !.

Ernestina passou-lhe os braços em volta do pescoço.

— Não sejas máo ! disse chorando ; não judies commigo deste modo !

— Dê-me o diabo dessa chave ! berrou elle, soltando-lhe um empurrão.

A repariga deixou-se cahir por terra e começou a soluçar.

— Ora pilulas ! rosnou Theobaldo, avançando sobre a porta disposto a arrombal-a com um pontapé. Mas nesse momento alquem bateu pelo lado de fóra e elle estacou, perguntando com um grito :

— Quem é ?

— Abra ! respondeu uma voz.

— Estou perdida !... gaguejou Ernestina. E' o Almeida.

— Bonito ! pensou o estudante ; vamos ter escandalo !.,.

E, voltando-se para a mulher :

— Abra a porta !

— Abrir ? E onde me escondo ?

— Em parte alguma. Fique !

Ernestina entregou-lhe a chave e Theobaldo abriu a porta. Mas,

enquanto elle fazia isto, ella, apanhando as saias, fugia para a alcova immediata.

— Entre ! disse o moço, empurrando com um movimento de embaraçado a folha da porta.

O Almeida entrou ; estava mais vermelho cincoenta por cento do que era de costume. O seu collete branco, boleado pelo grande abdomen, arfava ; os musculos faciaes tremiam-lhe como as carnes de um bebado velho.

Pela primeira vez Theobaldo reparou bem para aquelle typo. Notou, obra de um segundo, que elle tinha na physionomia e no feitio do corpo alguma cousa que lembrava uma phoca ; notou que as soifas do Almeida principiavam logo por debaixo dos olhos e perdiam-se por dentro do collarinho : notou que elle tinha uma cabeça quasi quadrada, encalvecida pela face superior ; notou que o nariz do homem não era grego, nem arabe, nem tão pouco romano e que, se o separassem do rosto, ninguem seria capaz de dizer o que aquillo era, e tanto podiam suppor que seria um legume ensopado, como um polypo extrahido ou um inexistente fóra da casca ; e notou ainda que o Almeida constava de quatro pés de altura sobre outros tantos de largura e que as mãos d'elle eram tão papudas, tão escarlates e tão luzentes de suor, que pareciam esfoladas.

— Exponha o que deseja ! ordenou seccamente o rapaz, depois deste exame instantaneo.

— O senhor escusa de negar... principiou o Almeida.

— Eu nunca nego o que faço !... interrompeu Theobaldo

— Escusa, porque eu sei que ella está aqui.

— Ella quem ?

— A Ernestina.

— Está.

— Pois era disso que eu precisava me capacitar ! Não me supponha tão tolo, que não tivesse ha mais tempo desconfiada da marosca ; quiz, porém, ter uma certeza e agora posso proceder á vontade, sem me doer a consciencia !

— Explique-se.

— Pois não : uma vez que ella o preferes a mim, cedo-lh'a !

— Hein ? Como é lá isso ?

— Cedo-lh'a, repito !

— Cede-m'a ? !

— Sim. Póde tomar conta della. E' sua !

E, dito isto, o Almeida soprou com força, com quem se vê livre de uma carga pesada, e abicou para a sahida.

Theobaldo deteve-o com um gesto.

— Espere, disse-lhe. Antes de tomar conta de um fardo, que eu estava longe de esperar, quero saber ao menos qual é o seu conteúdo e a sua procedencia !

— Ella que lhe explique tudo !... respondeu o velhote.

— Não ; contradisse o outro ; não quero trocar com ella uma palavra !... Ao senhor compete pôr tudo em pratos limpos. Em primeiro logar, desejo saber ao certo que diabo vem a ser o senhor para D. Ernestina.

— Pois então o senhor não sabe ?

— Se soubesse não perguntaria.

— Com franqueza ?

— Não falo de outro modo.

— Pois então, ouça.

Theobalda offereceu uma cadeira ao Almeida e assentou-se em outra.

— Vamos, lá, disse.

— Haverá cousa de oito annos... casei-me, principiou aquelle.

— Muito bem.

— Casei-me, mas não fui feliz...

— Sua mulher trahiu-o ?

— Não ; tinha máo genio. Era uma vibora !

— Muita bem.

— Supportei-a durante tres annos ; empreguei todos os meios para quebrar-lhe a furia.

— Quebrou ?

— Foi tudo debalde. A megéra ficava cada vez peor. Resolvi largar de mão o negocio !

— Abandonou-a.

— Justamente ; mas...

— Que idade tinha sua mulher ?

— Cinccenta annos.

— Ah !

— E o senhor casou por amor ?

— Sim, por amor... dos seus interesses.

— Ah ! era rica.

— Nem por isso...

— Quanto possuia ?

— Cincoenta contos.

— Um conto por anno. Adiante !

— Mas bem, como eu lho dizia...

— Como me dizia...

— Resolvi separar-me della e, foi dito e feito zaz !

— Separou-se !

— Logo.

— Muito bem.

— Foi então que uma noite, voltando para a minha nova residencia, encontrei, encostada á porta da rua, uma rapariga...

— Era D. Ernestina...

— Não ; era uma mulatinha que me disse haver fugido de casa, porque o senhor estava muito bebado e queria dar-lhe cabo da pelle, depois de ter feito o mesmo á mulher. Perguntei onde ficava a tal casa, e como era perto, dei um pulo até la. A mulatinha entrou adiante com toda a cautela e voltou pouco depois, declarando que a peste do patrão havia já pegado no somno. « E o cadaver ? » perguntei eu. « Deve estar na sala », respondeu a mulatinha. Abrimos a porta, e vi então um corpo de mulher estendido no chão. Esta é que era D. Ernestina.

— Estava morta ?

— Não, não estava morta, infelizmente, mas estava muito moída de bordoadas ! E, ainda bem não me tinha visto entrar na sala, começou a chorar com gana e disse-me então que o borracho do marido, além de que lhe não dava de comer, punha-a naquelle estado. « Tem fome ? » perguntei-lhe eu. « Muita » respondeu-me ella com a voz fraca. « Quer vir ceiar connigo ? » « Onde ? » « Em minha casa. » « E meu marido?... » « Mande o plantar batatas ! » Ella aceitou ; poz um chale sobre a cabeça, chamou a mulatinha e sahimos todos tres.

Quando o Almeida chegou a este ponto da sua narração, ouviram-se fortes soluços dentro da alcova de Theobaldo. O Almeida sacudiu os hombros e proseguiu :

— Desde essa noite ella ao meu lado substituiu minha mulher. Despedi a mulatinha, que era alguda, montei está casa e...

— E o marido ?

— Morreu pouco depois ; no hospital.

— Não deixou filhos ?

— Creio que não ; pelo menos foi o que ella me disse.

— Bem ! fez Theobaldo, erguendo-se. De sorte que tudo isso que ahi está no primeiro andar, foi comprado pelo senhor ?

— Tudo, e a casa tambem.

— Logo, tudo iste lhe pertence ?

— Não, porque pertence áquella ingrata...

— E está sempre disposto a separar-se della ?...

— De certo.

- E quanto ella lhe custava em despeza por mez?
- Para que deseja saber?
- Para medir a altura do meu sacrificio.
- Dava-lhe oitenta mil réis por mez em dinheiro e comprava-lhe muitas cousas : roupa, calçado, chapéos, tudo que ella precisava.
- Bem. Póde ir quando quizer.
- Estamos então entendidos, não é verdade? concluiu o Almeida, apertando a mão do estudante e ganhando a sahida; fico ao seu serviço — rua do Piolho, n 5.
- Seja feliz! disse Theobaldo, sem lhe voltar o rosto. E, logo que o viu sahir chamou por Ernestina.
- Ouviu o que eu acabo de praticar? perguntou elle!
- Ouvi... disse ella abaixando os olhos.
- E no emtanto a senhora tem plena certeza de que eu nada fiz para merecer scmelhante espiga!
- Por que não declarou emquanto era tempo?
- Porque nunca me desculpo, compromettendo uma mulher, seja ella quem for, ainda que eu lhe vote a mais completa indiferença.
- Então o senhor não me tem amor?
- Não, Digo-lhe agora com franqueza, já que assim o quiz.
- Mas por que não disse isso mesmo ao Almeida? por que consentiu que elle me abandonasse?... por que não lhe pediu para...
- Eu não peço nada, a ninguem...
- E, emquanto ella soluçava:
- Pelo respeito que devo a mim mesmo, tive de comprometter-me a sustental-a. Seja! Dar-lhe-hei uma mesada, mas nunca porei os pés nesta casa. Retiro-me hoje mesmo.
- O senhor tambem me abandona?
- Não a abandono, porque nunca a amparei!
- Sou muito desgraçado! exclamou ella, deixando-se cahir sobre uma cadeira, a soluçar. O senhor perdeu-me para sempre!
- Essa agora é melhor! Eu não a perdi! Não tenho culpa de que a senhora seja indiscreta! Quem lhe mandou vir ao meu quarto e fechar-se por dentro? Ora essa!
- Ai, meu rico Almeida! Como tu é que eu não encontrarei nenhum!
- A esta exclamação de Ernestina a porta da sala abriu-se o typo do Almeida appareceu do novo, não com o aspecto de ha pouco, mas risonho e resumbrante de ventura.
- Oh! Ainda o senhor? disse Theobaldo.



— Ouvi tudo, meu amigo...

— Ouviu ou escutou ?

— Escutei, escutei por detrás da porta...

E estendendo-lhe a mão :

— Toque !

— Hein ?...

— Toque ! Desejo apertar a sua mão ! Poucos homens tenho encontrado tão nobres como o senhor ! Seu procedimento para com uma mulher, que o acaso compromettia, foi mais do que de um fidalgo, foi de um príncipe ! Toque !

Theobaldo consentiu afinal que o Almeida lhe apertasse a mão, mas resolveu de si para si mudar-se quanto antes daquella casa.

— Nada ! reflectia elle, enquanto os outros dous se abraçavam chorando. Isto não me convém ! E' sempre desagradavel estar entre um tolo e uma mulher apaixonada ! Safo-me !

## VI

Com effeito, Theobaldo, d'ahi a dias mudava-se para o Hotel de França, abandonando a Ernestina todos os trastes que elle possuia no segundo andar..

Foi então que lhe chegou ás mãos uma carta do pai, a primeira que tratava de questões pecuniarias. O barão, apesar seu, tinha de entrar nesse assumpto e pedia ao filho que apertasse um pouco os cordeis da bolsa.

« Não estamos no caso de fazer muitas larguezas, meu querido filho, dizia elle depois de confessar que a sua vida achava-se um tanto complicada ; ultimamente persegue-me um azar terrivel : em nada do que emprehendo me saio bem, e a continuarem as cousas deste modo teremos fatalmente a ruina pela prôa ! E' preciso que desde já restrinjas as tuas despezas. No primeiro anno de Rio de Janeiro gastaste um conto de réis, no segundo, quasi tres e ainda não findou o terceiro e já tens dispendido neste muito mais do que nos outros dous reunidos. Acredita que não te falaria nisto se a tal não me obrigassem as circumstancias. Acabo de ajustar contas com o meu correspondente, não lhe fiz recommendação nenhuma a teu respeito, porque entendo melhor fazel-a a ti proprio ; tens bastante criterio para avaliar o que aqui vai dito e tomares serias medidas a respeito de tua vida.

« Nada de envolver estranhos neste negocio ; mais vale arruinado em segredo do que ás claras, porque tudo perdoam á gente, menos a pobreza.

« Tua mãe continua cada vez mais incommodada ; principio a ter serios receios ; os seus padecimentos aggravam-se de um modo bem desconsolador. Vê se te aprromptas o mais depressa possivel e dá um pulo até cá : temos anciedade de teus abraços. »

Esta carta foi um choque terrivel para Theobaldo ; estava bem longe de contar com ella e, pela primeira vez, reflectiu na possibilidade de ficar pobre de um momento para outro ; e pensou tambem no muito que esbanjara desde que residia na côrte e no muito que se descuidara dos seus estudos.

Não podia ser por menos com a vida que elle levava ultimamente : os seus dias eram em geral consumidos do seguinte modo : acordava ás onze horas da manhã, descia ao tanque, onde durante meia hora se deliciava dentro de um banho perfumado : depois deixava-se enxugar pelo Sabino, vestia-se com o auxilio deste e subia ao quarto, onde já o esperava o cabellereiro com a sua navalha e os seus pentes. Acabada a toilette, passava ao salão do hotel e almoçava. A's vezes fazia duas horas de trote pela praia de Botafogo ou pela rua de Matacavallos ; jantava á noite ; ia quasi sempre ao theatro ou á casa de alguma familia conhecida ou então, o que era mais frequente, entretinha-se a beber e conversar com amigos em casa de mulheres do genero de Leonilia.

A respeito de escola — nada.

Quando se recolhia antes da meia noite, ainda se entregava á qualquer leitura, litteraria ou scientifica, conforme o appetite do momento ; outras vezes recoria ao piano e passava duas ou tres horas a recordar o classico repertorio que aprendera em casa da familia.

E' de notar que Theobaldo, no meio da sua especie de bohemia aristocratica, não perdera o sentimento do bello, o amor ás letras e o entusiasmo pelas cousas heroicas e o respeito ás mulheres honestas ; tão poderosos e salutaes foram para elle os singelos conselhos de sua mãe.

Apezar da egoistica philosophia do Barão de Palmar, Theobaldo conservava ainda para com o Cornja a mesina sagrada amizade e a mesma dedicação da infancia. Era tal o apreço em que tinha o amigo, que chegava a sentir remorsos de não proceder como elle. Instinctivamente e a despeito dos seus dotes intellectuaes e physicos, reconhecia em André uma certa superioridade moral, um certo privilegio de bondade que o tornava digno de inveja.

Aquelle vulto modesto, feio mas sem vicios, trabalhador e honrado, bom e ao mesmo tempo antipathico, ás vezes até lhe

apparecia defronte da consciencia como um juiz sobrenatural, que tacitamente o condemnava. E Theobaldo, quizesse ou não, via, atravez daquella rigida couraça de monstro, transparecer a alma immaculada de um heróc.

Entretanto, não seria capaz de confessar a ninguém semelhante cousa e, quando falava do Coruja, aos seus companheiros de pandega, tinha na phisyonomia, em vez da admiração, um gesto frio de risonha condescendencia.

A's vezes, aos domingos, quando André tirava o dia para descansar, ia ter com Theobaldo muito cedo e arrancava-o da cama para uma excursão fóra da cidade.

Aquelle amor ao campo, despertado em seu coração pelas primeiras férias passadas na fazenda de Emilio, conservava-se inalteravel; e esses passeios, prolongados até á caixa d'agua, aos Dous Irmãos ou á Tijuca, constituíam a grande distracção, o luxo, a extravagancia de sua vida.

Theobaldo, ou fosse que estimava devéras o Coruja, ou porque um espirito fatigado na pandega precisa de vez em quando remaneciar ao abrigo de um prazer tranquillo, o certo é que elle não acompanhava o outro por mera condescendencia, mas ao contrario punha nisso muito empenho.

Se o passeio era longo, preparavam de vespera o seu farnel, de cuja conducção se encarregava o Sabino, e no dia seguinte partiam a cavallo, antes de surgir no horizonte o primeiro raio da aurora.

Era nesses longos passeios de domingo, que entre si os dous amigos prestavam contas do que faziam na ausencia um do outro. Passavam horas esquecidas a conversar: Theobaldo, sempre muito expansivo, não lhe escondia nenhum dos seus actos, bons ou máos, e falava amargamente dos seus tedios e das contrariedades; o Coruja, sempre disposto a achar a vida melhor do que esperava, confessava-se agradecido á fortuna, falava da sua prosperidade e não tinha uma palavra de queixa contra ninguém.

Theobaldo uma vez lhe perguntou:

— A quantos discipulos ensinas tu de graça, ó Coruja?

— Em verdade a nenhum... respondeu o professor, incommodado com a pergunta.

— Todos elles te pagam?

— Sim; os que não podem pagar já, pagarão mais tarde... Neste mundo a gente não deve olhar só para si... Uma mão lava

a outra ! Lembra-te de que eu nada seria no rol das couças, se não fosses tu !

— Sim, mas eu ouvi dizer que até compravas livros, papel, pennas e lapis para alguns discipulos.

— Ah ! isso é só quando são de todo muito pobres...

— E que até lhes davas dinheiro para levarem á familia.

— Casos muito extraordinarios ! E o dinheiro não é dado, é emprestado.. Hão de pagar, quando puderem...

E, receioso de que o outro insistisse no assumpto, Coruja cortou a conversa, perguntando-lhe se tinha escripto mais alguma cousa depois que estiveram juntos.

— Fiz versos. Queres vcl-os ? Ahi os tens.

André passou a ler tom todo o cuidado os versos do amigo e logo depois travou-se entre elles a discussão natural entre um espirito que vive da fantasia e um outro que vive do estudo.

Coruja não admittia um gallicismo, uma imperfeição de linguagem. Lido como era nos classicos queria o portuguez puro e correcto ; além disso, com a sua memoria mais do que privilegiada, poderia jogar facilmente com a velha terminologia da lingua, no caso que lhe não faltasse a imaginação ; e com Theobaldo succedia o contrario justamente ; — tinha idéas e não tinha a forma.

— Vê agora que tal achas esta ballada, disse este, passando-lhe uma folha de papel.

O Coruja leu :

« Meu coveiro, já teu braço

« Não te custa a levantar ?

« Não te pede do cansaço

« O teu corpo descansar ?

« Não me custa, caminheiro,

« Não me peza trabalhar !

« Ganho nisto meu dinheiro ;

« Tenho gente a sustentar.

« Pois bem, coveiro, prosegue,

« Mas de tí quero um favor ;

« Não é cousa que se negue,

« Não é cousa de valor :

« Trago aqui, agazalhada,

« Minha amante, que morreu ;

« Tinha na terra a morada  
 « Mas sua patria era o ceu.  
 « Quero apenas, meu coveiro,  
 « Que sepultura lhe dês,  
 « Porém me falta o dinheiro  
 « Para pagar-te, bem vês...  
 « Anda avante, caminheiro ;  
 « Já meia-noite bateu.  
 « Não sepulto sem dinheiro,  
 « Que dos mortos vivo eu !

— Está assim, assim, disse o Coruja, depois de ler ; e fez algumas alterações na construcção das phrases. Aquella rima em *ar* não devia ser repetida na segunda estrophe, mas emfim pôde passar.

## VII

Theobaldo viu pela primeira vez o seu nome em letra redonda, assignando uma producção original, graças, a um amigo que fez publicar a ballada no *Diario do Rio*.

Ah ! Que contentamento o seu ! contentamento que triplicou, quando o rapaz recebeu da capital de sua provincia uma folha onde vinham as seguintes palavras :

« THEOBALDO HENRIQUE DE ALBUQUERQUE — Este joven e talentoso mineiro, filho do Sr. Barão do Palmar e que se acha presentemente na côrte cursando a Faculdade de Medicina, acaba de publicar ahi bella poesia que em seguida transcrevemos.

E' sempre com o maior prazer que registramos factos desta ordem, e fazemos votos para que o esperançoso poeta prosiga na carreira que tão brilhantemente encetou. »

Seguia-se a ballada.

Desde então, começou Theobaldo a cultivar as letras com mais enthusiasmo ; não que o apaixonasse a arte de escrever, mas pelo simples gosto de ter seu nome em circulação. Fez contos, poematos, artigos que, depois de apurados pelo Coruja, surgiam no primeito jornal que os aceitasse.

O que lhe faltava em folego para as largas concepções do espirito, sobrava-lhe em habilidade para engendrar pechisbecques litterarios, muito ao sabor de certa ordem de leitores.

Mas um funesto acontecimento veio tarjar de preto os seus dias — a morte de Santa.

Theobaldo ficou fulminado com a noticia ; subiu-lhe á cabeça, em ondas, um delirio de paixões que o teria suffocado se logo não se resolvesse em soluços.

Foi a sua primeira idéa abandonar a côrte e correr á casa do pai ; este, porém, na mesma carta em que lhe dava a triste nova, participava-lhe que iria ao encontro d'elle.

Coruja, em prejuizo dos seus trabalhos, entendeu que não devia abandonar o amigo e passava ao seu lado grande parte do dia no Hotel de França.

Estavam juntos, quando chegou o barão. Theobaldo lançou-se nos braços do pai e, tanto este como o filho, abriram a chorar por longo tempo.

André, meio esquecido a um canto da sala, observava em silencio o seu protector, e sorprendia-se de vel-o tão transformado.

Emilio não parecia o mesmo homem ; não dava idéa daquelle fidalgo de bom humor, que a todos se impunha, quer pela energia do character e quer pela insinuação das suas maneiras a Pedro I. Agora estava sombrio, horrivelmente pallido, a fronte coberta de rugas, em cujas dobras se percebia todo o mysterio dos seus ultimos padecimentos.

Já não era a sombra do que fôra ; já não era aquella figura desempennada e ruidosa, mas um vulto sinistro, todo vergado para a terra, e em cujo olhar dorido e pertinaz se via transparecer o surdo desalento de uma dôr sem treguaz.

E aquelle espectro lutuoso, descarnado e alto, inspirava, com paixão e sympathya.

— Meu filho, disse elle, quando a commoção lhe permittiu falar, a perda de tua mãe é para nós muito mais grave do que podes suppor. Com ella fugiu-me a coragem e tudo que me restava de esperanças... Só tu ficaste e só por tua causa viverei mais algum tempo.

Calou-se, depois chamou o Coruja com um gesto, apertou-o nos braços sem lhe dar uma palavra e accrescentou, dirigindo-se de novo ao filho :

— Preciso ter contigo uma longa conferencia, mas quero primeiro repousar um pouco, porque ao contrario não poderei ligar duas idéas...

Theobaldo chamou um creado, mandou servir um quarto ao pai e voltou para junto do Coruja, que á janella abafava as seus soluços com as duas mãos espalmadas sobre o rosto.

Horas depois, Emilio de Albuquerque mandava chamar o filho e, tendo-o feito assentar-se perto d'elle, começou a pintar-lhe francamente a triste posição em que se achava.

A sua primeira comunicação foi a respeito da *hypotheca* da fazenda, o que, em completa ignorancia de Theobaldo, se realizara havia mais de dous annos. Levára-o a dar semelhante passô a esperança de poder á custa de certas especulações recuperar os bens perdidos e desembaraçar-se das difficuldades em que se via ; mas, por desgraça, tudo falhou, e o que elle suppunha uma taboia de salvamento não foi mais do que a mortalha das suas illusões. E' desde então a roda da fortuna, como se recebera um grande impulso, começou a desandar freneticamente ; quanto mais energicos eram os esforços e tentativas que elle fazia para suste'r a sua queda, tanto mais vertiginosa ella se tornava ; a sorte, afinal, já não tendo de que lançar mão para lhe quebrar a coragem, arrebatou-lhe a ultima força que lhe restava, a esposa ; e tão certo fora este ultimo golpe, que o desgraçado succumbiu de todo, para nunca mais se erguer.

— Dentro em pouco tempo, disse elle, tenho de entregar tudo aos credores ; só nos restarão alguns contos de réis que se acham espalhados por ahi nas mãos de varios amigos ; fica-me, porém, a consolação de que em toda esta desgraça não commetti uma unica baixaza ; podia ter enganado os meus credores e assegurar-te, a ti, um futuro mais auspicioso ; não quiz todavia e não me arrependo disso ! Creio que farias o mesmo no meu logar ...

— Honro-me de poder affiançar que sim ! respondeu Theobaldo com tal firmeza, que o pai lhe estendeu a mão, exclamando :

— Obrigado, meu filho !

Emilo demorou-se na côrte apenas dous dias mais ; Theobaldo acompanhou-o até ao Porto da Estrella e voltou para o hotel muito impressionado e tollido de estranhos presentimentos.

Coruja vinha ao seu lado, caminhando de cabeça baixa, o ar concentrado e mudo, de quem procura a solução de um problema.

O amigo acabava de lhe confiar tudo o que ouvira do pai.

— Que achas tu que eu devo fazer ? ... perguntava-lhe.

André respondeu depois de um silencio.

— Em primeiro logar deves sahir daquelle hotel ; é muito dispendioso e, uma vez que estás pobre, precisas fazer economias...

— Tens razão, replicou o outro, mas para onde irei morar? Bem sabes que nunca me vi nestes apuros...

— Eu meu encarrego de arranjar a casa. Queres tu morar outra vez commigo?

— Não poderia desejar melhor... Mas, e o collegio?...

— Dá-se-lhe um geito. O collegio não precisa de mim á noite; é bastante que eu me apresente lá ás seis horas da manhã.

— Quanto és meu amigo...

— Pudera!...

E os dous separaram-se dahi ha pouco concordes na mudança.

Theobaldo correu então á casa do seu correspondente.

— Espere! disse-lhe o Sampaio com máo humor; aquelle mesmo Sampaio que dantes se mostrava tão atteneioso com elle.

Theobaldo estranhou a grosseria do tratamento, mais teve ainda a generosidade de não aereeditar que ella fosse já uma consequencia da ruina de seu pai.

— Venho saber se... ia elle a dizer, quando o outro repetiu ainda mais forte:

— Espere!

O filho do barão mordeu os beiços e não retrucou, até que, meia hora depois, o negociante se dignou emfim de prestar-lhe attenção.

— Dissc meu pai que eu tenho aqui algum dinheiro a receber. Quero saber quanto é.

— São quinhentos mil réis e é o resto. Depois disso nada mais tenho a lhe dar; terminaram os negecios de seu pai com esta casa.

— Já sei.

— O senhor póde receber a quantia de uma só vez ou por partes, como quizer...

— Quero-a toda.

— Lembre-se de que é o resto...

— Despache-me.

— Mas por que não deixa alguma cousa de reserva?

— Porque não quero de novo aturar as suas grosserias.

— Obrigado. Vai ser servido.

— Mas ande com isso!

— Espere, se quizer.

A' noite, Theobaldo depositava em poder do Coruja os seus ultimos quinhentos mil réis.



— E' ò que me resta, disse elle ; guarda-os tu, que sempre tens mais juizo dò que eu.

André obedeceu, e a mudança effectuou-se no dia seguinte.

Foram occupar duas salas de uma casa de commodos. O Coruja escolheu logo a peor para si, dizendo ao entregar a outra ao amigo :

— Agora é preciso começar vida nova... Tens bellos recursos e ainda estás muito em tempo de fazeres de ti o que bem quizeres...

— Ah ! de certo ! respondeu Theobaldo, sempre com a mesma confiança na sua pessoa. E' impossivel que eu não encontre meios de ganhar a vida !

— Sim, mas convém não te descuidares.

— Não descansarei.

— E os teus estudos ?

— Sei cá ! Julgo que o melhor é deixar-me disso ! Não tenho fé com as academias !

— Não sei se farás bem...

— Mas não vejo em ti mesmo um exemplo palpitante ?...

— O meu caso é muito diverso ; sou de poucas aspirações, não desejo ser mais do que um simples professor ; tu, porém, tens direito a muito, e aqui em nossa terra a carta de doutor é a chave de todas as portas das boas posições sociaes.

— Havemos de ver. Não posso agora pensar nisso, tenho a cabeça fóra do logar...

Pouco tempo depois, quando elles ainda estavam inteiramente possuidos pelo golpe que acabavam de soffrer com a morte de Santa, appareceu-lhes em casa, banhado de lagrimas, o velho Caetano, o fiel creado do Barão de Palmar.

Theobaldo entremecera com um presentimento horrivel e levou as mãos á cabeça, como para não ouvir o que seu coração já adinvinhava.

E depois, voltando-se rapidamente :

— Fala !

— Elle morreu, é exacto !

E o velho servo começou a chorar, sem mais poder dizer uma palavra.

Theobaldo arrancou-lhe das mãos uma carta que ella havia tirado da algibeira, e leu o seguinte :

« Meu filho — Evoca toda a tua coragem e todos os conselhos que te dei durante a minha vida para poderes ler com resignação o que se segue. Escrevo estas linhas resolvido a metter uma bala

nos miolos, quando as houver subscriptado para ti. Será isso talvez uma fraqueza de minha parte, será talvez um crime, porque tens apenas vinte e um annos ; eu, porém, no estado em que me acho, não posso continuar a viver sem aquella Santa a quem devemos, tu — a vida e eu — a unica felicidade que já não tenho.

» Morro ainda mais pobre do que suppunha, mas não deixo dividas ; perdoa-me e procura dirigir a tua existencia melhor do que eu.

» O nosso velho procurador fica encarregado de remetter-te o que pagarem por ventura os meus devedores, e Caetano entregarte-ha pessoalmente um cofre com as joias que tua mãe possuia antes do casamento ; as outras, as que eu lhe dei, foram já reduzidas a dinheiro.

» E adeus, até á eternidade, se não me enganaram na religião que aprendi no berço.

» Teu pai — *Emilio*. »

## VIII

Os ultimos acontecimentos vieram perturbar de todo a vida dos dous rapazes.

Coruja tinha de guardar um pouco mais a companhia de Theobaldo, cuja inquietação de espirito lhe trazia agora sérios receios.

Cobertos ambos de luto, pareciam eternamente fechados a qualquer consolação mundana ; Theobaldo cahira em uma especie de abatimento moral, de cujo estado não conseguiam arrancal-o as palavras do companheiro.

— E' preciso que tambem não te deixes levar assim pelo desgosto, dizia-lhe este, procurando metter-lhe animo. — A vida não se compõe só de cousas agradaveis ! Concordo em que não estejas habituado a certas provações e que por isso as sintas mais do que qualquer ; mas, valha-me Deus ! um homem deve antes de tudo ser um homem !

— Do que me serve a vida ?... respondia o outro ; do que me serve a vida, se já não tenho as pessoas que mais me amaram ?...

— E então eu ? ! reclamava André.

— Eu não estou ainda a teu lado ?... E' uma injustiça o que acabas de dizer !...

— Tens razão, é uma injustiça não pensar em ti ; mas imagina que será de mim agora, sem recursos e sem o habito de trabalhar ?...

— Ora ! deixa-te disso ! não pareces um rapaz de 20 annos !... Que diabo ! com o teu talento e com os teus recursos só não quem de todo não quer subir !... Tens um enorme futuro diante de ti.

— Ah ! Falas assim porque te coube em sorte a inestimavel ventura de dar no mundo os teus primeiros passos pelo teu proprio pé e não tiveste, como eu, de entrar na vida carregado ao golo de meus pais ! Ah ! o trabalho é a alegria e a consolação dos filhos da pobreza, mas e tambem o castigo e o supplicio dos que nasceram ricos e mais tarde se acham no estado em que me vejo !...

— Theobaldo ! Essas idéas são indignas de ti !

— Não ! Tudo que eu dissesse ao contrario disto, seria hypocrisia !

— E' porque estão ainda muito abertos os dous tremendos golpes que acabas de receber tão em seguida um do outro, tenho plena certeza de que em breve a tua coragem se erguerá mais altiva e mais forte do que nunca e que, á força de talento, conseguirás uma invejavel posição. Emquanto assim não succeder, cá estou eu ao teu lado para amparar-te ; e com isto, não tens que te envergonhar, porque nada mais faço do que seguir os exemplos aprendidos em casa de teus pais, quando me socorreram. Eu te pertenco, meu amigo !

Theobaldo, sinceramente commovido, agradeceu aquella dedicação e prometeu que se faria digno della.

Mas pelo espaço de um anno quasi inteiro a sua magua absorvia-lhe todos os instantes, não lhe deixando tempo nem forças para cousa alguma. Descuidou-se de obter os meios de ganhar a vida e, depois de comido o ultimo dinheiro, teve de lançar mão de algumas joias das que foram de sua mãe — para vender.

Agora, com o correr do tempo por cima da sua desgraça, vinham-lhe já, de quando em quando, alguns rebotes de energia ; então falava em trabalhar muito, fazer-se independente e forte por meio do proprio esforço. E neste delirio de boas intenções lembrava-se de tudo conjuntamente e sonhava com o commercio, com as industrias, com as artes e com a litteratura.

Qual não foi, porém, a sua decepção, quando, levando trabalho a um jornal, ouviu estas palavras daquelles mesmos que d'antes o elogiavam :

— Homem ! deixe ficar isso... Havemos de ver, mas o senhor bem sabe que o publico vai se tornando exigente : é preciso dar-lhe cousas boas !...

Theobaldo comprehendeu então o alcance de certas palavras de seu pai : « Esconde o mais que puderes a tua necessidade ; ella só por si é o peor estorvo que se póde levantar defronte de ti, quando precisares de dinheiro... »

E com effeito : d'antes, Theobaldo, mal apresentava algum trabalho nas redacções, só ouvia em torno de si elogios e palavras de enthusiasmo. E' que sabiam perfeitamente que elle não precisava ganhar a vida, era um necessitado como qualquer e então viravam-lhe as costas, porque a necessidade é sempre ridicula e importuna.

O mesmo justamente lhe succedera com os theatros. D'antes, quando Theobaldo frequentava a caixa dos theatros nas horas de ensaio, pagando champagne aos artistas e levando-os depois do espectáculo a ceiar no melhores hoteis ; d'antes, quando elle os presentava nos beneficios e lhes emprestava dinheiro, muita vez perguntarem-lhe os emprezarios por que razão, dispondo do tanto talento e de tanto espirito, não escrevia elle alguma cousa para ser levada áscena. Havia por força de fazer successo !. . Theobaldo que experimentasse !

E agora, quando a necessidade lhe invadira a casa, e o rapaz, lembrando-se de tão repetidas solicitações feitas ao seu talento, tomou de um romance inglez e extrahiu d'ahi um drama que, se não era um primor de arte, estava ao menos no gosto do publico e podia dar lucro, aquelles mesmos emprezarios o receberam com frieza, dizendo-lhe seccamente que deixasse ficar o trabalho e apparecesse depois. E, mais tarde, talvez sem terem lido a obra, accrescentaram-lhe com meias palavras e dando-lhe o pretencioso tratamento de « filho » que elle fosse cuidar de outro officio e perdesse as esperanças de arranjar alguma cousa por aquelle modo.

Com o seu genio altivo, com a educação que tivera, Theobaldo não podia insistir em taes pretensões. Era bastantc perceber um gesto de má vontade ou de pouco caso para lhe subir o sangue ás faces, e muito fazia já conseguindo reprimir a colera que se assanhava dentro d'elle, sofrega por escapar em phrases violentas.

Depois dessas lutas e dessas tentativas estereis, voltava para casa desanimado e furioso contra tudo e contra todos, encerrando-se no quarto e fechando-se por dentro para chorar á vontade.

Vinha-lhe então quasi sempre a idéa do suicidio, mas não vinha com ella a resolução, e o desgraçado continuava a viver.

Todavia o tempo ia se passando e o circulo das necessidades apertava-se cada vez mais.

Coruja era agora o unico sustentaculo da casa ; era quem pagava o aluguel, a pensão de comida para Theobaldo (que elle continuava a almoçar e jantar no collegio), era quem lhe pagava a lavadeiro, e quem lhe fornecia dinheiro.

Mas, tudo isso era feito com tamanha delicadeza, com tanto amor, que Theobaldo, quando lhe apparecia qualquer revolta do character, ficava mais envergonhado de seu orgulho do que com receber aquelles obsequios.

E nunca o André andou tão satisfeito, tão alegre de sua vida ; dir-se hia que elle, praticando aquelles sacrificios, alcançava emfim a realização dos seu melhores sonhos.

Era commum vel-o chegar á casa com uma caixa de charutos debaixo do braço e depol-a ao lado do amigo, dizendo quasi envergonhado :

— Olha ! como estavam a acabar estes charutos e sei que são dos que mais gostas, trouxe-t'os, porque depois, quando fosses procural-os, já não os encontrarias á venda.

E tinha sempre uma desculpa a apresentar, uma razão para disfarçar os seus beneficios. Theobaldo quiz privar-se do vinho á mesa ; Coruja, que aliás não bebia nunca, oppoz-se-lhe fortemente.

— Não ! disse elle — Estás muito acostumado com o vinho á comida e, por uma miseravel economia de alguns tostões, não vale a pena fazeres um sacrificio !...

A maior difficuldade era, porém, quando precisava passar-lhe dinheiro, sem lhe ferir, nem de leve, o amor proprio. A principio tinha para isso uma boa desculpa os quinhentos mil réis ; mas esta quantia não podia durar eternamente e, já por ultimo, dizia o Coruja :

— Sabes ? quando eu tinha em meu poder aquelle teu dinheiro, servi-me de tanto e esqueci-me de repor o que tirei ; por conseguinte, se precisas agora receber algum por conta, eu posso pagar.

Um dia elle appareceu em casa com um grande rôlo de papeis, e disse ao companheiro que o director do collegio o havia encarregado de organizar uma selecta muito especial, destinada ao estudo da syntaxe portugueza.

— A cousa não é má... acrescentou o Coruja, abaixando a voz, com quem conspira. — Elles pagam 300 \$ pelo trabalho...

— Bom, fez Theobaldo.

— Eu estive a recusar, porque me falta talento ; lembrei-me, porém, de que tu, se quizeses... podias encarregar-te disso... A

cousa é massante, é, mas emfim... sempre é um achego... Além de que, eu te posso ajudar, sim, quer dizer que...

— Ah! Para ajudar não te falta talento! Hypocrite! respondeu Theobaldo abraçando-o.

— E se precisares durante a obra de algum dinheiro adiantado... E' do contrato! Sabes!

Esta situação tinha para o Coruja apenas um ponto de desgosto e vinha a ser este o seguinte: Desde que D. Margarida lhe falou em casamento com a filha, André resolveu ir fazendo as suas economias para poder em breve realizá-lo; mas, com o amigo na difícil posição em que se achava, não lhe era permitido pôr de parte um só vintem, e o projecto ia ficando adiado para mais tarde.

E D. Margarida a perguntar-lhe como iam os negócios d'elle e a pedir-lhe com insistencia que marcasse o dia das nupcias. Ora, o Coruja, que era tão incapaz de mentir, quando era incapaz de confessar o verdadeiro motivo da sua demora, via-se devéras atrapalhado e desculpava-se como melhor podia.

Entretanto, D. Ignezinha concluíra afinal os estudos, fizera exame e estava preparada para reger uma cadeira de primeiras letras.

A mãe resplendecia como isso.

— Assim desembuchasse por uma vez aquelle demonio do Coruja!... exclamava elle ás amigas, quando lhe falavam na filha.

E tão impaciente se fez com as reservas e meias palavras do futuro genro, que afinal disparatou e disse-lhe ás claras:

— Homem? você se não tenciona casar com a pequena, é melhor dizer logo, porque não faltará quem a queira! Estas cousas, meu caro, quando não são ditas e feitas, servem apenas para atrapalhar o capitulo!

— Oh, minha senhora, respondeu André, se eu não tivesse a intenção de casar com sua filha, ha muito tempo que já o teria declarado!...

— Pois então!?...

— Mas é que ainda não me é possível! Estas cousas não se realizam só com o desejo!

— Ora! Com boa vontade tudo se faz!

— Nem tudo; entretanto, se a senhora entende que sua filha não pode esperar por mim, é casá-la com outro; não serei eu

quem a isso se opponha!... Estimo-a muito, desejo fazer della a minha esposa, mas não quero de fórma alguma prejudicar-lhe o futuro. Se ha mais quem a deseje, e se ella acha que deve aproveitar a occasião, aproveite; porque eu me darei por muito feliz em vel-a satisfeita e contente de sua vida!...

— O senhor diz isso porque sabe que ella está disposta a esperar...

— Tanto melhor, porque nesse caso realizarei o que desejo.

— Mas, se o seu desejo é casar com ella, case-se logo por uma vez! Tanto vive o pobre como vive o rico!

E por este caminho a impertinencia de D. Margarida foi subindo a tal ponto, que o Coruja, para tranquillisa-la um pouco, deixou escapar um segredo que a ninguem tinha ainda revelado. Era a idéa de montar um collegio seu, perfeitamente seu, feito como elle entendia uma casa de educação; um collegio sem castigos corporaes, sem terrores; um collegio emfim talhado por sua alma compassiva e casta; um collegio, onde as creanças bebessem instrucção com a mesma voluptuosidade e com o mesmo gosto com que em pequeninas bebian o leite materno.

Sem ser um espirito reformador, o Coruja sentiu, logo que tomou conta de seus discipulos, a necessidade urgente de substituir os velhos processos adoptados no ensino primario do Brazil por um systema todo baseado em observações psychologicas e que tratasse principalmente da educação moral das creanças; systema como o entendeu Pestalozzi, a quem elle mal conhecia de nome.

Froebel foi quem veio afinal accentuar no seu espirito essas vagas idéas, que até ahi não passavam de meros presentimentos.

Mas não era essa a unica preocupação de sua intelligencia: ainda havia uma outra que não lhe merecia menos desvelos, a de fazer um épitome da historia do Brazil, em que se expuzessem os factos pela sua ordem chronologica.

Nesse trabalho de paciente investigação revelava-se aquelle mesmo cabeçudo organizador do catalogo do collegio; continuava o Coruja a pertencer a essa ordem de espiritos, incapazes de qualquer producção original, mas poderosissimos para desenvolver e aperfeiçoar o que os outros inventam; espiritos formados de perseverança, de dedicação e de modestia, e para os quaes uma só idéa chega ás vezes a encher toda a existencia.

## IX

Passadas as primeiras épocas depois da morte dos pais de Theobaldo, o verdadeiro temperamento deste, aquelle temperamento herdado do velho cavalheiro portuguez e da cabocla paraense, aquelle temperamento mestiço aggravado por uma educação de mimos e liberdades sem limites, comecou a resurgir como o sol depois de uma tempestade. Reappareceu-lhe o genio alegre e petulante e com este voltaram tambem as suas propensões, os seus gostos, os seus habitos e as suas amantes; só as antigas posses é que não voltaram.

A principio, acordando pouco a pouco do desanimo em que cahira, parecia resolvido a vencer, fosse como fosse, todos os obstaculos que se lhe antolhassem no caminho; dizia-se disposto a tudo supportar com energia; disposto a passar por cima dos máos modos e da impertinencia dos ricos até galgar uma posição social. E já o inconsolavel Caetano ouvia-o cantarolar ao descer de manhã para o banheiro, já procurava sorrir ás suas pilherias quando elle servia o almoço e já o via apromptar-se alegremente para sahir, accender o charuto e ganhar a rua, muito activo, em busca de um emprego.

Mas Theobaldo, ao dobrar a primeira esquina, encontrava logo um conhecido dos bons tempos e, sem poder evital-o e sem coragem para lhe expor francamente a sua posição, fingia-se feliz e fallava dos seus extinctos prazeres como se ainda os desfructasse.

O amigo convidava-o a beber, depois iam jantar a um hotel, depois mettiam-se no theatro, e afinal Theobaldo só voltava para casa ás duas horas da manhã, arrependido daquelle dia e fazendo protestos de regeneração para o dia seguinte.

Mas no dia seguinte, quando dava por si, estava já em qualquer confeitaria, a beber, a conversar com os amigos, sem mais pensar nos seus protestos da vespera.

E assim se foi habituando a essa ficticia existencia, que no Rio de Janeiro levam muitos rapazes; entrada franca nos theatros, contas abertas em toda a parte, um amigo em cada canto e um credor a cada passo. Devia ao alfaiate, devia ao chapeleiro, ao sapateiro, ao hotel, mas andava sempre com a mesma elegancia e bebia dos mesmos vinhos.

— Que diabo! as cousas haviam de endireitar, e elle então pagaria tudo!



De vez em quando recebia algum dinheiro de antigos devedores de seu pai; nessas occasiões gastava como se ainda fosse rico; não porque não comprehendesse o mal que fazia, mas por uma fatalidade do seu temperamento e da sua educação.

Em uma dessas vezes, acabava elle de assentar-se á mesa do botequim do theatro lyrico, quando sentiu baterem-lhe de leve com um leque nas costas. Voltou-se e viu Leonilia de frente d'elle.

Ella havia chegado da Europa dous ou tres dias antes; fôra passejar em companhia de um banqueiro rico e voltara carregada de joias e dinheiro. E só, livre; o banqueiro, depois de insistir em querer detel-a na Italia, ameaçou-a com uma separação, mas no dia seguinte, em vez da amante, encontrou sobre a cama este bilhete: « Meu caro banqueiro, a uma mulher de minha ordem, nunca se deve ameaçar com o abandono — abandona-se logo, para não succeder como lhe acontece agora. — Fujo! Adeus, até outra vez! »

Tudo isso ella contou a Theobaldo em menos de tres minutos, assentando-se defronte d'elle.

Estava agora mais bonita e incontestavelmente mais elegante. Vestia côr de canna, tinha os hombros e os braços nus, a cabeça constellada de diamantes.

— Tomas alguma cousa? perguntou-lhe o rapaz.

— Um gole de Champagne.

Theobaldo pediu uma garrafa, e os dous antigos amantes continuaram a conversar, sem que durante toda a palestra se tocasse, nem de leve, no actual estado de pobreza a que se via aquelle reduzido.

— Naturalmente ella ignora tudo... pensou elle.

Afinal vieram de parte a parte as recordações; lembraram-se as scenas de ciume, as tolices que os dous fizeram por tanto tempo.

— Recordas-te ainda daquella ceia que engendrámos em casa do teu cocheiro? perguntou Leonilia, rindo.

— Quando voltavamos de um passeio á Cascatinha?... reforçou elle; não, não me lembro, nem devo lembrar-me.

— E daquelle baile carnavalesco, em que me obrigaste a fingir um ataque de nervos por causa do velho Moscoso?...

— Bom tempo aquelle!... resmungou Theobaldo, ferrando o olhar no chão e tornando-se triste. Ah! bom tempo!...

— Queres saber de uma cousa?... segredou-lhe a moça, erguendo-se; vamos fugir p'ra casa: tenho lá um marreco assado. Vai ao eamarote buscar a minha capa; n. 8, primeira ordem.

Theobaldo quiz recusar-se e confessar com franqueza a sua posição; mas, ou porque lhe faltasse a coragem para isso, ou porque aquelles hombros e aquelles braços lhe trouxessem irresistíveis lembranças, ou porque Leonilia se mostrava tão empenhada em leval-o consigo para casa, ou porque os olhos della o prendiam com tanto desejo e acordavam nelle adormecidas paixões, ou porque depois de algumas taças de Champagne ninguem resiste a uma mulher formosa, o facto, é que o rapaz não se deteve um segundo e correu ao eamarote.

Ella, ao vel-o tornar á mesa, entregou-lhe os hombros, e Theobaldo envolveu-a na capa, uma grande eapa alvadia e orlada de arminhos; em seguida pagou a garrafa e conduziu a bella mulher para um coupé que a esperava á porta do theatro.

Seriam onze e meia da noite quando ehegavam os dous á casa della. Veiu recebê-los um creado inglez, que os fez entrar para uma pequena sala, eaprichosamente mobiliada.

— Espera um pouco por mim, disse Leonilia ao rapaz, fugindo para o interior da casa.

Theobaldo atirou-se em um divan e poz-se a fazer intimas considerações sobre o acto que acabava de praticar:

— Não seria uma baixeza de sua parte, interrogou a si mesmo, conservar aquella mulher no engano em que se achava a respeito delle?... Por ventura seria possivel deixar-se ficar ali nas circumstancias precarias em que elle se via, sem com isso humilhar-se aos seus proprios olhos?... Poderia acaso sustentar aquellas relações no mesmo pé de superioridade em que as mantinha dantes?... E, uma vez que aceitasse qualquer concessão da parte daquella mulher, uma vez que não tivesse como qualquer de eorresponder a peso de ouro com o amor que ella lhe dava, não ficaria elle obrigado a respeitá-la com a submissão de um obsequiado; não ficaria elle devendo em gratidão, em finezas e em considerações aquillo que não pudesse pagar a dinheiro?...

— Sim! deliberou Theobaldo, nem por fôrma alguma devo illudir-me a este respeito! Não posso fiar!

E, afastando do pensamento toda a idéa de hesitação, procurando arrancar da memoria a imagem daquelles hombros e daquelles braços nús, ergueu-se resolutamente, tirou um cartão do bolso e ia a escrever algumas palavras, com a intenção de retirar-se depois, quando se abriu uma porta, que communicava

com o interior da casa, e Leonilia reapareceu já em trajos domesticos : um bello penteador de renças, os cabellos a meio despen-teados e os pés em chinellas turcas.

Theobaldo suspendeu o seu movimento, franzindo ligeiramente o sobr'olho.

— Que é isso ? perguntou ella. Ias escrever ? . . .

— Sim, e a tua presença poupa-me esse trabalho. Senta-te aqui commigo e ouve com attenção o que te vou dizer.

Leonilia, com um gesto que a tornava mais engraçada, deixou-se cahir ao lado d'elle no divan.

— Sabes ? Eu não posso ceiar contigo e é natural que não volte á tua casa.

— Por que ?

— Porque tenho serios motivos que m'o impedem. Mais tarde sem que seja necessaria a minha intervenção, has de saber de tudo. E' só esperar mais alguns dias.

— Não preciso esperar ! Já sei—é porque estás pobre..

Theobaldo fez-se vermelho, como que se aquella ultima palavra fosse uma bofetada. Ergueu-se, sem dizer palavra, tomou o chapéo e estendeu a mão á rapariga :

— Adeus.

Ella, em vez de apertar-lhe a mão, passou-lhe os braços em volta do pescoço e alongou os labios supplicando um beijo em silencio.

E depois, em resposta a uma nova menção de Theobaldo :

E' inutil tentar sahir, porque as portas estão fechadas... Dei ordem para que não as abrissem a ninguém.

O rapaz fez um gesto de contrariedade e disse, tornando-se serio :

— Creio que terás bastante espirito para não me collocares em uma posição ridicula...

— Ridiculo serias tu se me abandonasses agora...

— Paciencia. Dos males o menor !...

— Mas, nesse caso, ao menos ceia commigo. O facto de estares pobre não te desobriga dos teus deveres de cavalheiro. Serias o mais incivil dos homens se me obrigasses a ir sosinha para a mesa.

Elle respondeu largando o chapéo e o sobretudo, que tinha ido tomar.

— Ainda bem ! disse Leonilia. Passemos para a sala de jantar.

E accrescentou, puxando-o pelo braço !

— Entra por aqui mesmo.

Os dous atravessavam uma pequena ante camara, depois uma grande alcova, que Theobaldo considerou de relance, e afinal, tendo ainda atravessado um quarto de toucador, acharam-se na sala de jantar.

— Estamos completamente a sós, observou a rapariga, mostrando a ceia já servida ; dei ordem ao copeiro que se recolhesse, e disse á ereda que podia dormir á vontade.

— Está bom...

— Temos tudo á mão. Não precisamos de ninguem.

E, assentando-se ao lado de Theobaldo :

— Sabes ? A primeira pessoa de quem pedi noticias, ao chegar aqui, foste tu...

— Muito obrigado.

— Oh ! não caleulas o prazer que tive quando me disseram que estavas totalmente arruinado !

— E' bondade tua !

— E, olha, se não fosse isso, eu talvez não tivesse te prendido hoje.

— Orgulho ! Comprehende-se.

— E é exacto. Nós, mulheres, quando gostamos devéras de um homem, sentimos dessa especie de orgulho.

— Caprichos do amor... Queres uma fatia de presunto ?

— Aceito. Vocês, homens, são os bichos mais pretenciosos que o céo cobre. Querem ter sobre as pobres das mulheres todas as superioridades !... Enquanto nós nos sentimos felizes em depender do homem que amamos, vóces, vaidosos, sentem-se humilhados em dar ternura em troca da ternura que lhe damos. Sêcia de egoistas !

— Não, filha, isso depende tambem da qualidade da mulher.

— Que gentileza !

— Pois não ! Ha certas mulheres, cuja ternura não é licito pagar só com ternura...

— Não. O amor só com o amor se paga ! Passa a mostarda.

— Oh ! mas é que ha tanta especie de amor...

— Protesto ! O amor, o verdadeiro amor, é um só, insolúvel e eterno ! e por elle tudo se explica e tudo se perdoa ! E' preciso não enxovalhar esse nome sagrado emprestando-o a outro qualquer sentimento ; eu quando te falo em amor, não me refiro ao amor fingido... Toma um pouco de Borgonha.

— Sim, mas tambem ha mulheres, das quaes seria tolice esperar o tal amor genuino de que falas...

— Ora, diz-me uma cousa, Theobaldo ; quantas especies de mulheres conheces tu ?

- Eu? Duas.
- Quaes são ellas?
- A mulher virtuosa e a mulher que não é virtuosa.
- Só?
- Só.
- Ora bem, dize-me ainda: que diabo entendes tu pela tal mulher virtuosa?
- A mulher casta.
- E pela outra entendes naturalmente a que não é casta. Para aquella tens tudo que ha de bom em ti — o respeito, o amor, a confiança; e para esta, guardas o contrario de tudo isso: — desconfias della, não a estimas sinceramente e não lhe dedicas a menor consideração, porque a infeliz nada te merece!
- Não é uma lei creada por mim...
- Bem sei, e nem tenho a pretensão de destruil-a com as minhas palavras; apenas quero provar-te que vocês, homens, no juizo que formam das mulheres, são os entes mais injustos e mais tolos que se podem imaginar!
- Vamos ver isso.
- Quero provar-te que esse desprezo a que condemnam a mulher perdida é nada menos do que a condemnação de todas as mulheres em geral.
- Como assim?
- Vou ver se me explico. Toda a mulher é capaz de ser honesta ou deixar de ser, conforme as circumstancias que determinam a sua vida; não é exacto? Todas ellas estão sujeitas ás mesmas leis physiologicas e aos mesmos irreparaveis descuidos, pelos quaes, confessemos, são sempre as responsaveis e dos quaes muito raras vezes têm a culpa.
- Apenas acontece que umas são espertas e outras são eternamente ingenuas. Dahi a divisão da mulher em duas ordens — a mulher maliciosa e a mulher simples; pois bem, em casos de seducção — a maliciosa resiste, a innocente succumbe. Não achas que é muito mais facil perder uma menina verdadeiramente ingenua do que uma outra que não o seja?
- Sim, mas isso nada prova.
- Bem. Admittindo que é mais difficil seduzir a mulher velhaca do que a mulher innocente; e visto que a classe das perdidas compõe-se em geral destas ultimas, segue-se que toda a mulher é má, umas por natureza e outras á força de circumstancias; dahi a condemnação de todas ellas!
- Isso é uma philosophia muito apaixonada!...

— Não, é simplesmente verdadeira. Ora, dize-me se, em vez de me teres agora ao teu lado, tivesses uma rapariga de minha idade, casada ali com qualquer sujeito e mãe de um pequeno que ella tivesse ao collo e de mais tres que lhe subissem pelas pernas; dize-me, que impressão te produziria no espirito essa mulher ?

— Uma impressão toda de respeito e acatamento.

— Pois bem; agora imagina tu por outro lado que essa mesma rapariga, antes de conhecer o homem que havia de casar com ella, era uma creatura innocente ao ponto de ignorar o valor da propria virgindade, e credula ao ponto de não suppor o seu noivo capaz de a enganar; imagina ainda que esse noivo é nada menos do que um seductor; imagina que elle a abandona depois de desvirtual-a e que á infeliz se fecham, como é de costume, todas as portas, menos, está claro, a de um sujeito que se propõe substituir o primeiro, não com o casamento, que vóces são incapazes disso, mas substituil-o amancebando-se com ella...

— Bem.

— Pois, feito isto, meu amigo, está feita a grande viagem da perdição, porque depois desses dous degrãos é só escorregar, e escorregar fatalmente, sem esperança de apoio. Se do primeiro ao segundo amante medeou um anno, do segundo ao terceiro vai só um mez, do terceiro ao quarto uma semana, e os outros contam-se pelos dias e afinal pelas horas. E agora, imagina tu, meu orgulhoso, que, em vez de mim, tivesses a teu lado uma dessas desgraçadas que tem amantes por hora, uma dessas martyres que, por innocencia e por credulidade, se deixarem arrastar á ultima degradação; imagina essa mulher ao teu lado e dize-me depois que sentimentos ella te inspiraria.

— O da compaixão; está claro.

— O da compaixão! Mas que especie de compaixão é essa, que só se veste de desprezo e desdem?... Para os entes que nos inspiram compaixão entendo que deve haver palavras consoladoras e cheias de caridade, deve haver ternura e carinhos e não o abandono e a maldição!

— Mas... ia a dizer Theobaldo.

— Espera. Disseste ainda ha pouco que só conheces duas especies de mulheres e declaraste que uma te inspira respeito e outra compaixão; pois quero saber agora á qual dessas duas especies pertença eu.

— Ora, que exigencia de máo gosto!... Voltaste do passeio á Europa com uma dialectica bem exquísita!...

— Não! responde!

— Mas, filha, não ha que saber... pertences á segunda especie...

E assim é... disse Leonilia, meneando a cabeça. Todos nós merecemos ou devemos merecer compaixão. Hontem a innocencia e a perseguição; hoje a vergonha e o desprezo; amanhã a miseria e talvez o hospital!

— Para que pensar nisso, observou Theobaldo, já aborrecido com as palavras da rapariga. Mudemos de assumpto.

— Causo-te lastima, não é verdade? Dize com franqueza!

— E'.

— E sabes, meu adorado, qual é o unico meio de soccorrer uma mulher que nos causa compaixão?

— Qual é?

— Amando-a.

— Oh!

— Não te sentes capaz de tanto!

— Não.

— Nem se eu para isso empregar todos os meios?... Se eu me fizer tua escrava, tua amiga e tua amante, só tua?

— Impossivel.

— E se nisso estiver empenhada a minha vida, a minha felicidade e talvez a minha reabilitação?

— Paciencia!

— E' a tua ultima palavra?

— E' e peço-te licença para sahir.

— Não dou.

— Mas é preciso.

— Não quero. Aqui mando eu!

Theobaldo experimentou as portas; estavam todas fechadas por fóra.

— E' então uma violencia? perguntou elle, affectando bom humor.

— E', respondeu a cortezã.

E, tomando a direcção da alcova, accrescentou com um sorriso:

— Vem.

## X

Só no dia seguinte, ás 2 horas da tarde, foi que elle sahio da casa de Leonilia.

Sentia-se aborrecido e como que importunado por uma especie de remorso : afigurava-se-lhe que em torno daquelle seu desleixo pela vida girava um mundo de actividade dos que trabalham para comer, dos que labutam desde pela manhã. Pungia-lhe a idéa de haver-se deixado arrastar por uma mulher, cujo amor seria para ella uma virtude, mas para elle era nada menos do que uma depravação moral.

Ao chegar ao centro da cidade, o movimento commercial das ruas, o vai e vem das classes laboriosas, ainda mais lhe aggravaram a consciencia da sua inutilidade e da sua inercia.

— Porque, perguntava consigo, não pertenco ao numero desses que trabalham, desses que sabem ganhar a vida ?

— E arrependia-se de ter ido ao Lyrico, de haver offerecido de beber a Leonilia, em vez de a tratar com frieza, o que afinal seria digno de sua parte. E vinham-lhe de novo os impetos de reacção e um grande desejo de atirar-se a qualquer trabalho productivo e honesto.

— Mas por onde principiar ? Onde e em que descobrir occupação ? Fazer-se professor ? Isso, porém, era tão precario, tão maçante e tão subalterno... Empregar-se na redacção de um jornal ? Mas em qual ? e como ? a quem devia dirigir-se ?

E dahi não passavam as intimas reclamações do seu character.

A's vezes, á mesa dos cafés, dizia elle aos companheiros :

— Homem ! Vejam se me arranjam um emprego !... Eu preciso trabalhar ! E' preciso viver, que diabo !

Mas estas palavras cahiam por terra, sem apparecer quem as erguesse. O que apparecia eram novos e novos convites para tomar alguma cousa — para jantar em companhia de mulheres suspeitas e para assistir a espectaculos buffos. O Aguiar, principalmente, nunca o abandonára com as suas franquezas de moço rico e com os seus eternos protestos de estima e admiração.

E Theobaldo topava a tudo, considerando interiormente, para se desculpar « que não seria mettido em casa que elle havia de descobrir arranjo ; precisava furar, ir de um lado para outro, até achar o que desejava ».

E, visto que accitava esses obsequios, apressava-se a retribuilos, quando por ventura lhe cahia de Minas algum dinheiro, sem reservar nenhum para os seus credores.

Por varias vezes, em ceias fóra de horas, depois de enxutas algumas garrafinhas de Chianté e Malvazia, que eram os seus vinhos predilectos, os amigos de Theobaldo, na febre dos brindes, faziam lhe grandes elogios ao talento e á educação ; ; e elle, coi-



tado, qüvia tudo isso já com uma certa amargura, porque ia cada vez mais se convencendo de que lhe faltava competencia para ganhar a vida. E, quando, pelas tres ou quatro da manhã conseguia chegar á casa, tinha a cabeça em vertigem e o coração estrangulado por um desgosto profundo.

A casa! que supplicio para elle!... Como tudo aquillo que respirava a, presença do Coruja lhe exprobrava silenciosamente as suas culpas. Era ahí que Theobaldo mais sentia o peso brutal da propria nullidade; era ahí, já recolhido aos lençóes, que elle considerava, um por um, todos os seus passos na vida. E excitado, cheio de revolta contra si inesimo, levava longo tempo a virar-se de um para outro lado da cama, antes de conseguir pegar no somno.

Na manhã seguinte acordava muito prostrado, sem animo de deixar o colchão, e, ainda de olhos fechados, chamava pelo moleque.

Quasi sempre, em vez do Sabino, era o fiel Caetano quem acudia ao seu primeiro chamado, e, emquanto Theobaldo se preparava defronte do toucador, o pobre velho o observava com um profundo olhar de commiseração.

Depois, meneava a cabeça, suspirando, e punha-se a escovar a roupa que o rapaz tinha de vestir.

Theobaldo ás vezes batia-lhe carinhosamente no hombro, dizendo :

— Como tudo isto mudou, hein, meu velho amigo?... Como tudo isto é tão diverso dos nossos bons tempos!...

O creado então levava aos olhos a manga de sua velha libré, que nunca mais fôra reformada depois da morte do barão e entre lagrimas falava neste para desabafar.

Theobaldo perguntava sempre a que horas sahira o Coruja.

— A's seis da manhã, respondia invariavelmente o creado.

E os dous conversavam um pouco; depois Theobaldo descia ao banheiro, que era no primeiro andar. Banho, café, vestir e leitura dos jornaes nunca se liquidavam antes do meio-dia. Por almoço tomava em geral dous ovos quentes, um calice de vinho; feito o que, sahia logo, sem destino, á procura da tal collocação.

---

No dia immediato ao em que elle esteve com Leonilia, acordou mais cedo que de costume, vestiu-se com certa presteza, foi á secretaria e escreveu a seguinte carta :

« Querida — Não voltarei a ter contigo e peço-te que não dêes o menor passo com o fim de fazer-me mudar de resolução, porque perderias o tempo. Aceita a insignificante lembrança que com esta te envio, e esquece-te para sempre do mais infeliz Theobaldo que ha no mundo. »

Fechada a carta, metteu-a no bolso e sahiu.

Na vespera, antes de dormir, havia deliberado o que agora punha em pratica.

— Era preciso, era indispensavel, não tornar á casa de Leonilia, ainda que para isso fosse necessario que elle se fizesse máo e grosseiro.

— E, neste proposito, chegou á rua dos Ourives, á loja de um joalheiro, a quem vendêra as joias de Santa, escolheu uma medalha de ouro, com um pequeno brilhante no centro e perguntou quanto custava.

— Cem mil réis, respondeu o joalheiro.

— Do que tenho commigo posso apenas dispor de cincoenta. Conste que fique lhe devendo o resto ?

O dono da casa fez um ligeiro ar de hesitação, mas disse em seguida :

— Pois leve.

— Já não quero! exclamou Theobaldo, empurrando de deffrente de si o esgrimio onde estava a joia. Póde guardal-a !

— Não, doutor, leve a ! Peço-lhe que a leve !

E, por suas proprias mãos, introduziu o estojo no bolso do rapaz .

Este passou-lhe os cincoenta mil réis e correu logo para a casa de Leonilia. Entrou, bateu, entregou ao creado a carta e máis o estojo e, sem esperar pela resposta, sahiu apressado.

A' noite desse mesmo dia, atravessava a rua do Ouvidor, quando o Aguiar foi ao encontro d'elle e disse-lhe, estendendo-lhe o braço pelas costas :

— Amanhã faço annos e quero que jantes commigo. Serás o unico rapaz que terei ao meu lado ! Promettes ir ?

— Pois bem, respondeu Theobaldo. Mas onde é o jantar ?

— No Pharoux.

— A que horas ?

— A's cinco.

— Lá estarei.

No outro dia, quando Theobaldo chegou ao hotel, não lhe passou despercebido certo coupê, que estacionava á porta ; mas não fez caso e subiu a escada.

— E' aqui, disse-lhe um creado discretamente, mal o viu, e fel-o entrar para um gabinete particular.

Theobaldo ficou sorpreso ao dar com Leonilia, que estava á cabeceira da mesa.

— Ah! fez o Aguiar, como em resposta ao gesto do amigo, convidei esta dama para te ser agradavel, sabendo que a companhia della só poderia dar-te gosto...

— Oh! certamente, certamente! exclamou o filho do barão puxando uma cadeira e assentando-se ao lado de Leonilia, a quem cercou de galanteios.

— E esta outra senhora?... perguntou elle depois, apertando a mão a uma rapariga de pouca idade, que se quedava assentada á esquerda de Leonilia.

— Ah! essa convidei para ser agradavel a mim mesmo, respondeu o Aguiar, por sua vez tomando assento junto da tal rapariga.

— E' uma amiga das minhas, explicou a outra, que parecia muito empenhada no jantar.

E, voltando-se directamente para Theobaldo :

— Só desta fórma conseguiríamos pilhal-o hoje ! Com effeito ! O senhor faz-se agora de manto de seda !...

— E' que ás vezes a gente pretende dar valor ás cousas, exigindo por ellas muito mais do que valcm...

— Bravo! gritou Aguiar. Eis uma theoria commercial na bocca de Theobaldo! Estou encantado ! Não te fazia capaz de tanto !...

— Ah ! respondeu o outro, a rir ; o commercio é toda a minha vocação !...

— E não digas brincando... Quem sabe se algum dia não serás meu collega no commercio ?...

— Póde ser ! E que todo o meu mal fosse esse !...

— Eu... queres que te diga ?... eu, pelo menos, continuou o Aguiar, derramando Madeira nos calices, nunca me arrependi de haver entrado para o commercio. Verdade é nada fiz por mim e que não estaria na posição em que me acho, se não fosse meu pai, mas nem por isso sou menos feliz, verdadeiramente feliz ! Que diabo ! Ganhar sem sentir, ás vezes sem trabalhar !... Póde haver cousa melhor ? Passo semanas e semanas inteiras na pandega, gasto por vinte e, quando julgo que os negocios vão mal, diz-me o guarda-livros que ganhei mais do que nunca ! Ah ! nada ha como o commercio para fazer dinheiro ! E hoje, deixem falar quem fala, o dinheiro é tudo ! Com elle tudo se obtem : — glorias, honras, prazeres, consideração, amor ! tudo ! tudo !

— E' exacto! confirmou Theobaldo, sorrindo amargamente e no intimo arrependido de ter aceitado o convite do Aguiar. E' exacto!

— Ah! disse a rapariga, que este convidára para ser agradavel a si mesmo. Quem pôde negar a grande superioridade do dinheiro sobre todas as cousas?

— Eu! acudiu Leonilia, que acabava de observar os gestos de Theobaldo. Protesto contra as theorias de Aguiar e juro que o dinheiro não representa para mim a menor seducção... Gosto delle, não nego, mas nos outros, não por elle, mas pelo gostinho de o extrahir gotta a gotta, beijo a beijo, e tanto assim que, mal o apanho, lanço-o á rua pela primeira janella que encontro aberta. Nunca depennei um ricaço por amor ao seu dinheiro, mas tão sómente pelo gostinho de o deixar depennado. E' uma paixão comparavel á dos jogadores ricos, uma paixão de gloria, uma febre de querer vencer, de querer derrotar, ainda com o sacrificio dos proprios interesscs.

E erguendo o copo: Dinheiro! Dinheiro! rio-me delle! O dinheiro, quanto a mim, é a mais triste recommendação que um homem pôde ter! Qual seriam os milhõcs que valeram, por exemplo, o amor deste demonio?

E, dizendo isto, levava as mãos ao cabello de Theobaldo e chamava a attenção dos outros para a cabeça delle, como quem mostra um objecto de arte.

— Que dinheiro vale a doçura avelludada destes olhos mais bellos que os diamantes?... Que dinheiro vale toda esta riqueza? — esta bocca, este sorriso desdcnhoso, estes dentes, esta pallidez de estatua e este ar de senhor que mata de amores as suas escravas? Sim! que me digam as mulheres qual é o dinheiro que paga tudo isto, sem contar ainda com o que ha escondido neste thesouro — o talento, o character, a educação e a energia!

— Olha a Leonilia apaixonada! exclamou o Aguiar, rindo muito.

— E porque não?! perguntou ella, a enearal-o firme. Porque não! Julgas que sou incapaz de um sentimento nobre e desinteressado?... Pois olha, filho, queres que te diga? No dia em que abandonei o meu banqueiro estava em vespera de recber das mãos delle alguma cousa que equivale a tanto como o que possues, e não foi por isso que não o mandei passear, logo que entendi que o devia fazer!

— Ah! todos sabem que tu és mulher caprichosa!...

— Caprichosa, não! Sou apenas mulher! Tenho coração, tenho

nervos ! Quando adoro um hómem, sou capaz de tudo por elle, de tudo ! comprehendem ? de tudo ! Ainda que tenha de quebrar todas as conveniências, como quem quebrar isto !

Assim dizendo, tinha arrancado do pescoço o seu collar e arremessava-o partido sobre a mesa.

Theobaldo comprehendeu a intenção com que isso fôra feito, e lançou sobre ella um olhar de ameaça.

— Que significa esse olhar ? perguntou a cortezá. Não o comprehendendo.

— Tanto melhor para mim ! disse o moço, esvasiando o copo — porque não tenho a menor necessidade de ser comprehendido por quem não o merece !

— Sempre o mesmo orgulho e a mesma vaidade ! replicou Leonilia.

— Ah ! voltou aquelle, rindo com desprezo. Estás á beira da praia e julgas-te em pleno oceano ! Meu orgulho ! conhecel-o-has depois, se te passar pela fantasia a idéa de experimental-o !

— Então ! então ! reclamou o Aguiar, nós não estamos aqui para discutir questões dessa ordem. Perantè a pandega somos todos iguaes. Faço annos e exijo que se lembrem um pouco de mim ! Ainda não me fizeram um só brinde !

Leonilia soltou uma risada e disse, voltando-se para o festejado :

— Desculpa, filho, mas já não me lembrava que te devo o obsequio de teres feito annos hoje.

— Não repares, accrescentou Theobaldo, batendo com o seu copo no do outro rapaz. E — bebamos á tua saude ! — para que nunca te arrependas de tuas theorias sobre o dinheiro !...

— Obrigado ! respondeu Aguiar, mas consente que eu te diga uma cousa com franqueza : Eu não faço annos hoje !

— Como assim ?

— Perdoa-me, mais tarde o saberás !

Theobaldo olhou para o amigo, depois para Leonilia e afinal sacudiu os hombros.

Já haviam comido a sobremesa e dispunham-se a tomar café, quando aquelle deu por falta do Aguiar e da rapariga que este convidára para seu recreio.

— Para onde teriam ido ? perguntou elle a Leonilia.

— Foram-se embora. Chega-te mais para mim e ouve o que te vou dizer.

Theobaldo obedeceu.

— Sabes ? disse ella. Este jantar foi uma cilada que te armei ;

eu, só eu, podia fazer com que o Aguiar se achasse na intimidade em que o viste com aquella rapariga ; em troca, elle empregou os meios para te arrastar até aqui.

— De sorte que eu servi de divertimento a vocês ambos?... Servi para objecto de especulação, fui negociado !

— E' exacto, respondeu ella, e creio que não levarás a tua birra ao ponto de me deixares aqui sosinha, em um hotel !...

— Mas porque não procederam de outro modo ?

— Porque já te conheço e tenho plena certeza de que só assim havias de vir.

— E, se por gosto eu não teria vindo, para que obrigar-me então a vir á força ?

— Porque antes assim do que nada. Para o amor todos os meios são bons.

— Pois saiba que errou nos seus calculos, disse Theebaldo, indo buscar o chapéo ; estou disposto a acompanhá-la até á casa, mas não subirei um só degráo de sua escada.

— Porque ?

— Porque, para fazer da senhora a minha amante — sou pobre de mais, e para ser o seu *amant de cœur* — sou muito rico e muito orgulhoso.

— Eu então só posso pertencer a um homem rico ?

— De certo, porque é preciso muito dinheiro para comprar o luxo com que a senhora se habituou.

— Bem, volvcu ella ; já não precisa vir commigo. Adeus. Só lhe peço um obsequio...

— Qual ?

— Vá amanhã á minha casa depois do meio dia.

— Fazer o que ?

— Buscar a resposta do que acabou de me dizer agora. Vai ?

— Vou. Adeus.

Leonilia sahiu, metteu-se no carro e Theobaldo ainda ficou no hotel, a fumar charutos e a beber, muito enfastiado de sua vida.

## XI

Resolveu não ir, mas no dia immediato, quando deu por si, estava defronte da casa de Leonilia.

Tencionava não entrar, mas uma grande confusão de vozes que vinha das salas, prendeu-lhe a attenção.

— Que diabo significa isto ? pensou elle. Dir-se-hia que fazem leilão em cima.

Pelo corredor viam-se entrar e sahir negros e gallegos carregados de moveis ; ao passo que um formigar de homens sem bigode, cabello curto, de jaqueta, sem gravata e sem collete, enchia todos os aposentos da casa.

— E' um leilão ! não ha duvida !... considerou o rapaz, subindo até ao primeiro andar, e o seu raciocinio foi confirmado logo pela presença de um sujeito que, de martello em punho, apregoava o preço des moveis a um grupo de arrematantes :

— Vinte mil réis pelo espelho ! E' de graça, meus senhores ! Vinté e cinco mil réis ! Ninguem dá mais ?... Vinte e cinco ! vinte e cinco !

Theobaldo, com esta musica a perseguir-lhe os ouvidos, atravessou a sala e depois os quartos, até encontrar o creado que o recebêra naquella noite do Lyrico.

— Ah ! é o Sr. Theobaldo ?

— Sim, disse este.

— Aqui tem esta carta.

O rapaz tomou a carta, abriu-a e leu :

« Mudei-me para Santa Thereza ; agora já não tens razão para fugir de mim ; espero-te, não te demores. Tua — *Leonilia.* »

Vinha escripto o nome da rua e o numero da casa.

Theobaldo sem animo de entestar com as idéas que lhe trouxe a leitura dessas poucas palavras, desceu á rua e, quasi que machinalmente, foi seguindo a indicação do bilhete.

Chegou ás tres horas ao logar marcado ; era uma casinha nova, muito modesta e pequenina, escondida entre meia duzia de arvores e coberta de trepadeiras, que lhe davam um aspecto encantador.

Elle atravessou o pequeno jardim e bateu.

Leonilia veiu em pessoa abrir a porta.

Não parecia a mesma, tal era a transformação por que passára; até a sua propria physionomia parecia outra.

Trazia um singelo vestidinho de chita, apertado á cintura, que mal deixava perceber uma pequena parte do collo ; os braços, porém, mostravam-se livres por entre a largura das mangas, e o cabello, enrodilhado sobre a nunca e seguro por um simples pente de tartaruga, já lhe não cahia na testa como dantes, mas ao contrario dividia-se-lhe em dous bandós naturaes, fazendo ver uma fronte côr de marmore, cujos subtis reflexos de ouro mais pallida a tornavam.

Por unicas joias trazia ao pescoço a medalha que lhe dêra Theobaldo e no dedo annular da mão esquerda uma aliança de casamento; em vez dos caprichosos sapatos de peito aberto e grande salto, que ella até ali usava, tinha agora uma honesta botina, preta, de duraque, apenas guarnecida por um laço de fita da mesma côr.

O filho do barão, ao vel-a assim tão outra, ficou longo tempo a contemplal-a, perguntando com o gesto que significava aquella transformação.

Ella, em resposta ao pensamento d'elle, sorriu e disse, indo collocar-se-lhe ao alcance dos labios :

— Estás satisfeito ?

— Eu ?

— Sim, creio que não poderás dizer agora o que disseste hontem.

— Mas tu és doida ?... Não te comprehendo, filha.

— Isto quer dizer que em resposta á tua phrase de hontem, resolvi separar-me de tudo que me prendia ao passado; vendi o carro, a mobilia, as joias, as roupas, e, com o producto dessas cousas, supponho que terei um pequeno fundo de reserva para o dia em que me abandonares.

E passando-lhe o braço no hombro :

— Aqui nada ha que te possa fazer corar !... Nada disto foi pago ainda e não o ha de ser sem ordem tua; tambem é tudo tão pouco que não tens que receiar pela despêza...

Ficaram ambos calados por um instante.

— Vem ver a casa commigo, disse ella afinal, puxando-o brandamente para fóra da pequena sala. E' um verdadeiro ninho de noivos pobres... Aqui tudo é simples quanto póde ser : mobilia americana, louça de familia... Vês ?... tenho até uma machina de costura...

Theobaldo olhiava para tudo aquillo, como se assistisse á representação de uma comedia; afigurava-se-lhe que, uma vez cahido o panno do theatro, Leonilia tornaria logo ao primitivo estado.

— Então ? perguntou esta, — não me dizes nada ? Ficas assim, mudo, como se nada disto te interessasse ?...

— E' que ainda não voltei a mim, filha. Estou pasmo !

— Pois então prepara-te para ouvir o mais extraordinario : do principio do mez que vem em diante vou trabalhar em casa do Gabardan ?

— Que Gabardan ?

— Aquelle cabellereiro da rua Direita.



— Tu ?

— Sim. Meu pai, que era francez como já sabes, foi o primeiro cabellereiro aqui da corte ; eu aprendi a trabalhar com elle e, até o dia em que lhe fugi de casa, tinha as honras da sua primeira discipula ; ninguem me excedia na officina !... E juro-te que, se voltar ao serviço, hei de sahir-me tão bem ou melhor do que nesse tempo ! Ah ! não calculas ! eu fazia muito mais do que todas as minhas companheiras e apresentava sempre trabalho muito limpo ; já ganhava um bello ordenado !

— E' admiravel ! respondeu o rapaz.

— Ora, proseguiu Leonilia, o Gabardan ha muito que me fala em entrar para a casa delle ; hoje lhe mandei dizer que accito e, do principio do mez que vem em diante, é natural que...

— De sorte que tencionas fazer uma completa regeneração...

— Só depende de ti...

— E' por conseguinte uma regeneração por meio do amor ?

— Não ! O amor servirá apenas para dar o primeiro impulso ; depois o interesse e a ambição se encarregarão do resto.

— A ambição ?

— De certo ; trabalhando com vontade, é natural que appareçam lucros e com estes a febre de prosperar. Então, todo o meu idéal será ter uma boa casa, uma firma bem acreditada, um capital seguro e, para conseguir tudo isso, é indispensavel uma conducta exemplarissima ; é necessario que não possam dizer a mais pequenina cousa contra mim. Comprehendes ?

— Sim, senhora ; o plano é engenhoso e faz honra ao teu espirito, mas convém saber se terás bastante energia e bastante perseverança para realizal-o...

— Não me conheces !

— Oh ! se conheço !... Vocês, pobres filhas do vicio, são como os inglezes ; por mais que viagem, por mais que se demorem nos paizes estrangeiros, têm sempre o sentido, alma e o pensamento, voltados para a patria ! Veiu-te agora a fantasia de dar um passeio pelo amor, mudaste de roupa, tiraste as joias, tomaste para disfarce esse modesto vestidinho de chita, e desferiste afinal o vò ; mas, se quizeres falar com franqueza, has de confessar, minha querida, que a tua alma não se prende a esta pobre casinha sem espelhos, sem tapetes e sem as phosphorescencias do luxo ; tua alma ficou lá donde partiste ! Apenas trouxeste a imaginação para uso da viagem !

Eu seria capaz de apostar a cabeça em como a tua primeira idéa, quando resolveste fazer tudo isto, não foi o amor, nem a

ambição, mas pura e simplesmente calcular o effeito que semelhante fantasia iria produzir sobre as tuas companheiras e sobre os teus admiradores!... « Que dirá fulana quando souber?... Que dirão fulanos e beltranos?... Com certeza hão de achar-me original, caprichosa, uma verdadeira heroína de romance!... »

E, se amanhã succeder que as tuas companheiras e os teus amantes, em vez de enxergarem na tua regeneração uma fantasia original, entendam que te regeneraste por necessidade, que te fizeste sobria e modesta por já não poderes ser extravagante e opulenta; se elles julgarem assim, filha, juro que a tua mal entendida vaidade de cortezã despertará furiosa, e então tu, para provares que não és inferior a nenhuma das tuas competidoras, voltarás fatalmente ao primitivo estado!

— Cala-te!

— Ah! bem sabes, minha Leonilia, que as recahidas são sempre muito mais perigosas do que a propria molestia...!

— E's cruel!

— Não; sou apenas sensato!

— E de que pretendes me convencer com a tua sensatez?

— De que não acredito em semelhante reabilitação!

— Nem no meu amor?

— Nesse acredito. Não que elle dure por muito tempo, mas acredito que elle exista agora. Toda a mulher ama sempre; algumas dedicam-se a um só homem durante a vida — são as constantes; outras gostam de variar — são as do género a que pertences. Mas, no fim de contas, todas ellas amam, naturalmente, sem esforço, por uma fatalidade organica, sem haver nisso outro merito mais do que se obedecessem a qualquer uma das funções physiologicas do seu corpo.

— Pois então no amor que te consagro, cujas provas reaes acabo de dar-te, não ha merito algum?...

— Não digo isso, filha! Ha um merito relativo no que acabas de fazer; apenas sustento que o amor, qualquer que elle seja, não me causa enthusiasmo nem admiração de nenhuma especie. Se não me amasses, amarias a outro; amas-me, não porque eu seja forte, intelligente ou bom, mas sim por uma razão muito simples — porque és mulher! O caso seria para espantar, se em vez de te apaixonares por mim, te apaixonasses por uma estatua ou por uma arvore ou por um elephante ou por esta bengala!

— Enganas-te! Amo-te, não pelo simples facto de ser mulher, mas porque tu reunes em ti todos os dots que nos seduzem; és nobre e altivo como um principe; és forte e corajoso como um

homem ; és bello como uma estatua ; original como um genio ; e espirituoso como um parisiense ; e tudo isso reunido : força, altivez, belleza, espirito e originalidade, tudo isso é o que eu amo e o que faz de mim a tua escrava !

— Logo, se eu fosse feio, estúpido e fraco, não me amarias ?

— Não, de certo.

— E é esse amor que, entendes tu, deve me entusiasmar?...

Tem graça !

— Porque ?

— Nada conheço mais egoistico, mais baixo e mesquinho do que semelhante amor ! No fim de contas não é a mim que amas, é a ti propria ; não é a mim a quem pretendes contentar, é ao teu proprio gosto, é ao teu proprio coração !

Se te sacrificas por mim, se me preferes a tudo e a todos, não é porque eu goze muito com isso, mas sim porque tudo isso é necessario para a tua felicidade ; e se me desejas o bem, é ainda para que a minha ventura se reflita sobre ti ; é para que tu a possas desfructar, para que a possas saborear com delicia !... Não achas que isto é exacto ?...

— E conheces por ventura algum amor que não esteja nessas condições ? perguntou Leonilia. Olha em torno de ti ; procura em todos os corações um amor que não tenha sempre por base o mesmo egoismo !

— O amor materno... respondeu Theobaldo, transpondo com a amante o portão da chacara e indo assentar-se ao lado della sob um caramanchão. A mãe ama sempre o filho, seja este feio, estúpido ou máo.

— Mas só ama o proprio, o seu, e esta idéa de propriedade só por si é já egoismo. Vai dizer a qualquer mãe que faça pelos filhos dos outros o que a natureza lhe inspira por aquelle que lhe sahiu das entranhas ; ella te responderá que « quem pariu, Matheus que o embale ». E se ha uma dedicação sem a menor sombra de altruismo é essa justamente, porque a mãe nunca ama o filho pelas qualidades que elle possui, mas tão sómente porque elle é uma continuação della, porque elle é um pouco de sua carne e porque é a consequencia palpitante, por bem dizer a personificação, do amor de quem a possuiu. No filho ella se vê a si e vê tambem o homem a quem amou ; isto é, vê todos os gozos, todas as egoisticas venturas de que ha pouco falavas ; e, meu amigo, se penetrares no amago de todas as outras afeições, has de sempre encontrar lá dentro a mesma mola feita de egoismo !

— E o amor filial ?

— Não existe.

— Como não existe ?

— Não existe, porque o amor filial é a convivencia, é o habito, é o primeiro beijo que recebemos, é a canção que nos embalou o berço, é a lagrima que se juntou á nossa primeira lagrima, o sorriso que se fundiu com a nossa primeira alegria e, mais tarde, é a recordação de tudo isso ! Separa ao nascer um filho dos braços maternose dir-me-has depois qual é o amor que elle sentè pela mãe. E assim são pouco mais ou menos todos os affectos; uns amam para gozar, outros por habito, outros simplesmente por necessidade.

— Estás illudida, replicou Theobaldo, accendendo um charuto. Eu, pelo menos, tenho em minha vida uma affeição que se constituiu sem o concurso de nenhuma dessas circumstancias; tenho um amigo, cuja unica boa qualidade que possui e que me leva a estimal-o, é ser bom; bom, não para com todos, todos, scja lá quem fôr!

— Um amigo ?

— Sim, o Coruja; não o conheces e é bem provavel que não chegues nunca a conhecê-lo.

— Porque não ?

— Porque elle teria medo desse teu espirito diabolico e profanador. E' uma alma immaculada, que se retrah e fecha ao mais leve rumor de tudo que é feliz, espectacular e barulhento, com a mesma facilidade com que se abre para tudo aquillo que chora e soffre. E' uma triste creatura que vive silenciosamente para a dedicação e para o amor. Tanto é capaz de sacrificar-se pelo bom, como pelo máo; um estúpido ou um genio, uma mulher monstro ou uma mulher encantadora, todos lhe merecem a mesma ternura, desde que ha uma lagrima a estancar ou a mais ligeira sombra de soffrimento a desfazer. E' capaz de despir o palitô para cobrir um cão que teni frio, e fica triste se em sua presença decepam uma arvore qualquer.

— E' um santo, disse Leonilia, a rir.

— Não, volveu Theobaldo; é simplesmente um homem feliz... E, depois de descrever o typo do amigo:

— Tenho inveja delle. Confesso...

— Tu ?!

— Sim; tenho-lhe inveja...

— Ora essa!...

— Calculo quanto não gozará elle com ser tão dos outros e tão pouco de si mesmo; calculo a infinita volupia da sua abnegação;

o prazer supremo de não ter um vício a consciencia de não ter commettido uma acção má durante toda a sua vida.

— Ha de haver um pouco de exagero de tua parte...

— Qual! Não disse a metade do que elle é...

-- Que entusiasmo! Parece que o estimas mais do que a mim!...

— Pudera! resmungu o rapaz, disposto a continuar o elogio do Coruja; mas foi interrompido pelo creado, que o chamava para jantar.

Theobaldo tinha ás vezes dessas expansões; dava para discorrer com entusiasmo sobre alguém que na occasião o impressionava; ao passo que no dia seguinte seria capaz de fazer o mesmo por uma pessoa completamente opposta.

Do meio para o fim do jantar, jantazinho de hotel, porque nesse dia ainda não se havia accendido o fogão da casa, elle se mostrou menos pessimista a respeito do amor das mulheres e mais disposto a corresponder com os carinhos aos sacrificios de Leonilia; entretanto, quando esta lhe falou em viverem juntos, Theobaldo protestou energicamente:

— Não! Isso não era possível!

Elle tinha lá as suas aspirações, precisava fazer carreira e não estava resolvido a começar com o pé esquerdo.

— E's um ingrato!... queixava-se ella, enxugando as lagrimas. E's um ingrato! Até aqui fugias de mim, porque eu não era só tua; pois abandono tudo, venho metter-me neste canto e tu, mesmo assim, declaras abertamente que não queres morar commigo!... Oh! isto tambem é de mais! Já passa á maldade!

— Não, filha; é impossível morarmos juntos! Não posso. Hei de apparecer-te de vez em quando, sempre, talvez todos os dias, mas...

— E's um homem máo, um egoista.

E multiplicaram-se as recriminações. Afinal Theobaldo, apesar do firme proposito em que estava de moscar-se depois do jantar, resolveu não ir; ficou.

— Tambem que diabo! seria crueldade deixal-a ali, naquella casa, em companhia de um creado admittido na vespera.

E de mais, pensava elle, que posso eu reccar?... Quando a cousa se tornar perigosa, mando-a plantar batatas!

## XII

Voltou de lá ás tres honras da tarde do dia seguinte.

— Mais um dia perdido ! considerava elle amargamente ao entrar em casa já ao cahir da noite e depois de ter jantado em companhia de amigos.

Ainda no corredor foi detido pelo Coruja, que lhe disse com reserva :

— Acho bom que não subas agora ! Aquella sujeita do Almeida, a Ernestina, está ahí á tua espera. Não subas !

— Está ahí ? perguntou Theobaldo devéras contrariado, Que diabo quer ainda de mim essa mulher ?

— Não sei ; diz o Caetano que ella já ahí está ha quatro horas.

— Ora esta ! E, logo hoje, que eu precisava dormir !

— Recolhe-te mais tarde ; ella talvez não se demore.

— Qual ! Vou despachal-a ! Verás !

E, enquanto subia a escada acompanhado pelo amigo :

— Não faltava mais nada !... Estou mesmo muito disposto a aturar mulheres !... Já me bastam as maçadas que me dão as outras ! Além della ninguem me procurou ?

— Depois de eu chegar, não.

Theobaldo tinha por costume perguntar sempre se alguém o procurára na sua ausencia. E' que esperava que a fortuna viesse um bello dia ao encontro d'elle, como vinham ás mulheres ; era uma especie de vaga confiança no acaso ; um modo preguiçoso de desejar ser feliz.

Assim, quando pilhava dinheiro, arriscava algum na roleta ou na loteria.

Foi de máo humor que elle entrou na sua pequena sala, abriu a porta com um empurrão e dirigiu-se de cara fechada para a rapariga, que o esperava.

— Theobaldo ! exclamou esta, querendo lançar-se-lhe nos braços :

— Perdão ! disse o perseguido, afastando o corpo. Não estou disposto a dar abraços ; venho incommodado. Faça o favor de dizer o que deseja, mas que seja breve !

— Oh ! não te reconheço ! Não pareces o mesmo !...

— Diz muito bem ! Eu comeffecto já não sou o mesmo. Grandes transformações se deram na minha vida. Adiante !

— Compreendo; é que amas a outra !

— Ai, ai, ai, minhas encommendas ! gritou o rapaz, sem poder dominar a impaciencia. Teremos ainda discussões sobre o amor ? Mas, minha senhora, ha uma porção de dias que não ouço falar em outra cousa ! Estou farto ! o que se póde chamar farto ! Oh !

Ernestina poz-se a chorar ?

— Então, então ! resmungou elle ; deixe-se de asneiras e diga o que a trouxe.

— Ah ! já não me posso illudir ; amas a outra !

— Engana-se ! Não amo mulher alguma !

— Nem a mim ?

— Mas que lembrança foi essa a sua de vir aqui ? Ha mais de dous annos que nos separámos, creio que sem protestos e sem juramentos !... E vel-a assim, sem mais nem menos, tirar-se dos seus cuidados e...

— E' que então eu não era livre, não podia acompanhar-te ; vivia meu marido !

— Marido ?

— Sim. O Almeida afinal enviuvou, casou-se commigo e tres vezes depois falleceu nos meus braços.

— Que não casasse... respondeu Theobaldo, rindo.

— E's cruel !

— A mesma phrase da outra, pensou elle, com um suspiro de tedio.

Ernestina circumvagou os olhos em torno de si, para certificar-se de que estava a sós, e acrescentou :

— Um dia offereceste-me a tua protecção, não é verdade ? Venho reclamar-a...

— Sim, mas é que os tempos se mudaram ; já não tenho com que proteger ninguem, nem a mim mesmo ! Estou na espinha !

— Theobaldo ! eu não vim pedir-te esmola !

— Então diga o que veio pedir.

— Vim em busca de amor ! Para esquecer-me de ti fiz o que era possivel ; nada consegui e cá estou, disposta a affrontar o ultimo sacrificio, comtanto que fique ao teu lado. Amo ! e, dizendo isto, tenho dito tudo !

— Sim ?... perguntou o rapaz, apertando os olhos. Mas não me fará o obsequio de dizer que culpa tenho eu disso ?

— Não sei, amo-te, e nós, as mulheres, quando amamos devéras, somos capazes de tudo !

— Pois, se é capaz de tudo, veja se consegue deixar-me em paz !

— Menos disso !

— Pois, olha, filha, eusta-me a confessar, mas aoredeite que estou em uma tal situação que não me é possível absolutamente pensar em mulheres. Não imagina ! Acho-me com a vida muito atrapalhada ; falta-me tempo para tudo ; os dias fogem-me por entre os dedos como se fossem minutos. Se a senhora é minha felicidade, não queira ser a primeira a crear-me novos obstaculos. Já tenho tantos !

— Não ! Quero apenas saber se amas a uma outra mulher.

— Não ! já lhe disse que não, e accrescento que, se não amo, é porque não posso, é porque não tenho geito, não tenho tempo, e é porque agora me falem recursos para isso ! Está satisfeita ?

— Pois, se não amas a outra juro-te que hei de, á força de dedicação, fazer-me amada por ti ! Verás !

— Aconselho-lhe que não tente semelhante cousa ! Perderia o seu tempo ! O que não falta por ahí são rapazes em muito melhores circumstancias do que eu. Experimente e verá !

— Mas se só a ti desejo e amo ? Se ninguem é bello, forte, intelligente como tu ?

— Sempre a mesma cantiga ! exclamou Theobaldo. Malditos dotes ! Afinal, preferia ser mais feio do que o Coruja !

— Não blasphemes !

— Qual blasphemes, nem qual historias ! Quer saber de uma cousa ? Errou a pontaria. Veiu buscar amor ? Pois bem — não ha !

E, passeando de um lado para outro, furioso :

— Oh ! oh ! é demais ! Não tenho obrigação nenhuma de aturar isto ! Apre !

Ernestina, defronte daquelle transbordamento de colera, principiou a soluçar, dizendo — que era a mais desgraçada das mulheres ; que amava um homem que a tratava daquelle modo, e, emfim, que — se Theobaldo não estivesse disposto a ser mais generoso, ella daria cabo da vida.

— Faça o que entender, minha senhora !

— Tu serás a causa de minha desgraça !

— Paciencia !

— Malvado !

— Não acho ! A senhora é infeliz porque me ama ; não me amasse !

Ella então lançou-lhe os braços em volta do pescoço e abriu a dizer entre beijos :

— Não ! não é possível que sejas tão máo ! Sei que dizes tudo



isso para me experimentar ! Amo-te, adoro-te ! Estou disposta a afrontar tudo !

Theobaldo desembaraçou-se das mãos della grosseiramente, foi buscar o chapéo, enterrou-o na cabeça e sahiu, dando-se aos diabos.

A pobre rapariga, depois do esforço que fizera para detel-o, deu ainda alguns passos, muito offegante, até á porta e afinal cahiu sem sentidos. Esta crise era promovida pelo despeito e em grande parte pela ausencia do jantar.

Coruja, que no seu quarto apromptava com pressa um trabalho para o dia seguinte, ouviu-lhe o baque da queda e correu a soccorrel-a.

— Que significa isto ? perguntou elle, erguendo-a do chão e indo depol-a sobre a cama de Theobaldo, que ficava na alcova proxima.

— Fugiu-me ! disse a infeliz, abrindo os olhos e soluçando com mais ancia ; — fugiu-me, depois de dizer que não me amava e que nunca me amaria !

— Pois elle disse isso ?... murmurou André, sem saber o que devia fazer, muito perturbado com aquellas lagrimas e com aquelle desespero.

— E' um ingrato ! E' um homem máo ! exclamava ella nas curtas intermittencias do choro. E' um malvado.

— Veja se consegue ficar tranquilla... aconselhava o professor a acarinhál-a. Faça por isso...

E, com uma idéa :

— Mas, agora reparo, a senhora está aquí ha um bom par de horas e naturalmente precisa comer.

Vou arranjar-lhe qualquer cousa.

— Não se incommode.

— E' que por essa fórma a senhora ficará peor. Vamos, procure tranquillisar-se emquanto lhe arranjo a ceia.

Ella aceitou afinal e o Coruja afastou-se.

No fim de um quarto de hora voltava elle com uma bandeja nos braços.

— Veja se consegue sempre metter alguma cousa no estomago, dizia a arranjar a mesa ; eu lhe farei companhia. Vamos.

Ernestina arrastou-se ainda muito chorosa até á mesa e, entre suspiros, principiou a comer. O Coruja ao seu lado desfazia-se em sollicitudes, sem aliás conseguir animal-a.

— Oh ! mas é que dóe muito semelhante ingratidão ! exclamava ella com a bocca cheia. Um rapaz, por quem eu seria capaz de dar

a vida, tratar-me desde modo, dizer-me cara a cara o que me disse e, afinal, sahir como sahiu, desprezando-me, nem que se eu fosse um cão tihoso !

— E' que elle estava hoje de máo humor, coitado ! arriscou André. Ha de ver que amanhã já a tratará de outro modo...

— Qual ! amanhã fará peor ; tola fui eu em mostrar-me apaixonada ! Ingrato !

O professor empregou ainda alguns esforços para tranquillisal-a e depois confessou que estava muito atrapalhado de serviço e precisava continual-o.

— Não me posso descuidar um instante, accrescentou. E' um trabalho com pressa. Olhe, a senhora fique a seu gosto, está em sua casa, se precisar de qualquer cousa é só chamar por mim. Com licença. Até logo.

E, enquanto elle se afastava, muito feio com o seu ar gumento e mal amanhado, Ernestina murmurava :

— Foi-se aquelle ingrato e ainda por cima deixa-me aqui esta maldito Coruja, que a gente só de olhar para elle parece que fica doente ! Credo ! Que estupor !

### XIII

Theobaldo sahiu de casa verdadeiramente aborrecido.

— Malditas fossem todas as mulheres ! Maldito fosse elle, que não conseguia dar um passo sem tropeçar logo n'um rabo de saia ! Arre ! Era preciso despedir-se de Leonilia por uma vez e fazer com todas as outras o que fizera com Ernestina ! Esta com certeza estava mais que despachada !

E, assim considerando pelo eaminho, principiou a passar uma revista mental aos seus amores.

— No fim de contas, pensava, só trouxera de tudo isso consequencias ridiculas ou perniciosas, que serviam apenas para lhe atrazar a vida e afastal-o dos seus verdadeiros interesses. Ah ! mas desta vez havia de tomar uma resolução, uma medida séria ! Naquelle andar não conseguiria nunca fazer carreira !... A ter de ter amores, que fossem estes com mulheres de quem lhe viesse algum beneficio real ; mulheres que, lhe abrindo os braços, abrissem-lhe tambem as portas de um futuro garantido e commodo. Estava disposto a amar, sim senhor, comtanto que lhe viesse dahi algum proveito immediato para as suas ambições.

Com estes calculos chegava ao largo de S. Francisco, quando o Aguiar lhe bateu no hombro. Virou-se, sem ter tempo de compor um sorriso amavel.

— Oh ! Estás com uma cara ! disse-lhe aquelle.

— Não é nada ! Tédio.

— Eu tambem não me sinto de bom humor. Dormi mal á noite passada e tive enxaqueca durante todo o dia. Vou beber para ver se distraio ; queres vir tambem ?

— Não, obrigado ; estou incapaz de tudo.

— Anda dahi.

— Está bom. Vamos lá.

E á mesa do botequim, defronte dos copos de cerveja :

— Mas, que diabo tens tu ? perguntou Aguiar.

— Desanimado, filho, totalmente desanimado ! Não imaginas a serie de contrariedades que me succedem todos os dias. Agora, para cumulo de caiporismo, é o diabo da Leonilia que entendeu perseguir-me de um modo atroz !

E contou minuciosamente o que ella fizera.

Aguiar abriu os olhos com exagero de espanto.

— Que ! Pois seria crível ? Ora, para que lhe havia de dar ! exclamava a rir. Paixão aguda, com caracter pernicioso ! Pobre Leonilia.

— Pobre, mas é de mim ! emendou Theobaldo, muito preocupado.

— De ti ? Tu o que és é um grande felizardo ! disse o outro. As mulheres procuram-te e são capazes de ir ao inferno para te descobrirem !

— Não está má fortuna ! Dava-a de boa vontade a quem a quizesse !

— Deixa-te disso...

— Juro-te, meu amigo, que estou devéras aborrecido com tudo isto e que de bom grado abandonaria o Rio de Janeiro, se me achasse em condições de fazer uma viagem.

Depois de alguns outros copos, os dous rapazes ficaram mais expansivos. Aguiar confessou então, que a causa do seu má-estar não era tal a noite mal passada, nem tão pouco a supposta enxaqueca, mas o diabinho de uma prima que elle tinha, um diabinho de quinze annos, que elle adorava, sem conseguir arrancar-lhe um ar de sua graça.

— Não te corresponde ?

— Qual ! parece até embirrar commigo. Talvez me confunda com os typos que a cobiçam por causa do dote...

— Ah ! é rica !

— Tem cento e tantos contos... Ah ! mas tu sabes perfeita-mente que eu, só por parte de minha mãe, possuo mais do que isso, sem contar com a morte de meu avô.

Theobaldo soltou um suspiro.

— Já vêes... disse o outro, que não é pelo dote !

— Está claro !

— Pois, apesar disso, não consigo agradal-a. Tenho empregado todos os meios ; não penso em outra cousa : persigo-a por toda a parte, e a malvadinha cada vez mais cruel !

— De certo ; toda a mulher foge enquanto a perseguem. Deixa-a de mão ; finge indiferença, e verá que ella se chega.

— Homem, e dizes bem, vou fazer-me indifferente.

Mas accrescentou logo depois : Qual ! E' impossivel ! Não tenho forças para isso !... Será bastante vel-a, enconral-a na rua, para que eu perca de todo a cabeça e não saiba mais regular os meus actos. Fico louco !

— Oh ! mas então a cousa é séria !

— Que queres tu ? Adora-a ?

— Ella é bonita ?

— Encantadora ! Queres ver o retrato ?

E, tirando do bolso uma photographia :

— Olha.

— E' linda, com effeito. Pois, filho, se estás tão apaixonado, é insistir, porque a agua molle em pedra dura...

— Sim, mas já me vão faltando as esperanças de conseguir qualquer cousa... E, sabes ? Ella depois de amanhã faz annos ; hesito ainda no presente que lhe devo dar...

— Não lhe dêes nada.

— Impossivel. Ha uma festa em casa da familia. O pai, o commandador Rodrigues, que protege as minhas pretensões sobre a filha, convidou-me.

— Ah ! O pae protege-te ?

— Pai, parentes, amigos, todos me protegem, menos ella.

— E' o diabo ! Estás mal !

— Comtudo, ainda não desanimei de todo e vou experimentar uma idéa, que tive agora, uma idéa para o dia de seus annos.

— Qual é ?

— Uma idéa... só tu, porém, me podes valer.

— Eu ? De que me valerei ?

— Vou levar-lhe... uma poesia... Que achas ?

— E' um presentinho muito simpatico.



— Diabo! exclamou, fechando sobre si a porta da rua. Pois nem com a minha pobre cama posso contar?

Neste instante, Ernestina, que havia acordado, apparecia á janella. estremunhada e afflicta.

— Que! pois não ficas em casa?! perguntou ella.

— De certo! respondeu de baixo o moço com raiva. Pois se encontro a cama occupada?

— E's um homem impossivel!

E ouviram-se soluços.

— Impossivel é a senhora! gritou elle. Creio que não podia lhe falar com mais franqueza do que falei! Fez mal em ficar!

— Sobe! pediu ella com a voz chorosa.

— Não me aborreça? replicou Theobaldo, afastando-se furioso.

E pensar, considerava o fugitivo pela rua, que não fui ter hoje com Leonilia só para gozar uma noite completamente socegada...

E, depois de alguns passos, enquanto seu pensamento trabalhava, deteve-se no meio da rua, batendo freneticamente com a bengala no chão.

— Mas isto não tem geito! No fim de contas é uma violencia que me incommoda, que me irrita, que me põe neste estado! Quero dormir, quero repousar e nem isso me permittem! Antes ser escravo! antes ser um cão, que esses a menos descansam!

Então foi que se lembrou da carta encontrada sobre a mesa; aproximou-se de um lampeão e abrin-a.

Reconheceu logo pelo sobrescripto que era de Leonilia.

» Theobaldo — Confesso-te que estou devéras surpresa com o teu procedimento; vejo que me enganei — não és um cavalheiro. Por tua causa enterrei-me neste arrabalde, transformei toda a minha vida, e tu, logo nos primeiros dias, foges de mim como se eu fosse a peste em pessoa; ora, has de... »

Theobaldo não leu o resto; amarrotou a folha de papel entre os dedos e lançou-a fóra com arremesso.

— Vão todas para o diabo! disse, e foi continuando a caminhar até á porta do hotel Paris. Bateu e pediu um quarto.

Só recolhido se lembrou de que tinha comsigo pouco dinheiro e, pois, não devia gastal-o em cousas superfluas.

— Amanhã... amanhã darei um geito a tudo isto!... deliberou entre os lençóes. Vou falar com franqueza ao Coruja e pedir-lhe que me ajude a fugir desta critica situação em que me acho...

Elle é muito capaz de descobrir um meio, e se não descobrir, arranjaréi o negocio por minha conta... Aquelles demonios das mulheres...

Adormeceu em meio deste raciocinio e tão profundamente, que só acordou no dia seguinte a uma hora da tarde.

A despeito disso não teve vontade de sahir da cama ; um entorpecimento doentio parecia chumbal-o ao colchão ; e, com os olhos ainda cerrados, deixava que a sua consciencia funcionasse á vontade, grupando em torno della um mundo de exprobrações.

Para mais lhe enervar o espirito ali estava aquelle insociavel aspecto do quarto de hotel, onde se sentiam ainda os rastros da ultima mulher que o habitára.

Theobaldo, despertando afinal, reparou para tudo isso, minuciosamente, com o doloroso prazer de quem repisa de proposito uma parte do corpo que está dorida e machucada.

A cama era muito larga, com um grande colchão de molas, onde o corpo se abysmava ; os travesseiros monstruosos e enfeitados de rendas e fitas ; e por cima um immenso cortinado de labiryntho, enxovalhado de pó. Sobre o marmore do lavatorio, via-se a bacia de gigantescas proporções, ao lado de uma porção de vasilhas de porcellana ; e, em contraste com o resto, um miseravel pedaço de sabão de 200 rs., fornecido pelo hotel. Ao canto da pedra, esquecida sobre os rebordos do lavatorio, havia uma escova de dentes, suja de opiato.

E todo esse aspecto de abandono e desleixo, todo esse falso conforto de quarto sem dono e nunca desoccupado, tudo isso ainda mais o entristecia e acabrunhava.

Depois — o facto de não ter mudado de roupa e ver-se obrigado a vestir aquella mesma camisa da vespera tambem o torturava.

— Maldita Ernestina !

Pagas a dormida e uma chicara de café que lhe deram, não lhe ficava dinheiro sufficiente para o almoço ; vestiu-se, disposto a sahir logo. Mas, enquanto se apromptava, ouviu no quarto immediato uma voz grossa, de homem, que altercava com o creado.

— Esta voz !... pensou o rapaz.

E, tomado de curiosidade, abriu a porta e espiou para o corredor, justamente quando o seu vizinho ia a sahir.

— Mas, não me engano ! exclamou. E' elle ! é o marido da tia Gemi ! o velho Hyppolito !

— Velho, não ! respondeu o homem. Velho é trapo !

E a sua testa enrugava-se em orlas regulares, como agua onde cahisse uma pedra.

E reparando :

— Ora, espera ! Você é o Theobaldó !...

— Em carne e osso, meu tio.

As orlas da testa do velho accentuaram-se mais, n'uma expressão de contrariedade, que elle não procurava disfarçar ; circumstancia que alterou no mesmo instante o ar de contentamento que se havia formado no rosto do moço.

— Não sabia que o senhor estava na côrte... disse este, para quebrar o silencio.

— Cheguei hontem e tive o caiporismo de metter-me no diabo deste hotel, que afinal me parece o menos proprio para mim ! Com a breca, só vejo francezas e pelintras ! E, demais, esfolam-me ! Pedem-me os olhos da cara por dar cá aquella palha ! Você mora aqui ?...

— Não, senhor ; vim apenas dormir esta noite : mas a ninguem lembra morar neste hotel. O senhor deve procurar outro. Como ficou minha tia ?

— Bem. Está perfeitamente boa !

— Oh ! dir-se-hia que o senhor dá noticias de sua mulher contra a vontade...

— E' o meu genio !

E, sem poder dominar-se :

— Demais, para que precisa você das noticias de sua tia ? Parece-me que uma pessoa que, durante dous annos, não se lembrou dos parêntes, não ha de ter muito interesse por elles...

— Perdão ! replicou Theobaldo. — Eu escrevi á tia Gemi por occasião da morte de meu pai e depois creio que mais duas vezes; segundo, porém, a unica resposta que recebi, quiz acreditar qua tanto ella como o senhor estavam persuadidos de que eu lhes escrevia para obter dinheiro, e...

— Ah, sim ! Sua tia chegou a falar-me em dar-lhe uma mesada, mas, se me não engano, você foi o proprio a rejeital-a.

— Não me lembro disso, mas é natural que seja exacto.

— Pois eu me lembro perfeitamente e affianço que é.

— Bom.

E Theobaldo declarou o numero da casa em que morava e pol-a á disposição do tio.

— Passe bem ! respondeu este.

E, quando o rapaz havia se afastado :

— Um peralto a que abandonou os estudos, que não arranjou.



meios de vida, um pobre diabo ! ainda vem para aqui com soberbias !... Bata a outra porta, se quizer : commigo não se arranjará ! Ah ! eu logo vi que semelhante educação havia de dar nisto mesmo !

Entretanto Theobaldo soffria e soffria muito. Só quem já atravessou uma boa quadra de necessidades, quando se tem o estomago mal confortado e o coração cheio de orgulho, poderá julgar do desgosto profundo e do tédio homicida que o acompanhavam.

Maldita educação ! Maldito temperamento ! Compreender o seu estado e não poder reagir contra elle ; sentir escorregar-se para o abysmo e não conseguir sustentar a queda ; haverá maior desgraça e mais dolorosa tortura ?

A surda afflicção que lhe punha no espirito a sua falta de recursos, a força de reproduzir-se, havia já se convertido em estado pathologico, n'uma especie de enfermidade nervosa, que o trazia sempre desinquietao e lhe dêra o habito de levantar de vez em quando o canto do labio superior com um certo tregeito de impaciencia.

Orgulhoso como era, a ninguem, a nenhum amigo, excepção feita do Coruja, confessava as suas necessidades, e este facto ainda mais as aggravava.

E quando em taes occasiões lhe pediam dinheiro emprestado ? Oh ! não se pôde imaginar que supplicio para Theobaldo !

Principiava por lhe faltar a coragem de confessar que não o tinha ; e, se o do pedido insistia, começava elle a arranjar pretextos, a remanchar, a prometter para d'ahi a pouco, a mentir, como um caloteiro que deseja engodar um credor impertinente.

E, se o sujeito não desistia, Theobaldo dizia-lhe que esperasse um instante e corria a empenhar o relógio, a arranjar dinheiro fosse lá como fosse, comtanto que não tivesse de confessar a sua miseria a outro necessitado.

Estes sacrificios eram tanto mais rigorosamente cumpridos, quanto menos seu amigo era o sujeito que lhe fazia o pedido ; não representavam desejo de servir, mas pura e simples manifestação de vaidade.

Quando, porém, o pedinchão lhe era de todo desconhecido, Theobaldo preferia passar por máo e respondia-lhe com a logica de um sovina, e aos mendigos negava a esmola rindo, fingindo não acreditar nas lagrimas de fome que muita vez lhes saltavam dos olhos.

## XIV

Voltou á casa ás horas de jantar, e mais aborrecido do que nunca. Para isto contribuiu em grande parte a insociavel catadura com que o tio o recebeu.

Ao entrar na alcova soltou uma exclamação :

— Pois a senhora ainda está ahí? perguntou ao dar com Ernestina estendida na cama — Ora esta !

— Você é um malvado ! respondeu ella com difficuldade, por causa de uma formidavel rouquidão. Você é um judeu !

— Está incommodada ?

A teimosa meneou a cabeça affirmativamente e explicou, mais por mimica do que por palavras, que aquella sua ida á janella a puzera naquelle estado.

— Estou ardente em febre, disse — Seu amigo chamou um medico, foi buscar os remedios e deu-me um suadouro. Creio que vou transpirar. E' preciso não abrir a janella.

— Pois eu hei de ficar fechado aqui com este calor? Ora, minha senhora !

E o peor, pensava elle, é que estou sem vintem.

Entretanto, desceu ao banheiro, lavou-sc, mudou de roupa e, antes de assentar-se á mesa de jantar, chamou pelo Caetano e, entregando-lhe o seu relógio e a sua corrente, ordenou-lhe que levasse esses objectos a uma casa de penhores.

— Irei depois, objectou o creado. — por enquanto tenho de servir o jantar.

— E o Sabino ?

O Sabino desapareceu ha tres dias.

— Bem, nesse caso irás depois.

E mais baixó : A Ernestina almoçou ?

— Bebeu um caldo. O medico recommendou que não lhe dessem nada de comer.

— Bom. Não te descuides della.

— E' verdade ! acrescentou o creado — aqui está uma carta de Minas para vocemecê.

— Por falar nisso : o Hyppolito chegou ; já sabias ?

— Ainda não senhor. Vocemecê falou com elle ? Como ficou sinhá Gemi ?

— E' della justamente esta carta. Vejamos.

« Querido sobrinho — Teu tio segue amanhã para ahi, vai tratar da compra de um engenho e conta demorar-se um mez ou mais ; desejaria eu que o procurasses logo que esta recebesses. Elle ha de falar-te sobre um pedido que lhe fiz a teu respeito : é uma questã de mesada, vista que, segundo me consta, tens ahi, depois da morte de teu pai, lutado com grandes difficuldades. Eu, se ha mais tempo não fui ao teu soccorro, é porque teu tio está cada vez mais apertado em questões de dinheiro e não queria por cousa alguma entrar em accordo commigo.

« Mas agora couscgui delle prometter-me que te havia de procurar e que te daria 50 \$ por mez ; não é muito, bem sei, mas com esse pouco e alguma boa vontade poderás continuar os estudos, que muito lamento haveres interrompido.

« Acredita, meu filho, que, se a cousa dependesse só de mim, não chegarias a soffrer a menor privação ; posto que nunca te lembres desta tua pobre tia, que muito te ama e quer.

« Adeus. Recebe um abraço, dá lembranças ao Caetano e, quando puderes, vem fazer um passeio á fazenda ».

O creado, que ouvira attentamente a leitura chorava de alegria quando o amo acabou a carta.

— Sim senhor ! Gostei ! exclamou elle — não esperava outra cousa de sinhá Gemi !

— E no entanto, respondeu Theobaldo, nada disto me adianta idéa : já estive hoje com meu tio e recusei de antemão a mesada !

— Pois vocemecê recusa a mesada de sua tia ?

— Não é por ella, é por aquelle malcreado do Hyppolito.

— Vocemecê faz mal.

— Embirro com elle. Acabou-se !

E erguendo-se da mesa : — Mas que ainda fazes ahi ? Dá-me o café e vai onde te mandei. Anda ! — Então ! Não te mexes ? Caetano dirigiu-se para a porta, mas voltou hesitando.

— Então ! fez Theobaldo.

— E' que, se vocemecê permittisse... eu tenho ahi algum dinheirinho, que...

— Não, não, obrigado, meu amigo, não te incomodes ; desejo mesmo empenhar o relógio... Anda ! Vai !

Então faça ao menos uma cousa : empenhe-o em minhas mãos ; sempre é mais seguro...

— A ! Que és mais impertinente do que o proprio Samuel ! disse o rapaz.

E o Caetano, aproveitando esse bom humor, correu ao seu quarto e voltou com uma pequena caixa de folha.

— Vocemecê tenha a bondade de servir-se...

Theobaldo retirou duas notas de vinte mil réis.

— Estás satisfeito, usurario? Não sabia que era essa a tua vocação!

— Agora, vocemecê faz me um favor...

— Ainda?

— E' de guardar-me esses objectos; podem rouba-os e...

— Mas, que diabo! eu não devo ficar com o dinheiro e com o penhor!

— Vocemecê pagará depois os juros...

— Tambem já entendes de juros, hein?...

— Oh! se entendo... Fosse vivo nhô Miló, coitado! que elle lhe diria as contas que eu sabia fazer de cabeça!... Nunca me passaram a perna n'um vintem!

— Pois olha, se com todos fazias negocios desta ordem, podes limpar as mãos á parede!

O velho, satisfeito com o que acabava de dar-se, prendeu por suas proprias mãos a corrente ao collete do ano, mettu-lhe o relógio na algibeira e afastou-se, receioso de commovel-o com a sua presença.

Logo depois Theobaldo sahiu e dirigiu-se directamente para o collegio onde trabalhava o Coruja.

Encontrou-o ainda occupado com a ultima aula e dispoz-se a esperar por elle.

— Tu por aqui? disse André, quando lhe appareceu no fim de mcia hora.

— E' verdade, procurei-te para te pedir um obsequio.

— Estou ás tuas ordens.

— Quando fores para casa, se ainda encontrares lá aquella estafermo, despede-a por uma vez e dize-lhe que eu não voltarei enquanto me constar que ella não se foi embora.

— A Ernestina? mas sabes que ella está doente?

— Apenas constipada; não é motivo para não ir.

— Coitada. Ella parece gostar tanto de ti...

— De acordo, mas eu é que não tenho nada como isso. São muito engraçadas estas senhoras: entendem que um homem, pelo simples facto de que as agrada e lhes merece amor, deve ficar submisso ás ordens dellas.

— Mas...

— Imagina tu que vinte mulheres pensam do mesmo modo e ao mesmo tempo a meu respeito; algumas, pelo menos, ficarão fatalmente sacrificadas, porque a gente não pôde dedicar-se a

tantas... E note-se que nenhuma dellas admittre divisões de ternura; cada uma quer tudo para si e leva o egoismo ao ponto de não consentir que o objecto do seu amor pense em outra pessoa que não seja ella! Ah! E' uma bella cousa, não ha duvida!

— Escolhe uma entre todas e dedica-te só a essa. A Ernestina, por exemplo...

— Não, não quero Ernestina, como não quero nenhuma. Trata tu de despachal-a, que eu me encarrego das mais. D'aqui, vou já principiar a cuidar disso; é preciso não perder tempo Adeus.

Coruja quiz ainda detel-o:

— Olha, ouve!

— Nada! Faze-me o que te pedi e, se ella de todo não quizer sahir, amanhã mesmo nos mudaremos. Adeus.

E ganhou a rua, tomando logo a direcção da casa de Leonilia.

Durante o caminho fez ainda varias considerações sobre aquella « terrivel fatalidade » que lhe prendia aos calcanhares uma inevitavel cauda de mulheres. Supplicio estranho, contra o qual não havia remedio possivel, a não ser que elle fugisse para um logar onde só houvesse homens.

Theobaldo tinha um desses typos de que em geral gostam infinitamente as senhoras de moral fraca. Nelle tudo parecia feito de proposito para captival-as: os seus grandes olhos apaixonados, ora ternos, ora atrevidos, tão promptos a desmaiarem de amor como a ferirem com arrogancia; o seu pequeno bigode crespo, arrebitado; a sua bocca desdenhosa, aristocrata e sensual a um tempo; a sua frente de homem de talento, sobre a qual uma bella cabeilleira cahia em aneis que se agitavam ao menor movimento da cabeça; o seu largo pescoço de esttua, pallido e rijo como o marmore; o seu perfil sereno e firme, orlado pela fina transparencia do epiderme; as suas mãos longas e formosas; o seu porte gracioso e desaffectedamente altivo; a sua voz insinuante e ligeiramente ironica; a sua verbosidade original, cheia de espirito e alheia apparentemente ao effeito que levantava; tudo isso, e mais os pequeninos nadas do seu todo, que ninguem poderia determinar, mas que todos sentiam como se sente um perfume sem saber d'onde elle vem; tudo isso parecia destinado a encher de sonhos a fantasia das mulheres avidas de ideal. E cada uma dellas via nelle o homem ambicionado; e cada uma, por amal-o como as outras, entendia-se com o direito exclusivo de perseguil-o.

Triste martyrio para quem, como Theobaldo, não queria aceitar favores de qualquer genero que fosse, e para quem era necessario cuidar seriamente do futuro.

E a graça é que a pobreza, a que elle se via agora reduzido, longe de ser uma barreira de resguardo contra aquella invasão, era como que em novo attractivo ajuntado aos seus encantos. E quanto mais fugia dellas, com tanta mais insistencia o rebuscavam; quanto era maior a sua indifferença, tanto maior o empenho que ellas faziam. Se as tratava pelo modo por que tratou Ernestina, se as ameaçava, se lhes chegava a bater, como fizera a diversas, então é que o não deixavam de todo e a perseguição contra o bello desgraçado tomava um caracter horroso.

Elle, que a principio com isso se divertia, chegando até a julgar-se lisongeado no seu amor-proprio, já por ultimo andava sinceramente aborrecido com tanto amor; já o irritavam os beijos soluçados e as delirantes palavras de ternura. — Ah! não queria ouvir falar em paixão, e fugia de certas mulheres como um criminoso foge da Policia.

A Albertina, então, uma actriz de segunda ordem em tudo, mas que não perdia as esperanças de conquistal-o, cessa o trazia n'um cortado. Era bispal-a, quebrava elle a primeira esquina, mettia-se no primeiro corredor, enfiava pela primeira escada, e, apezar disto, não conseguia escapar-lhe, porque o demonio da mulher parecia ter faro de cão matteiro.

Quando elle chegou á casa de Leonilia, disseram-lhe que esta havias-e mudado para um hotel na Tijuca, porque o medico assim lh'o ordenára.

— Está doente? perguntou Theobaldo.

Responderam-lhe que sim, que lhe apparecêra febre, uma enorme sobreexcitação nervosa, fastio e dores na caixa do peito.

Entrou na alcova. O isolamento desta, em vez de o impressionar desagradavelmente, trouxe lhe ao contrario um certo prazer intimo de quem se vê livre de uma maçada que já tinha como evitavel.

Deitou-se na cama e tomou um livro que estava sobre o velador. Dentro do livro havia uma carta sobrescriptada para elle.

— Escreveu-me, mas não se animou a remetter-me a carta, pensou, abrindo-a.

« Theobaldo.

« E's um miseravel. Melhor seria que, em vez de procederes infamemente para commigo, como acabas de proceder, me houveses falado logo com toda a franqueza e tivesses me mandado para o diabo. Seria mais simples e muito mais digno. Até hoje homem nenhum teve a petulancia de fazer me a vigesima parte do que tens feito ; envergonho-me de me haver illudido ao ponto de contar, já não digò com o teu amor, que tu só amas a ti proprio, mas ao menos com o teu reconhecimento, que era dever teu para commigo.

« Sahiste-me vulgar e mesquinho como os outros — paciencia !

« Hontem fui á tua casa ; mas, ao subir as escadas ouvi uma voz de mulher, espiei pela fechadura, vi-te a discutir e a ralhar com uma sujeita ; alguma scena de ciumes ! quiz entrar e confundir a ambos, resolvi, porém, não ligar tanta importancia a um facto que afinal não a merecia, e sahi com a intenção de nunca mais te procurar.

« Ao chegar á casa, ardia em febre ; á noite não pude me levantar da cama ; veio o medico, aconselho-me todo o repouso, e que eu evitasse contrariedades e que, mal me achasse em estado de sahir, procurasse um arrabalde bem tranquillo e salubre.

« Não sei qual é a minha molestia, posso apenas afiançar que estou muito doente, nervosa a um ponto de fazer lastima, sem poder comer e sem poder dormir ; a bocca muito amarga, a caixa do peito muito dorida, e que a causa de tudo isso — és tu.

« Não obstante perdô-te, porque não és o culpado de te amar eu tanto. Só desejo que nunca te façam passar pelo que me tens feito soffrer.

« Adeus. Amanhã sigo para a Tijuca, e é natural que em breve esteja de viagem para a Europa. Se quizeres me ver antes disto procura-me e, se não quizeres, remette-me o teu retrato. Adeus. »

Assignára o nome della.

, — Sempre a mesma cousa !... pensou Theobaldo com um gesto de aborrecimento ; mas foi interrompido pelo creado, que vinha fazer entrega de uma carta que deixára a senhora.

— Uma carta ?... Para mim ?... perguntou o rapaz.

— Sim, para o Sr. Theobaldo.

Lembrou-se este então de que a outra, que acabava de ler, não lhe tinha sido remettida e abriu a nova com uma certa curiosidade.

« Querido Theobaldo.

« Peço-lhe que não me procure. Deixo esta casinha por intarreses particulares e é natural que do logar a que me destino siga logo para a Europa.

« Sou inconstante, perdôe, é uma questão de temperamento!

« Adeus. Seja feliz! »

Theobaldo riu ao terminar a leitura.

— Coitada! disse consigo — Foi infeliz! esqueceu-se de inutilisar a outra carta, sem o que talvez produzisse esta o effeito a que se destina. Definitivamente não nasci para soffrer pelas mulheres!...

E, ganhando de novo a rua :

— D'aqui nada mais tenho a receiar! Desta estou livre!

Ao entrar na cidade encontrou logo o Aguiar.

— Amanhã, hein? disse-lhe este, não te esqueças!

Theobaldo já se não lembrava de que.

— Oh! homem, da festa de meu tio! Amanhã é o dia dos annos de Branca.

— Ah! sim! E' bem possível que eu vá.

E seguiram juntos, para tomar alguma cousa.

## XV

Emquanto para Theobaldo a vida corria desse modo, oscilando entre amarguras e contrariedades de todo o genero; enquanto elle soffria por não ter coragem para abrir por uma vez contra os seus habitos e tomar energicamente um novo caminho o Coruja ralava-se de serviço, preocupado apenas pela idéa de que nada viesse a faltar ao seu amigo.

Dahi começou para André uma triste época de sacrificios ignorados e obscuras privações. O director do collegio chegou a dizer-lhe que não se apresentasse tão mal trajado; elle, com effeito, trazia agora um fato que, á força de uso, perdêra de todo a côr primitiva e já em certos logares se mostrava transparente.

A sua economia, depois que Theobaldo precisava de soccorros, parecia milagrosa: só comprava roupa já usada e calçado já servido, e com este regimen, e mais sem ter nenhum vicio e comendo a expensas do collegio, passava semanas intciras sem gastar um vintem com a sua pessoa.

Entretanto, não vivia alegre, porque, apezar de tamanho heroismo, Theobaldo ainda soffria privações.



Um outro motivo do seu desgosto era D. Margarida. A velha, desesperada com a demora do casamento da filha, acabára por perder de todo a paciencia e desabafou uma vez defronte do Coruja :

— Elle, se não tinha intenção de casar, por que illudiu a pobre rapariga ?

— Eu não a illudi... explicou André, corando. Pelo menos nunca tive a idéa de illudir pessoa alguma...

— Então por que não casou já por uma vez ?

— Porque tenho encontrado difficuldades com que não contava...

— Ora ! é sempre a mesma cantiga ! Difficuldades ! e afinal de contas o senhor não é capaz de dizer que difficuldades são essas ! ? Eu, por mim, confesso que já desconfiei do negocio e, quando dou para desconfiar, é o diabo ! Para o que, veja-se : Dantes, quando o senhor ainda não estava tão ligado a nós, trazia-nos quasi sempre algum presente : eram córtes de chita, eram lenços, latas de doce, camarotes de theatro... e hoje ? ! Hoje é isto que se vê ! O senhor esbodega-se lá por fóra e já faz muito quando nos traz uma desgraçada libra de café ! Ainda se gastasse comsigo, vá ! mas nem isso, que o senhor anda mais bodega que um cigano ! tem a roupa a cahir os pedaços, os sapatos que é uma vergonha, só a camisa é decente, porque a engommamos nós ! Ora, pois, a cousa está a entrar pelos olhos ! Pois então, quando o senhor ganhava muito menos, podia gastar comsigo e comnosco, e agora, que faz por mez o dobro do que fazia, não tem com que comprar um chapéo, para não se apresentar com essa rodilha de limpar panellas, que até encalistra a quem se dá com o senhor ? !

— E' exacto... é exacto, dizia o Coruja, envergonhado de si mesmo.

— Ora, pois ! Isto é cousa ! Gato ou raposa ! Quanto a mim, digo-lhe com franqueza, ninguem me tira da cabeça que o senhor o que tem é por ahí algum diabo de uma mulher que lhe come até á ultima !

O Coruja, ao ouvir isto, fez-se côr de sangue e balbuciu escandalisado :

— A senhora está enganada, Sra. D. Margarida !...

Pois, então, se não é uma mulher que o está depennando, o senhor deu para jogador...

— Jogador ! Eu ?

— Sem duvido !...

— Deve duvidar, sim, senhora ! Eu nunca joguei !...

— Então deu para avarento !

— Se eu tivesse peculio ajuntado já não estaria solteiro.

— Pois então não sei! A verdade, porém, é que o senhor ganha e o dinheiro não apparece!...

E estas recriminações iam longe. Ignezinha em compensação fazia justamente o contrario :

— Não se dê por achado, *seu* Miranda, dizia-lhe ella, sempre muito molle e muito por tudo — aquillo em mamãe é genio...

— E' que não me convem casa, sem a certeza de que nada faltará a minha mulher... respondeu elle.

— De certo...

— Acho que é um crime obrigar, uma menina a soffrer necessidades...

— De certo...

— Acho que ninguem tem o direito de offerecer-se para marido, enquanto não pôde ser pai...

— De certo...

— A senhora, se quizer esperar que eu melhore de condições, espere; se não pôde, então o caso muda de figura.

— Eu estou por tudo, *seu* Miranda.

— Visto isso é preciso fazer com que sua mãe se deixe daquellas cousas...

— E' genio, coitada! Olhe, a mim nunca o senhor ouvirá dizer nada... O que tem de ser, traz força... Do que serve a gente se amofinar?... Consumições não adiantam nada...

E, como sempre, terminava com a sua invariavel phrase :

— Mais vale a nossa saude...

O Coruja, todavia, mortificava-se deveras com a situação. Por cousa alguma elle seria capaz de confessar o verdadeiro motivo da sua penuria, e só a idéa de passar por um impostor aos olhos da velha era o bastante para lhe tirar todo o socego do espirito. O facto de haver promettido casamento a uma rapariga e não ter certeza de poder cumprir honestamente com o promettido máva naquella immaculada consciencia as proporções de um crime monstruoso.

Vinham-lhe impetos, ás vezes, de escrever uma carta a Margareta, dizendo que não contasse com elle e déesse a filha a um outro que a desejasse; mas o Coruja ao lembrar-se disto já estava a ver defronte de si o tremendo vulto da velha, a gritar, com as mãos nas cadeiras :

— Então! Que é que eu dizia?! O homem esteve ou não esteve divertindo-se á nossa custa? E' ou não é um impostor? Ora, pois, isto tem geito?... Enganar assim uma pobre rapariga, fazel-a perder o seu melhor tempo e depois virar-lhe as costas!

Além de que, sendo elle tão geralmente antipathisado e desquerido, prezava do fundo da alma aquella condescendente affeição de Ignez, como um bem inesperado e singular que lhe viera quebrar o monotono abandono em que vivia. Posto que a sua extrema bondade o levasse constantemente a se esquecer de si mesmo para só cuidar dos outros, não podia ficar indifferente á vista daquelle factó, que lhe enchia o coração com esta phrase : — Eu tambem tenho uma mulher que me ama !

Amal-o-ia ?

Talvez não ; mas o que para qualquer outro não passava de simples affabilidade vulgar e obrigada ; para elle era a extrema manifestação da ternura feminil, tão habituado estava á indifferença e ao desamor dos seus semelhantes.

Para quem se acha nas trevas qualquer claridade que chega é um bello fóco de luz.

Pela primeira vez julgou possível ter uma companheira ao lado de sua vida, e esta idéa o transportou de jubilo ; ser bom para todos, indifferentemente, é um gozo, mas ser bom para quem nos retribue os sacrificios com amor e carinhos, isso já é o que se chama a felicidade.

E amou-a, idolatrou-a com a alma ajoelhada, cheia de reconhecimento e respeito ; amou-a como os crentes amam a Deus, pedindo que os não repilla nunca do seu seio.

No casamento, entretanto, elle não via apenas o caminho mais curto para chegar á felicidade, via tambem um meio de dirigir e regular as suas qualidades moraes, dando-lhes um objectivo ; o casamento era por bem dizer o modo de reunir em uma só creatura a humanidade inteira, por quem o Coruja ter-se-hia dedicado se pudesse.

Ou quem sabe se elle, considerando a grandeza exaggerada do seu coração não queria dividil-o com Ignez, á semelhança de um millionario prodigo que, receioso de não poder sozinho gastar o seu thesouro, convida uma mulher para ajudal-o ?

Por conseguinte a idéa daquelle amor, ao mesmo tempo que o consolava, o constringia.

— Mas, que fazer ?... Casar, sem dispor de meios para isso ? — não ! — Negar a Theobaldo o seu auxilio — nunca ! Logo, o melhor e mais acertado era ir protelando o seu desiguno, até que chegasse a occasião opportuna para realizal-o congnamente.

Essa occasião, porém, só chegaria com uma grande transformação na existencia de Theobaldo.

André esperava que, de um momento para outro, o amigo en-

contrasse trabalho, modificasse os seus hábitos e endireitasse a vida. — O que mais o atrapalha, dizia consigo — são as mulheres!... Elle, coitado, não tem culpa, porque até lhes fuge, como tenho já observado, mas as malditas não se lhe despregam nem á mão de Deus Padre! Não sei que diabo tem o rapaz para as enfeitar de deste modo!... São bilhetes recadinhos, visitas, uma verdadeira perseguição! Ah! se eu fosse assim querido!...

E aquellas duas creaturas, inteiramente oppostas, invejavam-se em silencio, não com essa inveja mesquinha que se transforma em raiva, mas nessa outra que produz admiração e respeito.

— Se eu fosse feliz como elle... dizia cada um por sua vez, quando falava no outro.

E tinham-se ambos na mesma conta de infortunosos: um por ser desejado de mais e o outro por bom em demasia.

Em demasia, está claro, porque o Coruja, naquella aberração, inculpada e santa, do seu amor pelos semelhantes, compadecia-se indistinctamente de todo e qualquer desgraçado, fosse um farrão ou um assassino, um ladrão ou uma prostituta.

Uma noite, já tarde, trabalhava elle, como de costume, á sua secretária, quando ouviu um forte rumor na janella que dava para o telhado, e logo depois apparecer ahi uma cabeça de homem, cujos olhos brilhavam como os do tigre.

Espantou-se, mas, tornando a si, disse com toda a calma:

— Entre.

Não era necessaria semelhante permissão, porque o homem de olhos de tigre acabava de transpor a janella e deixava-se cair no soalho, offegante e prostrado de fadiga.

— Deixe-me descansar primeiro, disse, quasi sem poder articular as palavras; depois o senhor fará de mim o que entender!...

Só então o Coruja, correndo a uma das janellas da frente, deu pelo motim em que estava a rua. Aquelle homem vinha naturalmente perseguido por soldados e talvez pelo povo; e, de telhado em telhado, conseguira chegar até ali.

Pela attitude dos que se agglomeravam lá fóra, comprehendendo que ninguém desconfiava do destino do fugitivo, pois a attenção d'elles voltava-se para o telhado de uma outra casa, donde, julgar pelas exclamações e pelas pedradas que lançavam, esperavam sem duvida ver surgir o perseguido.

— Bom, disse o Coruja; não sabem que você está aqui.

E fechou as janellas.

O sujeito vinha completamente esfarrapado, a ponto de se lhe perceber a carne das pernas e do tronco, cheia de contusões e esfoladelas que vertiam sangue.

Uma enorme cabelleira, hirsuta e destratada, cobria-lhe a cabeça e ligava-se-lhe ás grandes barbas grisalhas, dando-lhe um aspecto terrível de faccinora. Viam-se-lhe as palmas das mãos rasgadas e ensanguentadas, porque o desgraçado fizera talvez um quarto de legua de gatinhas pelos telhados.

De tão cansado que vinha não podia respirar sem abrir de toda a boca, a [patenteiar] a dentadura ennegrecida de fumo e embaciada pelo alcohol.

Logo que se achou menos convulso, voltou em torno os olhos, com o assombro de uma fera perseguida, e pediu um pouco d'água — por amor de Deus.

O Coruja, que estava a contemplar-o silenciosamente, foi buscar uma bilha cheia e trouxe-lh'a, dizendo :

— Aqui tem, amigo.

Então o homem, tomando a bilha entre as mãos enormes e sangrentas, olhou-o espantado, luzindo nos seus grandes olhos, verdes e arregalados, uma expressão de terror e de pismo.

— Beba, accrescentou o Coruja, batendo-lhe no hombro; não tenha medo, que aqui não será perseguido. Beba sem receio e descanse, que ao depois eu lhe darei de comer, se você tem fome.

Ao ouvir isto, o homem, que nesse instante acabava de despejar de um trago a bilha inteira, começou a fitar o Coruja e a rir apalermadamente.

Este arrastou para junto delle uma poltrona que havia no quarto, e disse-lhe com um gesto que se assentasse.

Não se ergueu o foragido e, cada vez mais admirado, engatinhou-se para a poltrona e ia assentar-se nella, olhando de esguelha para o Coruja, quando um rumor no corredor fel-o dar um salto e, de mãos abertas, os dedos espetados, os olhos com a mesma primeira expressão da janella, regougou assombrado :

— Quem é ? ! Quem é ? !

E precipitou-se para um dos cantos do quarto.

— Não é nada, voltou o Coruja. Talvez algum vizinho que se recolhe. Póde ficar tranquillo que aqui não lhe acontecerá mal de especie alguma. Vamos, assente-se e descanse.

Para melhor o tranquillisar, foi á porta de entrada e fechou-a por dentro, á chave. Depois, ao voltar de fazer isto, foi que notou devéras a estranha figura do seu protegido.

Este agora, de pé, com a sua grande cabelleira cahida sobre os olhos, estava medonho. Era de enorme estatura, magro, mas vigoroso ; peito cabelludo e punhos grossos, que pareciam raizes de arvore.

O Coruja sentiu-se pequeno defronte daquelle colosso. Foi quasi intimidado que se aproximou d'elle novamente, para lhe repetir que se assentasse.

O homem acompanhava-lhe todos os movimentos sempre com o mesmo desconfiado espanto. André foi ao interior da casa, andou por lá remexendo nos armarios e voltou afinal com uma travessa de carne assada e um pão.

Poz isto sobre uma mesinha, que elle mesmo desoccupou para esse fim, foi ainda buscar lá dentro uma garrafa de vinho e disse ao hospede :

— Coma.

O foragido, sem deixar de lhe acompanhar os menores movimentos, encaminhou-se logo para a mesa e ia lançar-se sofregamente sobre a comida, quando uma explosão de soluços lhe tomou a garganta; e, escondendo a carranca nas suas mãos enormes, elle soluçava com tal impeto, que o corpo todo se lhe sacudia nos arrancos do choro.

Coruja não deu palavra, deixou o homem chorar á vontade e poz-se a fingir que lia um livro junto á secretária; depois foi fazer café.

Passada a crise das lagrimas, o desgraçado principiou a comer, a comer muito, como quem traz uma velha fome de muitos dias. Deixou os pratos limpos e a garrafa enxuta.

— Sente-se agora melhor ? perguntou o rapaz.

O outro tomou-lhe a mão e beijou-l'ha, enquanto dous fios grossos lhe escorriam dos olhos pela aspereza das barbas.

— Está prompto o café, disse Coruja indo buscar a machina e enchendo duas chicaras.

— Nisto eu lhe faço companhia.

E, depois de lhe passar uma dellas ;

— O senhor talvez esteja habituado a fumar...

O hospede fez um gesto affirmativo e elle apressou-se a ir buscar um dos charutos que comprara para Theobaldo.

Durante o café conversaram. O homem declarou que era muito desgraçado : fôra trabalhador, tinha o officio de ferreiro, mas estava preso havia mais de tres annos e só agora conseguira fugir, depois de frustradas tentativas, que só lhe renderam novas penas e novos castigos.

— Por que o prenderam ?

— Porque eu matei minha mulher. Havia muito tempo que andava desconfiado della, um dia escondi-me, vi entrar um homem no meu quarto e, quando a descarada appareceu para se deitar com elle, metti-lhe uma faca na barriga !

— E o sujeito ?

— O sujeito ficou atrapalhado, atirou-se, sem saber o que fazia, por uma janella e foi cahir em baixo, meio morto. Um diabo de um vizinho que eu tinha foi quem me entregou á Policia. Fui preso na mesma occasião.

— E agora, você o que tenciona fazer ?

— Não sei. Dizem que o Brazil vai ter guerra com o Paraguay, eu marcharei para a guerra. Fugi, porque todos os dias pensava em fugir e afinal appareceu uma occasião. Ante-hontem, ás Ave-Marias, o carcereiro foi á minha cellula buscar como de costume a tigela em que elle dá comida á gente ; mas, em bem o cabra não se tinha abaixado para a apanhar, ficou mais roxo que uma bringella e cahiu de focinheira no chão, sem tugar, nem mugir. Eu peguei-lhe assim pelo braço e vi que o bruto estava molle ; então saquei-lhe fóra esta farda, que é a que elles lá usam, vesti as calças do bicho, puz o boné na cabeça, e por aqui é o caminho ! Mas um diabo de uma guarda desconfiou da marosca e eu — Pernas p'ra que te quero ! Foi o meu mal ! Abri pelo corredor, ganhei a rua, mas o demonio do guarda atrás. Enfiei pela primeira porta que encontrei, era a casa de uma quitandeira, varei até o quintal, havia um muro, saltei-o, estava em um cortiço, havia um cercado, atravessei-o nem sei como, e vi-me de repente em um curral, havia um telheiro, trepei-me para elle e dahi passei a um telhado mais alto. Atravessei quatro ou cinco telhados, correndo como um gato e em risco de levar o diabo a cada instante ! Afinal ouvi gritar na rua : « Ali está elle ! » E vi seis soldados que escoravam a casa. Então, segurei-me a uma goteira, desci, pilhei-me em outro telhado e deste passei adiante, mas os policiaes me acompanharam da rua, apitando, cercando os quarteirões, entrando pelas casas e, quando eu dei fé, havia povo por toda a parte, nas chaminés, nas arvores, nos muros, e atiravam-me pedras e pedaços de páo, enquanto outros se divertiam com a minha pelotica ! Já estava para ser agarrado, porque não tinha mais forças e via-me cercado, quando por um acaso do céo escorreguei pelo telhado dessa casa que fica ahí o pé e vim ter áquella janella por onde entrei !

O assassino tomou folego e accrescentou depois, mudando de tom :

— Quiz Deus que eu encontrasse uma alma boa ; aqui estou e não me vexo de dizer a verdade. Vossemecê póde agora fazer de mim o que entender ; não lhe fico querendo mal por isso !

— Póde ir em paz, respondeu o Coruja ; mas, se quizer ouvir, o meu conselho, espere um pouco, não saia já. Olhe, ahí tem uma

bacia com agua; lave-se, que você está sujo de sangue; depois tire essa roupa que o compromette, e vesta a que lhe vou dar. Naquelle toucador ha pente, escova e oleo para o cabello; arranje-se, durma um pouco e depois então saia. Para a sua viagem não lhe posso dar muito, mas aqui tem cinco mil réis.

— Vossemecê algum dia foi criminoso? perguntou o assassino.

— Criminosos somos todos nós, respondeu o Coruja.

— Mas nunca matou ninguem?

— Creio que não.

— Deus o conserve assim, moço!

O assassino lavou-se e vestiu uma roupa do Caetano e, depois de guardar o dinheiro que lhe dera André, beijou as mãos deste e sahiu.

— Olhe, disse-lhe o rapaz que o fôra acompanhar até á escada. Faça por ser bom e, quando precisar de qualquer cousa, appareça, Adeus.

## XVI

Na manhã seguinte, em que Theobaldo encarregou de despachar Ernestina ao Coruja, viu-se este em serios embarracos.

Que diabo havia elle de dizer áquella mulher?... Comtudo era urgente tomar uma resolução, porque as cousas não podiam continuar pelo geito que levavam...

A rapariga, mal calculou pelo exordio onde chegaria o sermão de André, ergueu-se do logar em que estava, avançou contra elle de punhos fechados e gritou-lhe sobre o nariz:

— Bem desconfiava eu! Você mesmo é quem me anda intriguando com o outro, seu cara do diabo! Desconfiei, e eu, quando desconfio, não me engano!

— Não diga assim...

— Peste! Um bicho feio, que parece estar sempre a machinar maldades!

— As apparencias muita vez enganam...

— Qual enganam o que! Pensam e conversam lá o que bem entendem a meu respeito e depois vem este basbaque me atenuzar os ouvidos: « Por que a senhora deve convir, porque a senhora deve perceber que isto prejudica Theobaldo! » Prejudicar em que?! Eu por ventura exijo d'elle alguma cousa?! Já alguma vez lhe pedi dinheiro?! Vocês falam de boca cheia! Onde iriam descobrir uma rapariga de minha idade, geitosa como eu sou e que nada mais pede do que um pouco de delicadeza! Brutos! Ainda por cima se queixam, como se eu lhes dêsse prejuizos!

— Desculpe, mas dá...



— Prejuizo? Em que? Recebo porventura alguma cousa das mãos d'elle? Exijo algum sacrificio?

— Não, mas perturba...

— Perturbo? Como?

— Perturba a vida de Theobaldo. Olhe, emquanto a senhora estiver aqui, elle não voltará á casa e, como sabe, isto é já um serio transtorno para quem precisa cuidar do futuro...

— Qual! Elle se não vem para casa, é porque anda lá por fóra na pandega! Encontra por lá em que se divertir!

— Juro-lhe que se engana...

— A mim não embaçam!

— E ninguem pensa em tal; a senhora é que procura illudir-se; já devia ter percebido que Theobaldo não está agora em circumstancias de a tomar a seu cargo...

— Porque tem outras!

— Não sei; isso é lá com elle.

— E' um ingrato!

— Póde ser.

— Um cynico!

— Não acho.

— Você é tão bom como elle!

— Quem me dera.

— Uma corja, ambos!

— São opiniões!

— Dous imbecis!

— Talvez...

— Dous idiotas!

O coruja não replicou mais e pôz-se a passear ao comprido do quarto, muito aborrecido com o insuccesso das suas palavras.

Depois, tendo ido e revindo mais de vinte vezes, voltou-se de novo para Ernestina:

— Mas a senhora por que não se vai embora? E' muito melhor... Em casa nada lhe falta, tem tudo! Vá! deixe em paz o meu amigo...

— Não deixo!

— Mas isso não e justo... Que interesse tem a senhora em fazer semelhante cousa?...

— Não sei! Elle é o homem que eu amo, acabou-se!

— E que culpa tem elle disso, cotado?

— Não sei. Amo-o!

— Pois não o ame...

— Não posso.

— Ou, se o ama, não queira fazer-lhe mal.

— Elle que não faça a mim!

— Elle? elle não lhe faz mal.

— Com não? Pois o senhor ainda acha pouco? Pois então eu desço da minha dignidade e venho procural-o aqui; ponho-me aos pés d'elle, declaro que estou disposta a ser sua escrava, se elle me tratar com carinho, e a unica resposta que recebo é um coice!

— Coice?

— De certo; quando um homem faz com uma mulher o que Theobaldo fez commigo, dá coices!

— Mas, perdão, minha senhora, Theobaldo falou-lhe com toda a franqueza. A senhora apresentou-lhe um contrato, não é verdade? pois bem, elle não o aceitou. A senhora é que faz mal em, no logar de retirar-se dignamente, ficar ali dias inteiros e fazer o que tem feito...

— Não saio! Póde dizer o que quizer, é inutil, não saio!

— Mas ha de convir que com isso pratica uma arbitrariedade. Theobaldo não lhe deve nada...

— Deve-me tudo! deve-me dedicação e amor!

— Mas os sermões, quando não são encommendados...

Nisto, o dialogo foi interrompido pelo barulho de um carro que parava á porta da rua. E logo em seguida ouviram-se ligeiros passos no corredor e uma voz de mulher, que gritava:

— O Theobaldo ainda mora aqui?

Coruja correu na direcção da voz, enquanto Ernestina se installava na poltrona, affectando arcs de dona de casa e dizia com todo o desembaraço:

— Entre quem é.

Leonilia appareceu á porta do quarto, hesitante, olhou em torno de si, como quem receia haver se enganado:

— Desculpe, mas suppunha que ainda morava aqui um rapaz que procuro...

— Theobaldo?

— Justamente.

— E' aqui mesmo, respondeu Ernestina. Que deseja d'elle?

— Desejo falar-lhe. A senhora vem a ser...

— O que não é de sua conta. Se tem algum recado a deixar, eu me encarrego de transmittil-o a Theobaldo.

— A senhora então é a mulher d'elle?... perguntou Leonilia, cuja impaciencia principiava a denunciar-se.

— Não, não é! apressou-se a afirmar o Coruja, que parecia muito afflicto com a situação. Não é mulher d'elle, não senhora.

— Quando digo — mulher — quero dizer — amante. Sei que elle não é casado...

— Também não é amante... respondeu aquelle, a despeito dos olhares que lhe lançava Ernestina.

— E' talvez uma creada...

A outra, então não resistiu mais, e veio collocar-se defronte de Leonilia, a medil-a de alto a baixo, como se quizesse fulminal-a com os olhos.

A cortezã soltou uma rizada.

— Também não é creada?... disse. Então que diabo é?... Ah! já sei... talvez alguma parente da provincia!

— Não, não, respondeu André.

— Será simplesmente uma amiga? perguntou ainda Leonilia.

— Previno-a, acudiu a outra, de que não admitto debiques para o meu lado!

— Não, filha, eu apenas desejo saber a quem tenho de confiar o que trago para Theobaldo. Encontrei a senhora aqui, com ares de dona de casa, pergunto-lhe muito naturalmente se é mulher d'elle, ou amante, ou parenta, ou quando menos uma creada, e a senhora fica dessa fôrma e parecê que me quer comer viva! Se alguém deve estar aborrecida sou eu, porque, no fim de contas venho fazer uma visita e, das duas uma: ou a senhora representa a dona da casa e neste caso devia ser mais cortez, ou não representa cousa alguma e por conseguinte devia ser menos intromettida...

— Isso é desaforo!

— Será, mas é um desaforo justo e merecido; quanto á decepção que acabo de soffrer, não é com a senhora que me avenho, pois nem a conheço, mas sim com Theobaldo, que me offereceu a casa e é o unico responsavel por esta sensaboria.

Mal acabava Leonilia estas palavras, quando se ouviu parar na rua um tilbury, e logo no corredor os passos de Theobaldo.

— E elle ahí está, acrescentou ella, dirigindo-se para a porta da sala, o que fez com que o Coruja não tivesse tempo de prevenir o amigo.

— Olá! exclamou este, vendo Leonilia. Por aqui! Suppunhate longe, já em viagem para Europa!

Mas o seu bom humor transformou-se em tédio logo que elle deu com a figura enfurecida de Ernestina que, a um canto do quarto, parecia collada á poltrona por uma tremenda raiva. E, como em resposta á presença d'ella:

— Não tive remedio senão vir á casa. porque tenho de ir hoje a uma *soirée* com o Aguiar.

— Sim, sim, respondeu Leonilia; antes, porém de mais nada, diz-me quem é aquella senhora e qual é aqui a sua posição.

Theobaldo, parado em meio da sala, de pernas abertas, come-

çou a coçar a cabeça, sem encontrar uma resposta. Por esse tempo, o Coruja, que não podia ver ninguém na situação em que estava Ernestina, aproximou-se da outra e disse:

— Aquella senhora está aqui por minha causa...

— Você não se enxerga ! exclamou a mal agradecida, sem comprehender a intenção benevola do moço — Estar aqui por causa delle ! Olha que pretensão ! Verdade é que...

— Basta ! interrompeu Theobaldo. E, voltando-se para a outra — Ella está aqui por mim.

— E' tua amante ? Perguntou Leonilia. — Não.

— Tua parenta ?

— Também não. E' uma amiga e veio a meu convite passar aqui alguns dias.

Cavalheiro, como sempre, não quiz, dizendo a verdade, cobrir de ridiculo uma pobre mulher, cujo crime unico era amal-o até á impertinencia ; Leonilia, porém que não estudara pelo mesmo codigo de civilidade, já não pensava desse modo e acrescentou com ironia :

— Ah ! Veiu a tomar ares... Estimo que aproveite isso, mas é bom que lhe recommendes seja um pouco mais cortez com as pessoas que te procuram...

— Deixa-te disso ! reprehendeu Theobaldo.

— Não, insisti Leonilia — Que tu protejas aquella mulher comprehende-se, porque só tens recebido de suas mãos protestos e mais protestos de amor ; eu, porém, não estou no mesmo caso, della só recebi as mais significativas provas de grosseria e de atrevimento.

— Sim, sim, mas acabemos com isto ! replicou Theobaldo.

Ernestina ergueu-se e foi ter com elle :

— Exijo que repillas aquelle insulto.

— Ora !

— Não repelles ?

— Ninguem aqui te insultou, filha !

— E's tão bom como ella !

— Máo !

— E's um infame !

— Peior !

— E's um miseravel !

— Cále-se !

— Collocar-me nesta posição ridicula...

— Olhe que me faz perder a paciencia !...

— Pensei que estivesse na casa de um cavalheiro e vejo que me succede justamente o contrario !...

— Ah ! o meu procedimento é imperdoavel, não ha duvida !

— Com certeza ! Um homem que se presa não colloca uma mulher nesta posição !...

— Ah ! Insiste ? Além de impertinente é atrevida ? Pois então ouça : A senhora, se se acha nesta posição, é porque assim o quiz ; eu, ha tres dias, que emprego todos os meios e modos para a afastar de mim, e a senhora cada vez mais a agarrar-se-me que nem uma ostra ! E fique sabendo agora que, se não fossem os meus escrupulos de homem delicado, ha muito que a teria enxotado daqui ou encarregado alguém de despejal-a lá fórá !

Ernestina ouviu tudo isto sem um gesto, nem um movimento. Quando Theobaldo acabou estava mais livida que um defunto e os labios tremiam-lhe tanto quanto lhe arfava o peito ; a outra ainda mais lhe augmentava a agonia lançando-lhe olhares de desprezo.

— Coitada ! disse afinal Leonilia.

Ernestina deu um arranco na direcção do quarto, naturalmente com a intenção de preparar-se para sair, mas em meio do caminho cambaleou e, soltando um grito agudo, desfallaceu nos braços do Coruja, que a acudira de prompto.

— Agora, entram os nervos em scena !... observou Leonilia em ar de çoçada.

Coruja conduziu a desfallecida para a cama de Theobaldo, enquanto este, bufando de impaciencia, andava de um lado para o outro da sala, muito agitado, as mãos nas algibeiras, o olhar carrancudo.

— Que maçada ! resmungava de vez em quando. Que maçada !

— E' pol-a ná rua ! aconselhou Leonilia.

— Ora, deixe-me você tambem ! respondeu elle furioso.

— Recebeste a minha carta ?

— Recebi.

— Não ficaste zangado ?

— Não.

— E é dessa fórmula que me amas.

— E'.

— Pois olha que eu não sou como aquella desgraçada, sabes ? Theobaldo sacudiu os hombros com indifferença.

— Confesso que te havia escripto uma outra carta, mas não quiz dar-te o gostinho de recebê-la.

— E', eu a encontrei no teu quarto, dentro de um livro.

— Pois leste ?...

— Sim, e afianço-te que ella me causou ainda peor effeito que a outra, a cynica.

— Isso quer dizer...

— Que estimei a noticia da tua viagem.

— Obrigado, exclamou Leonilia. Não devia esperar outra cousa de ti! Eis um miseravel! Ah! mas descansa que não te perseguirei!

E, rabanando a cauda do vestido, sahiu como um raio.

— Passe bem! disse Theobaldo, sem lhe voltar o rosto, e continuou a passear de um para o outro lado da sala, gesticulando enfurecido a cada grito hysterico que partia da sua alcova.

— Sabino! gritou elle.

Appareceu o velho Caetano:

— Vocemecê que deseja?

— O Sabino?

— Ainda não voltou.

— Quero o fato de casaca e o sobretudo; mas isso com pressa! Não posso me demorar neste inferno! Que delicioso domingo!

Os gritos de Ernestina repetiam-se.

— E de mais a mais aquella musica!... pensava o rapaz a morder os beiços. Ah! mas tudo isto ha de endireitar agora por uma vez ou eu não serei quem sou!...

O Coruja surgiu á porta do quarto para dizer muito afflicto:

— Theobaldo! ó Theobaldo! Vê esta mulher, que esta perigosa, coitada!

— Que a leve o diabo! não fosse idiota!

O outro lançou-lhe um olhar de censura.

— Isso passa... disse aquelle, como para se justificar — Um simples ataque de nervos...

E, vestindo a roupa que lhe trouxe Caetano: — Não tenhas receio, ella voltará a si...

— E' que parece que lhe falta o ar...

— Desaperta-lhe o colete...

— Eu?... perguntou o Coruja enrubecendo.

— Isso é o que devias ter feito logo.

E, apressando o laço da sua gravata branca, foi ter com Ernestina, desabotoou-lhe o vestido, desatou-lhe o colete e, depois de a sacudir duas vezes, deixou-a cahir de novo sobre a cama.

— Não é nada... disse elle olha, põe-lhe mais agua da Colonia na cabeça e dá-lhe a cheirar daquelle frasquinho que está sobre a mesa.

Coruja obedeceu e elle voltou á salla para acabar a sua *toilette*.

Já prompto, o sobretudo no braço, um charuto ao canto da boca:

— Melhorou?

- Está mais tranquilla, creio que vai tornar a si...
- Bem. E' preciso que eu saia antes que ella acordo. Despediste-a, como te recommendei?
- Sim. mas inutilmente, não houve meio de a convencer...
- Pois então, em voltando de todo a si, repete-lhe a ordem, e, se ella insistir, mudamos-nos amanhã mesmo...
- Amanhã?...  
— Ah! E' preciso acabar com isto uma vez por todas!... Quero saber se vim ao mundo só para servir de divertimento a estas senhores!... Que horas são?
- Devem ser quatro,  
— Bom! O' Caetano!  
— Meu senhor.  
— Vê se o tilbury ainda está ahí em baixo.

E, muito elegante na sua casaca, disse ao Coruja, batendo lhe no hombro:

— Ate logo. Janto com Aguiar e depois vou a uma soirée, na casa de um tio que elle tem em Botafogo. Adeus, não te descuides da Ernestina.

E sahiu.

## XVII

O Aguiar morava lá para Matacavallos, em casa propria, e tão pichoso era com esta quanto com a sua propria pessoa.

Aquellas pequenas salas forradas de fresco, mobiliadas com certo esmero, enfeitadas de quadros e cortinas, diziam admiravelmente com o typo do dono.

Orçava elle então pelos vinte e oito annos e parecia mais bem disposto que nunca. Bonito, mas antipathico, tinha uma dessas caras gordas, bem barbeadas, sem rugas nem espinhas, bigode curto e retorcido á força, queixo redondo, olhos pequenos e vivos, nariz grosso, testa muito estreita e magnificos cabellos.

Não era muito gordo, nem tão pouco muito magro; não era alto, mas igualmente ninguem podia dizer que era baixo, e vestia-se com inalteravel apuro, chegando a fazer disso uma preocupação.

Era um luxo a roupa branca que elle usava durante o trabalho; gostava das calças de brim engommado e trazia sempre boas pedras de valor no peito da camisa e nos dedos.

Aguiar pertencia ao commercio tanto por gosto como pelas circumstancias em que nascera; destinado para isso desde o berço por seu pai, um rico negociante portuguez, dera os primeiros passos entre o Razão e o Caixa e creara os primeiros

cabellos da barba em Londres, para onde o enviara aquelle a praticar em velhas casas commerciaes.

Não chegara a conhecer a mãe, porque esta morrera pouco depois de o dar á luz; só tornou ao Brazil com a noticia do fallecimento de seu pai, cujo logar no commercio preencheu logo.

Foi então que Theobaldo se relacionou com elle, por acaso, em um baile de mascaras no Pedro II. O filho do barão, que nesse tempo era ainda um bom gastador, fascinou-o de prompto com as suas maneiras fidalgas e muito mais distinctas que as delle: dentro em pouco haviam-se feito companheiros inseparaveis de pandêga; quasi sempre ceivavam juntos, gastavam com a mesma largueza, conheciam as mesmas mulheres e, muita vez, jogavam ao lado um do outro nas tavalagens da época.

As desastrosas circumstancias a que ao depois se viu Theobaldo reduzido, separaram-nos por algum tempo, mas não de todo; e, agora, aquelle convite para a casa do commendador Rodrigues e as confidencias que o precederam, como que os ligavam de novo e mais estreitamente.

O commendador era tio do Aguiar por parte de pai; velhote de seis palmos da altura, forte e nervoso, coração bom, mas de genio irascível e fulminante.

O sobrinho dizia a rir que elle, se lhe chegassem um charuto acceso á ponta do nariz, estourava.

Viera muito pequeno de Portugal em companhia do irmão; fôra tropeiro durante uns vinte annos em S. Paulo e Minas; depois estabeleceu-se na Matta, negociou forte e veiu afinal, já velho, a levantar a sua tenda no Rio de Janeiro. Da sua paixão pela politica apenas lhe restavam as recordações de quarenta e dous, anno em que se batera pela revolução de Minas, sahindo ferido de uma pequena escaramuça na ponte de Santa Luzia; contava este facto a toda a gente e sempre com o mesmo enthusiasmo.

Era viuvo; tivera tres filhas, das quaes apenas uma lhe restava, Branca; um mimo de quinze annos, a formosa tyranna para quem o Aguiar pedia versos ao amigo e em honra da qual se afestoava agora o velho casarão do commendador.

Theobaldo chegou ás cinco horas a Matacavallos, aindo muito impressionado pelas contrariedades desse dia.

— Ah! mas desta vez creio ter conseguido endireitar a vida!... disse elle logo que entrou em conversa com o donó da casa.

E poz se a contar o occorrido a respeito de Leonilia e Ernestina.

— Tomara eu as tuas desgraças... respondeu aquelle disposto a falar dos proprios amores.



Theobaldo não lhe deu licença para isso e continuou a tratar de si, até á occasião de irem ambos para a mesa.

Aguiar, que não era dos mais pocos em questões culinarias, caprichou no jantar que offereceu ao amigo, e, á prova do terceiro vinho, já os dous lamentavam intimamente não dispor de mais segredos para os confiar um ao outro.

Theobaldo pediu novas informações a respeito de Branca.

— Ah! fez o negociante, meneando a cabeça com os olhos fechados; vais ver o que é uma creatura perfeitamente adoravel. Bella, intelligente, distincta, espirituosa, tudo o que ha de bom, que ha de puro e que ha de mais seductor no mundo! Uma obra prima! Ah! que se ella sentisse por mim a metade do que eu sinto por ella!...

— E' não desanimar, filho! Deixa correr o tempo; não acredito que uma menina aos quinze annos resista a todo esse amor!

— Não sei; ella é de uma tal frieza para commigo...

— Talvez apparente... Não conheces as mulheres... foi para ellas que se inventou o proverbio « Quem desdenha quer comprar. »

— Em todo o caso não desanimarei sem ter esgotado até o ultimo recurso.

— Está claro! E teu tio? que tal é?

— Um typo, mas bello homem... Vais gostar d'elle. Fala-lhe na revolução mineira...

— Aquella casa pertence-lhe, ou é alugada?

— A casa em que elle mora? Pertence-lhe, e, como essa, mais duas lá mesmo em Botafogo.

— E elle vive só com a filha?

— Não; tem mais uma pessoa em casa: Mme. de Nangis.

— Mme de Nangis?... Quem vem a ser?...

— E' uma professora franceza, aquem meu tio encarregou da educação de Branca.

— Ah!... E é velha?

— Meia idade...

— Bonita?

— Não é feia.

— Mora lá ha muito tempo?

— Ha mais de oito annos.

— E não dizem nada a respeito della com teu tio?...

— Não, porque já disseram tudo o que podiam dizer.

— Com razão?

— Sei cá; é de suppor que sim...

— Nunca percebeste nada entre elles?

- Nem pretendo.  
 — Por conveniencia...  
 — Não.  
 — Então por que?  
 — Ora! Que diabo me interessa isso?...  
 — E' boa! Pois não tencionas casar com tua prima?...  
 — Sim, mas minha prima nada tem que ver com Mme. de Nangis...

Theobaldo sacudiu os hombros em signal de desapprovação.

- E ella que tal é? *sympathica*? perguntou depois.  
 — Quem? A professora? E', Toca piano admiravelmente e dizem que tem espirito.  
 — Dizem?  
 — Sim; eu ainda não dei por isso...  
 — E' instruida?  
 — Tanto como qualquer pretenciosa.  
 — Amavel?  
 — Tanto quanto é instruida.  
 — Parece que não morres de amor por ella...  
 — Enganas-te; Mme. de Nangis protege o meu casamento.  
 — Ah! E só por isso é que a estimas?...  
 — Por isso e pela grande influencia que ella tem sobre meu tio.  
 — Então é exacto o que disseram a respeito delles...  
 — Homem, a cousa vem desde os ultimos tempos de minha tia...  
 — E por que o velho não se casa agora com a professora?  
 — Por uma razão muito simples: Mme. de Nangis é casada...  
 — Casada? E o marido?  
 — Está em Paris.  
 — Ah!...  
 — E a graça é que ella lhe dà uma pensão.  
 — A' custa do commendador?  
 — A' custa do commendador é um modo de dizer, porque o que é d'elle é della...  
 — Ah! a cousa chegou a esse ponto?  
 — Ora!

A's dez da noite apeiaram-se os dous rapazes á porta do commendador Rodrigues de Aguiar.

Casa antiga, de apparencia muito feia, mas com um bello interior, Theobaldo, ao primeiro passo que deu de portas a dentro, notou logo em tudo uma certa felicidade de escolha, uma bem

educada sobriedade nos objectos de luxo ; percebeu que não entrava em uma dessas casas búrquezas em que a gente se fatiga só com olhar para os moveis e donde se sahe com a alma atordada e cheia de tédio.

Elle, que havia muito não entrava em uma sala dessa ordem, sentiu despertar dentro de si todo o seu passado adormecido, e, como a planta desterrada que ia amortecendo ao ar livre e logo se endireita quando a recolhem á tepidez da estufa, assim elle se fez o que era dantes ao lado da familia.

Ali, Theobaldo achou-se perfeitamente bem ; estava no seu elemento.

Flor amimada e crescida entre carinhos, era, quando se achava nas ruas, nos cafés ou nas casas de trabalho, uma creatura deslocada e nostálgica. Para o seu completo bem estar e para o seu bom humor tornava-se indispensável aquelle perfume de riqueza, aquelle meio aveludado e fino.

O amigo apresentou-o ao tio, e os tres conversaram por longo tempo ao fundo de uma saleta, onde se jogava.

E' inutil dizer que o filho do Barão de Palmar, insinuante como era, captivou logo as sympathias do velho, principalmente depois que lhe falou de Minas e do papel que seupai representara na revolução. Approvou muito o projectado casamento do amigo com Branca e terminou desfazendo-se em elogios ao bom gosto e á distincção que presidiam áquellas salas.

— Não, quanto a isso, respondeu o velho, não aceito os seus comprimentos, porque não devem ser dirigidos a mim ; pertencem de direito a uma senhora que acompanha minha filha ha oito annos, Mme. de Nangis. Daqui a pouco lhe serão ambas apresentadas. Se não fosse Mme. de Nangis...

E, como Branca passasse nesse momento pela sala proxima de braço com uma amiga, o commendador interrompeu o que dizia e correu ao encontro della.

Theobaldo apressou-se a segui-lo.

— E' esta disse o velho.

E, voltando se para a menina : — O Sr. Theobaldo Henrique de Albuquerque, filho de antigos conhecidos meus e amigo de teu primo Affonso, que teve a boa idéa de o trazer a esta casa.

Theobaldo vergou-se respeitosa e declarou que estava encantado em ter feito conhecimento com pessoas tão distinctas.

Em seguida o commendador deu-lhe o braço e levou-o até onde estava Mme. de Nangis.

Nova apresentação.

— Agora, disse o velho, está cumprido o meu dever e o sen-

hor que trate de si ; faça-se apresentar ás amigas de minha filha. Com licença.

— Vai principiar o concerto, observou a professora aceitando o braço que lhe offereceu Theobaldo — o senhor gosta de musica ?

— Apaixonadamente, minha senhora.

— Toca algum instrumento ?

— Um pouco de piano.

— Quando tiver occasião dar-nos-ha muito prazer em se deixar ouvir.

— V. Ex. confunde-me...

E chegaram á sala proxima, onde duas rabeças, uma violeta e um violoncelo dispunham-se a executar uma serenata de Schubert.

Depois da serenata, Mme. de Nangis annunciou a Theobaldo que ia dansar uma quadilha e perguntou se elle queria um par.

O rapaz respondeu que ficaria muito lisongeadado se ella propria o aceitasse para seu cavalheiro.

— Com muito gosto, mas fique sabendo que o senhor perde com a troca, replicou a professora.

Dentro de uma hora, Theobaldo era o objecto da curiosidade de todas as damas.

Seu typo destacave-se naturalmente, sem o menor exagero de galanteria, sem phrases pretenciosas, e sempre correcto, elegantemente frio e de um distinctissimo commedimento nas palavras e nos gestos.

Branca foi o seu par nos Lanceiros ; depois cedeu-lhe tambem uma valsa, terminada a qual puzeram-se ambos a conversar.

— O senhor é que é o autor de uns versos, que sahiram ha poucos dias no jornal ?

— Sim, minha senhora, mas como chegou V. Ex. a lembrar-se de semelhante cousa ?

— E' que meu primo me havia dito que eram de um amigo delle, creio até que chegou a citar o seu nome e, agora, vendo-os juntos...

— V. Ex. gosta de versos ?

— Qual é a moça de minha ideade que não gosta de poesia ?... Ainda hontem meu pai trouxe-me o livro de Casemiro de Abreu. Conhece ?

— Já li. Tem cousas admiraveis.

— Oh ! E' tão terno, tão apaixonado, que faz chorar.

E, mudando de tom :

— Sabe ! Meu primo tambem é poeta...

— Ah ! fez Theobaldo.

— Offereceu-me hoje uma poesia. Quer ver ?

Theobaldo bem podia dispensar a leitura, mas não quiz prejudicar o outro e disse quando a terminou :

— Magníficos ! Não sabia que o Aguiar tem tanto talento !

— Eu tambem não...

— Até aqui o apreciava sómente pelas suas qualidades moraes.

Branca não respondeu, porque neste momento uma senhora principiava a cantar ao piano.

Dahi a pouco, a um canto de janella, perguntava Affonso ao amigo :

— Então, que tal achaste minha prima ?

— Encantadora.

— Não é ? !

— Adorável ! Uma flor !

— Falou-te nos versos que lhe dei ?

— E' verdade, e eu tive de elogial-os, para fazer não desconfiar que eram meus. Imagina em que estado não ficaria minha modestia qualifiquei-os de admiraveis !

— E, com effeito, são muito bons.

— Qual ! Escrevi-os de afogadilho ! Ah ! mas se eu já a conhecesse, juro-te que sahiriam inspirados !

— Pois reserva a inspiração para outra vez.

Não continuaram a conversa, porque M<sup>me</sup>. de Nangis veio ter com Affonso e arrebatou-o, dizendo ao outro :

— Tenha paciencia, roubo seu amigo por um instante !

Theobaldo ia tambem deixar a janella, quando a cortina desta se agitou e appareceu Branca.

— Ah ! fez elle, V. Ex. estava ahi ?

— Sim, o que foi muito bom, porque posso lhe agradecer os versos que o senhor me fez ...

— Pois ouviu ?

— Ouvi, mas foi sem querer... Que mal ha nisso ?

— Seu primo é que não ficará satisfeito...

— Se souber, mas que necessidade tem elle de saber ?...

— Quer que eu não lhe diga nada ?

— De certo, e nem só isso, como desejo que meu primo não fique na primeira poesia e me offereça muitas outras. Vou daqui direitinha dizer isso mesmo a elle proprio.

E, como para agradecer antecipadamente os versos de Theobaldo, estendeu-lhe a mão, que o moço apertou entre as suas, um tanto commovido.

Horas depois, os dous rapazes, já installados nos seus sobretudos, mettiam-se no carro e abandonavam a festa do commendador.

Pela viagem Theobaldo, a despeito do bom humor do companheiro, quasi que não deu palavra; e, ao separarem-se, Affonso notou que o achava triste.

— Não é nada, respondeu o outro — Adeus. Até mais ver!

E deixou-se cahir para o fundo do coupé, respirando com allivio e murmurando entre dentes:

— Adoravel creança!

### XVIII

Emquanto Theobaldo dansava, ouvia musica e conversava em casa do commendador Rodrigues de Aguiar, o pobre Coruja via-se em papos de aranha com os nervos da Ernestina, cuja crise não fôra tão passageira como affiançára aquelle.

De mais a mais, o Caetano havia sahido logo em seguida ao amo e nessa noite recolhera-se mais tarde que de costume; teve André por conseguinte de servir de enfermeiro á rapariga, sem licença de abandonal-a um só instante, porque as convulsões hystericas e os espasmos se repetiam nella quasi que sem intermittencia.

Foi uma noite de verdadeira luta para ambos; o rapaz, apesar da riqueza dos seus musculos, nem sempre lhe podia conter os impetos nervosos. A infeliz escabujava como um possesso; atirava-se fóra da cama, rilhando os dentes, trincando os beiços e a lingua, esfrangalhando as roupas, em um estrebuchamento que lançava por terra todos os objectos ao seu alcance. No fim de algumas horas o Coruja sentia o corpo mais moido do que se o tivessem maçado com uma boa carga de páo.

Além de que, a sua nenhuma convivencia com mulheres e o seu natural acanhamento, mais penosa e critica tornavam para elle aquella situação. Ernestina cingia-se-lhe ao corpo, peito a peito, enterrando-lhe as unhas na cerviz, mordendo-lhe os cabellos, resfolgando-lhe com ancia sobre o rosto, como em um supremo desespero de amor. E André, tonto e offegante, sentia vertigens quando seus olhos topavam as tremulas e agitadas carnes da hysteric, completamente desvestidas nas allucinações do espasmo.

A's quatro horas da madrugada, quando Theobaldo chegou do baile, elle ainda estava de pé e a enferma parccia ter afinal, sogado e adormecido.

— Que! exclamou aquelle. Pois ainda trabalhas?

— Schit ! Qual trabalho... respondeu Coruja, pedindo silencio com um gesto. Passei a noite ás voltas com a Ernestina... Ah ! não imaginas... ataques sobre ataques !... Pobre rapariga ! Não faças bulha... Creio que ella agora está dormindo...

— Impressionou-se naturalmente com o que eu lhe disse á tarde... Ora ! não fosse importuna !

— Coitada !

— Bem, disse Theobaldo, mas recolhete ao quarto e trata de descansar ; eu fico aqui. Vai.

— Mas não te deitas ?

— Tenho ali aquelle sofá ; não te incomodes commigo. Vai para a cama, que deves estar cahindo de cansaço. Adeus.

O Coruja notou que o amigo trazia qualqver preocupação :

— Sentes alguma cousa ? perguntou-lhe.

— Ao contrario : ha muito tempo não me acho tão bem disposto.

— Então boa noite.

— Até amanhã.

Coruja recolheu-se ao quarto e o outro poz-se a passear na sala, enquanto se despia ; depois chegou á porta da alcova, encarou com um gesto de tedio o vulto prostrado de Ernestina e voltou logo o rosto, como se tivesse medo de acordal-a com o seu olhar.

Todo elle era só uma idéa ; — a filha do commendador. Branca não lhe sabia da imaginação ; tinha ainda defronte dos olhos aquelle sorriso que ella lhe deu á janella ; sentia ainda entre as suas a sua tremula mãosinha e nos ouvidos a musica das ultimas palavras que lhe ouviu.

— Adoravel ! adoravel ! repetia elle.

E foi para a mesa em mangas de camisa e começou a escrever versos sentimentaes.

Ouviam-se, no silencio fresco da madrugada, o bater inalteravel do relógio e os bufidos suspirados de Ernestina, que parecia dormir um somno de ebrio.

— Que mulher impertinente !... considerou elle, atirando com a penna e deixando pender para trás a cabeça, a fitar o tecto.

E pensou :

— Quando eu me lembro que a esta creatura nada falta — casa, rendimentos, creados, e que ella se vem metter aqui, possuida de esperanças injustificaveis... nem sei que juizo forme a seu respeito !... Será isto o verdadeiro amor ?... Talvez, mas, se assim é, arrenego delle, porque não conheço cousa mais insupportavel !... Ainda se ella não fosse tão desengraçada !... tão tola !... Mas, valha me Deus, nunca vi mulher mais ridicula quanto tem ciu-

mes ; ainda não vi ninguém fazer cara tão feia para chorar !.. Se ella fosse geitosa ao menos, mas não tem gosto para nada, não sabe pôr um vestido, não sabe pôr um chapéo ; e, em vez de endireitar com o tempo, parece que vai ficando cada vez mais estúpida ! Não ! Definitivamente é uma mulher impossível, apezar de toda a sua dedicação !

E, para se divertir, poz-se a lembrar as asneiras della. Ernestina não dizia nunca « eu fui », era « eu foi » ; pronunciava *pãos*, *razãos*, *tostãos* e gostava muito de preceder com um a certos verbos, como divertir, divulgar, reunir, retirar e outros ; como também não pronunciava as letras soltas no meio da palavra. « Obstacle » em sua boca era *ostaculo*, « obsta » era *osta* e assim por diante. E a respeito dos tempos do verbo ? Se ella queria dizer « entremos, » dizia *entramos* e vice-versa ; perguntava — « tu fostes ? — tu fizestes ? » Uma calamidade !

Além disso, ultimamente dera para engordar, por tal fórma que parecia ainda mais baixa e mais desairosa.

Não era feiazinha de rosto, isso não ; mas em toda a sua physionomia, como no resto, não se encontrava um só traço original, distincto, impressionavel. Vestia-se, calçava-se e penteava-se como toda a gente, e só conversava a respeito de vulgaridades, sem ter nunca uma phrase propria ; rindo quando repetia uma pilheria já muito estafada, e desconfiando sempre que lhe diziam qualquer cousa que ella não entendesse. Uma lesma !

E Theobaldo a fazer estas considerações ; e ella lá dentro a resonar, agitada de vez em quando pelo sonho ; ora gemendo, ora articulando palavras incompletas e destacadas.

— O bonito será se ella adoce devéras aqui em casa !.. considerou elle. Era só o que faltava !

E, notando que amanhecia, ergueu-se da mesa, lavou-se, mudou de roupa e tomou um calice de cognac. Já de chapéo e de bengala, ia a sahir, quando Ernestina se remexeu na cama, depois assentou-se e perguntou com a voz muito quebrada e fraca :

— E's tu, Theobaldo ?

— Que deseja ? interrogou elle seccamente.

— Não te recolhes ?

— Não, porque me tomaram a cama.

— Não sejas máo.

— Ora !

— Para que me trataes desse modo ?.. Estou tão incommodada, tão doente... Se soubesses como tenho soffrido !..

— Soffre por teima ! A senhora podia perfeitamente estar em sua casa, feliz e tranquilla...



- E' exacto ; a culpa é minha. Que horas são ?
- Amanhece.
- Que ? Pois já se passou a noite inteira ? Ah ? agora me recordo que estive sem sentidos...
- Adeus.
- Vais sahir ?
- Vou.
- Por que não te demoras um pouco ? Faze-me um bocado de companhia...
- Não, filha, preciso sahir. Adeus.
- Escuta : foste sempre ao baile ?
- Fui.
- Divertiste-te muito ?
- Sim.
- Namoraste ?
- Adeus.
- Vem cá.

Elle se aproximou della com má vontade.

— Acho-te tão aborrecido, meu amor ; não me trates com essa indiferença...

- Se lhe parece !
- Que ?
- Que não devo estar aborrecido...
- Por minha causa ?
- Naturalmente.

— Pois então vai-te embora, vai ! Nunca mais te aborrecerei !

Theobaldo apertou-lhe a mão. Ella pediu-lhe um beijo, elle negou-l'ho e sahiu cantarolando um trecho de opera.

Logo que se perdeu no corredor a voz do moço. Ernestina ergueu-se e foi, amparando-se aos moveis e á parede, até á mesa, onde estavam, ao lado do candieiro de petroleo ainda acceso, os versos ha pouco escriptos por Theobaldo. Leu-os, chorou e, assentando-se no logar em que elle estivera, tomou da penna e lançou em uma folha de papel o seguinte, pouco mais ou menos :

« Declaro que sou a unica autora de minha morte e declaro tambem que reconheço por meu legitimo herdeiro o Sr. Theobaldo Henrique de Albuquerque, morador nesta casa. O meu testamento, no qual lego-lhe todos os meus bens, acha-se nas notas de tabelião Ramos ».

Datou, assignou, poz a folha de papel sobre a commoda e, tornando á mesa, agarrou o candieiro, desatarrachou-lhe a griseta, lançou esta para o lado sem lhe apagar a torcida e, julgando-se cheia de resolução, levou aos labios o reservatorio de kerozene.

Mal, porém, encheu a boca com o primeiro trago, fugiu-lhe a coragem de suicidar-se e, já arrependida de tal proposito, arremessou de uma golfada sobre a mesa o venenoso liquido, que foi ter á torcida e logo se inflammou.

Ernestina, assustada com isto, arremessou nervosamente o candieiro que tinha ainda nas mãos, e o petroleo derramou-se, inundando-a.

Então levantou-se uma grande chamma que a envolveu toda. Ella soltou um grito e procurou ganhar a porta da sala ; a chamma recresceu com o deslocamento do ar.

A desgraçada conseguiu todavia chegar até onde estava André. O Coruja ergueu-se de pulo e viu, sem comprehender logo, aquella enorme labareda irrequieta, que lhe percorria o quarto, a berrar desesperadamente.

Correu a soccorrel-a ; mas Ernestina acabava nesse momento de cahir por terra, agonisante. Embalde elle procurava com os proprios punhos apagar-lhe as chammassas do vestido.

Da sala até ali, por onde ella atravessara de carreira, viam-se na parede, de espaço a espaço, a fórma de sua mão, desenhada com gordura derretida e pequenos pedaços de carne.

Tres vizinhos haviam acudido do andar de baixo e procuraram esclarecer o facto ; a carta, encontrada sobre a commoda, tudo explicou. Em breve a casa encheu-se de gente do povo e empregados da Policia.

Puxou-se o sofá para o meio da sala e nelle se depoz o corpo de Ernestina ; não foi possivel despil-o totalmente dos farrapos que o cobriam, porque estes se tinham grudado ás enormes feridas abertas pelo fogo. Toda ella, coitadinha, apresentava uma triste figura negra e esfolada em muitos pontos. Estava horrivel ; o cabello desapparecera-lhe ; os olhos eram duas orlas vermelhas e ensanguentadas ; a boca, totalmente deslabiada, mostrava os dentes cerrados com desespero ; e dos ouvidos sem orelhas e do nariz sem ventas escorria-lhe um liquido gorduroso e amarelento.

Um dos vizinhos, que era medico, passou logo o attestado de obito e o Coruja tratou de dar as providencias para o enterro.

Theobaldo, ao entrar da rua ás tres horas da tarde, parou, sem animo de penetrar na sala, e, muito livido, perguntou ao companheiro :

— Que é isto. Ella morreu ?...

— Matou-se.

E André, carregando com elle para o seu quarto, narrou-lhe minuciosamente o occorrido e disse-lhe depois :

— E o seu herdeiro és tu.

— Eu ? !

— E' exacto. Deixou-te o que possuia, coitada !

E limpou as lagrimas.

— Diabo ! exclamou Theobaldo, soltando um murro na cabeça. Diabo ! Maldito seja eu !

O outro não queria consentir que elle visse o cadaver, mas Theobaldo repelliou-o e correu para junto de Ernestina. Atirou-se de joelhos ao lado della e abriu a soluçar como um perdido.

— Desgraçado que eu sou ! Desgraçado que eu sou !

E ergueu a cabeça para lhe dar um beijo na testa.

— Quem sabe, pensou elle, inundando-a de lagrimas, quem sabe se este mesmo beijo um pouco antes não teria te poupado á morte !...

Criminoso que sou ! Emquanto morrias aqui, abandonada e repellido por mim, que te não merecia ; emquanto me lançavas com o teu ultimo suspiro a tua benção e o teu perdão, eu te amaldiçoava e maldizia o teu affecto, sem ao menos comprehendel-o !

Coruja veiu arrancar-o dali á força e tão acabrunhado o achou depois do enterro que, para o consolar, lhe disse :

— Então, então, meu Theobaldo ! O que está feito já não tem remedio ! Nada lucras com ficar neste estado ! Vamos ! No fim de contas não tens culpa do que succedeu !...

— Não é verdade, meu bom André ? volveu o outro, apodegando-se das mãos do Coruja. Não é verdade que não sou um assassino perverso ?... Não é verdade que se, a matei...

— Oh ! tu não a mataste !...

— Sim, matei-a ! Sei perfeitamente que fui a causa de sua morte ; mas eu tambem não podia adivinhar que a minha indiferença a levasse a tal extremo !

— De certo, de certo !

— Ah ! sou um desgraçado ! sou um ente maldito ! Todos me cercam de carinhos e bondades, eu só os retribuo com o mal e com a ingratição ! Reconheço que sou amado de mais ! Reconheço que nada mereço de ninguem, porque nada produzo em beneficio de quem quer que seja ! Deviam dar cabo de mim, como se faz com os animaes damninhos !

— Enlouqueceste, Theobaldo ! Estás a dizer tolices !

— Não ! replicou este, não ! E em ti mesmo vejo a confirmação do que estou dizendo ! E's trabalhador, és perseverante, és digno de toda a felicidade, e, só por minha causa, não consigues ser feliz !

— Ao teu lado não posso ser infeliz, meu amigo.

— Ao meu lado és sempre tão desgraçado como eu! Ainda não conseguiste o teu casamento, ainda não conseguiste fazer o teu pecculio, e tudo por que?... Porque eu aqui estou! Já hoje não foste á tua obrigação; hontem gastaste o dia inteiro a cuidar desta pobre mulher que eu matei...

Coruja percebeu que eram inuteis as suas palavras de consolação, porque o desespero de Theobaldo estava ainda no periodo agudo, e, para distrahir-o, resolveu procurar casa no dia seguinte e tratar logo da mudança.

Aquelles factos serviram para redobrar a irregularidade da vida de Theobaldo, porque vieram modificar as theorias deste sobre o amor da mulher e aquecerem-lhe durante algum tempo as algibeiras.

Foi por seu proprio pé á procura de Leonilia que, não conseguindo realisar a premeditada viagem, havia tornado á existencia primitiva e achava-se luxuosamente installada como dantes. Contou-lhe todo o oecorrido e acabou pedindo-lhe perdão de se ter mostrado até ahi tão indifferente e grosseiro tambem com ella.

A cortezã estranhou a visita, mas não menos a estimou por isso, abençoando instinctivamente do fundo d'alma a morte da outra, que lhe restituia o amante.

Foi assim que Theobaldo voltou aos braços della, entregando-se como por castigo, como para cumprir uma penitencia, em honra á memoria de Ernestina.

Todavia não se esqueceu de Branca; era esta a idéa verdadeiramente boa e consoladora de sua vida; era a sua doce estrella de esperanças; o grande lago azul onde o seu pensamento ia descansar, quando voltava desilludido dos prazeres ruidosos e prostrado pelo tedio da oeiosidade.

Agora assistia á casa do commendador com mais frequencia e, uma vez em que se achou a sós com Branca, tomou-lhe as mãos e disse lhe :

— Ah! Se eu pudesse lhe falar com franquesa...

— Mas...

— Sei que não tenho esse direito; a senhora nunca me autorizou a tal; muito me custa, porém, esconder por mais tempo o meu segredo... Oh! E' um desgosto tão grande... tão profundo...

— Um desgosto? ereia que me penalisa essa noticia...

— Obrigado, no entanto...

— Mas, qual é o desgosto?

- Consente que lh'o confesse ?
- Sim.
- Promette não ficar zangada commigo ?
- Diga o que é.
- E'o seu casamento.
- Com meu primo ? Ora, isso ainda não está decidido.
- Mas' estará em breve...
- Crê ?
- E'a vontade do commendador... e a senhora como filha docil e obediente...
- Meu pai não seria capaz de casar-me contra a minha vontade...
- E é contra a sua vontade este casamento ?
- O senhor já sabe que sim ; mas não vejo onde esteja a causa do seu desgosto...
- E' porque sou amigo de seu primo...
- E desejava vel-o casado commigo ?...
- Ao contrario, e por isso me desgosto.
- E por que não deseja vel-o casado commigo ?
- Porque...
- Diga.
- Porque a amo.
- Branca estremeceu toda e quiz fugir.
- Ouça-me, acrescentou Theobaldo, segurando-a pelos braços. Ouça e perdõa, minha doce esperança, minha vida ! A senhora foi o meu bom anjo, foi a salvadora de minha alma ; eu já me sentia perdido, gasto, morto, desde que a vi, reanimei-me como por encanto ! Adoro-a, Branca, e basta uma palavra sua, uma unica, para que eu seja o mais feliz ou o mais desgraçado dos homens !
- Cale-se, Theobaldo !
- Não ! Quero que me responda ?...
- Mas que lhe hei de eu dizer ?...
- Diga-me se devo ou não ter esperanças de ser amado pela senhora.
- Ella quiz escapar-lhe de novo ; elle não deixou.
- Vamos ! Fale.
- Sim... disse Branca afinal, corando muito e fugindo.

## XIV

A vida de André ficou muito mais desaffrontada depois da morte de Ernestina, graças ao magro legado que a infeliz deixara ao outro.

O bom rapaz prineipiou logo a pôr de parte algum dinhêiro do que ganhava, para ver se podia afinal realizar o seu easamento; pois, a despeito das insisteneias do amigo, não houve meio de lhe fazer aeeitar das mãos deste um só vintem.

— Não, não! dizia. Isso, nas eondições em que te achas, mal chega para te equilibrares de novo! nada, meu amigo, é preciso que endireites a tua vida; que a ponhas em ordem e possas manter por algum tempo eerta independencia. Paga aos teus credores e não te preoccupes eommigo; deixa-me cá, deixa-me ca com os meus rapazes e trata de applicar agora o que possues, melhor do que fizeste da outra vez! Isso é que é! Lembra-te das privações e dissabores por que passaste!...

Mas qual! Theobaldo, mal empolgou a herança, tornou a mesma ou peor vidinha que levara antes de empobecer; não era homem para ficar quieto com dinhêiro no bolso. Enquanto tivesse o que gastar, não pensaria n'outra cousa; e dir-se-hia até que as suas provações dos ultimos tempos, em vez de o corrigirem, serviram apenas de lhe estimular a febre da prodigalidade.

Quem o vissem um anno depois não acreditariam que ali estava o desesperado herdeiro de Ernestina; que ali estava aquelle misero rapaz a quem, por castigo, o remorso e o arrependimento arrastaram de novo aos braços de Leonilia. E, a julgar pelas apparencias, tão proveitoso lhe fora o tal castigo, que Theobaldo acabara por esquecer totalmente a culpa.

Todo elle agora respirava jubilo, elegancia e prosperidade; seus esplendidos vinte e sete annos luziam por toda a parte. Tambem a época não podia ser melhor para isso: o Rio de Janeiro passava por uma transformação violenta, estava em guerra; e, enquanto as provincias se despiam para cobrir com os seus filhos os sertões paraguayos, o Alcazar erguia-se na rua da Valla e a opereta franceza invadia-nos de cabelleira postiea e perna núa.

Durante o dia ouvia-se o hymno nacional acompanhando para bordo dos vazos de guerra os voluntarios da patria; á noite ouvia-se Offenbach.

E o nosso entusiasmo era um só para ambas as musicas.

A guerra tornava-nos conhecidos na Europa e uma nuvem de mulheres de todas as nacionalidades preeipitava-se sobre o Brazil, que nem uma praga de gafanhotos sobre um eafesal; as estradas de ferro desenvolviam-se facilitando ao fazendeiro as suas visitas á eôrte e o dinhêiro ganhado pelos escravos desfazia-se em camelias e champagne; abriam-se hoteis onde não

podiam entrar famílias; multiplicavam-se os botequins e as casas de penhores. Redobrou a loteria e a roleta, correram-se os primeiros cavallos no prado; surgiram impostos e mais impostos, e o ouro do Brazil transformou-se em papel-moeda e em fumaça de polvora.

Theobaldo estava, pois, com o seu tempo; já demandando todas as noites o Aleazar dentro do seu cabriolet, que elle mesmo governava eom muita graça; já pereorrendo a cavallo as ruas da eidade em marcha ingleza; já servindo de juiz de raia no Jockey Club ou madrugando nas ceias do Raveaux ao lado das Vénus alcazarinas.

Entretanto, posto esquecesse a culpa, não se descuidava totalmente da sua penitencia a respeito de Leonilia e tinha para ella uma especie de estima obrigatoria, como a de alguns maridos pela competente esposa.

A cortezá, já então um pouco offuscada pela concurrença estrangeira, resignava-se áquelle meio amor, esperando, cheia de fé, que o seu amado haveria, mais cedo ou mais tarde, de recorrer aos braços della como supremo recurso quando lhe chegasse a elle a saciedade ou quando se lhe esgotassem reursos para a peraltice.

— Aquella vidinha não podia durar muito e, uma vez comido o ultimo vintem, não seria eom as franeezas que elle se havia de achar!

Com effeito, ainda não estava em meio o segundo anno da nova opulencia de Theobaldo e já este começava de retrahir-se da pandega, não para tornar fielmente a Leonilia, mas torcendo para o lado de Branca, de cujo namoro se descuidara um pouco nos ultimos tempos.

E' ao sentir mureharem-lhe de todo as algibeiras, veiu-lhe uma ardente febre de liquidar quanto antes aquelle easamento, que passava a ser de novo para elle o extremo porto de salvação. Aguiar, porém, que não desistia uma pollegada de suas pretenções sobre a prima, deu logo por isso, poz-se de sobre-aviso, estudou-os a ambos e afinal, sem mais se poder conter, interrogou abertamente a menina, de uma vez em que a pilhou de geito.

Branca respondeu que não reconhecia nelle direito algum que o autorizasse a fazer semelhante interrogatorio e, depois de muito instigada pelo primo confessou que votava ao Sr. Theobaldo particualar affeição e que estaria disposta a casar-se com elle, no easo que elle a desejasse.

Com que a senhora o aeeitaria para marido?

— A ter de escolher...

— Escolhia-o...

— E' exacto.

— Quer dizer que o ama!...

— Não sei o que é o amor; apenas reconheço no seu amigo todas as qualidades que eu sonhava no meu noivo; assim pensasse elle a meu respeito...

— Ah! descanse que não! Aquillo não é homem para sentimentos dessa ordem! E' um libertino!

— Meu primo!

— A senhora já o defende?... Bravo!

— De certo, porque o senhor o está calumniando!

— E minha prima o conhece por ventura? Saberá ao menos quaes são os precedentes da vida d'elle?

— Não, mas calculo.

— Pois erra no calculo! Fique sabendo que Theobaldo não a merece; é, repito, um homem incapaz de qualquer afeição séria e duradoura; é um homem que se gastou, que se estragou em amores de todo o genero e...

— Se continúa a falar desse modo, vou para junto de meu pai...

— Ah! não quer ouvir as verdades a respeito d'elle; está bom, está muito bom!... Não sabia que a cousa chegara a este ponto; mas, emfim, sempre lhe direi que o seu rico Theobaldo até hoje tem vivido, por bem dizer, á custa de mulhres!...

Branca ergueu-se indignada e fugiu.

— Miseravel! considrou o Aguiar; é preciso ser muito infame para fazer o que elle fez! Apresento-o a esta casa, confio-lhe as minhas intenções, declaro-lhe quanto adoro minha prima, e o patife responde a tudo isso procurando disputar -m'a. Ah! mas a cousa não lhe ha de ser assim tão doce! Eu cá estou para te cortar os planos, especulador! Queres apanhar-lhe o dote? Pois tens de te haver comigo! Não te lamberás com o dinheiro de meu tio como te lambeste com o dinheiro da pobre Ernestina!

Dahi a dias falava o Aguiar com o commendador. :

— E' preciso abrir os olhos, meu tio, é preciso abrir os olhos. Aquelle tratante é capaz de tudo! Abra os olhos, se não quizer que elle lhe pregue alguma peça...

— Mas, com a breca! não foste tu mesmo que m'o apresentaste?

— Não o conhecia nesse tempo: andava illudido; só hoje sei a bisca que ali está.

E contou a respeito de Theobaldo todas as verdades que sabia



e mais ainda o que lhe pareceu necessario para as realçar ; assim, disse que elle era um grande devasso e um grande hypocrita ; que elle para conseguir qualquer desideratum não hesitava de fronte de obstaculos, nem considerações de especie alguma, e que, no caso presente, se o commendador não tratasse de defender a filha, o patife conseguiria apoderar-se della, pois já lhe havia captado a confiança e talvez o coração.

— Estais sonhando com certeza !

— Não ! digo a verdade. Branca deseja casar com elle !

— Não creio ! Isso não pôde ter fundamento !

— Juro-lhe que tem ! Ella propria m'ò confessou !

— Nesse caso vou interrogal-a.

— Pois interrogue, e verá !

Branca respondeu ao pai com toda a franqueza que « Se tivesse de escolher noivo preferiria o Sr. Theobaldo a qualquer outro... »

— Bem, filha, isso é lá uma questão de gosto ; não se argumenta ! mas, sempre te direi que é de minha obrigação evitar que dés um passo máo ; preciso esclarecer-te sobre os precedentes e sobre o character desse moço, a quem na tua innocencia escolheste para marido.

— Oh ! mas foi vossemecê justamente quem me deu o exemplo de gostar d'elle !... Não posso comprehender como um rapaz, até aqui tão querido e sympathizado por todos nesta casa, mereça o que meu pai acaba de dizer !...

— Sim, minha filha, mas o casamento é cousa muito séria ; pôde a gente sympathisar com uma pessoa, achar que ella tem talento, que é bonita, que é engraçada ; sim, senhor ! Dahi, porém, a querer mettel-a na familia vai uma distancia enorme !...

— Não sei que possa faltar áquelle rapaz para ter direito á minha mão !...

— Não se trata do que lhe falta, meu bem, mas do que lhe sobra !...

— Como assim ?

— E' que ha feios boatos a respeito da vida que elle tem levado aqui na côrte...

— Intrigas de meu primo...

— Eu, pelo menos, preciso tomar certas informações antes de consentir que penses nelle.

— Ora, papai, isto de pensar ou de não pensar em alguem não depende da vontade ; e, quasi sempre, quanto mais a gente faz por não pensar em uma pessoa ou em uma cousa, é quando mais ella não lhe sahe da idéa.

— Bem, bem, bem ! disse o velho afastando-se contrariado, mais tarde havemos de falar neste assumpto ; por ora não tens a cabeça no seu lugar.

Toda esta conversa foi á noite desse mesmo dia relatada minuciosamente a Theobaldo por Branca, que se encontrou com elle em casa de uma familia conhecida de ambos.

— Estás disposta a casar commigo ? perguntou-lhe o rapaz.

— Bem sabes que sim.

— Mesmo sem a autorização de teu pai ?

— Sim, mas exijo que lhe faças o pedido.

— E se elle negar !

— Insistiremos.

— E se elle insistir tambem na recusa ?

— Esperaremos.

— E se elle nunca mudar de idéa ?

— Não sei... Havemos de ver...

— E se elle quizer casar-te á forç com teu primo ?

— Oh ! isso não consinto.

— Pois fica sabendo que é essa a sua intenção !

— Não creio !

— E, se for, estás disposta a reagir ?

— Estou.

— E sabes qual é o unico meio que ha para isso ?

— Qual é ?

— Fugindo.

Branca teve um sobresalto e repetiu quasi que mentalmente :

— Fugindo?...

— Sim, e desde já preciso saber se devo ou não contar commigo ; nestes casos não ha meias medidas a tomar : se estás disposta a ser minha esposa, arrostaremos tudo ; se não estás, desappareceu para sempre de teus olhos. Decide !

— Sim, mas tu has de falar primeiro a papai...

— Está claro e só me servirei do rapto no caso que elle me recuse a tua mão.

— Talvez não recuse...

— E se recusar ?

Ella abaixou os olhos.

— Responde ! disse elle.

— Irei para onde me lewares...

— Bem. Estamos entendidos.

E Theobaldo afastou-se disfarçadamente.

Quando tornou á casa, foi direito ao Coruja, a quem por ultimo

— Uma revelação ? Entra.

— Com licença.

E, assentando-se defronte della :

— Ainda gostas muito de Theobaldo ?

— Loucamente, por que ?

— Sentirias muito se elle te abandonasse ?

— Se me abandonasse ? Mas que queres dizer ? Ha alguma novidade ? Elle tenciona sahir do Rio ? Anda ! fala por uma vez !

— Não, não é isso...

— Então que é ? Desembucha !

Aguiar estendeu as maos uma contra a outra, em signal de casamento e fez um tregeito com os olhos.

— Casar ? Elle ? ! exclamou Leonilia empallidecendo repentinamente — Elle vai casar ? !

— Está tratando disso e é natural que o consigua se lhe não cortarem os planos... Só uma pessoa o poderia fazer e essa pessoa és tu.

— Eu ? ! disse ella, affectando indifferença — Ora, que me importa a mim ! Que se case quantas vezes quizer !

Mas puxou logo o lenço da algibeira, escondeu os olhos e atirou-se depois sobre o divan, soluçando afflicta.

— Bom, bom ! pensou o rapaz — com esta posso contar !...

E foi assentar-se ao lado da cortezã, para lhe expor o caso minuciosamente. Soprou-lhe em voz baixa o nome da noiva; o numero da casa do tio, falou sobre este e sobre Mme. de Nangis e terminou dando parte do novo emprego de Theobaldo.

— Se aquelle patife, continuar mais algum tempo no escritorio, segredou elle, estará tudo perdido ! E' preciso antes de mais nada arrancar-o dali. Conheço-lhe as manhas, é capaz de enfiar um camello pelo ouvido de uma agulha !... Trata de evitar o casamento e podes, além do resto, contar com uma boa recompensa de minba parte. Adeus.

Leonilia deixou-o sahir, sem lhe voltar o rosto, nem lhe dar uma palavra. Só alguns minutos depois, ergueu-se, passou as mãos pelos cabellos das fontes, suspirou prolongadamente, mirou-se no espelho que lhe ficava mais perto e apoiou-se a um movel, com o olhar cravado em um ponto da sala.

— Miseravel ! balbuciou ella depois de longa concentração — Miseravel ! E elle que nunca me falou nisto !... Illudir-me por tanto tempo !... Tinha um casamento ajustado, tinha um namoro, e eu suppondo que era amada !... Ah ! quando me lembro que ainda hontem lhe disse que seria capaz de tudo por

causa delle, que tudo supportaria para não me privar dos seus carinhos !... Oh ! mas hei de vingar-me, hei de fazel-o soffrer o quanto for possivel ; hei de perseguil-o emquanto durar o meu amor ! Ou este casamento será desmanchado ou Theobaldo não terá mais um momento de repouso em sua vida !

E desde então principiou Leonilia a fazer planos de vingança, a imaginar maldades e reprezalias contra o amante, disposta a não lhe deixar transparecer o menor indicio das suas intenções ; mas, na primeira occasião em que Theobaldo esteve ao seu lado, ella se não pôde conter e, entre soluços, deixou rolar contra elle a formidavel tempestade de ciumes que a tanto custo reprimia.

— E' exacto, respondeu o moço sem se alterar. Já que sabes de tudo, confesso-te que vou casar.

— Hypocrita !

— Hypocrita por que ? Então não posso dispor de mim ?

— Não, de certo ! a não ser que tenciones me dar o mesmo destino que teve a pobre Ernestina !

Theobaldo fez um gesto de contrariedade e Leonilia acrescentou :

— Não, de certo, porque, quando uma mulher ama como eu te amo, não pôde consentir que o seu amado se case com outra !

— Mas, filha, é preciso ser razoavel !... Querias [então que eu fosse eternamente o teu *amant de cœur* ?... querias que eu não tivesse outras aspirações, outros idéaes, senão representar a indigna e falsa posição que represento aqui nesta casa, que não é paga só por mim ?...

— Oh ! Já tive occasião de provar-te que não ligo importancia a tudo isto !...

— Sim, mas não comprehendes que tenho aspirações e prézo o meu futuro ? não vês que scria loucura de tua parte contar commigo para toda a vida ?... Oh ! ás vezes nem me pareces uma mulher de espirito !

— E amas tua noiva ?

— Se não a amasse, não desejaria casar com ella.

— Dize antes que lhe cobijas o dote ; serias, ao menos, mais delicado para commigo.

— Bem sabes que eu não minto...

— Quando não te faz conta !...

— Desafio-te a citares uma mentira minha !

— Ora ! não tens feito outra cousa até agora, escondendo de mim os teus projectos de casamento...

— Não ! Isso seria falta de franqueza, mas nunca mentira.

— E' mentir fazer acreditar em um amor que não existe.

— Eu nunca fiz semelhante cousa ! Não fui eu quem te illudiu, foste tu propria !

— Conféssas então que nunca me amaste, não é assim ?

— A que vem esta pergunta ?... Amar ! amar ! Oh ! como tal palavrão me enjoa e apoquentá !

— E' porque és um cynico !

— Não, é porque « amor » nada exprime, é um palavrão sem sentido ; fala-me em sympathy, em gostar de ver alguém e sentil-o ao seu lado ; fala-me na estima e no apreço em que temos os bons e os generosos, e eu te comprehenderei e eu te direi que te aprecio e te quero !

— Vais me offerecer a tua amizade. Aposto.

— Não te posso offerecer uma cousa de que dispões ha muito tempo... O que eu desejo é appellar justamente para essa amizade e pedir-te em nome della que não sejas um obstaculo ao meu futuro e á minha tranquillidade.

— Não te comprehendo.

— Meu futuro basêa-se todo neste casamento.

— E vens pedir que eu te auxilie ?...

— Sim.

— Pois desiste de, tal idéa !

— Não queres me proteger ?

— Quero guerrear-te.

— Ah !...

— Hei de fazer o possivel para que o teu casamento nunca se realize !

— E' assim que és minha amiga ?...

— E' assim que sou rival de tua noiva ! Hei de fazer o que puder contra ella ! E's meu ! amo-te ! hei de defender-te de toda e qualquer mulher, seja uma das minhas ou seja uma donzella de quinze annos !

— Queres então que eu me arrependa de haver consentido em ser teu amante ?

— Não sei ! quero é que não me deixes ! Sou muito mais velha do que tu ; espera que eu morra e casarás depois com uma das que ahi ficaram.

— E's má !

— Sou mulher.

— Adeus.

E fez alguns passos na direcção da porta ; ella atirou-se-lhe ao pescoço e começou a soluçar, beijando-o todo, sofregamente, como quem se despede do cadaver de um ente querido a quem vão sepultar.

Theobaldo entretanto conseguiu desviar-se-lhe dos braços e sahiu, disposto a nunca mais tornar ao lado della.

Mas, no dia seguinte, ás duas da tarde, trabalhava no escriptorio do patrão, quando viu parar á porta o carro de Leonilia e logo, em seguida, entrar esta pela casa, á procura do Sr. commendador Rodrigues de Aguiar.

— O commendador não está, disse-lhe um caixeiro.

Leonilia perguntou a que horas o encontraria ; o caixeiro respondeu, e ella sahiu com o mesmo desembaraço com que entrara.

Theobaldo, mal ouviu bater a portinhola do carro, atirou para o lado a correspondencia, poz o chapéo, abandonou o escriptorio, tomou um tilbury e seguiu na pista da cortezã. Quando esta se apejava á porta de casa, elle surgiu ao lado della.

— Que deseja de mim ? perguntou Leonilia parando á entrada

— Pedir-te um favor.

— Agora não lhe posso prestar attenção. Adcus.

— Olha ! Ouve !

Ella não respondeu, arrepanhou as saias, galgou a escada e Theobaldo ouviu bater em cima uma porta fechada com arremesso.

Tornou á rua estalando de colera.

— Maldita mulher ! pensou elle. Maldita mulher, que tanto mal me faz !

E, quando mais reconsiderava as vantagens do seu casamento, mais furioso ficava contra Leonilia e mais apaixonado se supunha pela graciosa filha de commendador.

Mettcu-se de novo no tilbury e mandou tocar a toda força para o collegio onde trabalhava o Coruja. Era uma idéa que lhe apparecera de repente.

E assim que viu o amigo :

— Arranja uma sabida já ! disse-lhe, sacudindo a mão delle entre as suas. Preciso de ti no mesmo instante. E' um caso urgente. Vem dahi !

O Coruja, meio contrariado por interromper a sua obrigação, mas ao mesmo tempo já em sobresalto com as palavras do amigo, não se fez esperar muito.

— Então, que temos ? perguntou, logo que se viu a sós com Theobaldo na rua.

— André, preciso que me prestes um serviço, um verdadeiro serviço de amigo : Leonilia quer desmanchar o meu casamento ; é necessario convencel-a do contrario. Só tu me podes fazer isso ; és o unico homem serio de que disponho ! Vai ter com ella a cha-

ma-a á razão! Fala-lhe com franqueza, promette-lhe o que entenderes. comtanto que a convenças!

— Ella ameaçou-te de fazer qualquer cousa?

— Nem só ameaçou, como até já foi ao escriptorio do commendador procural-o!...

— Falou-lhe?

— Não porque felizmente elle não estava em casa, mas volta amanhã sem duvida ou talvez ainda hoje mesmo, e tu bem sabes que, se ella fala ao commendador, estou perdido; e adeus casamento, adeus futuro, adeus tudo!

— E' preciso então ir já?

— Sim, immediatamente! Olha! mette-te no tilbury e vai, anda!

Coruja fez ainda algumas perguntas, tomou certas informações e afinal seguiu para a casa de Leonilia.

Veu ella propria recebel-o, fel-o entrar para a sala e assentou-se-lhe ao lado.

Só então o pobre André avaliou o alcance do seu compromisso; achou a commissão mais difficil do que julgara e a si proprio mais fraco do que suppunha; mas vencendo o acanhamento, principiou sem transição:

— Sabe, moça, eu venho aqui para lhe pedir um favor...

— O senhor é o amigo de Theobaldo, não é verdade?

— Sou eu mesmo.

— O Coruja, não?

— Justamente.

— Que favor deseja pedir?

— Que a senhora não faça a desgraça do nosso amigo.

— Como?

— Desmanchando-lhe o casamento.

— Elle então já lhe falou nisso?

— Já, e eu vim pedir á senhora que tenha pena do pobre rapaz.

— E'elle teve pena de mim, por ventura? Elle não calculou que com esse casamento fazia a minha desgraça? Não se lembrou de que ha já um bom par de annos que nos amamos e eu não poderia de braços cruzados vel-o atirar-se nos de outra mulher?... Elle não calculou tudo isso?

— Mas é necessario, replicou André.

— Para quem? perguntou a rapariga.

— Para elle.

— Pois tambem é necessario para mim que elle não case.

— Não tanto...

— Não tanto? Ora essa! Por que?

— Porque a senhora já tem, boa ou má, a sua vida constituída, e elle precisa fazer um futuro, precisa arranjar uma posição.

— Ora !

— E' que talvez a senhora não esteja bem informada ; as cousas nunca se acharam para elle tão ruins ! Theobaldo está em uma situação critica, muito critica ; se não consegue realizar este casamento, fica perdido, perdido para sempre, e, como lhe conheço bem o genio, receio pela vida d'elle !...

— Outro tanto não faz elle a meu respeito.

— Ah ! mas a senhora não se vê nos mesmos apuros...

— Engana-se, meu amigo, estou até em muito piores condições. Todo este luxo que o senhor tem defronte dos olhos não significa opulencia, significa miseria !... Sou mais infeliz do que qualquer das minhas companheiras, porque tenho coração, porque sinto e conheço o terreno em que piso, e sei avaliar cada passo que dou neste tristissimo caminho de minha vida ! Ah ! vêm-me rir ; vêm-me zombar de tudo e de todos, e no entanto só eu sei o que vái cá por dentro ! Soffro e soffro mais do que ninguém ! Cada beijo que tiro dos meus labios para vender, é mais uma fibra que me estala n'alma ! Oh ! daria todo o meu sangue para não ser quem sou !

O Coruja principiava a commover-se.

— Mas... proseguiu Leonilia, o senhor no fim de contas tem toda a razão : meu amor não é como o amor das outras pessoas, o meu amor, em vez de elevar, humilha e rebaixa ! Quanto mais delicada, quanto mais escrava e amiga me fizer de Theobaldo, tanto mais o prejudico ! Tem toda a razão ! E' indispensavel que eu me afaste d'elle por uma vez ! E' preciso que eu acorde deste sonho para cahir de novo na triste realidade do meu destino ! Que importa que isso aggrave os meus soffrimentos ; que os torne perigosos ; que os torne fataes ?... Que importa, se nada lucram os outros com a minha vida ou perdem com a minha morte ?... Elle quer abandonar-me ? Pois não ! faz o seu dever, obrará como um « rapaz de juizo ! » Todos os homens serios e reflectidos applaudirão esse acto ! Elle quer casar ? Nada mais justo ! O casamento é a moral, é a ordem, é a dignidade no amor ! Pois alguém lhe perdoaria abandonar um casamento vantajoso só para impedir que succumbá uma desgraçada, uma mulher perdida ? Ninguem, de certo ! Ah ! tudo tem seu tempo ! Amou-me enquanto podia e precisava amar-me ; depois nada mais tem que fazer a meu lado e vai buscar o que lhe convem, o que serve para o seu futuro ! Aqui não se trata de mim ; trata-se d'elle ape-



nas ; eu que não fosse tola ! Quem me mandou tomar a serio o que não devia passar de uma brincadeira, de um capricho ? Quem me mandou a mim sonhar com felicidades que me não pertencem ?... Pois não devia eu calcular logo que as desgraçadas de minha especie só têm direito á libertinagem, ao vicio e á eterna degradação ?...

E Leonilia rompeu em soluços.

— Não se mortifique... aconselhou o Coruja, sem achar o que dizer.

— Ah ! Sou muito, muito desgraçada ! Ninguém poderá calcular o quanto soffre uma mulher nas minhas condições, quando ella não sabe ser quem é e quer se dar á fantasia de revoltar-se contra o seu proprio meio ! Por todos os lados sempre a mesma lama : o que se come, o que se veste, o que se gasta, é tudo prostituição ; nada que não tenha a mancha de podre ! E no entanto uma cousa boa e pura me restava ainda no meio de tanta immundicia : era o meu amor por Theobaldo ; esse não tinha sido contaminado pelo resto... Quando eu me sentia aviltada por tudo e por todos, refugiava-me nelle, lembrava-me de que o amo sem interesses mesquinhos, sem hypocrisias, nem baixezas ; e esta idéa me fazia por instantes esquecer de mim mesma, esta idéa como que me transformava aos meus proprio olhos, e eu me suppunha menos só no mundo e menos prostituta ! Agora, querem arrebatá-lo ; querem tomar-me o unico pretexto que eu tinha para viver... pois levem-no ! Mas, oh ! por quem são ! deixem-me morrer primeiro ! Não ha de custar tanto !

— Não pense nisso !

— E do que me serve a vida sem Theobaldo?... E' que o senhor não conhece, não póde imaginar o que é a existencia de nós outras, mulheres perdidas ! E' simplesmente horrivel ! Hoje ainda encontro quem me ampare, porque não estou de todo acabada ; mas amanhã os homens principiarão a desertar e as suas vagas representarão mil necessidades — depois a molestia, a fome completa e afinal — « Uma esmola por amor de Deus ! » Eis ahi o que me espera, como espera a todas as minhas iguaes ! Atravessamos uma existencia de vergonhas para acabar n'um hospicio de idiotas ou n'um hospital de mendigos ! Pois bem ! com a idéa em Theobaldo, eu me esquecia desse futuro implacavel ; bem sei que elle nunca me recolheria de todo á sua guarda... Quem sou eu para merecer tanto ?... mas dizia comigo « Elle coitado, tem-me amor, nada me póde fazer por ora ; mais tarde, porém, quando me vir totalmente desamparada, virá em meu soccorro e não consentirá que eu morra como um cão sem dono ! »

— E quem lhe disse que elle não olhará pela senhora?... Por que o ha de suppor tão máo?

— Ah! Mas uma vez casado, a cousa muda logo de figura... Não ha homem que se não modifique deixando o estado de solteiro! Quando elles até então só amam a mulher com que se casam, mal a possuem esquecem-na por outra; e, se antes do casamento já se dedicavam a qualquer amante, será esta sacrificada á legitima esposa. Esta é a lei geral; esta ha de ser a lei de Theobaldo!

— Mas, segundo me parece, isso não impede que elle seja eternamente grato aos desvelos que a senhora lhe dedicou.

— Sim, creio, e é justamente por esse motivo que eu nada esperarei d'elle depois do casamento. Uma mulher aceita a compaixão seja de quem for e pelo que for, menos do seu amado, em substituição da ternura.

— Pois se lhe repugna acceita-a das mãos d'elle, pôde recebê-la das minhas; comprometto-me a olhar pela senhora.

Leonilia, ao ouvir isto, voltou-se de todo para o Coruja e mediu-o em silencio com os olhos ainda congestionados pelo choro. « Que significaria aquella proposição?... »

— O senhor tenciona tomar-me á sua conta?... perguntou ella sorpreza. Tenciona fazer-se meu amante?

André tornou-se vermelho e balbuciou:

• — Está louca?

— Mas não é essa a proposta que acaba de fazer?

— Eu lhe offereci apenas o meu auxilio pecuniario...

— Quer ser então o meu protector?

— Quero oppor-me á desgraça de Theobaldo.

— Quanto o senhor é amigo daquelle ingrato!

— Se a senhora se acha disposta a sahir do Rio de Janeiro, arranja-se-lhe o necessario para a viagem. Concorda?

— Sim; creia, porém, que é mais pelo senhor do que por elle.

— Obrigado. Amanhã mesmo lhe chegará o dinheiro ás mãos. Adeus.

Leonilia foi acompanhá-lo até á porta e o Coruja sahiu para ir ter com Theobaldo.

— Bonito! exclamou este, quando o amigo lhe prestou contas da sua commissão — Fizestel-a bonita!

— Como assim?

— Pois tu foste prometter dinheiro á mulher? Não sabes que não tenho onde ir buscal-o?

— Dividiremos a despeza... eu posso arranjar a metade. Creio que, se lhe mandarmos uns duzentos mil réis...

— Duzentos mil réis ! Isso nem dobrado vale nada para ella ! Não conheces esta gente ! Foi o diabo !

— E quanto entendes tu que é necessario dar-lhe ?

— Sei cá ! Nunca menos de cem libras esterlinas !

— Um conto de réis !

— Com menos disso, duvido que ella se vá embora !

— Ha de se lhe dar um gcito ! Não te affijas.

— E' que eu estou sem vintem !

— Arranja-se...

— Não admitto que te sacrifiques tão estupidamente ! Ora, essa !

— Descansa que não me sacrificarei...

Mas, ao tirar-se dahi, André foi direitinho á sua secretária, saccou de uma das gavetas um pequeno pacote de notas de cem mil réis, metteu-o no bolso e sahio.

Quando tornou ao lado de Theobaldo, disse-lhe :

— Sabes ? Está tudo arranjado.

— Hein ? Como ? Ella parte ?

— Sim. Levci-lhe em teu nome oito centos mil réis. Seguirá no primeiro paquete para Buenos-Ayres e não tornará tão cedo ao Brazil.

— O' desgraçado ! Querem ver que lhe déste as tuas economias !

— Não ; apenas o que fiz foi adiantar-te o dinheiro ; depois de casado me pagarás.

— Nesse caso vou passar-te uma letra.

— Para que ? Não precisa.

## XXI

E no entanto, á noite desso mesmo dia, travava-se entre o Coruja, D. Margarida e a filha desta o seguinte torneio de palavras :

— Então, *seu* Miranda ; o senhor decide ou não decide o diabo deste casamento ?

— Agora, agora Sra. D. Margarida, é que as cousas vão endireitando e, se Deus não mandar o contrario, pôde bem ser que tudo se realize até mais cedo do que esperamos.

— Ora ! já não é de hoje que o senhor diz isso mesmo !

E note-se que, depois que Theobaldo melhorara de circumstancias, D. Margarida havia abrandado muito a aspereza de suas palavras para com o futuro genro ; isto quer dizer que ultimamente podia André, como no principio de seu namoro, levar alguns presentes á noiva e mais á velha. Mas, nem por isso, deixava esta de falar ás vizinhas, desde pela manhã até á noite, a respeito do celebre casamento da filha, que, segundo a sua expressão, parecia encantado.

— Pois se tu também não te mexes! gritava ella ás vczes, ralhando com a rapariga. A ti tanto se te dá que as couças corram bem como que não corram. Nunca vi tamanho descanso, credo! Ninguém dirá que és a mais interessada no negocio!

Ora, mamã, mais vale a nossa saúde!... respondia Ignez, invariavelmente. O que tem de ser traz força!

— Oh! que raiva me mettes tu quando dizes isso, creatura!

— Mas se é...

— Qual é o que! Cada um que não trate de si para ver como ellas lhe sabem! Não me tiram da cabeça que, se apertasses um pouco o rapaz, elle talvez até já tivesse aviado por uma vez com isto! Já com a tal historia do ensino foi a mesma cousa; tu, tanto remancheaste, tanto te descuidaste, que afinal lá se foi tudo por agua abaixo!

— Ora, eu ensino em casa da mesma fórma...

— A quatro pintos pellados, que levam ali todo o santo dia a me atenazarem os ouvidos com o « b-a faz bá, b-e faz bê! » Ora, Deus me livre!

— Rendem quasi tanto como uma cadeira...

— Mas não são certos. De um momento para o outro podes ficar sem nenhum!... Ao passo que a cadeira...

— Mais vale a quem Deus ajuda...

— Sim, mas Christo disse: « Faze por ti que eu te ajudarei. » E é justamente do que não te importas — é de fazer por ti!

Estas conversas acabavam quasi sempre arreliando a velha, que por fim lançava á conta do Coruja toda a responsabilidade do seu azedume. Porém o que mais a mortificava era o falatorio da vizinhança, era o commentario dos conhecidos da casa, que principiavam já a zombar abertamente do « tal casorio. »

— A Ignezinha está só esperando idade para casar!... diziam elles em ar de chacota, para mexer com o genio da velha.

E seguiam, porque D. Margarida ficara furiosa; mas não contra aquelles e sim contra o pobre André.

Este, todavia, com a regularidade de um chronometro, não faltava á casa da noiva, ás horas do costume. Apresentava-se lá com a mesinissima cara do primeiro dia, sempre muito serio, muito respeitoso e muito dedicado; Ignez, também inalteravel, vinha assentar-se ao lado d'elle, emquanto a velha se postava defronte dos dous. E assim conversavam das sete ás dez horas todos os domingos e das sete ás nove nas terças, quintas e sabbados.

E lá se iam cinco annos em que isto se verificava com a mesma pontualidade. André era já conhecido no quarteirão e,

quando elle surgia na esquina da rua, resmungavam os vizinhos de D. Margarida ;

— Ali vem o noivo empedrado !

Houve espanto geral em vel-o passar uma sexta-feira fóra das horas costumeiras e muito mais apressado e mais preocupado que das outras vezes.

Ia pedir á velha um obsequio bastante melindroso : E' que nesse dia, pela volta das onze, Theobaldo lhe surdira no collegio, com um ar levado dos diabos, o chapéo á ré, o rosto em fogo, para lhe dizer :

— Sabes ? Fiz o pedido ao velho !

— Já ? Acho que foste precipitado !

— Pois se elle quer enterrar a filha em Paquetá, até que ella se resolva a casar com o primo !

— Mas então ?

— Negou-m'a !

— Negou-t'a ?

— Abertamente ! Chegou até a contar-me uma porção de historias, que me fizeram subir o sangue á cabeça !

— Que disse elle ?

— Ora ! Que eu não estava no casa de fazer a felicidade da filha ; que eu era um estroina, um doído ; que eu tinha mais amantes do que dentes na boca (foi a sua phrase) e que eu, para prova de que não gostava do trabalho, nunca tomara a serio o emprego que elle me dera em sua casa ; e que eu entrava sempre mais tarde que os outros ; que eu era isto e que era aquillo, e que, ainda mesmo que eu não fosse quem sou, elle não podia me dar a filha, porque já estava com promettido com outro...

— O Aguiar...

— Já se vê !

— E tu, que lhe respondeste ?

— Eu ? Eu olhei muito serio para elle e disse-lhe : você sempre é um ginja muito idiota ! O velho ficou mais vermelho que o lacre, tremeu da cabeça aos pés, cresceu meio palmo e não pôde dar uma palavra, porque estava completamente gago. Então agarrei no chapéo, enterrei-o na cabeça e bati para Botafogo !

— Para a casa delle ? Ah ! isto se passou aqui em baixo...

— Sim. Entrei na chacara e fui enfiando até á escadaria do fundo. O acaso protegeu-me ; Branca bispou-me da janella e veiu logo ter commigo a um signal que lhe fiz « Sabes ? disse-lhe, pedi-te ao commendador ; elle declarou que por cousa alguma consentirá que eu seja teu marido e jurou que has de casar cóm o Aguiar ! » Ella poz-se a chorar. « Tu me amas ? » pergun-

tei-lhe. Ella respondeu que me adorava e que estava disposta a tudo affrontar por minha causa. « Pois então, repliquei, se queres ser minha esposa, só ha um meio, é fugirmos! Estás disposta a isso? » Ella disse que sim, e ficou decidido que hoje mesmo ás dez horas da noite eu a iria buscar. Por conseguinte, tem paciencia, preciso de ti, pede licença ao director e saiamos, que não ha tempo a perder.

— Estou ás tuas ordens...

— Tens dinheiro?

— Um pouquito, mas em casa.

— Ora!

— Podemos dar um pulo até lá! Espera um instante por mim; não me demoro.

Durante o caminho, Theobaldo contou mais minuciosamente a sua conversa com Branca e pintou com exagero de cores a oppressão que lhe fazia o pai, para a constranger a casar com o bisborria do primo.

Chegados á casa, mal Theobaldo embolsou o que havia em dinheiro, disse ao amigo:

— Bem! Então, antes de mais nada emquanto eu vou falar ao conego Evaristo e depois vêr se arranjo mais algum cobre, vai ter á casa de tua noiva e pede á velha que consinta depositarmos lá a menina. Creio que ella não se opporá a isto; que achas!

— Não sei, vou ver...

— Pois então vai quanto antes e volta aqui immediatamente. E' quasi meio-dia, ás duas horas podemos estar juntos; iremos então tratar do carro e do resto; depois jantaremos no hotel e ás nove partiremos para Botafogo. A occasião não póde ser mais favoravel ao rapto; a noite ha de ser escura; a francezà está doente e de cama e, quando chegarmos, é natural que o commendador já se ache no segundo sommo e os creados no terceiro!

— Eu serei o cocheiro do carro, disse Coruja; sabes que tenho boa mão de redea.

— Bem lembrado! Escusa de mettermos entranhos no negocio. E, olha, para melhor disfarce, porás a librè do Caetano e levarás o seu chapéo de feltro.

— A librè do Caetano ha de chegar-me até aos pés...

— Melhor, ninguem te reconhecerá.

— Isso é verdade...

— Sabino?

— Meu senhor.

— Preciso hoje de você. A's quatro e meia no hotel. Ouviu?

— Já ouvi, sim senhor.

— Olha! Traz-me uma garrafa daquellas que estão no guarda louça.

Era um présente de Moscatel d'Asti espumoso, que lhe fizera Leonilia no dia dos annos delle.

— Vaes beber agora? perguntou o Coruja.

— Vou; sinto-me suffocado! Preciso de um estimulante. Conserua tu em perfeito juizo a tua cabeça e deixa-me beber á vontade.

Encheu duas taças e, erguendo uma dellas, disse ao amigo:

— Ao novo horizonte que se rasga defronte de nossos olhos! Ao amor e á fortuna!

Coruja levou a sua taca aos labios, bebericou uma gotta de vinho e afastou-se logo para ir á casa de D. Margarida; emquanto o outro, esticando-se melhor na cadeira em que estava e soprando com volupia o fumo do seu charuto, murmurava de si para si:

— Amanhã a estás horas tenho á minha disposição uma mulher encantadora e um dote de cem contos de réis! Ah! geração de imbecis, agora é que vais saber quem é Théobaldo Henrique de Albuquerque!

## XXII

A's nove horas da noite Theobaldo partira para Botafogo dentro de um coupé, em cuja boléa o Coruja e mais o Sabino empertigavam-se denodadamente como se foram legitimos cocheiros.

Era para ver o grave professor enfrornado naquella librê já russa, de botões enverdecidos de azinhavre, e todo austero, inalteravel, possuido da mesma gravidade com que se assentava ao lado da noiva ou recolhia na aula as lições dos seus rapazes.

Não se lhe desfranzira o sobr'olho, nem lhe fugira dos labios a triste rispidez favorita, como tambem os seus pequeninos olhos mal abertos conservavam aquella dura expressão antipathica e sem graça, que a todos desagradava e repellia.

Pelas aproximações da casa do commendador o carro seguiu mais lentamente e abordou-a pelos fundos, sem se lhe ouvir o rodar, porque a rua era de areia.

A certa altura, Theobaldo segredou uma palavra ao amigo, saltou em terra e dirigiu-se para o portão trazeiro da chacara; ahi escondeu-se atrás de una arvore que havia e assoviou tres vezes. Só no fim de alguns minutos um leve rumor de saias felo comprehender que alguém se aproximava.

— Theobaldo... disse uma voz medrosa e timida.

— Estás prompta?

E elle viu desenhar-se na escadaria de pedra, frouxamente illuminado pelas estrellas, o gracioso vulto de Branca,

Ella desceu tremula e confusa, apoiando-se ao corrimão engridado de verdura, a olhar espavorida para todos os lados, até chegar em baixo.

— Vem, disse Theobaldo á meia voz.

— Tenho medo... balbuciou a menina, encostando-se ao pilar da escada, sem animo de dar um passo em frente.

O rapaz abriu cautelosamente o portão e foi ter com ella.

— Não teuas receio, minha Brança, segredou-lhe, passando-lhe um braço na cintura — Lembra-te de que, se não aproveitarmos esta occasião, nunca mais seremos um do outro. Dei já todas as providencias: uma familia espera por ti e ao raiar do dia estaremos casados. Vem! Nada de hesitações, vem, antes que nos surpreendam aqui.

— Vê como estou gelada... balbuciou ella, pousando a sua mãozinha fria sobre o rosto do namorado. O coração parece que me quer saltar de dentro do peito... Oh! não pensei que me custaria tanto a dar este passo...

Theobaldo puxou-a brandamente até á rua e, com um signal, fez aproximar-se o carro, para onde elle a levou nos braços.

— Deus me proteja!... suspirou Branca, deixando-se cahir sobre as almofadas, como se perdera os sentidos.

— Toca! ordenou o raptor ao Coruja.

O carro disparou. Então a menina deixou pender a cabeça sobre o colo do amante e abriu a soluçar.

D. Margarida e a filha esperavam por elles.

Não foi, porém, sem difficuldade que o Coruja logrou capacitar a velha de que não devia fugir a semelhante obsequio, e é de crer que ella cedesse mais por espirito de curiosidade do que pelo simples gosto de servir ao futuro genro: aquillo, afinal era um escandalo, e a mãe de Ignéz dava o cavaquinho pelos escandalos.

Branca chegou lá ás dez e meia da noite, e D. Margarida, ao dar com o Coruja muito sério e disfarçado em cocheiro, exclamou benzendo-se:

— Credo, seu Miranda! Que trajos são esses, homem de Deus?

Theobaldo despediu o carro, fez servir uma ceia que mandara trazer do hotel e ordenou ao Sabino que tornasse a Botafogo e ficasse até pela madrugada a rondar a casa do commendador, para ver se haveria alguma novidade.

Puzeram-se todos á mesa e, a despeito da crescente afflicção da foragida, riram e conversaram, sem cuidar nas horas que fugiam, porque estavam mais que dispostos a passar a noite inteira na palestra e na bisca de sete.



— Vê !... disse Margarida, dirigindo-se a André e apontando para Branca e Theobaldo, que alheios conversavam juntos quando a gente quer as cousas devéras faz como aquelles !...

O Coruja remexeu-se ao lado de Ignez, e a velha acrescentou : — E note-se que elles para casar topavam outras difficuldades que já o senhor não encontra para casar com minha filha !...

— O meu caso é muito differente... resmungou por fim o Coruja —, mas muito differente... Quanto a mim, não se trata de vencer opposições de familia, trata-se é de obter os meios necessa, rios para que a senhora e sua filha não venham a soffrer difficuldades depois do meu casamento...

— Ora ! Quem tudo quer, tudo perde !

Theobaldo interveiu a favor da velha, aconselhando ao amigo que acabasse por uma vez com aquella historia, que se casasse logo com a moça, e, depois de apresentar em linguagem colorida as ventagens dos matrimonio, fechou o discurso offerecendo a sua casa e a sua mesa ao amigo, apezar de não saber ainda onde havia de se refugiar com Branca depois que a igreja os tivesse legalmente unido.

André abanou as orelhas a taes palavras.

— E por que não ? insistiu o outro — não temos por ventura conseguido viver juntos até hoje e em perfeita harmonia ?... Para que havemos, pois, de separar-nos daqui em diante ?...

— Para não termos o desgosto, contraveiu André, de vermos nossas familias em guerra constante. Dous rapazes viverão eternamente em boa paz debaixo do mesmo tecto ; com duas senhoras a cousa é mais difficil e com mais de duas é impossivel.

— Agora, isto é exacto... confirmou a velha.

— E' ! arriscou Ignez — Quem casa, quer casa !...

Mas declarou logo que, apezar disso, estaria por tudo que deliberassem.

— Pois eu, replicou Theobaldo, afianço desde já que não estou disposto, seja pelo que for, a dispensar a companhia do Coruja, ache-se elle casado, solteiro ou viuvo !

— Se sua mulher ou a delle estiverem por isso !... observou a velha, já em tom de contenda e disposta a armar questão.

— Ora ! D. Ignez não me parece das mais difficeis de contentar... disse Theobaldo sorrindo.

— Ah ! eu estou sempre por tudo... confirmou Ignez.

— E quanto a Branca... proseguíu aquelle.

— Desde que me case, atalhou a filha do commendador — Serei sempre da opinião de meu marido. Só a elle compete decidir.

D. Margarida, pela cara, mostrou não gostar de semelhante

theoria, mas a filha em compensação, por uma risonha careta que fez ao Coruja, deu a entender que subscrevia as palavras de Branca.

E por este caminho, a conversa deu ainda algumas voltas, até cahir de novo no principal assumpto : — o rapto, e, ás cinco da manhã, quando se dispunham a levantar o vôo para a igreja, ouviram bater á porta da rua.

Theobaldo foi logo abrir.

Era o Sabino. Vinha a botar os bofes pela boca, e com muito custo declarou que estivera por um triz a cahir nas unhas da Policia.

— Mas fala por uma vez ! disse-lhe o senhor impacientando-se — Houve alguma novidade ?

— Já se sabe de tudo na casa do homem ! explicou o moleque.

— O' diabo !

— Ali pela volta das tres horas, proseguiu aquelle, ouvi rumor dentro da casa, e, com poucas, era gente a passar com luz para uma banda e para outra, assim como cousa que caçassem alguém ; eu me escondi na rua, atrás de uma arvore ; elles desceram á chacara, deram com o portão aberto e, pelo geito, toparam um lenço ou cousa que o valha, porque tudo ficou assanhado !

— E depois ?

— Depois vieram á rua, não me bisparam e, tudo seguiu outra vez p'ra riba, e ahi foi um berreiro de todos os diabos, que nem se tivesse morrido alguém.

— Mas que teria succedido, não sabes ?

— Não sei não senhor, porque vim me embora...

Embalde procurou Theobaldo esconder de Branca o que acabava de ouvir : foi preciso dizer-lhe tudo, e ella desde então poz-se a chorar, dominada por terriveis apprehensões.

Dahi a algumas horas boquejava-se em toda a cidade que e filha do commendador Rodrigues de Aguiar fugira de casa com um vadio de marca maior chamado Theobaldo, o qual a desposara clandestinamente ás cinco e meia da madrugada na igreja de Sant'Anna ; e que o pai da moça, assim que deu por falta desta quando soube quem era o raptor, cahira fulminado por uma congestão cerebral, morrendo logo em seguida, sem dar uma palavra.

Beni dizia o Aguiar que o homem, se lhe chegassem um charuto aceso á ponta do nariz — cstoirava.

E, com effeito, estoirou.

## TERCEIRA PARTE



## TERCEIRA PARTE

### I

Rolou um anno sobre o casamento de Theobaldo com Branca, e moram estes agora em Botafogo, naquella mesma casa em que o commendador perecera cstrangulado pelo seu amor paternal.

A casa é a mesma, mas ninguem dirá que o é, pois desde a entrada notam-se em toda ella consideraveis transformações. O bom gostô de Theobaldo, aquelle gosto aristocrata, herdado com o sangue de seu avô, fez do velho casarão, tristonho e assombrado, um confortavel ninho afestado e tepido.

Já se lhe não viam espetar do alto do frontespicio as caducas telhas, negras e esborcinadas, por entre cujas fendas se extravasavam logos fios de lama barrenta, choradas sobre o panno da parede, que nem baba por velha boca desdentada. Agora, sente-se ali a mão de quem entra na vida disposto a viver; desde o portão da chacara vão os olhos descobrindo em que se refalar; caminhos de murta, canteiros de finas flores, repuxos, cascatas e estatuetas, globos de mil cores, caramanchões e pequenos bosques artificiaes; tudo nos diz que ali reside agora gente feliz e moça.

As escadas, até aquella mesma por onde Branca fugira ao pai, são hoje mais claras, mais enfeitadas de verdura e, só com vel-as, já se adivinha, já se sente o luxo que vai pelo interior da casa.

Pelo esvasamento da porta principal vê-se perpassar de quando em quando um vulto alto e magro, muito silencioso, vestido de libré côm de Havana com botões de'ouro, a cabeça toda branca e o queixo tremulo; é o velho Caetano. E nas salas, que se seguem a essa de espera onde elle espreia, encontram-se, restaurados e em novas molduras, aquelles celebres retratos de damas e cavalheiros da côrte de D. José e D. Maria I, com os quaes o defunto Barão do Palmar illustrara outr'ora as paredes de sua fazenda em Minas.

— Mas onde foste tu, bello bohemio excentrico e aborrecido, descobrir todas essas tafularias do gosto; donde houveste o desenho de teus tapetes, a exquisitice da tua mobilia, das tuas cortinas et de todo esse luxo em que se atufam os teus apoentos?

E' tudo obra do dinheiro ?

Segundo, porém, dizem todos, não foi tão grande o legado do pobre commendador e o dote de Branca não justifica semelhante opulencia. Gastas como um milionario ! E, posto te apodcrasses da vaga que o desgraçado velho abriu no commereio com a sua morte, a vida que estadeias é um mysterio !

Ora queira Deus, Theobaldo ! que não tenhas feito entrada de leão, sem saber ainda com a sahida de que bicho hajam de compara a tua retirada !...

Isto dizia a boca do mundo, todas as vezes que elle e mais a mulher atravessavam a praia de Botafogo ou as ruas da cidade, no seu magnifico landau, tirado por duas eguas de raça.

Estes passcios faziam sempre os dous sózinhos porque Mme. de Nangis, depois de fechar os olhos do defunto protector e depois de tirar dos proprios as lagrimas que pôde, recolheu o que lhe tocava de herança, chamou do Banco as suas economias, emmalou tudo e bateu para a França, naturalmente com a piedosa intenção de tornar ao lado do marido.

A discipula despediu-se della em seceo, com a egoistica frieza dos que amam por aquelles que não são o objecto do seu amor.

Branca era então feliz como seria qualquer moça nas suas circumstancias ; quer dizer ; estava na lua de mel e não tinha perdido ainda para o esposo o encanto da novidade ; Theobaldo cercava-a de carinhos e desvelos, procurava afinar os seus gostos pelos della, fazia-se bom, cordato, muito amigo de sua casa, muito escrupuloso na escolha das pessoas que attrahia ás suas reuniões de cada semana.

E toda ella se embellezara de um modo admiravel ; toda ella se fez mais formosa, mais mulher ; carnearam-se-lhe os braços e o colo ; a garganta refez-se em doçuras de curva e torneamento de linhas ; os olhos volveram-se mais rasgados, mais ternos e mais doces ; a boca abriu as suas petelas côr de rosa ao calor dos primeiros beijos do esposo, como a flor que desabotôa ao feccundo sopro das brisas fecundas.

Entretanto, um ligeiro véo de tristeza, talvez devido á morte do pai, talvez devido a sua propria ventura que, de tão completa não podia durar muito, lhe annuviava a belleza, fazendo-a todavia realçar ainda mais, á semelhança dessas formosas paizagens que mais lindas se tornam quando o crepusculo derrama sobre ellas a melaneolia de suas princiras sombras.

Não se conseguiria imaginar dous sêres mais aparentemente afinados, mais completos entre si e mais adequados um ao outro ! Se os contemplaram juntos, na intimidade do amor, diriam tal-

hados no mesmo bloco de marmore pela mão inspirada de um só artista.

— Mette gosto, consideravam os amigos — vel-os em meio dos seus convidados, tão amáveis, tão espirituosos e tão fidalgos.

E em breve as reuniões de Theobaldo tornaram-se disputadas; velhos odios se extinguiram e novas sympathias se formaram em torno delle.

Um dos mais acerrimos frequentadores da casa era o Aguiar. Depois do casamento da prima, fôra ao encontro do amigo, declarou que estava disposto a esquecer tudo e cahiu-lhe nos braços, muito commovido.

E continuou a ser aquelle mesmo «bom rapaz», insupportavelmente bonito, sempre risonho e sempre feliz de sua vida e com aquellé eterno ar de quem faz da roupa uma das suas melhores preocupações.

Achal-o hiem talvez um pouco mais magro e mais descorado; chegariam talvez a dizer que elle, depois que a prima casou, envelheceu uns cinco annos pelo menos; mas ninguem em consciencia affirmaria que o vira um só momento mais triste do que dantes ou menos expansivo. Ao contrario, nunca pareceu tão bem disposto de genio.

E' verdade que muita vez o sorprendiam com os olhos prégados em Branca, a fital-a, como se a vira pela primeira vez; mas que podia haver de extraordinario em semelhante cousa, se a formosa senhora prendia a attenção de quantos se aproximavam della?

Outra pessoa com quem não contara Theobaldo e que lá ia constantemente, era o velho Hyppolito, marido de D. Geminiana.

Todo o seu azedume contra o sobrinho desaparecera, desde que o bom homem se convenceu de que não seria jamais incommodado por elle. Quando lhe chegou aos ouvidos a noticia do casamento, dissera:

— Ora, sim, senhor, até que o demonio do rapaz fez uma cousa com geito! Perdão-lhe tudo e hei de visital-o sempre que for a côrte.

E, como já então as estradas de ferro facilitavam essas viagens. Hyppolito consentiu em levar a mulher a visitar o sobrinho.

Outro, que tambem brigara com Theobaldo e que agora o frequentava, era o Almeida, o sou ex-correspondente. Esquecera-se da antiga rixa com o vadio estudante e decidira-se a reatar a consideração que dantes lhe dedicara.

Theobaldo enearava tudo isso com verdadeiro orgulho, sem que aliás ninguem de tal desconfiasse. Sentia-se victorioso, não pelo dinheiro, que esse muito pouco lhe podia lisongear o amor

próprio, mas pelo bom resultado dos planos que elle concebera para chegar a seus fins.

Consistia o seu systema no seguinte: Desde que a inesperada morte do commendador lhe fez ver quão magra era a fortuna de Branca, o seu primeiro cuidado foi esconder de todos a verdade e mantera a illusão em que se achavam a respeito dos bens do morto; o que não podia ser muito difficil nas circumstancias especiaes em que fallecera o velho. Então, para melhor cegar o publico, Theobaldo tomou da metade do que lhe trouxe a mulher e dedicou-a exclusivamente ao luxo, reservando a outra metade para o commercio.

— As apparencias são tudo! considerava elle, ainda dominado pelas theorias paternas. Julguem-me rico é hão de ver se em breve o não serei de facto!

E, durante todo o seu primeiro anno de casado, fez prodigios de especulação commercial só com a parte do dinheiro que escapara á ostentação e mais a pequena pratica adquirida ao lado do commendador.

Apenas Branca e o Coruja sabiam destes particulares, porque até aos proprios socios sobreviventes ao velho Aguiar conseguiu o magico illudir, fazendo-lhes suppor que, além do capital com que jogava na praça, dispunha elle ainda, como fundo de reserva, de um dote imaginario que pertencia á mulher.

O caso é que o pouco parecia muito e, como no commercio o credito é dinheiro, não eram de todo infundadas as esperanças que elle depositava no seu systema de vida.

## II.

Theobaldo, ao installar-se mais a esposa em Botafogo, convidou logo o Coruja a ir morar com elles.

— Ora!... oppoz vacillante o amigo.

— Ora, que?!

— Receio incommodal-os; vocês têm lá os seus habitos de grandeza... estão acostumados a certo modo de vida, a certo luxo, entre o qual o meu typo exquisito havia de ser uma nota dissonante...

— Não admitto que te separe de mim! foi a unica resposta de Theobaldo.

Mas, como o outro ainda recalcitrasse, elle accrescentou:

— Tambem era só o que faltava: era que tu me abandonasses pelo simples facto de me haver eu casado. Tinha graça! Emquanto me vi atrapalhado e sem meios de viver, eramos companheiros de casa e mesa; agora — queres desertar. Não deixo!

— Mas...



— Não aceito razões. Has de ir morar commigo !

Coruja cedeu um tanto contrariado, porque previa não se agitar áquelles requintes de luxo. O que para Theobaldo representava o encanto e a delicia de uma bella existencia, para elle seria nada menos do que um martyrio de todos os instantes.

Cedeu, mas com a condição de que iria occupar um sotão que havia nos fundos da casa.

— O sotão ? ! exclamou Theobaldo. Ora essa ! Pois eu consentiria lá que fosses para o peor logar da casa, havendo ahí outras accomodações tão boas e que de nada me servem ?

— Não sei ; a ter de ir, só irei para o sotão, e desde já te previno de que não me separo dos meus cacareos.

— Pois faze o que entenderes, com tanto que fiques em minha companhia.

Não era sem razão que o Coruja oppunha aquella resistencia ao convite do seu querido Theobaldo. Desejava estar junto deste, oh ! se desejava ! Desejava vel-o e falar-lhe todos os dias, porque o idolatrava, porque no seu espirito inalteravel e escravo dos habitos Theobaldo se constituiu em idolo ; Theobaldo fôra a sua primeira affeição, o seu primeiro amigo, o seu primeiro protector ; André habituara-se a vel-o crescer no seu reconhecimento e dentro da sua estima, como o unico e legitimo senhor, mas tambem não queria abrir, sem mais nem menos, com o programma de vida que elle proprio traçara, jurando a si mesmo compril-o rigorosamente, porque assim entendia o cumprimento do dever :

Havia cousa de dous annos resolvera o Coruja ir pondo de parte as economias que pudesse, para ver se lograva realizar afinal o seu casamento, cuja transferencia de anno para anno já o apoquentava devéras.

E com effeito, depois da morte de Ernestina, conseguiu ajuntar aquelles oitocentos mil reis que serviram para abrandar as iras de Leonilia ; Theobaldo, em casando, pagou-os logo ; mas ainda não foi desta vez que o pobre Coruja viu effectuado o seu desideratum, porque uma nova contrariedade se lhe poz de permeio.

Foi a seguinte :

Uma noite entrava áshoras do costume em casa da noiva, quando esta lhe appareceu muito triste, dizendo entre suspiros que a mãi, desde pela manhã, se queixara de dores na cabeça e fôra peiorando com o correr do dia, a ponto de ter de largar o serviço e metter-se na cama, já ardendo em febre.

André passou logo ao quarto da velha e encontrou-a em uma grande somnolencia e quasi sem dar accôrdo de si. Observou-a

em silencio por alguns segundos, depois tomou de novo o chapeo e foi buscar um medico seu conhecido.

O doutor declarou que a velha, tinha variola de muito máo caracter e que precisava de um bom tratamento.

Dahi a pouco toda a vizinhança de Margarida sabia já do facto e começava a alvoroçar-se. Só Ignez não se preocupou com elle.

— Para que estar com medos?... disse entre dous muchechos. Se eu tiver de pegar as bexigas, hei de pegar mesmo, ainda que fuja para o inferno !

E' com a sua philosophia de fatalista, affrontou impavidamente a molestia da mãe.

No dia seguinte Coruja alugou um enfermeiro, e o medico principiou a visitar a doente com toda a regularidade.

As bexigas foram das peiores, pelle de lixa, o tratamento muito dispendioso e demorado. Durante a molestia nada faltou á velha ; mas, quando esta se poz em convalescença e foi para a Tijuca á procura de novos ares em casa de uma amiga, André não tinha mais um só vintem das suas economias.

— Sim, disse elle, para se consolar, gastei tudo é verdade, mas tambem agora estou desembaraçado de certas despezas e posso mais facilmente ajuntar algum peculio.

E, nos quatro mezes que se seguiram á enfermidade da velha, entregou-se elle ao trabalho com tal furia, que, ao entrar no quinto, sua saude começou de alterar-se consideravelmente.

Appareceram-lhe então terriveis dores na espinha e na caixa do peito ; veiu-lhe uma tosse secca e constante ; e á noite, quando o tempo ia refrescando, sentia ameaços de febre e uma prostração aborrecida que lhe tirava o gosto para tudo.

O' Coruja ! dizia-lhe o amigo, tu precisas descansar ! Dessa fórma dás cabo de ti, homem ! Olha ! Pede uma licença ao collegio e deixa-te ficar ali em casa por algum tempo. Que diabo, não te faltará nada !

Bastava, porém, ao desgraçado lembrar-se do seu compromisso com Ignez para não lhe ser possivel ficar tranquillo. Além disso. D. Margarida, cuja força de genio augmentára com a molestia, cercava-o já com phrases desta ordem :

— Tambem você não ata, nem desata, seu Miranda ! No fim de contas vejo que não tratei com um homem serio ! Ora pois !

A propria Ignez, até ahí tão passiva, tinha agora de vez em quando as suas rabugens e acompanhava já o serrazinar da velha.

Coruja enfraqueceu afinal ; principiou a trabalhar menos e a faltar constantemente ás aulas.

— Recolhe-te por uma vez ! gritava-lhe Theobaldo.

Mas o tímido fazia ouvidos de mercador e lá ia para a frente, ganhando os magros vencimentos de professor e procurando sempre pôr de parte alguma cousa para o casamento.

— Querem ver que elle agora dá para morrer?... grunhia a velha cada vez mais enfurecida. Se em bom não conseguiu casar, quanto mais doente! Ah! este homem foi uma verdadeira praga que nos cahiu em casa!

— E foi mesmo!... confirmava já a moleirona da filha, que sentia ir-se encaminhando para a velhice a passos de granadeiro: foi mesmo uma praga!

E, quando elle lhes apparecia muito pallido, a tossicar dentro do *cache-nez*, saltavam-lhe ambas em cima:

— Então, então, *seu* Miranda! Acha que ainda é pouco o debique?

— Tenham um pouco de paciência! um pouquinho mais de paciência. Agora estou fraco, juro, porém, que em breve levantarei a cabeça tudo so arranjará. Descansem!

— Ora! Quem se fiar no que você diz não tem o que fazer! Diabo do empulhador!

Para as tranquilisar um pouco, enviava-lhes presentes e davalhes o dinheiro que podia.

E sempre bom; escondendo de todos as suas privações e os seus desgostos: procurando occupar no mundo o menor espaço que podia; e sempre superior aos outros; sempre além da esphera de seus semelhantes, atravessava a existencia, caminhava por entre os homens sem se misturar com elles, que nem uma passaro que vai voando pelo céu e apenas percorre a terra com a sua sombra.

### III

Fazia dolorosa impressão ver sahir todas ás manhãs, pelos fundos da chacara de Theobaldo, aquelle vulto sombrio todo envolvido em um velho sobretudo, a tossir esfalfado de trabalho e sem querer incommodar com a sua tosse os creados que ainda dormiam.

A nova existencia do amigo como que o fizera ainda mais triste e mais só. Dantes tinham os dous sobeja occasião para estar juntos, para se falarem, para trocarem entre si as suas confidencias; e agora mal se viam uma vez ou outra, casualmente, porque André insistia no escrupulo de desfear o radiante aspecto daquellas salas, carregando para lá com o seu vulto desalinhado e feio. A' noite, quando appareciam visitas, o que era muito frequente, não havia meio de arrancar-o do sotão.

De mais, para que illudir-se? Theobaldo não fazia grande

empenho em apresental-o aos seus amigos, chegava até em presença destes a tratál-o com uma certa frieza. Aquelle interesse em obrigar-o a aceitar um canto de sua casa, não passava de um dos muitos rompantes de generosidade, que elle ás vezes tinha quasi que inconscientemente, e dos quaes se arrependia logo sem nunca se queixar de si, mas do seu obsequiado.

Isto não quer dizer que Theobaldo agora estimava menos o Coruja, ao contrario — jámais intimamente o collocou tão alto no seu conceito; apenas, como homem fraco e vaidoso, não queria incorrer no desgardo de seus sequazes impondo-lhes um typão daquella ordem.

A borboleta, desde que lhe sahem as azas, não gosta de ir ter com as antigas companheiras que se arrastam no chão.

— Não é delle a culpa... considerava André, sempre disposto a perdoar — A borboleta precisa de sol, precisa de flores... Quem tem azas — vôa; quem as não tem fica por terra e deve julgar-se muito feliz em não ser logo esmagado por algum pé.

E, a contra gosto, fazia-se mais e mais retirado e macambuzio.

Ao lado de Branca então chegava o seu acanhamento a causar dô; quando a formosa senhora lhe dirigia a palavra, elle parecia ficar ainda mais selvagem, mais desageitado, atarantava-se, fazia-se estúpido, não encontrava posição defronte daquelle primor de belleza, e conseguia apenas uivar algumas vozes confusas e quasi sem nexo.

E no entanto sentia por ella um affecto extremamente respeitoso, uma especie de adoração humilde e tacita; quando Branca passava por junto delle, Coruja reprimia a respiração, contrahia-se todo, como se receiasse macular o ambiente que ella respirava; e só se animava a encaral-a enquanto a tinha distrahida ou de costas, e isso com um profundo olhar de terna veneração.

— Achas-la bonita, hein? perguntou-lhe uma vez Theobaldo, batendo-lhe no hombro.

— E' uma imagem... respondeu André.

— Entretanto, ella se queixa de ti...

— De mim?

— E' verdade, desconfia de que não te cahiu em graça.

— Ora essa!...

— Suppõe que antipathisas com ella...

— Eu?...

— Sim e, vamos lá, coitada, não deixa de ter o seu bocado de razão: quasi nunca lhe dá uma palavra e, quando acontece te achares ao lado della, ficas por tal modo impaciente, que a pobre-zinha receia ser importuna e foge.

— Bem sabes que infelizmente esse é o meu feitiço ; sou assim com todo o mundo, á excepção de ti.

— Sim, mas o que eu não admitto justamente é que, para ti, minha mulher faça parte de todo o mundo ! Quero que ella participe da excepção aberta para mim, que a trates pelo modo por que me tratas.

— Não é por falta de vontade, crê ; mas não está em minhas mãos ! — Procuro ser amavel, ser communicativo, e as palavras gelam-se-me na garganta, o pensamento estaca e uma cadeia de chumbo enleia-me todo, tirando-me até os movimentos ; então sinto-me ridiculo, arrependo-me de me haver mostrado ; suo, lateja-me o coração e em taes momentos daria o resto de minha vida para sahir de semelhante apuro. Outras vezes quero aproximar-me della, dizer-lhe alguma cousa que lhe faça comprehender o quanto a estimo, mas de tal modo me fallece a coragem, que não consigo fazer um passo, nem encontro uma palavra para lhe dar.

— E's um typo !

— Sou um asno ! Ah ! que se eu tivesse a tua presença de espirito, as tuas maneiras, os teus recursos . . .

— Com esse genio, serias ainda mais infeliz !

— Não, seria ao menos comprehendido ; porque não sei que diabo tenho eu comigo, que ninguem além de ti percebe as minhas intenções ou acredita nos meus actos. A's vezes, quero ser meigo, quero mostrar que não estou contrariado, quero manifestar a minha sympathia ou o meu enthusiasmo por alguém ou por alguma cousa e, em vez disso, consigo apenas convencer a todos de que estou aborrecido e que só desejo que ninguem se aproxime de mim, que não me fale, que não me incomode ! E, todavia, não sou máo e todo o meu empenho é ser melhor do que sou.

— Ser melhor do que és ? . . . Oh ! então é que serias deveras um typo insupportavel ! Acredita, meu bom Coruja, que o teu defeito capital é a tua extrema bondade. A maior parte dos homens não te póde tomar á sério, porque não te comprehende e porque te suppõe um louco. Tens atravessado a existencia a espalhar pelo chão, a tóa, sem contar as sementes, punhados e punhados de boas acções. Pois bem ! Qual foi de todas essas sementes a que vingou ? — Nem uma unica ! Não porque não fossem perfeitas e sãs, mas porque não encontraram terra em que pudessem medrar ! E's um excentrico, um aleijado, um monstro, tens o coração defeituoso, porque elle não é como o coração typico dos mais. E como, em semelhantes condições, queres ter amigos ; queres ser ao menos supportado entre os homens ?

Já viste por ventura uma pomba atravessar impunemente por entre um bando de corvos?... Se queres ser bem reeibido no meio dos homens, sê homem como elles ou peor; deseulpa-lhes os vieios — imitando-os; affaga-lhes o amor proprio, fingindo que os admiras; e dessa fórmula, se fôres um forte, has de desfructal-os, e se fôres um vulgar has de viver com elles lado a lado, na mais doce harmonia e na mais deliciosa felicidade. Isso é a vida!

— Oh! não me pareces o mesmo; nem aeredito que abrases tão eynicas theorias; são falsas, nunca te pertenceram!

— Enganas-te, meu visionario, essas theorias foram sempre as minhas e nunca me eonheceste outras, desde que caminhamos juntos por entre a enorme eorja de nossos semelhantes; a differença unica é que dantes ellas se manifestavam por outro modo, visto que eu me aehava ainda no periodo da vida em que todo o homem, por peor que seja, tem no coração uma grande dose de altruismo e bellas aspirações... Eram eeffeitos dos vinte annos!

Aeredita, porém, que todas as apparentes generosidades que me viste praticar, todo o meu desprendimento por umas tantas eousas, todas as minhas abnegações, todas as minhas boas obras, todos os meus actos de heroismo, e tudo que fiz e faço de nobre, de superior e digno, tudo foi e é feito para que eu melhor viva entre os meus semelhantes, a quem detesto, á excepção de ti e de Branca. Detesto-os, mas faço me amar por elles; sei que me humilhando serei pisado; então, nem só não me humilho, como ainda os rebaixo quanto posso! E comtigo succede justamente o contrario: amas todo o mundo e não eonsegueste fazer amar por ninguem — Humilhas-te por bondade; e elles respondem a isso — desprezando-te. A humanidade, meu amigo, em geral é baixa e vil, logo que eoncontra alguém que a respeita, julga esse alguém ainda mais baixo e mais vil do que ella; para lhemereeer alguma consideração é indispensavel fazer o que eu faço e o contrario do que tu fazes — é necessario desprezal-a e só aceitar das mãos della aquillo que serve para nos elevar e engrandecer-nos, rebaixando-a. O homem tudo perdôa aos seus semelhantes, menos o bem que estes lhe façam, porque — dever um obsequio é dever gratidão, e a gratidão jámais vem de cima para baixo, mas sempre vai de baixo para cima! Aceital-a é aceitar uma attitúde inferior. A grande philosophia da vida eonsiste, pois, em saber aproveitar todo o bem que nos queriam fazer, fingindo sempre que tão pouca importancia lhe ligamos, que nem delle nos apercebemos, e fechar o eoração a todos, para não obrigar quem quer que seja a nos ser grato!

Coruja ficou a reflectir por alguns instantes, e depois disse :

— Estava bem longe da esperar de tua boca taes idéas, e confesso que te fazia na conta de meu amigo...

— E sou effectivamente ; mas tu, repito não és um homem e nem eu te falaria com toda esta franqueza se tivesses alguma cousa de commun com elles. Não me arrependo de haver aceitado os muitos obsequios que recebi de tuas mãos ; juro-te, porém, que jámais terias occasião de os praticar se eu em qualquer tempo chegasse a descobrir em ti a intenção de me fazeres grato ou reconhecido. Aceitava-os, confesso, porque tu, pela tua excepcional bondade, entendias que eu, só com reccebel-os, prestava-te um grande serviço.

— E era.

— Não, em verdade não era, mas era como se assim fosse, porque tu assim o entendias.

— E o que não serei eu capaz de fazer para continuar a ser teu amigo?... Só a idéa, de que não me repelles e não me condemnas como todos os outros, todos, até mesmo a minha noiva ; só essa idéa é já uma grande consolação para mim. Não imaginas, meu Theobaldo, quanto me dóe cada vez mais esta terrível antipathia que inspiro a toda a gente, Ainda ha pouco, emquanto me falavas de tua mulher, dizia eu comigo : « Para que me hei de aproximar, para que me hei de chegar para ella, se tenho plena certeza de que minha presença lhe é fatalmente penosa, e aborrecida ?

— Exageras ! respondeu Theobaldo. E para o que, vais ver !

E correu a tocar o tympano.

— Que fazes ? perguntou o Coruja, afflicto.

— Verás, disse o outro, e accrescentou para um creado que entrava :

— Pergunte á senhora se póde chegar até aqui.

— Não faças semelhante cousa !... exclamou André, entre supplicante e reprehensivo, e muito sobresaltado : — Que não ira suppor D. Branca !

— Supporá que endoideceste se continuas a fazer esses tregeitos e essas gatimonthas.

— Mas eu agora não posso me demorar... voltarei daqui a pouco...

— Não seja creança ! Espera.

Nessa occasião, Branca assomava á porta do gabinete em que conversavam os dous amigos. Vinha deslumbrante de simplicidade e de belleza ; não se lhe via uma joia no corpo, nem uma só fita no vestido inteiriço, de cambraja ; mas a sua pequena

cabeça altiva e dominadora estava a pedir um diadema e as suas bellas espaduás um manto de rainha.

Corruja, ao vel-a, abaixou os olhos e começou a respirar convulsivamente, como um criminoso que vai ouvir a sentença.

— Vem cá, minha flor! disse Theobaldo, fazendo um gesto á mulher, senta-te aqui perto de mim.

Branca obedeceu e elle accrescentou :

— Muito bem. Agora tu, Coruja, senta-te deste outro lado.

Coruja adiantou-se, muito vermelho procurando sorrir.

— Ora muito bem! repetiu aquelle dirigindo-se á esposa; sabes para que te chamei? Para acabarmos por uma vez com uma tolice que observo entre vocês dous. Tu suppões que O Coruja, o meu unico amigo, não gosta de ti, e elle, o idiota! pensa que tu embirras com elle. Expliquem-se!

Ora! sempre tens umas brincadeiras!... resmungou André, muito atrapalhado; isto é cousa que se faça?...

— Pois eu, atalhou Branca sorrindo, não desgostei da brincadeira, porque receiava, com effeito, que o Sr. Miranda...

— Chama-lhe Coruja, interrompeu o marido.

— Que o Sr. Miranda, continuou Branca, houvesse antipathisado commigo.

— Oh! minha senhora!... Por amor de Deus!... Longe de mim semelhante idéa!... Ao contrario, eu... sim... quero dizer...

— Então! fez Theobaldo.

— Eu gosto muito da senhora...

— E creia que é pago na mesma moeda, respondeu Branca.

— Ora até que afinal! E agora, vamos! um abraço! exigiu Theobaldo.

A esposa ergueu-se immediatamente, e o Coruja, cada vez mais vermelho e commovido, caminhou contra ella com os braços molles, offegante e sem encontrar uma palavra para dizer.

Foi necessario que a formosa senhora se resolvesse a ir em soccorro delle e lhe cingisse os braços em volta das costellas.

— Bom concluiu o dono da casa, creio que agora estão feitas as pazes, e espero que de hoje em diante não terei de aturar as queixas de nenhum dos dous!

#### IV

Depois desta scena, Branca fazia o possivel por familiarisar-se com o Coruja. Procurava pol-o á vontade, convertel-o em uma especie de parente velho, rompia com elle sem ceremonias que



não usara para com mais ninguém, e para as quaes, força é confessar, não lhe sobrava geito, pois que ella já por temperamento, como por educação, era uma dessas creaturas frias e reservadas, cujos sentimentos nunca se deixam trahir na physionomia ou nas palavras.

Mme. de Nangis, como toda a mãe adoptiva, transmittira-lhe as suas maneiras, o seu gosto, o seu estylo, mas não lhe tocara na alma, porque esta só a propria mãe sabe educar.

Felizmente a alma de Branca era boa por natureza, e, se não se aperfeçoou por falta de educação, tambem não se corrompeu com a moral da professora.

André ficou extremamente sorprezo quando notou que a encantadora senhora era para com elle muito mais dada e expansiva do que com qualquer dos outros amigos do esposo. E foi aos poucos se habituando a vel-a e a falar-lhe sem ficar constrangido, até sentindo já por fim um certo gosto quando a tinha a seu lado, tão tranquilla, tão feliz e tão distincta.

Ella, muita vez, ao vel-o triste e apoquentado da vida, chamava-o para junto de si e procurava animal-o com boas palavras de interesse. Dizia-lhe por exemplo :

— Então, meu amigo, que ar terrivel tem hoje o senhor... Veja se consegue enxotar os seus diabinhos azues e leia-me alguma cousa. Olhe! dê-me noticias de sua obra, diga-me como vai a sua querida historia do Brazil... Terminou afinal aquelle episodio dos Guararapes, que tanto o preocupava? Vamos! converse!

Coruja sorria, muito lisongeadado por debaixo da sua crosta de elephante, mas remanchava para não mostrar o que escrevera.

— Ora... aquillo era um trahalho tão frio, tão desengraçado, que não podia interessar o espirito de uma senhora.

Comtudo, se Branca insistia, elle acabava por ir buscar os seus quaderninhos de apontamentos historicos e lia-lhe em voz alta aquillo que dentre elles se lhe afigurava menos insupportavel.

Eram factos colhidos por aqui e por ali, em serões de Bibliotheca Nacional, escriptos n'um estylo compacto, muito puro, mas sem bellezas de colorido nem scintillações de talento.

O que lhe fallecia em arte e gosto litterario sobrava-lhe não obstante em fidelidade e exactidão; as suas chronicas, eram de uma frieza de estatistica, mas summamente desapaixonadas, simples e conscienciosas. Entre aquella infinidade de paginas, abarrotadas de letrinha miuda e muito igual, não havia um só adjectivo de luxo ou uma phrase que não fosse de primeira necessidade.

Theobaldo gostava de fazer pilheria com os alfarrabios do amigo ; mas, passando a falar sério, citava-os com respeito, se bem que delles não conhecesse uma linha ao menos.

— Obra de folego ! dizia, engrossando a voz ; e affirmava que no meio de toda aquella papellada havia cousas magnificas.

Quando Brança estava aborrecida, durante pequenas viagens commerciaes do marido, André, em logar da enfadonha historia, lia-lhe alguns dos seus poetas mais prezados, classicos na maior parte, entre os quaes se destacavam Camões e Garrett, por quem elle sentia verdadeiro fanatismo. Outras vezes tomava da flauta e punha-se a tocar para a distrahir ; quasi nunca, porém, o conseguia, porque o desgraçado tocava mal e sem inspiração.

Para ser agradavel a Branca, para a entreter, elle estava sempre disposto a tudo, menos apresentar-se na sala de Theobaldo em noites de recepção ou acompanhal-os ao lyrico. Adorava a boa musica, mas não podia ageitar-se com o frenetico borborinho das platéas e a nervosa vivacidade dos saráos. Quando lhe dava na cabeça para ver uma opera, o que era rarissimo, comprava um bilhete de torrinha e mettia-se lá em cima, muito sô, muito escondido de todos e pedindo a Deus que ninguem o notasse.

Entretanto o que Branca sentia por elle era menos estima do que uma certa especie de condolencia, que todo o coração feliz e farto costuma votar aos desfallecidos de fortuna. E, se por vezes brilhava nas suas palavras ou nos seus gestos qualquer scintilha de afeição, seria talvez alguma gotta escapada do grande transbordamento do seu amor pelo marido ; Coruja, por muito ligado a este, participava do luminoso effluvio.

Tanto assim que, entre todas as relações de Theobaldo, antigas ou recentes, era essa a unica que merecia da formosa creatura semelhante distincção ; as outras, nem isso tinham.

O velho Hyppolito e mais a mulher causavam-lhe tédio ; elle com a sua eterna mania de criticar a Deus e a todo o mundo, com a sua avarez mal disfarçada e com a sua prôa de rieço ; ella com aquelle genio de querer governar sempre e dirigir a vida das pessoas com que se dava e querer impor a sua opinião a proposito de tudo.

Quanto ao Sampaio, esse felizmente poucas vezes apparecia e outro rastro não deixava de sua passagem além de meia duxia de banalidades e algumas pontas de cigarro lançadas fóra do cinzeiro. Era porco.

Depois do Coruja, o mais constante e mais da casa era o Affonso de Aguiar. Apresentava-se regularmente nos dias de recepção e surdia uma vez por outra á hora de jantar, sem ser

esperado. A sua attitude ao lado da mulher do amigo era, na apparencia, a melhor e mais correcta que se poderia desejar : chegava com o seu passinho miudo, um sorriso de bom rapaz a superficie dos labios e ia logo apertar-lhe a mão com todo o respeito, perguntando-lhe cheio de doçura « como passara a sua querida prima » e em seguida ia ter com Theobaldo e punha-se, até á occasião de sahir, a conversar com este sobre negocios é um pouco sobre politica.

Estas conversas tanto e tanto se repetiram e foram por tal fórma tomando um character expansivo e intimo, que Theobaldo, contra todo o seu systema de retracção, já de ultimo lhe confiara algumas particularidades da sua vida commercial. O outro, cuja posição na praça era bastante prospera e segura, animava-o com palavras de amigo e promettia estar sempre ao lado d'elle e ao seu dispôr, quando por acaso Theobaldo encontrasse alguma séria difficuldade na sua carreira. Independente disso parecia admirar-lhe por tal modo o tino e o talento, que ao lado elle se fôra aos poucos convertendo em um desses louvaminheiros constantes, que em geral acompanham os homens excepcionaes, e para os quaes reservam estes uma certa protecção amistosa, cheia de apreço e reconhecimento, mas com quem, no fundo, são de uma indifferença a toda a prova.

Como todo homem egoista e vaidoso, Theobaldo gostava de ouvir elogios, viessem estes de quem quer que fosse, e [o finorio do Aguiar, comprehendendo isso mesmo, não perdia occasião de lhe queimar incenso defronte do nariz.

Tudo, por mais simples, que fazia o marido de Brança, representava para o velhaco novos pretextos de enthusiasmo. Um discurso à sobre-mesa ou em alguma outra reunião, um parecer em qualquer questão, commercial, um artigo na imprensa, tudo era motivo de louvor e pasmo.

— Não ha outro! exclamava o primo de Branca. Não ha um segundo Theobaldo! O ladrão reúne em si todas as qualidades que se podem desejar em um homem! Maneiras, talento, character, figura, tudo o que ha de bom, de bello e de grandioso! E de mais um verdadeiro fidalgo : ninguem como elle para saber captivar a quem quer que seja ; para cada pessoa tem sempre um assumpto especial que a interessa particularmente, que a prende. Se está defronte de um ministro, só conversa em politica e, ouvindo-o, ninguem acreditaria que elle, durante toda a sua vida, tivesse outra preocupação além da politica ; se fala a um homem de sciencia, faz logo pasmar a todos com a sua desprezenciosa erudição ; se a pessoa com quem elle conversa é um artista, um

musico, um poeta, um pintor ou um actor, então a sua palavra privilegiada chega a causar delirios de entusiasmo : as idéas, as phrases, as bellas imagens litterarias, sahem-lhe da boca em borbotão. E note se que tão facilmente discorre pela arte moderna, como remonta á de tres seculos atrás ; tão á vontade se acha falando sobre os pintores da renascença, como falando da escultura pagã, como do theatro grego ou da poesia hebraica. Seu milagroso talento, sem fazer especialidade de cousa alguma, abrangeu tudo e de tudo se apoderou. Nada do que existe no orbe intellectual escapou á sua grande faculdade de apanhar de um salto aquillo que os outros levam muitos annos para conquistar.

Com a mesma facilidade com que compõe uma valsa, escreve uma poesia, desenha uma paizagem, faz um discurso, escreve um artigo politico, engendra um folhetim de critica, canta uma parte de barytono, sustenta a conversação de uma sala, dirige um cotillon, inventa um feitio de chapéo para senhora, um prato exquisito para o jantar e tão prompto está para fazer uma lista dos melhorinhos do mundo, com para fazer classificação de todos os systemas philosophicos até hoje conhecidos.

Theobaldo, com effeito, era um desses espiritos que tanto têm de inconstantes e fraco para aprofundar e conservar qualquer cousa, como de promptos e fortes para assimilar o que passa defronte delles com a carreira mais vertiginosa: Tudo conseguia apanhar em um lapso instantaneo, mas não conseguia estudar seriamente qualquer cousa, conhecia tudo e nada conhecia ao mesmo tempo, porque tudo percorrera de passagem ; era emfim um homem superficial, um habilidoso, incapaz de qualquer trabalho de folego ou de qualquer concepção verdadeiramente individual, mas como ninguem apto para imitar em um relance tudo aquillo que os outros, os especialistas, conceberam e aperfeiçoaram durante uma existencia inteira.

Por varias vezes representara em theatrinhos particulares e tão bem copiava o actor que elle escolhia para modelo, que chegaram a julgar-o um genio na arte dramatica ; quando pela primeira vez appareceu na côrte o introducto da copophonia, Theobaldo arranjou logo uma duzia de copos de crystal, afinou-os e, tanto fez que, no fim de alguns dias já tocava, não com a perfeição do outro, mas emfim tocava, e isso era o bastante para satisfazer a sua fantasia. Depois de ver o Hermann, entregou-se durante tres mezes á mania da prestidigitación e conseguiu fazer maravilhas nessa especialidade ; vendo um celebre jogador de bilhar, que em certa epocha andava se mostrando ao publico do

Rio de Janeiro, quiz competir com elle e conseguiu fazer tresentas carambolas de uma tacada.

Para estas passageiras manifestações da habilidade, incontestavelmente era como ninguém. Entendia um pouco de tudo; sabia tirar retratos photographicos, jogar todos os jogos de carta e mais os de exercicio, contando, a esgrima, o tiro ao alvo, a pella, a bengala, o birboqué; e cada novidade que surgia, fazendo impressão no publico, encontrava nelle o maior e tambem o menos constante dos entusiastas.

Assim, durante algum tempo, só o ouviam falar em magnetismo, e parecia resolvido a não pensar em outra cousa, dahi em diante; depois veiu o espiritismo, e Theobaldo durante outro periodo foi o mais fervoroso discipulo de Allan Kardec; depois passou a dedicar-se á astronomia; depois á maçonaria e, entre os vinte e os trinta annos, pertenceu successivamente áquillo que mais estivesse em moda. Foi materialista com Buckner; foi atheu com Rénan; socialista com Saint-Beuve; evolucionista com Spencer; psychologo com Bain; positivista com Littré e Augusto Comte; mas nenhum delles conseguiu estudar a serio, entusiasmava-se momentaneamente e de cada philosopho conhecia apenas os livros mais espectaculosos, mais vulgares, sem nunca entrar pela obra profunda dos sabios. De Buckner, por exemplo, conhecia tão sómente *Força e Materia*, de Rénan a *Vida de Jésus* de Jaccollot a *Biblia na India*, e assim por diante; notando-se que de muitas obras conseguia ler apenas uma pequena parte, ou alguma noticia critica, ou qualquer citação, ou um simples a proposito.

No entanto falava de todas ellas, nomeando autores modernos e antigos, discutindo-os attribuindo-lhes até pensamentos e phrases que jámais lhes pertenceram, chegando a sua temeridade ao ponto de citar em falso ou de orelha as mais respeitaveis autoridades, para justificar o que elle na occasião negava ou affirmava.

Esta prodigiosa faculdade de tudo assimilar sem nada digerir era tamanha em Theobaldo que muita vez, discutindo com o Coruja, elle apanhava no ar os argumentos deste e apresentava-lh'os em defesa propria, já transformados e desenvolvidos. E o mais curioso é que, posto André estivesse senhor da materia em discussão e arreaço assel-a conscienciosamente, citando autores que o outro desconhecia, era sempre levado á parede e tinha de render-se, porque o contendor com a sua afoita verbosidade lhe arrebatava todas as armas.

Seu espirito, de uma agilidade acrobatica, saltava de um ponto

a outro, fazendo as mais difíceis cabriolas ; tão depressa Theobaldo se sentia mal seguro em um terreno, pinchava logo a conversa para o lado opposto, sem que aliás ninguém dêsse por tão presos ficavam todos à sonora corrente de suas palavras. E, sempre irrequieto, sempre em constante fermentação, aquelle subtil e maleavel espirito a tudo se amoldava, em tudo se informava, torcendo, singrando e penetrando por caminhos da sciencia inteiramente desconhecidos para elle. E ás vezes, sem conhecer de certos autores mais do que o nome, citava-os de todas as nacionalidades, de todas as classes e de todas as épocas.

Os ignorantes, ouvindo-o, comiam-n'o por sabio ; um sabio, se o ouvisse, havia de jugal-o um louco.

Affonso de Aguiar não o considerava nenhuma dessas cousas mas bem lhe conhecia a parte vulneravel do character — a vaidade, e por ahí contava invadir-lhe o coração e apoderar-se delle.

E, no empenho de conquistar a confiança de Theobaldo, já por fim tanto lhe glorificava os dots intellectuaes e as sympathicas exterioridades de sua pessoa, como ainda lhe gabava as qualidades moraes.

— Que coração ! segredava elle a todo aquelle que pudesse levar suas palavras ao marido de Branca. Que coração de ouro ! E' capaz de despir a camisa para soccorrer a um pobre ! Dá esmolos, sem contar o dinheiro e, d'antes, quando não tinha para dar, soffria mais do que o proprio necessitado. Em solteiro, muita vez empenhou o relógio só para servir a algum amigo ; muita vez teve de pedir emprestado dinheiro, que não era para elle ; muita vez pagou dividas, que não eram suas !

E o Aguiar, abaixando a voz, accrescentava quasi sempre :

— E sem precisar ir muito longe, ahí está o facto do Coruja...

— Que Coruja ? perguntavam.

— Ora ! aquelle rapaz que elle tem em casa, um pobre diabo, sem eira nem beira, um typo exquisitorio, que teria levado o diabo, se não fosse elle !

Então passava a contar uma historia a respeito do Coruja, e, sempre engrandecendo as qualidades do outro, resumia :

— Pois é como digo ! E note se que elle faz tudo isso sómente porque o tal sujeito foi seu companheiro de collegio !

Esta calculada e constante glorificação de Theobaldo feita pelo supposto amigo foi afinal encontrando echo nos grupos em que ella cahia, e o festejado esposo de Branca viu surdir aos poucos em torno de seu nome uma grande reputação de homem illustrado, de homem de talento e de homem generoso.

Isto, ligado á sua fama de rico, era tudo quando elle desejava.

E mais : Todas as vezes em que Theobaldo ouvia elogiar o seu procedimento para com o Coruja e tentava provar que o não merecia, tanto mais se assanhavam os propagadores de sua fama e tanto mais o facto era engrandecido e apregoado.

Um delles exclamou cheio de enthusiasmo :

— Além de tudo é modesto ! Que homem ! Nega a pé junto a esmola que faz como qualquer negaria um obsequio recebido que o humilhasse !

Branca, porém, revoltava-se com tamanha injustiça feita ao melhor amigo do seu Theobaldo. Este, pensava ella, tem de sobra com que merecer elogios e não precisa enfeitar-se com as pennas que lhe não pertencem !

Soffreu, pois, uma enorme decepção, quando, falando a esse respeito ao esposo e dizendo que achava indispensavel esclarecer bem aquelle ponto aos olhos de todos, lhe ouviu declarar frouxamente :

— Não sei, minha flôr, não acho muito prudente agitar essa questão mais do que já esta... Com semelhante resolução talvez apenas conseguissemos chamar sobre mim algum ridiculo... e bem sabes que um homem na posição em que me acho deve temer o ridiculo sobre todas as cousas !...

Branca não oppoz uma palavra ás do marido, mas intimamente sentiu estremeecer, posto que de leve, o enthusiasmo pelo seu idolo, pelo seu amado, pelo seu esposo, pelo seu deus; enthusiasmo que ella até ahí mantinha sereno e inalteravel como uma estatua de ouro.

Foi o primeiro ponto escuro que descobriu no astro, e procurou logo enganar a vista, fazendo por convencer-se de que « aquillo » não passava de « uma venial fraqueza. »

Ah ! mas a primeira mancha nunca vem só, e Branca tinha de soffrer ainda outras decepções mais amargas e mais difficeis de esquecer !

Todavia, uma vez ao lado do Coruja, não se pôde dominar e falou-lhe abertamente sobre o facto.

— Ah !... respondeu o professor sem se alterar ; eu já sabia... fui até já por varias vezes interrogado sobre isso...

— Como ? Pois já chegaram a lhe falar ?...

— Sim, alguns amigos de Theobaldo.

— E o senhor explicou tudo, não é verdade ?

— Não, não valia á pena... Que mal pôde haver em que supponham semelhante cousa ? Muito mais quando isso tem o seu fundo de verdade !...

— De verdade? Pois o senhor quer me convencer tambem a mim de que Theobaldo é quem lhe fornece os meios de subsistencia?

— Ora, se os não fornece agora, já o fez por muito tempo, e quem sabe se não virei ainda a precisar disso?...

Branca, defronte destas palavras, ficou ainda mais surpresa do que quando ouviu as proprias do marido. Ella sabia já que o Coruja era um singular exemplo de abnegação e de boa fé, mas nunca o julgou capaz de tanto.

El seu espirito, ainda puro, religioso e casto, principiou instinctivamente a voltar-se mais e mais para aquella figura feia, resignada e melancolica, aquelle pobre diabo carcomido pelo trabalho e pelo sacrificio, que todos repelliam, e para o qual ninguem sabia ter uma unica palavra de amor e consolação.

## V

A segunda decepção destinada a Branca consistiu no seguinte: Theobaldo, no fim de dous annos de casamento, já não tinha pela esposa o primitivo desvelo, se bem que ella, longe de perder alguma cousa dos seus encantos, ia se fazendo cada vez mais seductora.

Não deixou todavia a pobre senhora transparecer o seu resentimento e, convencida de que havia de reconquistar o marido á força de carinhos, refinou na ternura e na meiguice. Mas em breve comprehendeu que de nada aproveitariam taes esforços, porque no espirito egoista daquelle homem a inconstancia era talvez a face mais desenvolvida. Foi terrivel a sua desillusão, quando de véras se convenceu de que o vaidoso pensava muito mais em si do que nella.

Agora, dir-se-hia até que elle apenas a estimava como a um precioso objecto de luxo que ao amor proprio de qualquer desvanecera. Já não era affecto, nem dedicação, nem respeito, mas simples orgulho de possuir intcira aquella mulher maravilhosa, que todos lhe invejavam, sem animo de cobiçal-a. Theobaldo gozava muito mais com vel-a resplandecer em meio dos salões, crivada de olhares deslumbrados, do que com tel-a a sós, na intimidade do lar, palpitante de amor nos braços d'elle.

Branca percebeu tudo isso e começou a soffrer em silencio; ao passo que o marido, de tão preocupado comsigo mesmo e com as suas ambições, não dava sequer pelo estado lastimavel em que ella se abysmava. A's vezes, durante o almoço emquanto Theobaldo comia, sem despregar os olhos e a faca do jornal em que vinha alguma cousa a respeito d'elle, a misera esposa o fitava



longamente, com a cabeça apoiada em uma das mãos, e toda ella enlanguescida e triste, como a planta mimosa que vai feneceando á mingos de cuidados.

E suspirava.

Ah! mas Theobaldo já não sabia ouvir estes suspiros e, ao erguer-se da mesa, distraído e apressado pelos seus interesses exteriores, também não sabia adivinhar nos olhos de Branca as lagrimas que tinham de rebentar dahi a pouco, logo que elle transpuzesse a porta da rua.

Uma occasião, por volta de um baile em que ella mais do que nunca fez sobresahir os seus encantos e as suas graças, o marido a tomou frouxamente nos braços e pousou-lhe na fronte um beijo, em que já não havia a febre dos outros tempos.

Esse beijo desnaturado e frio foi o bastante para fazer transbordar a grande tempestade interior que Branca ha tanto e com tamanho custo reprimia. Ella deixou pender a cabeça sobre o collo do marido e abriu em uma explosão de soluços.

Theobaldo surpreendeu-se, sem comprehender aquelle subito transbordamento de lagrimas.

— Por que choras filhinha? perguntou elle, procurando amegall-a.

A esposa não respondeu, porque o pranto não l'ho permittia.

— Vamos! Não chores desse modo!... Se alguma cousa te afflige, dize-me com franqueza o que é...

Ella, sem poder falar, meneava a cabeça negativamente, a esconder o rosto como que envergonhada por se deixar sahir pelos seus soluços.

— Perdoa... disse afinal, não me pude conter. Perdoa.

— Mas qual é o motivo dessas lagrimas?

— Tu bem sabes por que choro...

— Eu?... Juro-te que não sei...

— Oh! tu me fazes soffrer, Theobaldo!

— Eu?!

— Sim! Já não és o mesmo para mim...

— Ora essa! Acaso terei, sem saber, commettido alguma cousa que te desgostasse?... Já deixei qualquer dia por ventura de tratar-te com a mesma delicadeza e com a mesma dedicação que sempre me mereceste?...

— Oh, não! não me queixo disso! E's cada vez mais delicado e mais attencioso para commigo...

— Então?

— Mas é que já não me amas como dantes! Acho-te frio, indifferente aos meus carinhos; posso dizer que me supportas com difficuldade quando insisto em ficar perto de ti.

— Illusão tua!

— Não, não me illudo! Já não es o mesmo! Dantes querias ter-me ao teu lado, quando trabalhavas horas esquecidas no gabinete; fazias-me ir buscar na estante um livro ou outro de que precisavas para consultal-o; fazias-me procurar no dicionario o termo que te faltava na occasião; lias-me sempre o que escrevias, consultavas a minha opinião, discutias commigo, prendias-me enquanto durasse o teu serviço, pagando-me depois a beijos todo o prazer que eu punha em estar commigo. Dantes não tinhas fóra de casa uma conversa, um encontro menos commum, uma impressão qualquer, que não me viesses logo transmittil-os; tudo me contavas; dizias-me todos os passos de tua vida, e eu podia, hora por hora, instante por instante, afinar meu coração pelo teu; e agora já nada me contas do que fazes; já não me reclamas quando vais para a tua mesa de trabalho; já não me passas o braço na cintura e não me levas contigo; já não encontras o que me dizer; já não achas graça em cousa alguma que eu faça; posso ir para o piano, posso cantar os mesmos romances que dantes estimavas tanto; e nada te commove, e nada te prende, e nada te chama a attenção! Teu pensamento, tua alma, está tudo lá fóra; aqui só vens para preparar novos elementos de popularidade! Agora — ligas mais importancia á opinião do primeiro que se te apresenta do que ligas á minha opinião e ás minhas palavras!

— Sim, porque tua opinião é suspeita...

— Oh! não ha opinião menos suspeita e mais valiosa do que a da pessoa que amamos sinceramente; pelo menos commigo é assim: nada do que os outros me possam dizer, por mais lisongeiro que seja, vale o mais insignificante gesto de approvação que de ti venha. O maior elogio dos estranhos não vale o menor dos teus sorrisos...

— Ah! de certo, porque o caso muda muito de figura: tu és mulher e és minha esposa; vives pura e exclusivamente para o nosso lar, vives para mim; teu publico sou eu, e mais ninguem! A minha opinião deve esconder aos teus olhos todo e qualquer juizo dos estranhos? Desde que eu decida dos teus actos, nada mais tens que ver com o que pensam os outros a respeito delles. Se eu os approvar ou se eu os reprovar, seja com justiça ou não seja, estão definitivamente approvados ou reprovados, ninguem mais tem nada que dizer!

— Pois é justamente por isso; justamente porque tu para mim representas o mundo inteiro; justamente porque eu só a ti possuo; porque só com o teu julgamento devo contar, e porque não tenho outro estímulo, e porque não tenho outro amor, senão

o teu, é que com tanto empenho te disputo e tanto me arreço de perder-te!

Ao terminar estas palavras, Branca deixou de nove transbordar, desfeito em lagrimas, o seu resentimento; mas Theobaldo, por melhores esforços que empregasse, já não conseguia arrancar de si uma unica scentelha do extincto amor, que dantes lhe inspirava a esposa.

Todo o seu enthusiasmo consumia-se no pedestal da sua propria imagem, gastava-se a seus pés, naquella eterna adoração de si mesmo.

E no entanto, os suspiros de Branca, que elle já não sabia ouvir, e as lagrimas, que elle não sabia evitar, foram presentidas e abençoadas de longe por alguém.

## VI

Uma noite Affonso de Aguiar assistia á representação dos *Huguenoties* ao lado de sua prima; Theobaldo muito pouco se mostrara no camarote e parecia extremamente preocupado com a ausencia de alguém. Tratava-se de um conselheiro, a quem elle devia ser apresentado durante o espectáculo e de quem esperava a realização de uma idéa que nesse momento o possuia todo.

Essa idéa era nada menos do que a criação de um jornal politico, jornal de luta, com que elle pudesse fazer pressão sobre o partido dominante no paiz e determinar sua individualidade perante o publico; ao lado, porém, deste interesse, todo moral e decisivo, tinha vagas esperanças de obter do governo algum vantajoso privilegio ou algum bom logar em qualquer legação ou, se as cousas tomassem outro caminho, preparar terreno para uma provavel candidatura de deputado geral.

Inconstante e leviano como sempre, não firmava em um só ponto as suas pretensões e aspirava em grosso, abrangendo com a sua desnorteada e vacillante ambição tudo aquillo que se podia articular de qualquer modo ao objecto do seu desejo.

Assim, logo que lhe veiu a idéa de fazer-se jornalista, pensou em ser concessionario, pensou em ser diplomata e pensou em ser deputado, sem se decidir por nenhuma das tres carreiras, aliás tão diversas e tão oppostas.

E tanto teve de enthusiasmo pelo commercio, ao fazer-se negociante, quanto agora o detestava e maldizia a cada momento.

— Se eu conseguir crear a folha, planeava elle, espaceando no corredor do theatro, conservo-me ainda por algum tempo no commercio, apenas na qualidade de socio commanditario, e dedi-

co-me de corpo e alma ao jornalismo. Com o meu talento e com a minha vivacidade, não dou um anno á minha folha para ser a primeira do Imperio.

E já se via aclamada e applaudido pelo publico, já se via influindo sobre os destinos da patria e determinando com uma pennada as mais graves questões politicas.

Uma enorme sêde de luzir, de parecer grande, de dominar, o assoberbava ultimamente, fazendo-o esquecer-se de tudo e de todos, para só cuidar do seu nome. Apoderava-se d'elle a febre do vôo, a paixão da altura ; queria subir até onde chegava sua ambição. Não havia nisso a menor sombra de amor pelo trabalho, nem desejo de ser util á patria ou aos seus semelhantes, mas só vaidade, essa mesma vaidade que fóra sempre a sua unica soberana, e pela qual elle seria capaz dos maiores heroismos e tambem das maiores perversidades.

E, enquanto Theobaldo devaneava e passeava no corredor, enthusiasmando-se com o alto conceito que fazia de si mesmo, o outro, o Aguiar, quedava-se no camarote, acompanhando em silencio todos os gestos da prima.

Estavam já no penultimo acto, em meio do grande ductto de Raul de Nangis e Valentina ; Branca não despregava o binoculo da scena e parecia arrebatarse com a magia daquella musica suprema e apaixonada ; os seus desgostos, as suas profundas maguas de amor, acordavam todas, uma por uma, no fundo de sua alma ; e, quando o tenor soltou a ultima phrase do duetto, uma lagrima brilhou nos olhos d'ella e um longo suspiro desdobrou-se-lhe nos labios.

Só então, despertando do seu enlevo, attentou para Affonso, que a devorava com a vista.

— Como soffre... disse elle entre dentes, não tão baixo, porém que a prima não o ouvisse.

Ella balbuciou ainda uma phrase de desculpa, mas o rapaz accrescentou em segredo :

— Para que ha de esconder de mim os seus soffrimentos ? Julgará que é de hoje que os observo e acompanho ?... Melhor faria, minha prima, em derramal-os no meu coração, porque só os que tambem soffrem poderão comprehendel-os e...

— Eu é que não o comprehendo... respondeu Branca, fazendo-se muito séria.

— As palavras de um bom amigo só não as comprehende quem de todo não quer...

— Nesse caso repita-as a Theobaldo, que elle as comprehenderá melhor do que eu.

— Duvido.

— Não acredita então na amizade de meu marido?...

— Não.

— Como assim ?

— Theobaldo não estima a ninguém. Elle só cuida de si, só pensa na sua propria pessoa, só de si se preoccupa.

— Não é isso o que meu primo costuma dizer a respeito d'elle.

— Ah ! certamente, porque desejo engrandecel-o aos olhos de todos.

— Mas então com que fim ?

— Com o fim de ser — para elle — util e para a prima — agradável.

— Pretende então agradar-me ?

— De certo, visto que sou seu amigo.

— E como, se é meu amigo, procura convencer-me de que Theobaldo não estima a ninguém?... Esquece-se, meu primo, por ventura de que, se eu chegasse a acreditar em semelhante falsidade, seria a mais infeliz das mulheres, porque adoro meu marido e supponho ser amada por elle?

— Se a prima acreditasse no amor de Theobaldo, não soffria como soffre...

— Quem lhe disse que eu soffro ?

— Diz-me tudo : dizem-me as suas lagrimas mal disfarçadas, a sua melancolia, os seus suspiros ; dizem-me esses pobres olhos entristecidos e queixosos !...

Branca abaixou as palpebras instinctivamente, e o rapaz, aproveitando o effeito daquellas palavras accrescentou :

— Quando uma mulher é correspondida no seu amor, toda ella resumbrá contentamento e felicidade ; de cada beijo que dá ou recebe da pessoa amada, fica-lhe na alma o germen de um sorriso e não da lagrima, que ainda ha pouco lhe vi saltar dos olhos.

— Mas, quando assim fosse, retorquiu a senhora, dada o hypothese de que com effeito tenho qualquer motivo para soffrer, qué lucraria eu em confessional-o ?

— Que lucraria ? oh ! lucraria muito ! Lucraria em desabafar, lucraria em dividir com alguém a sua magua !

— Não ! Isso só se póde fazer com um ente, um unico, quando o possuimos, e eu o possui tão pouco !...

— Quer falar de sua mãe ?

— E' verdade.

— E não se lembra de que eu, por bem dizer, sou seu irmão, que a vi pequenina e que me habituei a estimal-a e a respeit-a, como se tivéssemos bebido o mesmo leite materno?...

— Mas que lhe podem interessar meus desgostos? São tão íntimos... tão meus!...

— Por isso mesmo me interessam, porque elles são muito seus. Oh! era preciso não ser seu amigo, seu companheiro de infancia, seu irmão, para não me interessar por elles, como me interesse por tudo que lhe diz respeito!

E chegando-se ainda mais para junto della:

— Juro-lhe, minha prima, que, apesar da tremenda decepção que soffri com o seu casamento, apesar de a ter desejado ardentemente para minha esposa, só a idéa de que Theobaldo faria a sua felicidade levou-me a esquecer tudo! Nunca mais a possuiria, é exacto; nunca mais a vida seria para mim outra cousa mais do que a morte sem as regalias da morte, sem o descanso, sem o esquecimento e sem a dor; consolava-me, porém, a idéa de ter contribuido para a ventura daquella que eu idolatrava, daquella que foi a unica mulher que amei, que amarei sempre! E contava, pois, que, em a vendo satisfeita e alegre, eu teria tambem, do fundo da minha desgraça, o meu quinhão de alegria! Vendo-a gozar, eu gozaria tambem! Ah! mas quando dei pelo procedimento de seu marido; quando descobri que elle covardemente a enganara, fazendo-lhe acreditar que a amaria por toda a vida; quando cheguei a comprehender qual fôra a verdadeira intenção daquelle miseravel, arrancando-a brutalmente da casa paterna; ah! então, confesso-lhe, minha prima, transformei-me todo; confesso-lhe que senti tão indignação grande como seria a indignação de seu pai, se ainda vivesse!

— Meu pai! Oh! não me fale nelle, por amor de Deus!

— Sim, seu pai, que juntou a vida ao dote cobiçado pelo seu raptor.

— Meu primo!

— Perdoe-me! Deixe-me desabafar por uma vez, que estou cansado de reprimir a minha indignação! Juro-lhe que, se Theobaldo fosse um bom marido, teria em mim um amigo para a vida e para a morte; mas, fazendo a soffrir; desprezando-a como a despreza; desdenhando de todas essas virtudes e de todos esses encantos que a prima possui como nenhuma outra mulher no mundo, preferia vel-o atravessado por uma bala!

— Cale-se por amor de Deus!

— Não tem que se revoltar com o que estou dizendo! é na qualidade de amigo e de irmão que lhe falo! Ninguém terá maior empenho do que eu em protegê-la!

— Não posso aceitar uma protecção que accusa e offende meu marido...

— Em sua defesa, eu accusaria o proprio Deus, se elle a desgostasse !...

— Pois se assim é, proteja-me estimando Theobaldo, perdoando-lhe as faltas e defendo aos olhos delle a minha causa. Só por essa fórma provaria o primo que me estima devéras.

Mas, justamente nessa occasião, Theobaldo em um camarote defronte do da esposa, fazia a côrte á mulher do tal conselheiro de quem dependia a criação do seu jornal.

Experiente e vivo como era, sabia que as mulheres são o melhor conducto para se chegar aos maridos — Porque, considerava elle — das duas uma : ou a sujeita é boa e por bondade cederá ao meu pedido ; ou não é, e neste caso eu a farei solidaria nos meus interesses, desde que a converta em minha amante.

A senhora do conselheiro, posto não fosse de todo desengraçada e despida de seducções, era já uma gordachuda quarentona que em ninguem acenderia delirios de amor, e muito menos em Theobaldo que, a respeito de mulheres, só tinha tido até ahí boas-fortunas. Não se tratava, porém, de satisfazer ao gosto e sim de arranjar protecção, e como elle, logo ao primeiro ataque, descobriu que a esposa do conselheiro pertencia á segunda daquellas duas ordens, tratou de dar toda força aos seus recursos de insinuação e aos seus artificios de conquistador.

Foi tiro e queda ! No fim de pouco tempo de conversa a senhora do conselheiro se interessava visivelmente pelo marido de Branca. Ouvia-o com todo a' attenção, abanando-se indolentemente, a sorrir e a contemplal-o em silencio.

Elle fallava de tudo, promiscuamente, tocando apenas com a ponta da aza do seu espirito no assumpto que se offerecia ; não esteve calado um instante ; depois ergueu-se de subito e, o claque em punho, o ar todo restricte, pediu as ordens da excellentissima senhora, lamentando ainda uma vez a ausencia do conselheiro, a quem fazia empenho de ser apresentado.

— Pois então appareça-nos sexta feira. Está convidado. Eu prevenirei meu marido de que o senhor não faltará. Vai ?

Theobaldo vergou-se todo defronte destas palavras, disse que sim com um gracioso sorriso e, requintando a sua cortezia, beijou a mão que a senhora do conselheiro lhe havia estendido.

— E' interessante este rapaz ! annotou ella comsigo, depois de sabir a visita.

— Estou garantido ! pensou elle, quando se viu em liberdade.

Entretanto, o Aguiar, que não perdera um só dos movimentos do marido de sua prima, chamou a attenção desta sobre o modo pelo qual elle se despedia da outra.

— Não ha de ser por mal... considerou Branca, affectando tranquillidade, mas no intimo resentida.

E' que acabava de cahir por terra mais uma das pedras do pobre castello das suas illusões.

## VII

Por esse tempo o Coruja, sempre lutando com o seu coração, com a sua natural antipathia, com o seu trabalho excessivo e com as exigencias da velha Margarida e mais da filha, achava-se em uma situação especial.

O director do collegio, em que elle trabalhava havia tantos annos, um viuvão preso ultimamente á cama pelo rheumatismo, acabava de succumbir pedinho-lhe, antes de morrer, que ficasse com o estabelecimento e fizesse o possível para mantel-o, sem quebra dos creditos até ahi conquistados.

André prometteu ; mas, feito o inventario do collegio, verificou-se que este devia dez contos de réis, ficando por conseguinte quem tomasse conta delle obrigado a fazer frente a esse debito.

Ora, o Coruja não tinha dez contos de réis, nem donde os haver, pois que Theobaldo, unico a quem elle poderia recorrer já não se achava em circumstancias de servil-o.

Entretanto, mesmo com algum sacrificio pagava a pena de ficar com o collegio, porque, em primeiro lugar, o que havia dentro deste valia bcm a metade daquella quantia, e, em segundo lugar, o estabelecimento era um dos mais acreditados da côrte e contava um bonito numero de alumnos. Notando-se ainda que a ninguem convinha como ao Coruja ficar com elle a dirigil-o, visto que de ha muitó fazia as vezes do director, e, valha a verdade, com vantagem sobre o verdadeiro, já por introduzir no estabelecimento muitas das reformas do ensino primario, já por desenvolver varias aulas que encontrou quasi que em estado de abandono.

Ora, se o Banco do Brazil, que era o principal credor, cedesse dous annos de moratoria, o Coruja, empregando todo o seu esforço, bem podia dar conta do recado.

Tratou-se do negocio. O Banco mediante a hypotheca do collegio, dava um anno para a entrada da metade da divida et outro anno para a entrada do resto. André teria, pois, se fechasse o accôrdo, de apresentar seis contos de réis dahi a um anno e outros seis dahi a dous, submettido, já se vê, aos juros da lei.

Verificou o que conseguira economisar depois da molestia de D. Margarida, calculou ao certo o producto liquido do collegio e, tomando a resolução de reduzir ainda mais as suas despesas.



largar de mão por algum tempo a sua historia do Brazil, resolveu afinal assignar o contrato.

Tudo isso fez elle sem o menor enthusiasmo, com uma inalteravel confiança nos seus esforços.

E desde então com effeito não descansou um segundo; dispensou alguns professores, cujo serviço tomou a seu cargo, e começou a leccionar por dia nada menos do que oito aulas, inclusive a de musica.

Pois, ainda assim, descobria tempo para fazer a escripturação da casa e, lá uma vez por outra, para adiantar uma pagina á sua querida historia do Brazil.

Embalde protestava-lhe o corpo contra tanto excesso de trabalho. Coruja não se deixava vencer e reagia energicamente; é verdade que, ao chegar á noite, já se não podia ter nas pernas e só com muito sacrificio aguentava-se acordado até ás onze horas, trabalhando ainda; mas em compensação trazia agora o espirito mais tranquillo a respeito do seu compromisso com Ignez, a quem desposaria, mal visse o collegio desembaraçado.

A nova situação de André por qualquer fórma animou á velha Margarida, que ultimamente se havia convertido para elle em um verdadeiro tormento.

— Ora, Deus queira que desta vez você desembuche, creatura! disse-lhe ella, quando o rapaz lhe levou a noticia — Já não vem sem tempo!

— Ah! desta vez creio que ficará tudo realizado!... considerou André — E' que as cousas, Sra. D. Margarida, nem sempre caminham á medida dos nossos desejos...

— Ora, *seu* Miranda, se você quizesse, ha muito tempo que já teria dado um geito ao negocio!...

— Mas para que fazer as cousas no ar? E' muito melhor ir pelo seguro! Olhe, logo que eu liquide o meu debito com o Banco, posso casar sem receio, porque já terei certo o necessario para sustentar mulher e os filhos que vierem. O collegio, uma vez desembaraçado, dará perfeitamente para isso e talvez até para se pôr de parte alguma cousinha... Não acha a senhora, D. Margarida, que sempre é melhor assim, do que casar-se a gente em um dia e já no outro estar arrependida?

A velha, em vez de responder ás considerações de André, limitou-se a esclamar:

— Hei de ver este casamento pelas costas e ainda me parecerá um sonho!

— Agora ha de vel-o realizado!

— Com um anno de espera pelo menos... arriscou Ignez. — Em um anno o mundo dá tantas voltas!...

E sua cara era tão feia e tão apoquentada com semelhantes palavras, que fazia desconfiar que as taes voltas do mundo haviam de ser por cima della.

— O que não sei é se elle ainda deitará um anno !... considerou a velha, quando o Coruja a deixou com a filha. Acho-o agora tão não sei como !... O diabo do homem parece que fica mais feio de dia para dia !

— A mim, o que lhe acho, acrescentou a outra — é mais bodega do que nunca : já não se sabe de que côr é o paletó que elle traz no corpo e o chapéo parece que está a se acabar aos nacos !

Taes considerações sobre o máo trajar do Coruja não eram privilegio exclusivo das duas senhoras ; em casa de Theobaldo já todos haviam tambem notado a mesma cousa, sem que ninguem aliás se animasse a censural-o, porque bem sabiam a que ponto levava elle a economia depois de tomar o collegio á sua conta.

Mas se ahi lhe perdoavam a penuria de roupa, o mesmo não succedia nas outras partes, e o pobre Coruja ia ganhando fama de sumitico e miseravel.

Commentavam amargamente aquella extrema restricção de despezas ; accusavam n'ò de nunca ter sido visto a gastar um só vintem com pessoa alguma, e muita gente garantia que elle aferrolhava dinheiro.

Em verdade, não podia ser mais rigorosa a abstinencia do Coruja, nem podia o seu typo ser mais farandulesco e miseravel do que era ultimamente ; mas, tambem, quem o surprendera á noite no seu cubiculo, depois de recolhido, vel-o-hia tirar de uma gaveta diversos titulos do Banco e diversos maços de cem mil reis em papel, que elle contava e recontava com uma voluptuosidade de avarento ; como, se á força de conferir o dinheiro, pretendesse engrossal-o.

O Aguiar embirrava com elle progressivamente. Ao topal-o em casa do amigo, tão maltrapilho e tão esquerdo de maneiras, torcia sempre o nariz e ás vezes chegava a exprobrar á prima aquella relação.

— Tambem não sei, dizia, — como Theobaldo, que é aquelle mesmo, conserva este typo dentro de sua casa...

— São muito amigos, respondia Branca seccamente.

— De accordo, mas, que diabo ! semelhante figura é o bastante para desmoralisar uma casa... Parece um mendigo ! um verdadeiro mendigo !

— E' um homem honesto, affianço-lhe.

— Oh ! nem podia deixar de ser ! com tal aspecto ser honesto não é furia ; elle tinha obrigação de ser, pelo menos, santo.

— E talvez meu primo acertasse. O Coruja tem cousas de um verdadeiro santo.

— Menos a figura, que essa é marca de Judas.

— Com effeito é antipathico, mas tambem não é tanto assim... Repare bem e verá.

— Não. Tenho medo. Aquella cara seria capaz de me pôr doente se eu a fitasse.

A attitude do Aguiar ao lado da prima continuava a ser a de um seu parente chegado e amigo da casa; Branca, todavia, ao conversar com elle, sentiu por varias vezes orçar-lhe pelo pudor as antenas de uma estranha intenção, que ella procurava não comprehender e contra a qual se retrahia toda. Mas o seductor nem por isso perdia as esperanças, e, sempre com o seu systema artificioso, ia empregando todos os mcios de insinuar-se-lhe no animo, até que chegasse uma boa occasião para a empolgar.

A occasião, porém, não queria apresentar-se, e elle teria talvez precipitado os acontecimentos, se o acaso não fosse ao seu encontro, avivando-lhe a coragem e fazendo-lhe antever um desfecho ainda mais rapido do que esperava para a sua campanha:

Aguiar estava muito ao corrente das pretensões jornalisticas de Theobaldo e, melhor ainda, sabia em que pé caminhavam as intimidades deste com a senhora do conselheiro; de sorte que, um bello dia, ouvindo Branca ateimar que o marido tinha de passar a noite em importante conferencia commercial com alguns amigos, elle sorriu e disse:

— E o que perderia a prima se eu lhe provasse o contrario?

— Perderia mais uma illusão a respeito de meu marido, respondeu ella — Até aqui ainda não o apanhei mentindo, e confesso que o julgo incapaz de tamanha baixeza.

— E se eu provasse que elle, em vez de passar a noite nessa fantastica conferencia, estará por esse tempo aos pés da mulher do conselheiro?...

— Creio que ainda assim eu não acreditaria.

— E se as provas fossem irrecusaveis?

— Nunca perdoaria a elle semelhante infamia.

— E jura que não fará o mesmo a meu respeito, se eu provar o que disse?

— Póde estar tranquillo por esse lado, porque nós, as mulheres, só condemnamos os actos máos e as faltas da pessoa que amamos. Em nós o odio é sempre o avesso do amor e só apparece quando este se esconde; o nosso coração é uma capa de duas vistas, cujos lados não podemos usar ao mesmo tempo: ou bem que amamos, ou bem que odiamos.

— Quem me dera então ser odiado pela prima...

Branca sentiu o roçar das taes antenas e tratou logo de cortar a conversa, retirando-se para o seu quarto, a pretexto de sentir se indisposta.

Aguiar ficou na sala, mas a denuncia d'elle acompanhou-a, grudando-se-lhe ao coração com tanta insistencia, que afinal já o opprimia.

— Um mentiroso ! pensava ella, deixando-se cahir sobre o divan.

E vieram os soluços.

— Mentir, enganar-me, trahir-me como o mais baixo dos homens não faria com sua mulher !... Oh ! isso não ! Issó já é de mais ! Isso já não é uma fraqueza, é uma vilania e uma perversidade ! Se elle está farto de mim, se já não me póde supportar, por que então não fala com franqueza ? por que não confessa tudo dignamente ? por que me traz nesta duvida ridicula e mais dolorosa do que a peor das evidencias ?...

E ainda chorava sobre estes raciocínios quando Theobaldo chegou á tarde. Ella disfarçou as suas lagrimas, acompanhou-o ao jantar, depois conversaram juntos, como de costume, debaixo de um caramanchão que havia na chacara e, só á noite, ao vel-o ja prompto para sahir, perguntou-lhe com os braços em volta do pescoço d'elle :

— Vais sempre á tal reunião ?

— Vou, e creio que me demorarei alguma cousa ; mas fica descansada, que não irei muito além da meia-noite.

E beijou-a na testa e teria desaparecido logo, se a mulher não o prendesse com mais força.

Elle estranhou :

— Então ! disse. Creio que não vou emprehender alguma viagem aos polos !

A esposa tomou coragém e interrogou-o abertamente :

— Quero que me digas uma cousa, mas não mintas ! Fala com franqueza.

— Não te comprehendo, filha.

— Dize-me : onde vais tu agora ?

— Oh ! estou farto de repetir !

E estalando as syllabas : — Vou a uma reunião commercial, que tem hoje de deliberar sobre um syndicato, apresentado ao governo, pedindo privilegio para o fornecimento de certos materiaes de guerra que tencionamos mandar ao Paraguay. Oh !

— Jura ! Dá a tua palavra de honra !

— Ora essa !

- Então não acredito.  
 — Paciencia !  
 — E vejo que as minhas desconfianças têm razão do ser...  
 — Desconfianças ?  
 — Sim. Não acredito na tal reunião.  
 — E com que direito ?  
 — Com o direito de quem tem ciumes !  
 — Ciumes, tu ?  
 — Eu mesma.  
 — E duvidas de mim ?  
 — Só não duvidarei se renunciarees a essa tal reunião.  
 — Não posso.  
 — Fica. Peço-te.  
 — E' impossivel ! Teria um grande prejuizo !  
 — Fica, Theobaldo.

— Não. Seria uma tolice, que eu a mim mesmo nunca perdoaria ! Bem sabes que os meus negocios não vão bem, atravesso uma crise muito séria, extraordinariamente séria ! A guerra tem me feito um mal diabolico ! Se me descuidar, estará tudo perdido tudo ! Nesta reunião de hoje vou tratar do nosso futuro ; é o interesse que me conduz e não devo faltar !

— Bem, vai !

— Adeus.

— Adeus. Elle tornou a beijal-a na fronte e depois sahio.

Branca ficou immovel, junto á porta, a segui-o com os olhos. Viu-o descer muito lepidamente a escadaria de pedra, atravessar a chacara e ouviu depois rodar o carro lá fóra.

— Qual dos dous será o mentiroso ? este ou o outro ?... balbuciou ella, deixando pender a cabeça para o peito e entregando-se a uma scisma atormentadora e ensombrecida pela duvida ; Qual dos dous será o infame ? Talvez ambos !...

Despertou com a voz do primo.

— Então ? Elle sempre foi ? perguntou este com um sorriso.

Branca respondeu sem falar, procurando esconder a sua preoccupação. Deu uma pequena volta pela sala, afinal foi collocar-se ao lado do primo :

— Onde é a entrevista, sabe ?

— No Cattete.

— Em casa de quem ?

— Na minha.

— Na sua casa ?

— Elle pediu-m'a e eu não podia negar. Não acha ?

— Fez bem.

E ella accrescentou, depois de uma pausa afflicta, aproximando-se mais de Aguiar :

— Meu primo, o senhor disse que é meu amigo, não é verdade ?

— E sustento.

— Pois bem, prove-o, não dando uma palavra a respeito do que eu vou fazer.

— Juro que não darci, mas peço em troca uma promessa do mesmo genero.

— Fale.

— A prima não dirá a Theobaldo quem foi que o denunciou.

— Póde ficar descansado.

Dito isto, Branca foi ao tympano e vibrou-ô.

Appareceu um creado.

— O Caetano que se aprompte para sahir e venha immediatamente aqui ; você vá chamar um carro. Depressa !

— Vai certificar-se ? perguntou Aguiar á prima, feliz com aquella intimidade que o aproximava mais della e como que o fazia seu complice, estabelecendo entre elles um segredo, um pacto e um juramento.

Branca respondeu que sim, queria certificar-se com os seus proprios olhos.

— E que meios tenciona empregar para isso ?

— Espial-os.

— Mas, de que modo ?

— Postando-me defronte da casa.

— E se elles já tiverem entrado e se fechado por dentro ?

— Espero que saiam.

— Mas é que dessa fórma a prima será descoberta e terá de passar longas horas á esperar na rua, mettida em um carro de alu-guel, talvez arriscando a sua reputação...

— Que então hei de fazer ?

— Seguir os meus conselhos. Eu me comprometterei a levá-la a um logar, donde a prima poderá observar os á vontade e sem ser vista.

— Ir em sua companhia ?...

— Parece-me que sempre é mais prudente do que ir em companhia do Caetano... Lembre-se de que esse velho a ninguem presa neste mundo como a Theobaldo e que não resistirá por conseguinte ao desejo de contar-lhe tudo !

— Pouco me importaria eu com isso !...

— Sim, mas inporto-me eu ! Se Theobaldo chegasse a desco-

brir a armadilha, descobririria também quem a armou. Ao passo que, indo a prima só commigo, eu a faria entrar mystoriosamente pelos fundos da casa e levar-a-ia a um logar seguro donde, já disse, os poderia ver, sem que ninguem desconfiasse da sua presença.

O velho Caetano acabava de apparecer á porta da sala, todo paramentado com a sua libré nova, a cabecinha já muito branca e vergada ao peso dos seus setenta annos.

— Espere, Caetano, disse-lhe Branca, encostando-se a um movel, como para melhor resistir ás idéas que a acabru-nhavam.

E' que 'áo seu espirito altivo e leal repugnava tudo aquillo ; sentia-se mal, como se estivesse premeditando uma infamia.

Você já não é necessario, declarou Aguiar ao creado, emquanto ella pensava.

O velho Caetano fez uma respeitavel continencia e apartou-se sem dar palavra, arrastando os seus cansados pés e afagando lentamente com a mão a nuca encanecida.

Branca teve afinal um gesto resolutivo de cabeça, foi ter com o primo e perguntou-lhe com a voz tão firme quanto era firme o seu olhar :

— Dá-me a sua palavra de honra em como não deixará de ser cavalheiro um só instante emquanto estiver ao meu lado ?

— Dou-lhe a minha palavra de honra em como a respeitaria minha irmã ou minha mãe !

— Bem. Aceito a sua companhia.

E retirou-se por alguns segundos para ir pôr uma capa.

— Podemos ir, disse ao reaparecer na sala.

O primo deu-lhe o braço e os dous sahiram juntos.

## VIII

Chegaram sem o menor incidente ao destino que levavam.

Aguiar fez conduzir o carro pela rua dos fundos da casa e apeiou-se defronte de um portão, dizendo á prima :

— Entre sem receio.

— Mas...

— Calculando a sua vinda, dei todas as providencias para que nada nos estorvasse.

— Como ?

— A sala, onde seu marido ha de estar com a sujeita, tem uma janella que despeja para aquelles lados.

— Ah !

— Essa janella parece dar simplesmente para a montanha, mas tanto dá para a tal montanha como para um pequeno terraço que existe perto della, meio occulto pela folhagem de algumas arvores.

— Um terraço ?

— Sim. E é dahi que os vamos observar.

— E se a janella estiver fechada ?

— Tão tolo não era eu que consentisse em tal...

— Como assim ?

— Ora preguici muito de proposito as folhas da janella contra a parede. Além disso, elles não terão empenho em fechal-a, não só porque nem sequer desconfiam de que possam ser espreitados, como tambem abafariam de calor. Só por essa janella entra o ar no quarto.

Branca deixou-se conduzir até ao terraço ; o primo a seguiu, affectando o maior acatamento e o mais solieito respeito.

— Eis a janella, segredou elle ao ouvido da prima.

E apontou para uma janella que de facto estava aberta, deixando devassar parte de uma boa sala bem guarneecida e bem illuminada. Sobre a mesa do centro via-se um grande véo preto, de mulher, ao lado de uma bolsa e mais um chapéo de homem e uma bengala.

Branca reconheceu estes dous ultimos objectos, mas não disse uma palavra.

— Venha agora para esta outra banda... segredou-lhe de novo o rapaz, tomando-a delicadamente pela mão e conduzindo-a á extremidade opposta do terraço.

Ao chegar ahi, ella sentiu um choque mais violento e amparou-se contra o hombro do primo, escondendo o rosto nas mãos e chorando.

E' que vira o marido, de pé, tendo nos braços a senhora do conselheiro.

Agora, Branca já não podia ficar illudida ; vira perfeitamente: Elle estava todo de preto, vergando-se para aleançar com os labios o beijo que a sua cumplice lhe offerecia. E viu que os dous se estreitavam nos braços um do outro, dizendo entre si alguma cousa em segredo ; palavras de amor sem duvida.

Branca enxugou as lagrimas, puxou de novo sobre o rosto a sua capa, que ella havia afastado para melhor ver, e com um gesto pediu ao primo que a acompanhasse.

— Agora está convencida?... perguntou este meigamente.

— Estou. Obrigada.

E ella tomou a direcção da sahida do terraço.

Aguiar acompanhou-a, sem arriscar uma palavra ou um gesto



a favor das suas pretensões amorosas. Percebia que era ainda cedo de mais para isso, e que poderia comprometter todo o seu jogo, se naquelle momento lhe faltasse a calma.

Ah! elle conhecia perfeitamente o character orgulhoso da prima; tinha plena certeza de que a commoveria muito mais resistindo ao desejo de aproveitar aquella occasião do que lhe cahindo aos pés com uma declaração de amor.

— Nada de precipitar os acontecimentos!... considerou, resolvido a esperar que o dia da sua felicidade chegasse por si.

Foi, pois, com todo o respeito que elle seguiu a prima, dando-lhe a mão quando era preciso descer algum degráo, afastando sollicitamente os galhos das roseiras, quando atravessaram o jardim, e afinal conduzindo-a até á carruagem e perguntando-lhe, com a cabeça descoberta, o ar muito serio, se ella queria que elle a acompanhasse á casa.

— Não, obrigada; não ha necessidade disso. Adeus.

E Branca, estendendo-lhe a mão, que Aguiar beijou com toda a cortezia:

— Olhe, ouça, ia a dizer o rapaz; mas, nessa occasião, um vulto de mulher, que sahira da sombra da rua, assomara pelo lado opposto da carruagem e, mettendo a cabeça na portinhola, dissera claro:

— Bom! E' quanto me basta vêr! Estou satisfeita!

Branca retrahiu-se no fundo do carro, soltando um pequeno grito assustado, enquanto Aguiar, que havia reconhecido a outra, ordenou ao cocheiro que seguisse, e foi ter com ella.

— Ora, Leonilia, que imprudencia a tua!...

— Não! debes dizer antes « Que felicidade! » Não imaginas quanto estou satisfeita!

## IX

Leonilia, logo em seguida áquella celebre visita que lhe fez o Coruja, isto é, logo que embolsou o dinheiro que elle lhe levou fez vir o Aguiar á presença della e lhe disse:

— Sabes? Resolvi largar de mão o casamento de Theobaldo e parto no primeiro paquete que daqui sahir.

— Pois tu vais deixar o Rio de Janeiro em semelhante occasião? perguntou o rapaz, sinceramente espantado; vais partir soffrendo em silencio o que acaba de te fazer aquelle miseravel?

— E' verdade.

— Pois nem ao menos procuras vingar-te?

— Oh! quanto a isso, mais devagar, meu amigo!

— Ah!...

— Era preciso que eu não o tivesse amado apaixonadamente e não me tivesse abaixado até á ultima humilhação a que conduz o amor, para não guardar contra elle um odio terrivel e uma terrivel necessidade de fazer-lhe mal.

— Bom.

— Mas, por enquanto, não quero. Seria tolice. Elle que se case, que siga o seu destino ; mais tarde hei de estar ao seu lado.

Aguiar tentou ainda convencel-a de que a melhor cousa a fazer contra Theobaldo era desmanchar-lhe o casamento ; nada, porém, conseguiu e pôz á disposição della o seu auxilio.

Leonilia partiu com effeito no primeiro paquete que encontrou a sahir do Rio de Janeiro ; foi em busea do seu incorrigivel banqueiro e, durante quatro annos, ajudou-o a liquidar o resto de dinheiro que ainda lhe encontrou.

Quando o viu reduzido á espinha, bateu de novo a bella plumagem, completando o bilhete que lhe deixara da outra vez com esta phrase : « Até nunea. » E tornou então para o Rio de Janeiro, não com os mesmos encantos e as mesmas pedrarias que trouxera da primeira viagem, porque ia já se enterrando muito em idade e fazendo-se demasiadamente gorda, mas voltou com a mesmissima preocupação que levava a respeito de Theobaldo.

Um dos seus primeiros cuidados, chegando á côrte, foi pedir noticias delle.

E' inutil dizer que as obteve, ainda mais completas do que procurava, porque no Rio de Janeiro essas cousas se conseguem com extrema facilidade, principalmente quando é uma Leonilia quem as busea. Mas de tudo o que lhe constou a respeito do perfido amante, só uma circumstancia lhe encheu devéras as medidas : — a inesperada intimidade de Aguiar em casa de Branca.

Conhecendo o character « *daquelle typo* » ; sabendo quaes foram os esforços que elle empregou para casar com a prima e quão grande a sua decepção por não o conseguir, calculou logo que especie de intenções o levaram a se fazer de novo amigo do homem que lhe roubara a mulher amada. Entretanto, por conhecer tambem de que força era o Aguiar em manha e disfarce, receiava que o hypocrita realizasse os seus intentos contra a esposa de Theobaldo, mas, com tamanho geito e habilidade, que ninguem viesse a descobri-los. E isto, que para elle representaria sem duvida o complemento da vingança, para Leonilia não era mais do que um facto do qual podia se tirar o melhor partido, mettendo-o em circulação.

Interrogou o Aguiar sobre esse ponto, e o Aguiar respondeu jurando que a prima era um modelo de honestidade conjugal.

— Bom, disse Leonília, é o que vamos ver...

E esperou.

Esperou e de olhos bem abertos. Nos passeios de carro que ella costumava fazer á tarde ou á noite, preferia em geral as bandas de Botafogo, circumstancia em que nada havia de extraordinario, porque este bairro era então o mais proprio e usado para isso.

Mas, chegando em certa altura da praia, mandava sempre abaixar a eupula do carro e afrouxar o passo dos animaes ; ás vezes, chegava até a estacionar por alguns minutos debaixo de alguma arvore, como quem espera por alguém ou pretende descobrir alguma cousa ; outras vezes saltava em terra e entretinha-se a dar uma pequena volta pelo cáes.

Foi assim que ella, na tal noite da entrevista da mulher do conselheiro, viu o Aguiar surdir na porta de Theobaldo com a mulher deste pelo braço.

— Olé ! disse comsigo e, auxiliada pela escuridão, pôde observar-os á vontade, sem ser presentida.

Viu-os trocarem em segredo algumas palavras, depois metterem-se resolutamente no carro que os esperava na rua e que tomou logo a direcção da cidade. Leonilia acompanhou-os, recomendando ao seu cocheiro de guardal-os a certa distancia e não os perder de vista.

Durante todo o tempo que Branca levou no terraço a espreitar o marido, ella rondou a porta da casa ; casa aliás já sua conhecida, pois que até pernoitara ali uma noite com Theobaldo, depois de uma grande ceia, que o Aguiar offerecera aos amigos n'um dia de seus annos.

O primo de Branca estava longe de se suppor espiado, e não procurou esconder a sua contrariedade defronte de Leonilia.

— Mas com que diabolica intenção fizeste semelhante cousa ? perguntou elle, depois de ouvir da cortezã a confissão de que ella o seguira desde Botafogo.

— Ora essa ! respondeu Leonilia, sem dominar o seu contentamento, para vingar-me, está claro ! Quero que repitas agora o que disseste da inquebrantavel honestidade de tua prima !

— Pois olha, juro-te que não mentiria sustentando o que affirmei a respeito della.

— Tem graça !

— Não posso te explicar as circumstancias muito especiaes, que determinaram o que acabas de ver, mas afaço-te que Branca tem sido até hoje uma esposa verdadeiramente casta..

— Ora deixa-te disso, e fala com franqueza.

— Mas, filha, juro-te que estou dizendo a verdade. As apparencias muitas vezes enganam.

— Bem! Não queres falar, tanto peor para ti... Outros descobrirão aquillo que não me queres confessar.

— Mas se não ha nada!

— Não tratemos mais disto; acabou-se!

— Não! Mas é que tu me podes comprometter muito seriamente!...

— Pois se tens medo de mim, fala com franqueza e eu farei as cousas de modo a não ficares comprometido. Não admitto é que me queiras convencer, a mim de que levas a estas horas uma mulher a tua casa de rapaz solteiro, talvez para discutirem algum ponto de moral domestica!... Isso, has de ter paciencia, mas não passa... E, por consequinte, dize lá o que entenderes, mas desde já te previno de que tenho sobre o facto o meu juizo formado.

— Se tens já o teu juizo formado, para que diabo queres então que eu fale?

— Porque com isso não fico sabendo menos do que já sei.

— E se eu não quizer falar?

— Nesse caso darei parte desta entrevista a Theobaldo, e elle que proceda como entender.

— E como conseguirias provar?

— Ora! Isso seria o menos! Bastava-me o cocheiro, que é meu conhecido antigo; e demais não sabes se eu estou só; posso ter testemunhas.

— Mas que diabo lucras tu com a minha confissão?

— Não é disso que se trata! Quero saber é se confessas ou não confessas que és o amante de tua prima?

— Desde que affianças que, se eu não confessar, vais perdela para sempre... Confesso!

— Confessas então que és o amante da mulher de Theobaldo?

— Que remedio!

— E ha quanto tempo?

— Desde que a conheço. Bem sabes que ella é a unica mulher que amei até hoje...

— Não! Pergunto desde quando ella é a tua amante de facto desde quando a possues!

— Não sei, já não me lembro.

— E que tencionas fazer?

— A que respeito?

— A respeito della. Pergunto se tencionas continuar como até agora, ou, visto que a amas, se tens a intenção de tiral-a do marido.

— Isso não é cousa que dependa só de mim. Era preciso que ella consentisse.

— Elle não quer?

— Creio que não.

— Nunca lhe perguntaste?

— Nunca.

— Não creio.

Elle sacudiu os hombros.

— Bem... murmurou Leonilia, depois de uma pausa. — Adeus.

— Posso então confiar em ti, não é verdade? perguntou Aguiar, apertando-lhe a mão.

— Podes confiar abertamente. Adeus.

— Até outra vez.

Leonilia afastou-se, tomou o seu carro e desapareceu. Aguiar, muito contrariado com o que acabava de succeder, foi-se deixando ir pelas ruas, procurando consolar-se com a idéa de que ainda havia de possuir como amante aquella que o regeitou para marido.

E, já sentado á mesa do hotel, onde elle costumava ceiar, dizia de si para si emquanto esperava o chá :

— No fim de contas fui muito feliz em não me ter casado com ella !

## X

Emquanto isso se dava, Branca, afflicta e estrangulada de indignação, chegava á casa.

Enfiou logo para seu quarto e, atirando a capa á creada, disse-lhe com a voz tremula :

— Chama o João ou o Caetano, aquelle que se apromptar mais depressa. E' preciso entregar quanto antes uma carta, que vou escrever.

E, depois de esgotar de um trago um copo d'agua, assentou-se á secretária e escreveu o seguinte com a mesma precipitação com que bebera :

« Conselheiro — Se V. Ex. préza a sua honra de homem casado, vá immediatamente á rua do Cattete n. 15 e ahi encontrará sua mulher nos braços do marido de quem lhe faz esta denuncia. »

E declarou a hora e o dia em que era escripto o bilhete, sem contudo expôr a sua assignatura. Depois, metteu a folha de papel em um envelope e sobrescriptou-a.

— Leve immediatamente esta carta ao seu destino. E' muito perto daqui. Não se demore.

O creado sahiu e ella se atirou á cama soluçando. No fim de alguns minutos ergueu-se de novo teve um instante de arrepen-

dimento, mas saeudio logo os hombros, chamou pela creada já eom a voz firme, despiu-se, reeommendou que dissessem ao marido, no caso que este perguntasse por ella, que se achava indisposta e não queria falar a ninguem. Em seguida feehou por dentro a porta do seu quarto e recolheu-se ao leito, aguardando a explosão que julgara ter provocado com a carta dirigida ao conselheiro.

Creança! pensava ter lançado uma faisca na polvora, e a faisca tinha apenas se cravado na lama.

A carta, segundo a declaração do creado que a levava, foi entregue em mão propria. S. Ex. abriu-a, leu-a imperturbavelmente, rasgou-a depois e disse ao portador :

— Está entregue.

Só no dia immediato foi que Branca se encontrou com o esposo; estranhou muito não lhe deseobrir na physionomia a mais ligeira sombra de contrariedade e proeou não deixar igualmente transparecer na sua o menor vestigio das anarguras que desde a vespera soffria.

Baldado esforço! O marido, logo ás primeiras palavras que trocou com ella, perscrutou que alguma cousa a constrangia e empregou os meios de deseobrir o que era.

— Nada! Nervoso! respondia a pobre senhora, disfarçando as lagrimas.

— Não, não; tens seja lá o que fôr. E' que não queres dizer.

— Illusão, pura illusão tua! De que posso eu me queixar? Sou a mais feliz das creaturas! Nada me falta: tenho o teu amor, tenho a estima de meus amigos, vejo-te prosperar, crescer! Que mais desejo?

Theobaldo approximou-se della para lhe dar um beijo; Branca fugiu eom o rosto.

— Que significa esta recusa? perguntou elle.

— Não sei, mas não posso agora supportar as tuas caricias.

— E por que?

— Caprichos dos nervos, naturalmente...

— Tu então repelles os meus beijos, Branca?

— Sim, e peço-te que não insistas em querer saber a razão por que.

— E até quando durará o tal capricho de teus nervos?

— Não sei; é natural que durem emquanto eu viver.

— Confesso que te estranho. Tu, que eras tão meiga, tão amo rosa para commigo...

— E' exacto. Vê como a gente se transforma de um momento para outro.

— Mas é indispensavel que haja uma causa para semelhante transformação.

— Não sei ; apenas te affianço que não contribui absolutamente para ella.

— Se tens alguma razão de queixa contra mim, melhor será que fales logo com franqueza. Ao menos dar-me-has o direito da defesa.

— Razão de queixa ? Mas, valha-me Deus ! seria uma injustiça, uma tremenda injustiça á tua bondade, ao teu character e a todos os teus principios de moral. Queixar-me ? Que idéa ! Pois se já-mais fui tão lealmente amada e tão dignamente respeitada por ti !...

— Não te comprehendo, nem te reconheço. Estás ironica.

— Não ; estou simplesmente orgulhosa de ser tua esposa. Presinto que caminhas para um futuro brilhante ; as tuas relações não podem ser melhor : o conselheiro adora-te, o conselheiro ! um homem de bem ás direitas, um velho respeitavel por todos os motivos !

- E é a verdade o que dizes...

— Oh a verdade pura ! Estou convencida de que o teu comparcimento á gessão de hontem, ha de ainda mais engrandecer-te aos olhos d'elle. Não ha duvida que vás em uma carreira por todos os motivos invejavel !

— Branca, disse Theobaldo, com o ar muito serio, se tens algum resentimento contra mim, peço-te de novo que fales abertamente. Não sei em que possa eu ter incorrido no teu desagrado ; a minha consciencia está tranquilla, mas desejo apagar de teu espirito toda e qualquer sombra de suspeita, de que me julgues merecedor.

— Já disse que não tenho accusação nenhuma a fazer.

— Mas então por que te mostras tão differente do que és ; por que estás desse modo ?

— De que modo ? Eu nunca me vi de tão bom humor !

— E's cruel, filha !

— Eu ? Pois então o meu bom humor já é uma crueldade ?... Ora ! tem paciencia ; mas não sei que fizeste da tua logica, chegas a ser incoherente ! Até aqui tu me lançavas em rosto todo os dias as minhas tristezas, os meus ciumes, as minhas repetidas queixas de amor ; e agora exprobras-me, porque me sinto bem disposta e com vontade de rir. Has de confessar que isto não é logico !

— Pois é justamente a tua rapida transformação o que me impressiona e do que desejo sober o motivo.

— Oh ! não tem que saber ! E' que cahi em mim...

- Cahiste em ti ? Como assim ?
- E' que hontem eu via as cousas por um certo prisma e hoje as encare por outro'.
- Explica-te.
- Desfizem-se as illusões, dissolveram-se-me as fantasias ; vejo o mundo e vejo as creaturas por um prisma talvez menos consolador, com corteza, porém, mais justo, mais razoavel e muito mais lucido.
- Não comprehendo onde queres chegar com isso !...
- Não me comprehendes ? oh !
- Juro-te que não !
- Então ainda menos me comprehendeste até hoje. Imagineo senhor meu esposo que eu, ate agora, via a sociedade e os homens de um ponto de vista ideal, cheia de confiança e de boa fé ; mas que era só meu, individual, proprio, escolhido a meu capricho, sem mescla do que nos ensina a experiencia e a dura realidade dos factos.
- Bem...
- Pois calcula que, de um momento para outro, senti rasgarem-se-me defronte dos olhos os véos da minha ignorancia, e desde então vejo tudo ás claras, vejo certo, posso julgar com justeza, dando a cada figura, a cada grupo, a cada acção e a cada facto o valor que lhe compete, a sua capacidade, a sua grandeza ou a sua pequenez, determinando os seus fins e calculando as suas intenções boas ou más.
- E a que deves tu essa milagrosa lucidez inesperada ?
- Não sei, talvez a um sonho, que tive esta noite.
- Um sonho ?
- E' verdade. Adormeci ainda no meu ridiculo estado de credulidade e sonhei que me achava entre todos os meus amigos e conhecidos ; via-os a todos, como te estou vendo a ti, tão bons, tão affaveis e tão meigos ! Mas, de subito, senti uma grande agitação em torno de mim, olho espantada ; então um singular espectáculo se apresenta : a mascara de cada um havia cahido por terra e um grande montão de physionomias misturava-se a meus pés, immoveis e frias como rostos de defunto. E todas aquellas figuras humanas, que acabavam de despir a mascara, começaram a rir e a escarnecer umas das outras, descaradamente, sem rebuços de delicadeza. E as mais vergonhosas confissões sahiram de cada boca. Um gritava : « Eu finjo que te amo, mas no fundo eu te aborreço ! » Outro dizia : « Affecto respeito á moral, mas a minha paixão verdadeira é a crapula e o aviltamento ! » Este afiançava que lhe era indifferente o mundo inteiro e que só a sua



própria pessoa o interessava ; aquelle outro declarava que o seu fim unico era enganar o proximo em proveito de si mesmo ; mais adiante ouvia-se dizer : « Eu, se não commetto certas baixezas, é só porque com isso atrazo a minha vida » ; outro protestava em como, se exercia algumas vezes ao bem, era para que o glorificassem e ácatassem ; uma mulher gritava que se fingia virtuosa, porque era mais commodo e vantajoso ser honesta do que dissoluta ; ao lado della um sujeito confirmava essas palavras, dizendo que a virtude na mulher é como a honra no homem — um passaporte para a consideração publica. E então vi deslizar por defronte de mim o mais estranho batalhão de monstros ! Velhos serios a fazerem momices de creança ; creanças com os vicios e os achaques da velhice ; vi homens feios e bons, outros máos e encantadores ; vi o amor ao lado da ingratição e do abandono ; o odio e a indifferença de braço dado á dedicação e ao sacrificio ; vi a força ao lado da covardia ; vi a fraqueza e a incompetencia ao lado da valentia e do atrevimento ; vi o generoso perseguido ; vi o egoista acclamador ; vi o preguiçoso triumphante ; vi o trabalhador estendido no meio do caminho ; vi a franqueza e a lealdade cobertas de ridiculo e de vergonha e vi a hypocrisia, a mentira, a falsidade, recebendo o applauso, a confiança e a veneração de todos. E, quando passei a mão pelo meu rosto, notei que este também já não era o mesmo, e vi aos meus pés a mascara da minha innocencia, da minha boa fé et da minha credulidade ! Acordando, circumvaguei o olhar em torno de mim, evoquei a memoria das pessoas conhecidas, examinei-as, uma por uma, e verifiquei que todas ellas traziam cada qual a sua cara postiça.

— Até eu ?

— Sim, até tu, hypocrita !

— E qual era a minha mascara ?

— Essa que tens agora.

— E a feição verdadeira ?

— A de um homem vulgar, sem coração, sem talento e sem dignidade !

— Um homem vulgar, eu ?

— Tão vulgar como o teu grande amigo, o conselheiro !

Theobaldo empallideceu ouvindo estas ultimas palavras da mulher e abaixou os olhos defronte da energica serenidade que notou na physionomia della.

Depois quiz tomal-a pela cintura ; Branca desviou-se, lançando-lhe um gesto de desprezo :

— Mas ouve ! disse elle, deixa ao menos que eu me explique !

— Não é preciso ! Nada mais ha de commum entre nós dous...

## XI

Principiou então a formar-se entre Branca e o marido uma inalterável frieza. Viam-se todos os dias, falavam-se, ás vezes chegavam mesmo a conversar algumas horas assentados um de frente do outro na sala de jantar, mas despediam-se depois com um aperto de mão, e cada qual se recolhia ao competente quarto.

Theobaldo, longe de se incomodar com isto, parecia até rejubilar-se, pois que mais em liberdade se podia dar ás suas preocupações exteriores.

A principio, entretanto, quando via a esposa mais triste e mais indifferente, mostrava por ella certo interesse e chegava a indagar o motivo de tamanha transformação; Branca respondia-lhe em geral com um gesto de tedio, e, se lhe dava alguma palavra, era para pedir que não a estivesse importunando com a sua mal fingida solicitude.

E, quanto mais Theobaldo se preocupava com armar ao effeito lá fóra para os estranhos, mais a pobre senhora se retrahia em casa, amparando-se unicamente ao seu orgulho de mulher honesta.

E com as suas illusões de amor foram tambem fenecendo as graças do seu espirito e as galhardias do seu corpo; ao pouco e pouco ia-se fazendo estatua, ia perdendo a originalidade do querer; já não tinha caprichos, já não tinha desejos: aceitava a vida como a vida se apresentava, sem de leve oppôr a sombra de uma queixa.

No seu entristecido olhar de rola abandonada pelo esposo, não transparecia o mais leve indicio da tremenda revolta que mantinha sua alma contra aquella sociedade de mentirosos em que ella vivia; homens como mulheres, todos se lhe afiguravam os mesmos; todos ruins; todos ordinários.

No entanto, affectava em publico a mais completa harmonia com seu marido, a quem no intimo ella execrava com asco, e, sempre por amor e respeito de si mesmo, não arredava um ponto da linha dos seus deveres de mulher casada, se bem que o Aguiar lhe rondasse os passos com insistencia digna de melhor intuito.

Elle a porfiar e Branca a fingir que não o comprehendia, desviando se das garras do seductor com a imperturbavel calma de quem tem toda a confiança em si. Mas o demonio não desanimava, e, com quanta mais força a prima o repellia, tanto mais promptamente elle voltava aos pés della, como o trapezio que o acrobata arremessa e logo torna na proporção do impulso recebido.

E aquella constante repressão dos desejos o atormentava dia e noite; aquelle amor enjaulado dentro d'elle, como uma fera, indo e vindo incessantemente, sem encontrar descanso, nem repousar um instante, deixava-o prostrado e, cada vez mais soffregó.

Comtudo, não desanimava : Ah ! elle tanto havia de lançar aos pés daquelle estatua o fogo de sua paixão que o bronze acabaria derretendo-se.

E Aguiar, seguro de que não a venceria só com a força do seu amor, começou a fingir-se desinteressado e generoso ; com tal sciencia, que Branca foi aos poucos abrindo para elle uma excepção no terrivel juizo que fazia dos homens, chegando até a arrepender-se de o ter julgado tão mal e transformando o insensivelmente em amigo intimo, a quem por ultimo já confiava os segredos das suas maguas e as queixas que tinha contra o marido.

E o velhaco aproveitava com muito geito taes regalias para denunciar as culpas e as fraquezas de Theobaldo, que por este proprio lhe eram reveladas.

Branca o ouvia sempre com a mesma calma, imperturbavel e ativa, os olhos meio cerrados, os labios contrahidos n'uma dura expressão de asco.

— Ah ! Mas não devemos condemnal-o por isso !... dizia o traçoero. — Nelle, aquillo é uma questão de genio !... Theobaldo nunca poderia dar um bom marido ; nunca seria capaz de dedicar-se durante a vida inteira por qualquer pessoa, fosse esta a mais adoravel das creaturas. Todo elle é pouco para pensar em si mesmo ; tudo que não for *elle* ; tudo que não for a sua querida e respeitavel individualidade, nenhum valor tem a seus olhos ; tudo que não fôr *elle*, é publico e faz parte do resto da humanidade, a quem, na sua louca pretensão, elle considera um simples complemento de sua pessoa. Então, na eterna febre de armar ao effeito e não desgostar seja lá a quem for, jámais tem franqueza para ninguem : se lhe pedem qualquer obsequio, elle nunca diz que não, promete sempre, ainda que um instante depois já nem se lembre de semelhante cousa ; se uma mulher lhe lança um sorriso de provocação, elle responde com outro, ainda que a deteste ; não tem amigos — tem auditorio ; não tem amor — tem amantes. E' uma simples questão de vaidade, no sentido positivista da palavra. Elle, emquanto fala, não se dirige á pessoa com quem conversa, mas sim ás que o observem de parte, só preocupado com o effeito que está produzindo sobre ellas. E, como é na conversa é em todos os actos de sua vida.

Branca ficou muito sorprendida e perdeu por instantes a sua

calma habitual, uma vez em que o primo lhe declarou que Theobaldo, antes da mulher do conselheiro, já tivera tido muitas outras amantes de igual especie.

— E depois dessa ? perguntou ella.

— Ora ! respondeu Aguiar, com um sorriso de quem perdoa. Hoje, em certas rodas aristocraticas, ser amante de Theobaldo é um indispensavel attestado de bom gosto ; as senhoras da moda o adoram e cuidam d'elle como de um objecto de sua propriedade. O desgraçado não se pertence ; não pôde dar um passo sem ter de voltar-se para a direita e para a esquerda, sempre a fingir que ama, sempre a enganar. Para o que, diga-me, quaes são as noites que ella passa aqui ? Depois que a prima se retrahiu e desertou das festas, quasi nunca o vê, não é verdade ? Entretanto, no Rio de Janeiro não ha funcção de certa ordem em que elle não seja ouvido e consultado previamente. Se ha concerto na festa, foi elle quem organizou o programma ; se ha dansa, é elle quem tem de dirigir o *cotillon* ; se é preciso um discurso qualquer, uma poesia, ahi está o Theobaldo recitando ! Em todas as salas, quer esteja ou não esteja presente, só se ouve o nome d'elle ; velhos e rapazes procuram imital-o em tudo ; elle é sempre quem dá a nota do tom, quem decreta a moda ; qualquer modificação no seu penteado ou no feitiço de sua barba levanta um formidavel escandalo entre os seus imbecis admiradores , a sua presença é mais indispensavel para o successo das festas do que mesmo a presença do Imperador, de quem elle aliás já conseguiu as sympathias, graças á habilidade com que o seduziu.

Quando aquelle demonio chega a qualquer parte, ouve-se logo de todos os lados : « Ahi está o Theobaldo ! O Theobaldo ! O Theobaldo ! » Os que ainda não o conhecem, correm logo a vel-o ; os outros apressam-se a mostrar que têm a honra de se dar com elle, e todos se mexem e tudo se agita para lhe dar passagem. Chega e dahi a pouco está cercado de gente, sem que ninguem saiba explicar lucidamente por que razão lhe fazem tamanha roda. Elle descerra os labios ? diz qualquer cousa ? é um successo infallivel, e a sua phrase, ainda que seja a mais banal, a mais piegas, corre logo de boca em boca e é repetida e logo acclamada como o verbo da sabedoria divina. Opinião boa, que appareça por ahi a respeito de qualquer factó, ou de qualquer producção artistica, ou de qualquer homem notavel, não se pergunta de quem é, attribui-se logo a elle !

Branca, todas as vezes em que o primo lhe falava dessa maneira sentia, máo grado a energia do seu character, ir crescendo e subindo em torno de seu coração a irresistivel torrente daquellas

verdades, como se ella estivera em meio de um diluvio. Não era que fizesse empenho em reconquistar o esposo, mas sim como que uma especie de revolta contra o destino, que entendera não lhe dar a felicidade a que ella se julgava com direito, sendo tão amorosa, tão leal e tão digna.

E a onda implacavel, que o primo lhe despejava intencionalmente contra a delicadeza de suas maguas, depois de afogar-lhe o coração, transbordava-lhe pelos olhos e pela garganta: desfeita em lagrimas e soluços.

Era isso o que ella com tanto empenho queria evitar; era isso justamente o que elle queria que succedesse, para a tomar de surpresa, e segurar-lhe as mãos, e dizer-lhe, como se falasse delirando:

— Mas não se afflija, não se afflija por amor de Deus! Repare que os seus soluços me enlouquecem! Creia que aquelle ingrato não lhe merece essas lagrimas tão puras e tão sentidas!

— Não é por elle que eu choro, respondia Branca, sem descobrir o rosto, — choro por mim propria, pela minha desgraça, pelo muito que padeço!

Aguiar então, com extrema delicadeza, aproximava-se da prima e principiava a affagal-a que nem a uma creança.

— Então! então!... dizia-lhe meio reprehensivo — Vamos, não se afflija! Veja se consegue tranquillisar-se!...

Ella, muito envergonhada por deixar a descoberto os seus desgostos, acabava queixando-se com franqueza.

— E' que, dizia, já não tenho animo de sahir de casa ao menos; de ir a qualquer divertimento; a qualquer parte; porque a presença de toda a gente me faz um mal horroroso! Quando saio com meu marido e me acho o meio das salas ao lado delle, sinto-me ainda mais só do que se fico entre as quatro paredes do meu quarto; sinto-me ridicula, desamparada, submissa a um homem que pertence a todo o mundo, menos a mim. Oh! Esta posição é degradante!

— Mas, por ventura não estou eu ao seu lado? por ventura não póde minha prima contar ainda com um irmão, um amigo dedicado, que tudo daria para a ver tranquilla e venturosa?

— Obrigada; não me conformo, porém, com esta viuvez a que me condemnou injustamente o homem a quem confiei a minha felicidade, o homem a quem entreguei todos os meus sonhos e todo o meu amor!

— E ainda o ama talvez!...

— Não, já não o amo, e é isso justamente o que não lhe perdooarei nunca! é ter-me obrigado a desprezal-o, é ter feito de

mim uma esposa sem amor, uma mulher casada que não ama ao seu marido e que por conseguinte ha de fatalmente ser martyr, quer submettendo-se á sua desgraça, quer tentando disfarçá-la com outra ainda peor !

— Peior ? ! Peior do que o eterno supplicio de aturar junto de si uma pessoa que abominamos ?... Peior do que sacrificar tudo, a mocidade, o futuro e todos os gozos a que temos direito ?...

— Sim, peor, porque no outro caso o sacrificio que se tem a fazer é o sacrificio da honra ! Bem ou mal sou mulher casada e como tal hei de proceder emquanto durar meu marido !

Aguiar, que não esperava por estas palavras, estacou defronte dellas, mas sem se dar ainda por vencido.

## XII

A singularissima posição de Theobaldo, entre a chamada melhor sociedade do seu tempo, vinha pura e simplesmente das graças delle, do seu espirito e de seu talento de saber, como ninguém, dar a cada um individuo aquillo que lhe era mais lisongeiro ou agradável; vinha de conseguir agradar ao gosto de todos, desde o imperador até ao ultimo dos copeiros, sem aliás desgostar a ninguém, o que é muito difficil. A sua invejavel attitude de homem raro e desejado por todos procedia em linha recta da sua excepcional habilidade de transformar-se sem o menor esforço, sem que ninguém desse por isso, e amoldando-se ao gosto da pessoa que tinha defronte de si, como a nuvem que percorre uma cordilheira e vai tomando o feito de cada montanha que atravessa.

Pandego para os pandegos, homem sério para os homens sérios, elle a todos agradava e com todos se afinava, sem aliás perder uma linha da originalidade do seu typo e da exquisitez do seu genero; assim como um pintor de talento conversa o seu estylo proprio em mil diversas physionomias que lhe sabem da palheta.

Além dessas, havia uma outra razão, talvez não menos poderosa, e com certeza menos legitima.

Era a paternidade que lhe davam (e contra a qual elle protestava muito frouxamente) de uma famosa série de artigos, então publicados em varias revistas scientificas e varias folhas diarias.

A historia desses artigos é a seguinte : Coruja, havia muito, entregara-se por gosto e por necessidade de sua indole, ao estudo sério e acurado de umas tantas mateiras, a que em geral chamam aridas, e com as quaes Theobaldo não seria capaz de entestar.

Sem imaginação, nem talento inventivo e nem arte, André só assim encontrou meio de usar da sua grande actividade intellectual

e foi aos poucos se familiarizando com os estudos economicos e sociologicos.

Póde ser que esse appetite fosse ainda uma consequencia da sua idéa fixa e dominante — a historia do Brazil, obra esta a que ella se escravisara desde os seus vinte annos e da qual nunca se distrahiria, investigando sempre, inalteravelmente, com a calma e a paciencia de um sabio velho que se dedica ao trabalho só pelo prazer de trabalhar, sem a menor preocupação de elogio ou gloria. Essa obra ainda estava longe de seu termo, mas representava já uma somma enorme de serviço; compilações de todo o genero e apontamentos de toda a especie.

— Se eu não conseguir leval-a ao cabo, dizia elle, ahi fica bom material para quem o souber aproveitar, dando-lhe a fórma litteraria, que é só o que lhe falta.

E isto que elle dizia a respeito da carcassa da sua obra capital, verificou-se logo com os seus apontamentos sobre questões sociaes: Um dia Theobaldo fez-lhe algumas perguntas a respeito de elemento servil, locação de serviços e colonisação. Coruja satisfez as perguntas do amigo e declarou que tinha comsigo algumas notas tomadas nesse sentido.

Os dous subiram ao cubiculo de André, e este sacou de uma gaveta de sua velha secretária um grosso pacote, composto de pequenos maços de tiras escriptas, sobre cada uma das quaes via-se methodicamente lançado um titulo diverso.

Theobaldo começou a manusear os maços.

Leu no primeiro: «Industrias», no segundo: «Manufacturas», leu em outro: «Escravidão» e em outro: «Instrução publicas».

E continuando a percorrel-os, foi encontrando:

«Pequena lavoura = Nacionalisação do commercio a retalho, — Nunes Machado e seu tempo = Economia rural, decadencia do assucar, nota sobre o inquerito do governo = Exploração do gado lanigeiro = Administração dos correios = Legislação territorial = Cultura do bicho de seda = Plantação da vinha = Colonisação, reflexões sobre as cartas do marquez de Abrantes = Discursos sobre o elemento servil por Bernardo de Vasconcellos, Euzebio de Queiroz e João Mauricio Vanderley = Guerra do Rosas.»

E assim por diante.

— Que diabo tencionas tu fazer disto? perguntou Theobaldo.

Nada, respondeu André, são notas e considerações, que ás vezes acodem e que a gente vai colleccionando, para, se algum dia precisar...

— Mas é um thesouro isto que aqui tens !... Deves fazer publicar estas notas !

— Qual ! Não despertariam interesse em ninguem ; falta-lhes fórma litteraria, não passam de apontamentos ; datas, nomes citações, discursos politicos e nada mais.

— Ora ! a fórma litteraria é o menos. Isso arranja-se brincando.

— Pois se quizeres arranjar-a...

— Homem ! Está dito ! Publicam-se com um pseudonymo. Vais ver o barulhão que isto faz ahí !

— Não creio.

— E eu tenho certeza ; só com uma vista d'olhos já percebi que tomaste nota de todos os factos mais curiosos de nossa administração publica nestes ultimos tempos.

— Ah ! Isso é exacto ; estas notas foram escriptas á proporção que se succediam os factos, e cada uma tem ao lado as considerações que a respeito della fez a imprensa.

— São minhas ! resumiu Theobaldo, guardando na algibeira as notas do Coruja.

D'ahi ! a dias surgia em publico o primeiro artigo dos de uma longa série que então se publicaram e que estavam destinados a dar ao marido de Branca uma nova reputação, uma reputação que elle ainda não tinha : — a de homem de bom senso pratico e economico.

As conscienciosas notas de André, floreadas pelas lantejoulas da rhetorica do outro, converteram-se no objecto da curiosidade publica.

Foi um verdadeiro successo ; o jornal que as publicou viu a sua tiragem augmentada e os artigos, uma vez colleccionados em volume, deram varias edições.

Dahi nasceu o prestigio de Theobaldo entre os homens publicos do seu tempo, que desde então começaram a respeitá-lo, se bem que o habilitados jámais declarasse positivamente ser o autor dos celebres artigos.

Branca, porém, sabia ao certo a quem elles pertenciam de direito e ficou muito seriamente indignada contra o marido uma vez em que este, depois de negar a pé junto que não era o autor dos taes artigos, respondera a um typo que exigia nesse caso que elle dêsse a sua palavra de honra.

— Não ! isso não ! affianço que os artigos não são meus, mas, quanto a dar palavra de honra, não dou !

• O facto é que elle ficou sendo desde então considerado uma das primeiras illustrações de Brazil, tendo ao seu dispor o jornalismo



em peso e ao seu serviço a protecção dos homens mais influente, na politica.

Podia enfim alargar os seus horizontes e desejar mais largos apezar do seu espirito ser tão inconstante e a sua ambição tão desnorçada.

Agora já não pensava mais em se fazer dono e redactor de um jornal; vivia só para uma idéa entrar na camara dos deputados.

Um terrível contra-tempo veio, porém, alterar-lhe a vida.

Nessa occasião, em vista dos effeitos da guerra, esperava-se que o preço das libras sterlingas subisse extraordinariamente, e Theobaldo, fiado nisso, empregou a melhor parte do que lhe restava em comprar uma boa porção dellas para as revender com lucro fabuloso; eis, porém, que a subida inesperada do partido conservador, firmando o credito do estado, elevou o papel-moeda, deixando o cambio quasi ao par; depois de verificado o emprestimo do Visconde de Itaborahy, do qual se conservou a popular denominação de « bond em ouro, »

Por conseguinte, o dinheiro arriscado nessa especulação de cambias não foi recuperado; as libras, que aliás haviam chegado excepcionalmente ao valor de 15 \$ cada uma, desceram de repente e foram vendidas por muito menos do custo.

Theobaldo viu-se perdido. Além de ficar completamente despido de dinheiro, ainda tinha de apresentar seis contos de réis ao seu fornecedor de café em certo dia conveniado, sob pena de perder tambem o credito, que era a cousa unica com que podia ainda contar para a sua rehabilitação.

No entanto só o Coruja, o Aguiar e Branca sabiam da verdade inteira a respeito disso; de todos os mais Theobaldo escondeu a sua critica situação, convencido de que tudo perdoam aos homens, menos a infelicidade.

Este facto de ter de esconder o seu desespero ainda mais o fazia soffrer, enchendo-lhe as horas de amargura e sobresalto.

Foi então que o Aguiar se ehegou para elle e disse, batendo-lhe no hombro:

— Ora, sea questão é de seis contos de réis, não tens que te affligir, eu t'os empresto; teu credito não ficará abalado!

Theobaldo abraçou-o, declarando que o Aguiar acabava de lhe salvar a honra.

— E's um verdadeiro amigo! disse-lhe. Se não fôras tu, era natural que eu mettesse uma bala nos miolos!

Quando Branca se achou a sós com o primo, apertou-lhe a mão muito commovida e repetiu pouco mais ou menos as palavras do esposo.

— Engana-se, respondeu o Aguiar, não foi por elle que fiz aquillo, foi simplesmente em honra da senhora.

— Não é então amigo de Theobaldo.

— Eu o detesto.

— Foi nesse caso só por mim que o soccoreu?

— Bem sabe que sim.

— E' chegando-se para ella, accrescentou em voz baixa :

— E que não faria eu por sua causa ? Terei por ventura alguma outra preocupação que não seja tornar-me aos seus olhos cada vez mais digno ? terei maior ambição do que vel-a satisfeita commigo e perdoando-me o estimal-a mais do que me é permittido ?... E tanto assim que nada mais lhe peço além de declarar com franqueza o que quer que eu faça ; ordene o ver-me-ha submisso e escravo a seus pés cumprindo as suas leis.

Não tenho ordens a lhe dar, nem direito para isso, apenas desejo que meu primo contiue a ser meu amigo, e, visto que não está nas mesmas circumstancias em que eu estou para com Theobaldo, perdôe-lhe as fraquezas e as maldades.

— Não ! Eu só perdoaria áquelle vaidoso se elle a deixasse em paz !

— Não o comprehendo e peço licença para retirar-me ; sinto-me indisposta ; meu marido não tarda ahi e far-lhe-ha companhia.

Branca afastou-se tranquillamente, sem se mostrar nem de leve receiosa das seducções do primo ; ao passo que este, suffocando a sua impaciencia, deixou-se ficar immovel no logar em que estava, a fital-a pelas costas com o seu comprido olhar de homem teimoso e vingativa.

Que pensará de mim está mulher ? interrogou elle intimamente, cruzando os braços em meio da sala. — Que idéa fará da minha vontade e do meu querer ? Pois não perceberá ella que eu, odiando o marido, não faria por este o menor sacrificio, se não fôra a esperanza de saciar o amor que me põe louco ? E' impossivel que Branca, tão intelligente e tão lucida, não me comprehendenda e não perceba as minhas intenções ! E' impossivel que ella me supponha tão facil de contentar que eu só exija de sua pessoa um casto e fraternal reconhecimento ! Ah ! mas agora, agora que os tenho seguros por uma divida de meia duzia de contos de réis, hei de chegar aos fins a que desejo ou muito terão ellas de amargar !

Fazia taes reflexões, quando Theobaldo entrou da rua.

Vinha extremamente pallido e, pelos modos, bastante, contrariado.

— Oh! que tens tu? perguntou-lhe o outro, indo ao encontro d'elle. Estás com uma cara! Alguma cousa te contraria ainda?

— Nada!

— Desconheço-te, homem!

— Nada! não tenho nada! necessidade de repouso.

— Nesse caso, retiro-me...

— Não. Fica á vontade.

— Julgas que é muito agradável supportar-te neste estado?...

— E' exacto. Confesso que estou preocupado. Mais tarde saberás por que.

— Bem; não falemos mais nisso e conversemos sobre outra cousa.

— Mas, dahi a meia hora, dizia o Aguiar:

— Não! Tem paciencia! Hoje não posso contigo. Adeus. Voltarei quando estiveres mais admissivel.

Theobaldo, mal viu sahir o amigo, mettu-se no seu gabinete de trabalho, accendeu o gaz, fechou-se por dentro e poz-se a reler uma carta, que tirara da algibeira.

Era uma carta anonyma e dizia o seguinte:

« Meu adoravel Theobaldo.

« O feitiço vira-se ás vezes contra o feiteiceiro: tu, que tens destelhado a valer a honra de varios maridos, estás agora com a tua exposta á chuva e aos ventos... Olha que lhe fazem cada rombo, que até da rua agente os vê!...

« E a graça, adoravel Theobaldo, é que deves esse obsquio ao teu melhor amigo, ao teu intimo, ao teu unha com carne! Coitado do meu Theobaldo!

« Se és exigas provas do que dizemos, estamos dispostos a dar-tas quando quizeres. »

Assignava — *Uma das victimas dos teus encantos.*

### XIII

Depois da nova leitura da carta anonyma, Theobaldo mergulhou mais profundamente na sua preocupação.

— O meu melhor amigo... o meu intimo!... repetia elle, como um sonambulo. Trata-se por conseguinte do Coruja ou do Aguiar! O Aguiar!... não! não é, possivel!... e contra o outro não me animo sequer a levantar a ponta de uma suspeita!

Mas o seu espirito, como se pactuasse com o autor da covarde denuncia, escapava-se das convicções d'elle a favor daquelles dous amigos e punha-se na pista das probabilidades do que affirmava a carta.

— Oh! dizia-lhe por dentro a sua experiencia. As mulheres

são tão dissimuladas, tão vingativas e tão traiçoeiras; que as vezes aquella, que supponho mais anjo e mais virtuosa, é justamente a mais capaz de matar-nos a alfinetadas, se lhe offendermos o amor proprio e a vaidade!

E, porque elle julgava de todas as mulheres pelas que até ahí tivera por amantes, isto é, pelas fracas, pelas vulgares e gafadas de velho romantismo, seu pensamento ia ainda mais longe e dizia-lhe :

— Ah! são todas as mesmas! Perdoam-nos tudo, as maiores baixeiras e as maiores maldades; só o que cada uma de per si não nos perdoa nunca, é não lhe darmos a primazia da nossa ternura e da nossa dedicação! Cada qual quer sempre ser a melhor e a mais digna de amor, e ai daquelle que não obedece ou não finge obedecer a esse capricho, quando ligou o seu nome a qualquer dessas egoistas!

E, depois de agarrar-se a este principio, Theobaldo perguntou a si mesmo :

— Qual dos dous, o Coruja ou o Aguiar, teria Branca preferido para cumplice da sua vingança contra mim?

— O Aguiar, sem duvida, porque o outro nada tem de amavel...

— Que importa, porém, a ferrenha antipathia do Coruja, se não é de amor que se trata, mas simplesmente de uma vingança? E a vingança com o Coruja seria muito e muito mais completa e mais cruel!

E então, como para explicar esta terrível hypothese, o espirito de Theobaldo começou a fazer desfilar defronte de si todas as exquisitices que se notavam em Branca ultimamente; vieram os caprichos, as transformações de genio, as excentricidades, que ella, a despeite do seu reconhecido bom senso, apresentava de tempos a essa parte.

— Sim, sim, insistia o pensamento de Theobaldo. Desde aquella celebre noite da entrevista da mulher do conselheiro, Branca já não é a mesma senhora ajuizada e boa dona de casa!... Está completamente transformada; ao ponto de não dar idéa do que fôra... Agora tem extravagancias que parecem de louca; dá para fechar-se no quarto dias inteiros, a ler ou a escrever, sem se importar com o que vai pelo resto do mundo; agora toma-se de sympathias por creaturas, que até ahí não podia supportar; agora veste-se mal, um pouco disparatadamente, desleixa-se em questões de asseio, não capricha em trazer a cabeça penteada; falta á mesa nas horas consagradas á refeição e levanta-se á noite, fóra de horas, para ceiar em companhia do velho Caetano...

Este nome como que o despertou.

— Ah! disse, e correu a vibrar o tympano.

Surgiu logo um creado.

— O Caetano que venha aqui, immediatamente! ordenou.

E já passeava a passos medidos em toda a extensão do gabinete, quando o velho creado lhe appareceu, arrastando os pés, a cabecinha toda branca e vergada para a terra, como se andasse á procura dos oito palmos que esta lhe destinava no seu seio.

— Velho amigo! disse-lhe o amo, passando-lhe o braço pelo hombro. Sabes para que te chamei? Foi para que me relates minuciosamente tudo o que tens visto fazer minha mulher nestes ultimos tempos.

— Nunca a espreitei... respondeu Caetano, franzindo as sobran-celhas.

— Bem sei, replicou o amo, e não te perdoaria se o fizeras; quero, porém, que me contes minuciosamente como Branca tem vivido, quaes são agora os seus habitos, os seus gostos e as suas propensões.

— Ah! muito mudada de genio, coitadinha! principiou o creado; não lembra quem era! Está triste, frenetica e caprichosa, que mette dó! Já não cuida das suas flores; mandou retirar da sala os passarinhos que ella tanto estimava dantes e parece disposta a não conservar nenhum dos habitos antigos; já não se deita, nem se levanta dous dias seguidos á mesma hora; nega-se ás visitas que recebia com mais prazer e só se mostra devéras entretida quando ouve a leitura do Sr. André.

— Do Coruja! Ah! explica-me isso!

— O Sr. André, quasi todas as noites e aos domingos durante algumas horas do dia, desce á sala de jantar, assenta-se ao lado della e põe-se a ler. A senhora o ouve com toda a attenção e parece tomar nisso grande interesse, porque as vezes, quando elle termina a leitura, ella tem os olhos cheios d'agua e suspira.

— E o que mais tens observado entre os dous?

— Mais nada. O Sr. André, terminada a leitura, conversa ainda um pouco com a Sra. D. Branca e retira-se depois para o seu quarto.

— E ella?

— Ella nunca faz o que fez na vespera e sim o que lhe vem á fantasia.

— Sim, mas explica o que é!

— Oh! mas são tantas as cousas... Uma vez, por exemplo, quando toda a casa já estava recolhida, ella mandou-me chamar, fez preparar o carro e sahimos a passeio.

- Onde foram ?
- A' tóa. A Sra. D. Branca disse ao cocheiro que dèssc algumas voltas até o Cattete,
- E foi só essa vez que passeiou ?
- Não, senhor : fez o mesmo varia vezes..
- E sempre em tua companhia ?
- Creio que sim, senhor.
- E o Coruja nunca os acompanhou ?
- Não, senhor ; se bem que a Sra. D. Branca o convidasse mais de uma vez.
- Ah !
- O Sr. André apenas a acompanhou uma occasião em que a Sra. D. Branca foi á missa de igreja de S. João Baptista.
- Ha muito tempo ?
- Ha cousa de dous mezes.
- E o outro, o Aguiar, tem vindo aqui muitas vezes ?
- Tem sim, senhor ; mas a Sra. D. Branca parece não estimar tanto a companhia do Sr. Aguiar como estima a de Sr. André, visto que as vezes deixa-se ficar no quarto e não lhe apparece, e de outras retira-se da sala ante que elle se tenha ido embora.
- E o Aguiar trata-a com muita amabilidade ?
- Muita ; e parece respeitall-a extraordinariamente.
- Bem. E quem mais apparece ?
- Nestes ultimos tempos, quasi que ninguem a não ser o Sr. Aguiar, porque ha muito que a Sra. D. Branca não se quer mostrar á pessoa alguma. Quem muita vez passa o dia aqui e parece distrahir muito a Sra. D. Branca é o filhinho da costureira, um pequeno do uns cinco annos. A Sra. D. Branca mostra certa estima por elle, faz-lhe roupas, leva-o consigo dentro do carro, compra-lhe brinquedos, sapatos, chapéos e ás vezes passa horas e horas esquecidas ao lado do menino.
- Theobaldo fez ainda varias perguntas ao velho Caetano, intimamente envergonhado por não saber o que ia por sua propria casa é mais ou menos aturdido pela duvida e pela desconfiança em que se achava contra a esposa e os dous unicos homens a quem tinha por amigos verdadeiros.
- Disso ao creado que se retirasse. Depois foi á gaveta de secretaria buscar um revólver que lá estava.
- Hei de descobrir pensou elle, o que ha de verdade em tudo isto, e juro que metterei uma bala na cabeça do miseravel que me atraíçoa!

## XIV

A carta anonyma era obra de Leonilia. Esta só se decidira a lançar mão de semelhante meio de vingança, depois de bem conhecida da inutilidade dos esforços empregados por ella para surprender de novo a mulher de Theobaldo em outra entrevista com o Aguiar.

Como toda a infeliz que em tempo não se abrigou a uma affeição legitima e duradoura, a cortezã sentia a sua má vontade contra os homens azedar-se á proporção que seus encantos desapareciam.

Elle estava na dolorosa transição dos quarenta annos; época em que toda a mulher só pôde ser sublime ou ridiculo. Sublime se a fizeram casta e principalmente se a natureza lhe permitiu ser mãe; e ridicula, se a desgraçada perdeu a flor da sua mocidade ao reflexo das orgias e ao grosseiro embate da prostituição.

Ah! não se pôde esperar de uma creatura nestas ultimas circumstancias senão o odio contra tudo e contra todos. Durante a vida inteira deram-se de corpo e alma ao prazer, e, desde que este lhes volta as costas, sentem-se totalmente desamparadas.

— E nem ao menos resta-lhes a consolação de desabafar o muito que soffrem, porque, amarradas aos proprios destroços, precisam esconder com o mesmo cuidado tanto os symptomas da velhice como as manifestações da desgraça; não se animam a rir por medo de mostrar os dentes que já lhes faltam; não se animam a chorar receiosas de que as lagrimas lhes despintem os olhos.

Leonilia, porém, ainda não estava de todo abandonada; sentia ainda atrás de si o tossicar decrepito de seus velhos amantes e ouvia-lhes o som dos passos tropeços e mal seguros. Ao seu lado só ficaram aquelles que, já idosos, ainda a pillaram moça e formosa; só esses não desertaram, que lhe faltavam as forças para isso e outrosim não lhe notavam os estragos do tempo e os sulcos da velhice, porque a vista lhes fôra faltando a elles á proporção que a ella fôra faltando a belleza.

Mas, ah! justamente quando esta vai, fugindo, é que a mulher mais a exige nos seus amantes; á moça, bonita e cheia de vida, pouco importa que o homem a quem se dá seja tão novo e tão lindo como ella; para o seu completo deleite chegam-lhe os proprios encantos e, vaidosa, contenta-se com ser admirada e não precisa admirar ninguem. Só ás feias ou ás que já perderam as frescuras da mocidade interessam os encantos do homem a quem se dão; querem que elle tenha aquillo que já lhes falta a ellas.

Chegada certa idade, trocam-se os papeis, por isso que os velhos morrem de amor pelas mocinhas e as matronas tanto appetecem aos magros estudantes de preparatorio.

A' Leonilia, por consequente, já não bastava o sequito de seus amantes mais velhos do que ella, e era, pois, com profundo desgosto que acompanhava os passos de Theobaldo, vendo-o luzir por toda a parte, bello, sempre desejado, resplandecendo em meio de dous oceanos, um de inveja e outro de amor. A desgraçada não podia habituar-se á idéa de que aquelle ingrato, pouco mais moço do que ella, estadeasse agora no apogen da força e da fortuna, sem se lembrar ao menos da existencia de uma pobre mulher, que o amara tão apaixonadamente.

E por isso tratou de remetter-lhe uma nova carta anonyma, e logo' depois outra e mais outra; certe de que com ellas havia de lhe amargurar a existencia.

Com effeito, aquellas cartas anonymas, lançadas da sombra, traziam Theobaldo ultimamente bastanté apoquentado e aborrecido, tanto mais que elle não podia fixar a sua desconfiança contra nenhum dos seus dous amigos. Ora sondava a mulher, ora sondava o Aguiar, ora o Coruja; e o resultado de suas observações eram sempre as mesmas sombras e as mesmas incertezas.

André, todavia, estava bem longe de desconfiar que era alvo de taes suspeitas; a sua existencia agora, agora mais que nunca trabalhosa e cheia de responsabilidade, gastava-se em esforços de todo genero. Oito mezes haviam decorrido depois do seu compromisso com o Banco e, segundo os seus planos, a primeira entrada de dinheiro seria feita no dia convencionado.

Não perdera um instante e não distrahiria um vintem das suas economias; todas as aspirações necessarias para chegar aos seus fins, elle as affrontara heroicamente; e D. Margarida e mais a filha aguardando em soffrego silencio o termo dessa campanha, contavam as horas e os segundos, apenas reanimadas, de quando em quando, pelas palavras do professor, que parecia cada vez mais seguro do cumprimento da sua promessa.

Agora um novo typo frequentava a casa de D. Margarida. Era o Costa, um alferes de policia, conhecido pelo alcuna de *Picuinha*.

Homemzito esperto; despejado de maneiras e muito mettido a taralhão com todo o mundo. Tinha o nariz comprido, laminoso e de papagaio, os olhos fundos, o queixo muito mettido para dentro, com uma boquinha de coelho. Quando soltava uma das suas escandalosas gargalhadas, viam-se-lhe as presas, solitarias como as presas de um cão, porque elle já não possuía os dentes da



fronte. Era imberbe e macilento, o pescoço fino, as mãos nodosas e feias; todo elle rachítico e pobre de sangue, a jogar com o corpo da direita para a esquerda, principalmente quando apparecia depois do jantar, com a farda desabotoada sobre o estomago, o bonet á nuca, uma ponta de cigarro presa ao canto dos labios e uma chibata na mão, a fustigar com ella de vez em quando o brim engommado das suas calças brancas.

D. Margarida o supportava por simples conveniencia: o alferes era seu freguez de roupa e gostava de apparecer-lhe á tarde, para cavaquear á janella; um cotovello sobre o peitoril, as pernas cruzadas, a cuspirhar consecutivamente pedacinhos de fumo que elle mascava do cigarro.

O que ella não podia lhe perdoar era o costume da bebida. O alferes em dias de folga mettia-se no gole e escandalisava a rua inteira.

— E' todo o seu mal! dizia a velha. Tirande dahi, não ha melhor creatura!

Elle gostava de brincar com todos, não tinha graça, mas estava sempre disposto a rir; o casamento de André era assumpto obrigado das suas pilhercias, quando queria mexer com Ignez.

— Elle, a modos que não tem lá essas pressas de casar!... Chacoteava a respeito do Coruja, apresentando na sua boca de roedor as duas prezas isoladas.

Mas, quando a velha tomava a defesa do, futuro genro, o Picuinha fazia-se serio e elogiava-o.

— Bom moço... resmungava. Não é dos mais sympathicos, más muito sisudo, e, dizem que sabe por uma academia!

A velha entrava então a falar sobre o collegio, sobre os altos compromissos de André e no casamento da filha, o qual seria effectuado, impreterivelmente, dahi a quatro mezes!

— E eu cá estou para entrar no brodio! exclamava o alferes, chibateando as calças — Quero só ver como aquelle typo se sahê nesse dia! Consta-me que vai ser cousa de arromba!

Ali pela vizinhança da velha com effeito já se boquejava a proposito do casorio, e diziam até que o noivo estava muito bem e que o seu collegio era o melhor do Rio de Janeiro.

— Ah! mas tambem apertado como elle só! affirmava uma amiga de Ignez, muito cheirona da vida alheia. Aquillo é creaturinha que traz por conta os cordões do bolso! Não ha meio de lhe apanhar uma de X! E depois — que cara de homem, credo! Parece que está sempre arreliado!

O Coruja, em verdade, tornava-se cada vez mais exquisitorio e mais e mais farrapilha; não havia meio de obrigar-o a com-

prar um fato novo e a resignada Ignez, posto não desse demonstrações, tinha já certo vexame quando o via surgir no eanto da rua, eom a grande cabeça enterrada nos hombros, a jogar o corpo no seu pesado andar de urso.

Em casa de Theobaldo, os creados o olhavam por cima do hombro e o Aguiar chegava muita vez a virar-lhe o rosto.

Dantes o primo de Branca ainda procurava disfarçar a sua repugnancia pelo professor, mas agora nem se dava ao trabalho de fazer isso, e, sempre que a dona da casa lhe falava nelle, não perdia a occasião para ridiulcarisal-o.

Em geral o pretexto destas gombarias era a famosa historia do Brazil.

Branca procurava defender o trabalho do Coruja, chegando até a impaieentar-se com aquella grosseira perseguição do primo.

## XV

Aguiar, depois que emprestara os seis contos de réis a Theobaldo, deixava transparecer muito mais claramente aos olhos da prima as suas intenções a respeito desta ; Branca fingia não dar por isso, mas, de si para si, tomava as suas cautelas contra o seductor.

Não lhe convinha entretanto denuncial-o ao marido, nem só porque bem poucas vezes entrava em conversa intima com este, como porque, conhecendo o genio irreflectido de Theobaldo, temia, em dizendo-lhe tudo, armar algum esandalo mais perigoso e lamentavel do que o proprio objecto que o promovia.

Uma occasião, porém, o primo ehegou-lhe a falar com tamanha insisteneia e com tamanha elareza, que ella instinctivamente ergueu-se da cadeira em que estava e mediu-o de alto a baixo.

— Por que me trata desse modo?... perguntou o Aguiar, abaixando os olhos e affectando tristeza.

— Porque o senhór assim o mereee, respondeu elle imperturbavelmente.

— E terei eu culpa de amal-a tanto ?..

— Prohibo-o de repetir semelhante phrase, ou ver-me-hei obrigada a tomar medidas mais sérias a este respeito. E, por emquanto, não lhe posso prestar attenção. Com lieença.

— Brança ! ouça peço-lhe que me ouça !

— Emquanto não estiver disposto a se portar dignamente para commigo, far-me-ha o obsequio de não pôr os pés nesta casa.

Dito isto, Branča se afastou tranquillamente, como se viera de dar qualquer ordem a algum dos seus creados, e sahiu da sala sem o menor gesto que trahisse a sua indignação.

Apezar d'isso, no entanto, elle não desistiu da sua empreza e, sem se dar por achado com as palavras da prima, continuou a frequentar a casa, como se nada houvesse succedido de extraordinario e apenas tratando de disfarçar o seu projecto de novos ataques.

Um bello dia, tres mezes depois daquella scena, sorprendendo Branca no fundo de um caramanchão que, havia na chacara, a ler distrahida, tomou-a de improviso pela cintura e cahiu-lhe aos pés, exclamado :

— Perdoa, perdoa, se de tudo me esqueço e não resisto a este amor insensato que me consome.

E ia ferrar-lhe um beijo na face, quando Branca, escapando-lhe das mãos, ligcira como um passaro, lançou-lhe contra o rosto uma bofetada.

Elle ergueu-se rubro de colera e encarou-a de frente.

— Rua ! fez ella, apontando-lhe a sahida. Já !

Elle não se mexeu.

— Já ! não ouviu ? ! Não quero que fique aqui nem mais um instante ! Rua !

— Enxota-me ? !

— E, se não me quizer obedecer, juro-lhe que Theobaldo a isso o constrangerá !

Aguiar sorriu, e respondeu afinal, torcendo' o bigode entre os dedos :

— Não tenho medo de caretas, minha prima ! Sahirei daqui se eu bem quizer. Pôde ir fazer queixa de mim a seu marido, vá ! diga-lhe o que entender, não me assusto com isso... Agora, sempre lhe previno de que a honra delle está nas minhas mãos e que de um momento para outro, posso reduzil-a a trapos ! Vá ! Pôde ir ! lembre-se, porém, de que eu tenho em meu poder titulos assignados por seu marido ; titulo já vencidos e que são o bastante para lançal-os, a elle e a senhora, na ruina e na vergonha ! Prefere lutar ? Pois cá estou ás suas ordens, e ha de ver, que, se fui fraco e imbecil no meu amor, saberei ser forte e cruel no meu ressentimento !

E o Aguiar sahiu de chacara, deixando a prima inteiramente dominada pela impressão do que ouvira.

Quando tornou a si ella correu ao quarto, assustada e tremula, como a corça que presente a proxima tempestade, e lançou-se no leito, afflicta e estrangulada por um desespero nervoso um deses-

pero que respirava de todo o seu ser, uma agonia que vinha de sua alma e tambem de sua carne ; mas que ella de fórma alguma podia explicar se era raiva, se era vergonha, se era resentimento ou pura necessidade de amor.

E, opprimindo os olhos com os punhos cerrados e mordendo as articulações dos dedos, soluçava, soluçava tanto, e tão rapidos e seguidos eram os seus soluços que pareciam uma interminavel gargalhada de quem enlouquece á força de soffrer.

A' noite tinha febrè, sentiu a cabeça andar á roda, mas ergueu-se e foi ter ao quarto do marido.

Ella ! que havia tanto tempo não mostrava a menor curiosidade em saber a que horas elle entrava da rua ou sahia de casa.

Theobaldo a recebeu tão sorpreso quanto ella já estava calma e completamente senhora de si.

Era sem duvida para impressionar aquella pallida figura de mulher, toda vestida de luto, que outro traço não usara depois da sua viuvez moral, aquella figura altiva e soffredora, cuja expressão geral da physionomia punha em collisão qualquer espirito, para decidir qual seria maior e mais forte : se a energia do seu caracter ou se a violencia dos desgostos que a perseguiam.

Tão grande foi a surpresa de Theobaldo, que elle não encontrou para receber a mulher senão o gesto e a exclamação inconscientes do seu pasmo.

— Venho pedir-lhe um favor, disse elle.

— Um favor ?

— Sim. E' que liquide quanto antes as suas contas com meu primo.

— E por que ?

— Por que assim é preciso.

— Mas a razão porque é preciso ?

— Não posso dizer, mas affianço que é preciso liquidar as suas contas com aquelle homem.

— Tem a senhora alguma razão de queixa contra elle ?

— Nenhuma.

— Por acaso ter-lhe-hija seu primo falado a respeito da minha divida ?

— Não ; asseguro-lhe, porém, que é de todo interesse para nós livrarmo-nos delle.

— Sim, mas a senhora ha de confessar que eu tenho o direito ao menos de querer saber o motivo desta sua exigencia.

E eu não lhe posso dizer qual é o motivo.

— Então por que veio me falar nisto ?

— Porque era meu dever. O senhor, no fim de contas, é meu

marido e eu tenho obrigação de zelar pelos seus interesses.

— Obrigado, confesso-lhe, porém, que os obsequios dessa ordem não trazem a menor vantagem !

— Não faço um obsequio ; cumpro com o meu dever, já disse.

— Mas, se a senhora me vem dizer isto, é que alguma cousa de extraordinario se passou aqui ! Ou eu já não tenho tambem o direito de saber o que vai pela minha casa ?

— Oh ! tem todo o direito ; entendo, porém, que não é de minha obrigação dar-lhe contas do que vejo e observo. Se o senhor quer estar ao par do que se passa em sua casa, faça por isso, que não fará mais do que o seu dever.

— Engana-se ; daquella porta para dentro é a senhora que compete zelar pelo que se passa nesta casa.

— E por isso venho-lhe prevenir de que é de toda a conveniencia liquidar quanto antes os seus negocios com meu primo.

— Sem apresentar a razão por que...

Ella não respondeu dessa vez e fez menção de sahir.

O marido a deteve-a.

— E a senhora penso um instante nas consequencias que póde ter esta sua meia denuncia ?

— Já pensei tanto quanto devia.

— E não calculou até que ponto ellas poderiam chegar ?

— Calculei.

— E não saberá por ventura que nas condições apertadissimas em que me acho, as suas palavras só me podem servir para mais atrapalhar a minha vida e augmentar o desespero em que ando ?

— Sei apenas que é preciso fazer o que lhe disse.

— Pois aponte-me os meios para isso ! Diga-me onde devo ir buscar dinheiro para fazer face a uma divida em que eu não pensava agora !...

— Os negocios que se tratam daquella porta para fora pertencem-lhe, como de portas para dentro pertence-me a mim zelar por esta casa.

E, tendo dito isto, retirou-se do gabinete do esposo, ainda mais fria e sobranceira do que se apresentara.

Foram inuteis todos os esforços que Theobaldo empregou para detel-a ainda.

## XVI

No dia seguinte, ella procurou de novo o marido para saber se elle estava ou não disposto a tomar qualquer deliberação a respeito dos negocios do Aguar.

Theobaldo respondeu ja meio impacientado :

Que o deixassem em paz e não o estivessem apoquentando com tolices ! Já bastante tinha com que se aborrecer e não era pouco ! A mulher, se queria ser attendida, que diabo ! dissesse a razão que a levava a semelhanto exigencia e, se não estava resolvida a desembuchar, que não lhe dêsse mais uma palavra sobre tal assumpto !

Branca, todavia, hesitou ainda. Seu espirito, aliás tão forte para estar com outras provações, seu espirito orgulhoso e sempre vencedor, quando abria luta contra a bestialidade da carne, acobardava-se agora defronte da hypothese de um escandalo social.

— Um escandalo ! Que horror !

Não podia conformar-se com a idéa de que seu nome fosse correr as ruas, de boca em boca, despertando em uns a curiosidade e o direito de desejal-a tambem e em outros a simples vontade de rir ; não podia aceitar emfim que um facto de sua vida cahisse no dominio publico e servisse de divertimento á multidão, igualando-a com qualquer artista *tapageuse* ou com qualquer meretriz de espavento, que precisa do escandalo para não ser esquecida.

Via-se entalada por um dilemma, cuja sahida havia de ser fatalmente escandalosa, porque das duas uma : ou tudo confessava ao marido e a questão daria um escandalo domestico ; ou deixava que a vingança do Aguiar corresse á revelia e neste caso o escandalo teria um character todo commercial.

Preferiu o ultimo. Mas desde então um terrivel sobresalto apoderou-se della e começou a crescer á proporção que os dias se passavam ; afinal era já um martyrio de todo o instante, uma agonia sem tregoas, que lhe não deixava um momento de repouso.

Nesta conjuntura lembrou-se de André e resolveu contar-lhe tudo.

E tal idéa lhe chamou logo aos labios um suspiro, como se ella, só por si, fôra já uma consolação completa. Entretanto, não podia a pobre senhora explicar qual era o estranho motivo dessa confiança que lhe inspirava o Coruja.

— Que mais podia esperar d'elle, além de um conselhe ou algumas palavras de animação ? O facto, porem, é que Branca so com a idea de lhe confiar aquillo que ella não quiz confiar ao marido, sentiu-se menos opprimida e mais sobranceira ao perigo.

Uma inexplicavel esperança, uma especie de fé a arrastava para junto daquelle homem honrado, daquelle anjo de bondade que sempre encontrava meios de proteger todo o infeliz que ia procurar abrigo á sombrá das suas azas.

Havia um quer que seja de religioso naquella confiança de Branca por André; ella esperava delle a protecção como os cren-tes quando se dirigem a Deus, sem mesmo indagar quaes os meios que este empregará para isso.

E, nesta illusão, tinha de si para si que chegaria ao Corujã tão facilmente como uma devota suppõe chegar ao objecto de sua crença; mas, uma vez ao lado delle, sentiu-se vazia, sem encontrar o que dizer, sem uma palavra para principiar.

André estranhou-a e ficou-se igualmente mudo.

Houve um silencio, durante o qual Branca de olhos baixos, torcia e destorcia o debrum de seu casaquinho de mussellina preta, ao passo que elle, sem se animar a encaral-a, olhava para os lados, meneando o corpo da direita para a esquerda.

— A senhora, se não me engano, balbuciou afinal o pobre André, creio que disse ter alguma cousa a communicar-me. Não é exacto?

— E' exacto... fez Branca, tornando-se ainda mais pallida.

— Pois então,..

— Mas é que...

— Tenha a bondade de falar com fraqueza...

— Sim, eu, ouça-me... eu...

E ella não achava animo.

— Então!

— Vai ouvir tudo. O Aguiar, sabe?

— Seu primo?

— Sim; o Aguiar tem procurado todos os meios de me seduzir.

André sorriu lividamente. Ella accrescentou:

— Não me deixa ha muito tempo, e, se bem que nenhum perigo houvesse nisso até agora, porque sou bastante honesta e virtuosa para não temel-o... receio todavia que...

— Que...?

— Que elle, aproveitando-se das nossas circumstancias actuaes, se lembre de fazer-nos alguma maldade...

— Mas como?

— Ora! elle é credor do Theobaldo...

— Oh! é impossivel, porém, que aquelle rapaz leve a esse ponto semelhante perseguição. Não creio que haja no mundo um homem capaz disso!

— E' porque suppõe os outros por si...

— E Theobaldo? Que diz elle a respeito disto?

— Nada, porque de nada sabe.

— Pois a senhora não lhe contou tudo?

— Não.

— Por que ?

— Receiando um escandalo.

— Ah ! E o que tenciona fazer agora ?

— Não sei, e é isso justamente que eu desejo ouvir de sua boca. O senhor, como o modelo dos homens honestos, deve saber aconselhar-me dirigir os meus passos. Quero evitar um escandalo e quero conservar-me immaculada ; diga-me : o que me compete fazer ?

— Mas...

— Oh ! não hesite por amor de Deus ! E' impossivel que o senhor não tenha uma boa resposta para me dar. E' impossivel que o senhor, tão bom, tão dos outros, não encontra meio de me valer, quando eu venho pedir o seu auxilio !

Coruja não respondeu e poz-se a coçar a cabeça.

— Então ? disse ella. Vamos, fale. Diga-me alguma cousa !  
E Branca sacudia-lhe o braço.

Elle ia responder afinal, quando foram interrompidos por um creado, que vinha annunciar o Aguiar.

— Ainda ? ! exclamou Branca, de véras sorprendida. Pois meu primo tem ainda o atrevimento de voltar ?

— Receba-o, disse o Coruja emfim,

E accrescentou, encaminhando-se para uma porta que havia na sala :

— Eu fico aqui escondido por detrás desta cortina. Receba-o sem o menor escrupulo, porque a senhora não está só.

— Faça entrar meu primo, ordenou Branca ao creado.

Dahi a pouco Aguiar estava defronte della.

— Que deseja ? perguntou a senhora, vendo que a visita não se resolvia a falar.

— Venho receber a confirmação do que ha dias a senhora me disse.

— Ora essa ! De que especie de confirmação fala o senhor ?

— Da confirmação das suas ultimas palavras. Não quero que me pese na consciencia a menor sombra de remorso pelo que vou fazer...

— Contra quem ?

— Contra a senhora e contra seu marido.

Branca, por unica resposta, apontou-lhe a porta, como da primeira vez.

— Pense um instante ! disse elle ainda. Veja bem o que faz !...

— Rua !

— Branca !



— Saia ! Já lhe disse !

— Mas repare que a senhora me obriga a ser peor do que sou !

-- Se não sahir, mando-o despejar lá fóra pelo creado !

— Sim ? ! Pois não sahirei !

— Hein ? !

— Não saio, porque não quero !

E, pondo o chapéo na cabeça :

— Já não se trata aqui de pedir amor em troca de amor ; agora trato apenas de exigir o que me compete de direito ! Quero para aqui o que me devem !

— Miseravel !

— Oh ! pois não ! a senhora entende que me deve humilhar a seu gosto e eu devo ficar de cabeça baixa ! Engana-se ! Por bem sou capaz de todos os sacrificios ; por mal sou capaz de todas as crueldades. Já não é a recusa do seu amor o que me revolta ; farte-se com elle quem quizer ; mas o seu atrevimento, a sua insolencia, o seu orgulho mal entendido !

Branca, livida e tremula, mas sem dar uma palavra, encaminhou-se para a mesa onde estava o tympano, com a intenção de chamar um creado.

— E' inutil ! observou Aguiar, cortando-lhe o passo ; é inutil fazer vir alguém, porque eu não sahirei. Já não e com a senhora que tenho de me entender e sim com seu marido !

E, sacando do bolso algumas letras :

— Exijo o pagamento destas letras ou ellas serão protestadas !

Nisto, porém, afastou-se o reposteiro do quartc, onde estava escondido o Corruja, e Aguiar viu com espanto surgir o vulto maltrapilho do professor e encaminhar-se tranquillamente para elle com um terrivel sorriso nos labios.

A sua primeira menção foi de sahir, mas o outro o deteve com um gesto cheio de delicadeza.

— Espere, disse, o senhor vai immediatamente ser embolsado do que lhe deve o marido desta senhora. Fui encarregado por elle de tratar disto.

O Aguiar mediu-o de alto a baixo com um olhar em que transparecia mais decepção do que altivez. André, sem se alterar, afastou-se e voltou pouco depois com um grosso maço de dinheiro.

— Faça o favor de verificar se está certo, acrescentou.

E, como o outro hesitasse ainda :

— Então, vamos, confira !

E, para o animar, principiou elle proprio a contar o dinheiro, nota por nota.

— Bem ! fez, logo que estava a somma conferida ; creio que agora já ninguém lhe deve nada nesta casa. Póde retirar-se.

Aguiar, muito pallido e constrangido, tomou o chapéo com a mão a tremer e encaminhou-se para a sahida, sem animo de levantar os olhos sobre nenhum dos dous outros.

Entretanto Branca presenciara isto immovel e com a vista presa ao Coruja, como se contemplara um Deus.

André foi acompanhar o outro ate á porta da rua e disse-lhe, empurrando-o brandamente para fóra de casa :

— Agora, muito cuidadinho com a lingua, porque não é só com Theobaldo que teras de te haver ! A respeito do que se passou aqui, nem uma palavra ! comprehendes ? Anda. Vai-te embora, desgraçado !

Feito isto, voltou tranquillamente ao seu sotão, fechou a gaveta da sua secretária, que elle deixara aberta com a precipitação de buscar o dinheiro, e desceu ao gabinete de Theobaldo.

Branca, porém, foi ter ao encontro delle e, passando-lhe os braços em volta do pescoço, deu-lhe um beijo em pleno rosto e desatou a soluçar.

Mas a porta do gabinete de abrir-se, e Theobaldo apparecia defronte dos dous com um flammejante olhar de leão cioso.

## XVII

Com a chegada de Theobaldo, Branca e o Coruja separam-se instinctivamente, emquanto aquelle, tirando da algibeira o seu revólver, precipitou-se sobre o amigo.

A mulher lançou-se entre elles, tentando desviar o tiro, mas a bala partiu e foi cravar-se no calcanhar esquerdo de André, que cahiu, amparando-se á parede.

— Fizeste mal... disse a victima com um gemido.

E Branca, soltando um grito, exclamou para o outro :

— Desgraçado ! Acaba de ferir o salvador da sua e da minha honra !

— Expliquem-se !

Branca apresentou-lhe as letras do Aguiar e accrecentou :

— Já que o senhor assim o quer, saberá tudo. Fiz o possivel para não lhe falar em semelhante cousa ; vejo, porém, que era muito mal empregado o meu escrupulo.

— Deixemo-nos de palavras e venham os factos ! Quero a explicação do que acaba de se passar aqui e quero saber a razão por qué essas letras se acham em seu poder !

— Estas letras se acham em meu poder, porque aquelle pobre

homem, a quem o senhor pretendeu matar, resgastou-as ainda ha pouco.

— Resgastou-as ? E por que ?

— Porque assim era preciso, como aliás já o senhor sabia.

— Mas, afinal, por que era necessario resgatal-as ?

— Pelo simples motivo de que o seu amigo Aguiar queria se prevalccer dessa divida para me obrigar a esquecer os meus deveres de mulher casada.

— Será possivel ? interrogou Theobaldo, vencido agora pelo implacavel olhar da esposa o pelo sereno gesto de perdão que transparecia já no rosto do Coruja

Houve um silencio.

— Oh ! maldito seja eu ! exclamou Theobaldo por fim, correndo a erguer nos braços o ferido.

— Não és culpado ! disse este. Foi um instante de loucuras ! Não te incomodes commigo ! Isto nada vale !

A' détonação do tiro os creados haviam acudido ; Coruja foi carregado para uma cama ; descalçaram-no e banharam-lhe o pé com arnica, enquanto não chegava o medico, que se fôra chamar a toda pressa.

Theobaldo parecia louco, estava atarantado, ia e vinha do gabinete ao quarto, esmurrando a cabeça, torcêdo os punhos, sem encontrar palavras bastantes para se maldizer.

E' que duas idéas o atormentavam : a de haver ferido o amigo e a de vingar-se do outro.

— Ah ! resmungava de vez em quando, aquelle miseravel ha de cahir-me nas mãos ! e ha de pagar-me bem caro a sua infamia !

Logo que o medico declarou que a ferida não apresentava maior perigo, Theobaldo enterrou o chapéo na cabeça e teria ganho, a rua se gente de casa, por ordem de Branca não lhe impedisse a sahida.

Foi, porém, necessaria a intervenção do Coruja para que elle consentisse em ficar.

— Não saias ainda, pediu-lhe aquelle ; o medico acaba de dizer que a extracção da bala ha de ser um tanto dolorosa ; fica para me animares com a tua companhia.

Theobaldo comprehendeu a intenção de taes palavras e assentou-se resignado junto á cama de André.

Entretanto fez-se a operação logo que a ferida esfriou. Branca, enquanto não viu o Coruja com o pé aparelhado, não se desprendeu do lado d'elle, cercand-o do desvelos, aneigando-o e servindo de ajudante ao medico.

Este, apezar das repetidas perguntas que ella lhe fazia a res-

peito do ferido, não quiz logo falar abertamente e só ao despedir-se, confessou que o Coruja havia de ficar aleijado, visto que a bala lhe cortara varios tendões do pé ; mas que não tinham a receiar amputação, se se não descuidassem de lhe dar o tratamento necessario.

Com effeito, durante os dias que a isto se seguiram, era André a maior preocupação dos que moravam naquella casa. Todos os cuidados de Branca lhe pertenciam.

Theobaldo, porém achava-se em terrivel estado de inquietação, já porque lhe chegara aos ouvidos a noticia de que o Aguiar havia arribado para a Europa, e já porque as suas circumstancias não lhe permittiam naquella occasião restituir ao amigo o dinheiro de que este se privara por eausa delle.

— Todavia, disse-lhe o Coruja, achô que, para evitares um escandalo á tua esposa, deves fazer acreditar a todos que o pagamento das letras do Aguiar foi feito por ti e não por mim ; e, então, quando poderes, me restituirás a quantia, sem ser necessario que mais ninguem além de nós saiba de taes particularidades.

Theobaldo jurou que, desse momento em diante, não descansaria enquanto não tivesse obtido o dinheiro necessario para evitar que o amigo ficasse em falta com o Banco. Mas o dia destinado á primeira prestação do Coruja chegou, sem que o outro tivesse obtido cousa alguma. E, para maior desgraça, André ainda não podia andar, senão de moletas.

O collegio foi posto de novo em arrecadação e vendido em proveito do Banco.

### XVIII

Ah ! que terrivel effeito produziu sobre D. Margarida e mais a filha a noticia de que o collegio já não pertencia ao Coruja.

Ficaram indignadas, como se fossem victimas de um grande roubo. Dir-se-hia que aquelles seis contos lhes sahiam das algibeiras.

— Mas, onde diabo mettem este homem tanto dinheiro ?... bradava a velha no auge da furia. Ora pois ! que elle comsigo não se arruinou de certo ! E ninguem me tira da cabeça que em tudo isto anda grande maroteira, se é que aquelle cara de boi morto não enterrou tudo no jogó !

A historia do tiro no pé muito intrigou igualmente a D. Margarida. Segundo uma das versões, o tiro fôra disparado por Theobaldo em um exercicio de atirar ao alvo e, segundo outra, o Coruja fôra o proprio a ferir-se, mettendo-se a carregar uma arma, que elle não conhecia. Havia ainda uma outra versão, e era que, entrando

Theobaldo em casa e encontrando André, fizerá fogo sobre elle, na persuasão de que sorprendia um vagabundo dentro de seu quarto.

Esta ultima versão fôra levantada pelo alferes Picuinha, que agora não perdia occasião de metter a ridiculo o pretendente de Ignez.

D. Margarida, ou fosse por cortezia ou por mera curiosidade, apresentou-se, acompanhada pela filha, em casa de Theobaldo, dizendo que iam fazer uma visita ao Sr. Miranda.

Este, mal foi interrogado pelas duas senhoras, confirmou o boato de haver elle proprio se ferido : depois do que teve de tratar a respeito do seu casamento assumpto para o qual estivera até ahí D. Margarida a empurrar a conversa.

— Não sei, minha senhora, não sei que lhe diga, murmurou o Coruja com um suspiro.

— Como não sabe o que me diga? !...

— E' que as cousas me correram muito ao contrario do que eu esperava...

— Mas o senhor não tinha dito que o casamento seria agora sem falta?...

— Disse, é exacto, mas esperava tambem estar com a minha vida segura e confesso que nunca a tive tão mal amparada!

— Isso quer dizer que ainda não é desta vez que se faz o casamento?

— E' verdade, ainda não pôde ser desta vez.

A velha, ao ouvir isto, ficou mais vermelha do que o chale de Alcobaça que ella trazia ao hombro e, erguendo-se de repente, exclamou possessa :

— Olhe! você quer saber de uma cousa?! Vá plantar batatas, você e mais quem lhe der ouvidos! Eu é que já não estou disposta a atural-o sabe? E passe muito bem!

E, agarrando a filha pelo braço: Vem dahi tu tambem, ó pequena! Larga o diabo desse impostor, que, digam o que disser, não é outro quem nos tem encaiporado a vida!

E sahio, muito furiosa, a clamar desde então contra « aquelle cara do inferno ».

— Pena é não lhe haver acertado de véras o tiro! praquejava ella, se o maldito prestasse para alguma cousa teria inorrido! E é sempre assim. Deus me perdôe, credo!

Os vizinhos de D. Margarida viram-na esse dia atravessar a rua com um foguete.

O demônio da velha ia com o diabo no corpo.

— Ora! Pois tambem se o tal noivo das duzias estava há tanto tempo a maingar!

— Não! Que uma cousa assim até parecia escandalo!

— E a pobre Ignez, coitada! é que havia de amargar, porque perdera o seu tempo á espera do homem!

— Não fossem tolas! Pois não viam logo que daquella matta não podia sahir coelho?...

O caso do Coruja ganhou immediata circulaçãõ entre os amigos e conhecidos das duas senhoras, que principiaram logo a ver no inoffensivo professor um terrivel monstro, tão feio de alma quanto de corpo.

Quem não se mostrou desgostoso com o facto foi o Picuinha, que até já havia dito por mais de uma vez:

— Pois se o homem não quer a rapariga, é despachar, que ha mais quem a queira.

D. Margarida, justiça se lhe faça, não desejava trocar o professor pelo alferes de Policia, mas á vista do « indigno procedimento » daquelle, e á vista do empenho que fazia em outro em casar com Ignez, alterou a sua opinião a respeito de ambos e, como a filha era « aquella mesma » que « tanto se lhe dava, como se lhe dêsse » acabou declarando que o melhor seria mesmo agarrar o Picuinha e mandar o Coruja pentear monos!

— Homem! querem saber? Mais vale um passaro na mão que dous a voar!

De sorte que, ainda bem o Coruja não conseguia se ter de pé, já a sua noiva era ligada ao alferes por todos os vinculos ao alcance dos dous, inclusive o conjugal.

— Ora... resmungou aquelle ao saber disto, não me posso queixar!... Foi melhor mesmo que a rapariga se desenganasse pelo meu lado e tratasse de se arranjar por outro! Ao menos tiro um peso da consciencia!

Não obstante, seu coração carpia em segredo o desaparecimento de mais essa illusãõ que, á semelhança de quasi todas as da sua triste existencia, o abandonava para sempre.

Depois que Ignez casara, todo o empenho e toda a esperança de André voltaram-se para a sua querida historia do Brazil. Emquanto esteve de cama muito trabalhara nessa obra, mas o seu esforço recrudescceu com aquelle facto e era provavel que agora a levasse ao termo.

O peor estava em que a implacavel velha e mais a sua gente não perdiam occasiãõ de desmoralisal-o perante o publico, dizendo horrores a respeito delle.

Estas maledicncias ligadas ao descredito commercial que lhe provinha do máo desempenho dos seus negocios com o Banco, foram por tal fórma o prejudicando moralmente, que em breve o

desgraçado se viu tido por homem máo, sem dignidade propria, nem respeito pela. alheia.

A continuarem as cousas desse modo acabaria por não poder ganhar o seu pão. Ninguém mais lhe queria confiar trabalho; ninguém já o queria para nada. As familias fechavam-lhe as portas; os seus ex-discipulos puxavam-lhe o paletó no meio da rua um dos antigos credores do collegio chegou a chamar-lhe « trahante », cara á cara, e o Coruja não repontou ao insulto, porque no fim de contas essa era a verdade.

Com Theobaldo não contava absolutamente, porque ninguém melhor do que elle sabia da triste situação em que se achava agora o amigo.

E, desgraçadamente para ambos, a posição de Theobaldo não podia ser mais falsa.

Depois do seu formidavel desastre com as cambias, nunca mais conseguiu levantar deveras a cabeça e, posto elle affirmasse o contrario, seus negocios corriam de mal a peor. Tanto que, para manter ainda a sua casa particular com uma certa decencia; era-lhe já preciso contrahir dividas taes, que só os juroz dellas lhe levavam o que elle ganhava na praça.

E' impossivel imaginar a gymnastica que aquelle demonio punha em jogo para disfarçar o seu verdadeiro estado de pobreza. Sentia-se perdido a cada instante, mas ninguém o daria pelas apparencias.

Não despediu nenhum dos seus creados, nem deixou fugir nenhuma das suas boas relações.

E' que elle esperava que a fortuna aquelle fortuna que nunca o desamparou, chegasse de um momento para outro em seu socorro e transformasse tudo.

Como sempre esperava, sem saber donde e sem saber por que, mas esperava; não confiava em si absolutamente, mas confiava muito do acaso.

Agora a sua grande ambição era a politica. Theobaldo voltou-se abertamente para ella, como se voltaria para qualquer outro lado, voltou-se unicamente, porque o seu espirito, de tão inconstante, não podia estar por muito tempo sem mudar de posição.

Mas, apesar disso, comprehendia que, sem dinheiro, nem influencia de familia e só com um pouco de prestigio de um talento que elle fingia ter, era preciso arranjar bons amigos e pôr de parte uns tantos escrupulos.

E' principiou a falar muito de politica por toda a parte, começou a intrometter-se nas intriguinhas dos partidos e a escrever

nos *a pedidos* dos folhas; fez-se um conservador originalissimo, um conservador capaz de dar a ultima gotta do seu sangue pelo monarcha e tambem pela constituição do Imperio, mas disposto a devoral-os a ambos no dia em que semelhante cousa fosse necessaria para a felicidade do povo.

— Sim, porque, disse elle ao proprio imperador em uma das muitas vezes em que o foi visitar, se eu auno Vossa Magestade com tanta dedicação proçuro servir a vossa causa, é porque cnetendo que Vossa Magestade é, foi e será sempre o maior, o mais sincero amigo de todo o brasileiro!

## XIX

Nada disse, porém, teria produzido effeito, se um acaso feliz, um desses acasos com que Theobaldo contava sempre, não viesse em auxilio das suas aspirações politicas.

Foi o caso que um dos seus bons amigos, homem de vistas grossas, mas influencia real em certa circumscripção eleitoral, depois de preparar a candidatura de um rapaz protegido seu, descobriu que este lhe pagava esse obsequio tentando corromper-lhe a esposa, e então o bom homem, sem querer saber de mais nada, poz o seu afilhado de parte e resolveu despejar sobre a cabeça do primeiro que se apresentasse tudo o que para aquelle havia destinado.

Ora, o primeiro que se apresentou foi Theobaldo, e eis ahi como este quando ninguem esperava, surgiu deputado geral por um circulo, que elle mal conhecia.

Todos pasmaram defronte deste facto, menos Branca, que era afinal a unica pessoa que tinha sobre aquelle pantonineiro um juizo havia muito determinado e certo.

E a cada palavra que lhe diziam em honra do marido, elle sorria, sem deixar transparecer no seu gesto cousa alguma que se pudesse tomar por orgulho, por contentamento, nem por desprezo ou indifferença. Sorria para não falar.

E o facto é que o marido, sempre tão jactancioso e parlapatão para com os mais espertos e atrevidos, retrahia-se defronte daquelle sorriso frio e desaffectedado, sem conseguir dominar a sua perturbação. E, quanto mais Theobaldo se sentia crescer aos olhos do publico, tanto menor e mais mesquinho julgava-se aos olhos da mulher.

Todavia, com a sua nova posição, voltou-lhe de novo a coragem e redobrou a confiança que elle depositava na sua boa estrella.

Como sempre não tinha agora uma idéa segura sobre o que ia



fazer; não tinha orientação politica; não tinha intenções patrióticas; entrava para a camara com uma unica idéa: — ser deputado e produzir sobre o publico o mais brilhante effeito que lhe fosse possível. Entrava para a camara como até ahi entrara em toda a parte, dominado por um unico enthusiasmo: o enthusiasmo de si mesmo. O interesse que o levava era o interesse proprio e nenhum outro.

Mas, quem o visse á noite, em meio de sua sala, falando e gesticulando defronte dos amigos, havia de jurar que ali estava o mais intrepido defensor da nação e o mais desinteressado dos politicos da terra.

E com que habilidade, nas bellas reuniões que elle agora fazia em casa, não sabia o grande artista chamar para de redor de si as vistas mais distrahidas dos homens que lhe eram necessarios?... Com que subtileza não fingia discutir todas as questões de interesse geral, quando aliás elle não estava a discutir senão a sua propria pessoa?

Nunca o seu privilegiado talento de informar-se em cada um, a quem elle queria agradar, teve tanta occasião de fazer valer a sua força: a todos communicava o insinuante mestiço uma faisca do seu espirito seductor; a tudo um réflexo do seu diletantismo aristocrata.

E tão depressa o viam cercado por um grupo de collegas, a convecel-os sobre qualquer ponto de politica, como ao lado das damas, a conversar sobre as mais deliciosas futilidades.

E, assim como não se podia adivinhar os sacrificios e os milagres inventados por Theobaldo para manter aquella apparencia de grandeza, ninguem seria capaz de desconfiar que, durante essas reuniões, um desgraçado perdia as noites lá em cima, no sótão, entregue a um trabalho sem treguas, a compulsar livros, a mergulhar em alfarrabios, a passar horas e horas estatico defronte de uma pagina, só com a esperanza de esclarecer algum ponto mais obscuro da historia do seu paiz.

Ah! se jamais a vida de Theobaldo foi tão brilhante, a de Coruja nunca foi tão obscura, tão despercebida e tão difficil. Agora precisava o pobre diabo empregar todos os esforços para fazer algum dinheiro; o circulo dos seus recursos apertava-se vertiginosamente. Incapaz de mentir, incapaz do menor charlatanismo, elle tinha em si mesmo o seu maior inimigo.

Em taes apertos lembrou-se de entrar em concurso para uma cadeira de professor; mas, apezar da sua incontestavel competencia sobre a materia, fez uma figura tristissima. Até lhe faltaram as palavras na occasião do exame; viu-se sem idéas; sentiu-

se estúpido e ridículo, sem animo de afrontar o riso que se levantava em torno da sua desengraçada perturbação.

Definitivamente nada arranjaria por meio de concurso. Era tirar dahi a idéa.

E, comtudo,urgia descobrir algum meio de ganhar dinheiro para viver, porque elle, coitado, bem percebia que o seu maldito typo ia se tornando de todo incompativel com a casa de Theobaldo.

Sim, o Coruja comprehendia perfeitamente que a sua grotesca pessoa era uma nota desafinada entre aquellas salas de bom gosto e aquella gente tão distincta; comprehendia que, se não o haviam já enxotado como se enxota um cão leproso, era simplesmente porque se julgavam empenhados para com elle em dividas de gratidão; ou talvez porque receiassem que o infeliz não tivesse onde cabir morto.

A certeza de que a sua presença era por toda e qualquer fórma penosa ao amigo o constrangia e mortificava muito mais pela idéa de separar-se d'elle do que pelas difficuldades de arranjar um canto onde se mettesse.

Oh! quanto não soffria o infeliz quando era sorprendido nas salas de Theobaldo por algum amigo deste! Quanto não lhe custava a soffrer o exame das pessoas que pilhavam ás vezes de improviso, sem que elle tivesse tempo de fugir para o seu sótão.

Theobaldo não ficava menos contrariado com isso, e via-se em serio embaraços para justificar aos olhos das suas visitas aquella amizade tão estranha.

Então, como recurso de aperto, apresentava o Coruja na qualidade de um desses typos excentricos que, á força de extravagancias, são, nem só previamente desculpados por todas as suas exquisitesices, como até suportados por gosto.

E passava a pintal-o exageradamente.

— Um verdadeiro typo! dizia, o maior exquisição, que eu até hoje tenho conhecido! Ah! não imaginam! E' magnifico! E' uma raridade! Inalteravel como uma torre! Dêem-lhe alguns alfarrabios, deixem-no a sós, e elle estará como quer! Se não lhe puxarem pela lingua, será capaz de ficar mudo durante um seculo! Podem cortar-lhe uma das orelhas, que elle não dá por isso, e, se der, tambem perdoa logo a quem a cortou!

— E' um louco! affirmavam os que ouviam isto, E' um alienado! E' um bicho!

E o senhor Theobaldo, que conhecia perfeitamente o amigo; o senhor Theobaldo, que tivera mil occasiões para saber quem era

e quanto valia o Coruja, não tinha entretanto a coragem de defendel-o, e chegava até a confirmar tacitamente o triste juizo que a respeito d'elle formava meia duzia de sujeitos a quem no intimo desprezava.

Quando, porem, Theobaldo cahia nessa fraqueza, voltava instinctivamente os olhos para a esposa. E lá estava nos labios de Branca o tal sorrisozinho que o desconcertava.

Então, sem se dirigir a ella, mas falando só para ella, accrescentava com a sua emphase predilecta :

— Pois não ! No fim de contas aquella invariavel bondade ; aquelle eterno altruismo ; aquelle monotone desinteresse, até a um santo acabaria por enfastiar ! Oh ! é que tudo cansa neste mundo ! Qualquer cousa, por melhor que ella seja, se nol-a derem sempre e sempre, se converterá em um martyrio ! Alem disso, a virtude em demasia é um defeito como outro qualquer ! Um homem afinal deve ser um homem ! E quem não souber castigar o mal que lhe fazem, difficilmente reconhecerá o bem que lhe dedicam ! Não comprehendo um bom amigo que não saiba ser um melhor inimigo, e cada vez estou mais convencido de que descuidar-se a gente da sua propria pessoa é commetter a maior maldade que se póde fazer contra uma creatura humana, a não ser que essa pessoa pretenda abdicar dos seus fóros de homem !

E o penetrante sorriso de Branca não se alterava.

## XX

Se em casa de Theobaldo corriam as cousas deste modo, em casa de D. Margarida ellas não iam melhor. Ignez tinha agora um filhinho, e o alferes, depois do casamento, peorara de genio e de costumes.

Se elle até ahi era já despejado de maneiras, era agora nada menos do que brutal, e, se dantes costumava beber nos dias de folga, agora se emborrachava toda a vez em que se lhe offerecia occasião.

E o demonio do homem, quando se punha no gole, ficava que ninguém podia com elle : muito grosseiro, muito exigente, tanto com a mulher como com a sogra, e por tal fórma ameaçador que fazia tremer as duas miseras creaturas.

Nos sabbados á noite era certo o chinfrim em casa de D. Margarida e, como por experiencia já sabiam que o Picuinha, quando entrava bebado, reduzia a cacos quanta louça lhe cahia nas mãos, mal o presentiam de longe, tratavam de esconder ás pressas nos armarios tudo o que fosse de quebrar.

Elle chegava resmungando e pedia logo alguma cousa para beber; ellas negavam, e principiava então a grande luta, cujo desfecho era muita bordoadada e uma berraria dos diabos, porque tanto a velha praguejava, como ehorava Ignez e berrava o pequeno.

E o alferes, cada vez mais furioso, ia distriubindo pontapés e murros para a direita e para a esquerda, damnado por não encontrar nem um pires ao seu aleance.

Oh! aquella mania de quebrar a louça era o que mais enraivecia a velha.

— Mas o grande causador de tudo isto, exclamava ella, é aquella peste daquelle Coruja! Se não fosse elle, eu não teria agora de aturar este bebado! Se não fosse elle, Ignez não teria casado com semelhante homem e não estaria com um filho ás costas e outro no bucho!

E naquella casa o Coruja ficou sendo o termo de comparação para tudo o que havia de máo ou feio ou repugnante.

« Ruim como o Coruja! Mais torto que o Coruja! Velhaco que nem o Coruja! Mentiroso nem como o Coruja! »

E, quando Ignez fazia reeriminações ao marido, este lhe atirava logo em rosto com o nome do outro:

— E, dizia elle, com a sua voz cavernosa de ebrio, você nunca devia ter-se casado senão com aquelle côxo! Estavam mesmo talhados um para o outro! Asno fui eu em metter-me neste inferno e ligar-me a semelhante gatinha! Não solto um espirro, que logo não me queiram tomar contas por que espirrei — é o que se pôde ehamar « não ser senhor do seu nariz! » Aqui todos querem mandar sobre mim — é mulher, é sogra, é o diabo! Ah! mas um dia seismo devéras e vai tudo raso, faço uma tal estralada que vai tudo de pernas p'ra o ar! Mexam muito comigo e verão!

E, depois de sacudir os braços e repellir do pulmão o ar alcoolisado — Caramba! Quero saber se tenho de dar contas de meus actos a safardana algum desta vida!

— Pois então não se casasse!... arriscava Ignez.

— Ah! Se eu pudesse adivinhar, de certo! antes de tudo a minha liberdade! Agora já nem com o que eu ganho posso contar!

— Quem o ouvisse havia de suppor que lhe custamos muita, cousa! Olha a graça! Depois do tal casamento é preciso puxar aqui muito mais pela agulha e pelo ferro de engommar!

— O' raio de uma furia! berrava afinal o Picuinha, se não calas essa boca do diabo, racho-te de meio a meio!

- Também é só para que você presta, casta de um bebado!
- E! O Coruja havia de prestar para muito mais!
- E talvez que sim!
- Bem, mas basta! Estou farto! Arre!

D. Margarida em geral só se mettia nestas polemicas de Ignez e Picuinha, quando a contenda chegava ao auge, e então é que era barulho!

Quasi sempre terminava o banzé com a intervenção dos vizinhos muita vez com a da Policia.

O alferes, porém, longe de tomar caminho, ficava peor de dia para dia.

As duas senhoras já não conseguiam apanhar-lhe dinheiro, se não tirando-lh'ó á força das algibeiras, e isso mesmo quando sobrava algum da pandega.

E que não lhe apresentassem na manhã seguinte a calça engommada e a camisa limpa, que haviam de ver o bome o bonito!

— Ah! dizia a velha, aquelle malvado, cortado em pedacinhos e posto em salmoura, ainda não pagava a metade do mal que nos tem feito!

Este malvado, a quem ella se referia, não era o alferes, era o Coruja.

Uma occasião, entretanto, depois de uma tremenda carraspana, o alferes foi acommettido por um violento ataque de nervos e viu-se obrigado a guardar a cama durante uma semana inteira. appareceram-lhe perturbações cardiacas e ligeiros symptomas de amollecimento cerebral.

O medico declarou que isso tudo eram effeitos do alcool, e prohibiu ao doente que bebesse, que fumasse, e recommandou-lhe que tivesse toda a regularidade na comida, sem o que se arriscava a ficar perdido para sempre.

Picuinha ficou muito impressionado com o que ouviu do medico, e parecia seriamente resolvido a mudar de vida.

Principiou arranjando mez e meio de licença e durante este tempo submetteu-se ao mais rigoroso tratamento, logo, porém que se achou com a saude mais garantida, foi aos pouco recaindo nos seus antigos habitos; e então, de cada bebedeira que apanhava, era-lhe preciso ficar em casa dous, tres dias, prostrado, muito irascivel, muito nervoso, a beber caldos, sem poder suportar no estomago um bocado de pão.

Por estas crises tornava-se tão insupportavel á mulher e á sogra, que as duas já pediam a Deus que o levasse por uma vez.

E as bebedeiras repetiam-se. Então no dia do recebimento do ordenado a cousa era feia; nesse dia escondia-se a louça e preparava-se a casa para o infallivel chinfrim.

Mas agora o borracho, receioso já de que as duas mulheres lhe dessem busca ás algibeiras, como costumavam fazer, escondia o dinheiro em logares os mais extravagantes que se podem imaginar; escondia-o dentro da meia, escondia-o no forro da farda e ás vezes debaixo dos sovacos.

E, logo que a mulher ou a sogra, depois de uma terrível luta com o alferes, conseguiam descobrir e arrancar-lhe o dinheiro, o homem ficava possesso.

— Ladras! berrava elle, quasi sem abrir os olhos! ladras! Não posso ter um vintem que não m'o roubem!

O Picuinha afinal cahiu nesse estado morbido das pessoas inutilisadas pela bebida e do qual, como os trabalhadores das minas de mercurio, só conseguem fugir por instantes refugiando-se no proprio veneno que os corrompe e mata.

Acordava muito molle, com um pigarro convulso, que só deixava depois que elle vomitasse a sua pituita dos ébrios; e pela manhã tinha sempre o corpo dorido, a salivação grossa e amarga, os intestinos em bráza, os olhos ardendo e lagrimejando; mas, era só beber um trago de paraty, e ficava logo esperto.

Tambem, agora não precisava de mais para apromptar-se; uma dóse pela manhã, antes de entrar no serviço; outra á tarde, ao deixal-o, e ninguem o via senão ebrio.

Os superiores começaram, pois, a reprehendel-o com mais frequencia e já o ameaçavam com uma queixa ao chefe na repartição diziam todos que, se elle ha muito não estava na rua, era simplesmente porque o commandante tinha pena de deixar aos páos um pobre diabo com mulher e filhos.

Não obstante, depois de mais algumas crises como a que o tomou pela primera vez, o Picuinha ficou irremediavelmente perdido e incapaz de todo e qualquer serviço. Estava até meio idiota e o corpo tremia-lhe todo como o de um velho de cem annos.

## XXI

— Uma desgraça nunca vem só! considerou D. Margarida, pois que justamente quando o genro se inutilisava para ganhar o pouco que até ahí ganhava, era ella acommettida por uma carga de rheumatismo, e tão forte, que não lhe permittia servir-se dos braços, nem das pernas.

O Corujo, sabendo disto, foi visital-a incontinenti.

— Ah! E' você?... resmungou a velha, ao ver entrar no quarto a entristecedora figura de André.

Ignez escondeu-se para não lhe apparecer.

Elle estava muito acabado e abatido; parecia mais velho, ainda no seu andar de coxo.

— ,Então! Você foi quem se lembrou de vir visitar-me, heim? Grande caiporismo, o meu!

E a voz da velha era reprehensiva e dura.

— E' exacto... respondeu Coruja, indo assentar-se ao lado da cama em que ella estava estendida — E' exacto; ouvi dizer que a senhora e os seus têm curtido ultimamente bem máos pedaços...

— Por sua causa, atalhou Margarida, gemendo pelo esforço de mexer com um dos braços — só ao senhor devemos tudo isto!

— Pois acredite, minha senhora, que nunca pensei em fazer-lhe mal de especie alguma... respondeu-o accusado, sentindo-se já commovido em meio de toda aquella desgraça.

— Ora! rosnou a outra, se o senhor não tivesse procedido pelo modo imperdoavel com que procedeu comnosco, minha filha não teria cahido nas mãos daquelle homem e ambas nós não estaríamos neste bonito estado!... Até digo-lhe mais: o senhor, se tivesse um bocado de consciencia, nem poria mais os pés nesta casa!

— Engana-se, D. Margarida, justamente por não me faltar consciencia é que vim procural-a; quero ser util á senhora e á sua filha, naquillo que estiver ao meu alcance.

— E com isso nada mais faz do que o seu dever!

— Bem sei, bem sei que o dever nós todos neste mundo é auxiliar-nos uns aos outros e, tanto assim que aqui estou. Olhe! não lhe poderei dar muita cousa, porque desgradadamente de muito pouco disponho na presente occasião, mas com o pouco tambem se ajuda. Por emquanto cá estão vinte mil réis, desculpe; logo mais virá o medico e eu me encarregarei de mandar aviar as receitas que elle fizer. Adeus.

— Passe bem, respondeu a velha.

E o Coruja, arrastando a sua perna coxa, sahiu, promettendo apparecer de vez em quando.

Na segunda visita, Ignez não se escondeu e foi apertar-lhe a mão, em agradecimento pela parte que lhe tocava, a ella, na « fes mola » feita por elle á velha.

— Não foi esmola... disse Coruja, abaixando os olhos envergonhado, pelo menos juro que não foi com essa intenção que fiz aquelle pequeno serviço. Hoje por mim; amanhã por ti! Ora essa!

E, assim falando, elle considerava intimamente a grande transformação physica que se havia operado em Ignez durante os ultimos tempos.

Estava uma velha, e feia.

Não parecia mulher de trinta e cinco annos, mas de cincoenta. Faltavam-lhe dentes ; o cabello lhe encanecera e a pelle do rosto lhe estalara em rugas ; as mamas, rechupadas, cahiam lhe até á cinta e os braços pareciam, quato se fechavam, espetar com a ponta do cotovello aquillo que encontrassem.

Além' disto, muito emporcalhada pelas duas creanças (asegunda nascera), muito cheia de desmazela e de privações ; o pé sujo e sem meia, o cós do vestido despregado e roto ; sempre descansado e indifferente, sempre « Tanto se me dá, como se me dê », sempre a repetir o seu velho proverbio « Homem, mais vale a nossa saude » !

Coruja perguntou-lhe como ia o marido.

— Foi para o hospital, respondeu ella.

— Para o hospital ?

— De certo, pois se lhe deu a furia !...

— Como a furia ?

— Ora ; deu para doudo furioso. Quebrou ahi uma porção de cousas, rasgou toda a roupa e afinal fugiu para a rua, a dar berros e quasi nú. A policia agarrou-o e metteu-o no hospicio. Nós o deixamos lá, porque elle aqui não podia ficar ; já bastam as consumições que temos, e não são poucas ! Se eu lhe disser que seu Costa não nos deixou sequer uma chicara inteira !... Quebrou tudo, tudo que era louça !

— Coitado ! lamentou André.

— Ora ! a culpa foi só delle ; para que bebia daquelle modo ? Ah ! o senhor não imagina, ás vezes enxugava tres garrafas de paraty durante o dia ! Nunca vi assim ! Credo !

— Coitado !

— Não apanhava um vintem, que não fosse para o demonio do vicio ! Ultimamente estava até descarado ; pedia dinheiro a todo o mundo — para beber !

— E' uma desgraça !

— Ora ! o medico bem que o preveniu. Importou-se esta mesa com o que disse o medico ? Assim fez elle ! Até parece que ao depois que lhe prohibiram os espiritos, bebia ainda mais !

— Uma verdadeira desgraça, coitado !

— Coitado ! coitado ! Coitada, mas é de mim, que me casei só para ficar com duas creanças as costas e agora de mais a mais com minha mãe doente, que era a unica pessoa que me ajudava ! Coitada de mim e de meus filhos !

— Descanse que a senhora e seus filhos não hão de morrer de fome ! Enquanto Deus me der um pouco de forças, hei de olhar por todos.



Ignez agradeceu suspirando tristemente, como quem se submete a um vergonhoso sacrificio.

E, desde esse dia, o Coruja ficou sendo o esteio daquella desgraçada familia.

Então, todas as tardes, levava-lhes o que podia, pagava-lhes a botica, o padeiro, o açougue e finalmente o aluguel da casa.

Mas só elle sabia os sacrificios que isso lhe custava; só elle sabia quanto esforço era necessario pôr em pratica para que não faltasse o pão de cada dia áquella gente a quem, o monstro, na loucura da sua extrema bondade, entendia dever protecção e apoio.

E quem o visse tão maltrapilho, tão miseravel, a bater a cidade de um ponto a outro á procura de fazer dinheiro; quem o visse tão relés, tão ordinario e tão chato, não seria capaz de acreditar que á sombra das azas daquelle corvo se abrigava inteira uma familia de pardaes.

— Por que o senhor não vem morar connosco? perguntou-lhe. Ignez, um dia em que o Coruja deixou involuntariamente transparecer o embaraço que lhe causava morar em casa de Theobaldo.

E ella accrescentou para justificar a sua proposta:

— Acho que o senhor faria bem; em primeiro lugar, por que teria aqui quem cuidasse do que é seu, de sua roupa, de seus papeis; segundo, excusava de comer em outra parte, porque comeria aqui connoscos e assim a comida sahe mais em conta, e, finalmente para deixar por uma vez aquella casa, que digam o que disserem, é a principal causa dessa tristeza em que o senhor vive.

O Corujá, apezar do desgosto que lhe trazia a idéa de separar-se do amigo, reconhecia razão de sobra nas palavras de Ignez. Sim, não havia duvida que elle precisava mudar-se da casa de Theobaldo e, se havia de ir para outra parte, era melhor que fosse para ali, onde todas as despezas já corriam por sua conta. Ao menos seria isso o mais logico.

— Queres então deixar-nos? interrogou Theobaldo na occasião em que elle lhe deu parte da mudança.

— E' melhor, respondeu André, ali fico mais á minha vontade; sinto muito separar-me de ti, mas reconheço que a minha presença muitas vezes te constrange...

E, porque Theobaldo fizera um gesto negativo:

— Ah! não é por tua causa, de certo! mas pelos que te cercam... Conheço perfeitamente o que são estas cousas... A politica e a sociedade têm exigencias muito especiaes. Não te per-

doariam a minha amizade, se soubessem até que ponto de intimidade ella chega. Assim, pois, é melhor mesmo que eu vá e que apenas te appareça de vez em quando, para te ver.

— Bem... disse Theobaldo, faze lá o que quizeres; não te contrario, mas bem sabes que minha casa estará sempre ás tuas ordens.

— Ah! quando de todo me faltar um canto para me metter...

— Certamente, certamente. Já sabes que aqui não serás nunca um estranho.

— Eu hei de apparecer sempre.

Mas Theobaldo já não lhe podia prestar attenção, porque era todo de um discurso que pretendia apresentar na camara no dia seguinte.

Branca mostrou-se em extremo sentida com a mudança do Coruja; foi com os olhos cheios d'agua que ella se despediu d'elle.

— Seja sempre meu amigo, disse, e, quando não tiver o que fazer, venha ler-me algumas paginas dos seus poetas favoritos.

— Deixo-os todos com a senhora, respondeu André, era essa a minha intenção desde que pensei na mudança. E' para não se esquecer de mim.

— Obrigada; creia que não era preciso isso; o senhor nunca será esquecido nesta casa.

Depois disto, elle foi abraçar o velho Caetano, despediu-se de todos os outros creados, e sahiu logo para não perder de vista a sua bagagem, que já havia partido adiante.

Uma cousa o mortificava agora, era que Theobaldo não tinha mais para com elle aquellas expansões primitivas; já se lhe não abriamnos seus momentos penosos; já não lhe expunha, como dantes, as suas preoccupações, e já igualmente não lhe pedia conselhos.

Agora dir-se-hia até que elle o tratava com um certo ar de protecção; que o ouvia distrahido e apressado; sem conversar e dando-lhe muito menos attenção do que qualquer dos seus amigos dos mais modernos.

— E' que elle vive lá preocupado com os seus negocios... pensou o Coruja, para se consolar. Mas sentiu perfeitamente que no fundo azul do seu coração um principio de sombra se formava, como a nuvem negra que surge no horizonte, ameaçando logo estender-se pelo céu inteiro e transformar-se em medonha tempestade.

Perder a amizade de Theobaldo! Oh! de todas as suas desillusões seria essa com certeza a mais cruel e dolorosa!

— Não ! não era possível !

E André nem pensar queria em semelhante cousa. Defronte de tal hypothese o seu pensamento recuava aterrado, fugindo de todo e qualquer raciocinio.

E no entento, logo á primeira visita que elle fez ao amigo depois da mudança, ainda o encontrou mais frio e distrahido.

André ia pedir-lhe algum dinheiro e Theobaldo deixou muito claramente perceber a sua impaciencia.

— Sabes, filho, estou, que não imagina, atralhado com uma infinidade de cousas ! Agora não posso tratar disso. Aparece logo ! Adeus.

## XXII

Mezes depois, quando as camaras já se achavam fechadas e o ministerio em crise, a rua do Ouvidor regorgitava de povo que vinha de todos os pontos da cidade saber as novidades politicas. Falava-se muito em dissolução das camaras ; falava-se em subir de novo o partido liberal ; citavam-se conselheiros que Sua Magestade o Imperador mandara chamar a S. Christovão.

Mas, de repente, tudo serenou ; porque um grande letreiro acabava de ser affixado á porta de um jornal : « Organização do novo gabinete conservador ».

E entre os sete nomes que ahí se liam, achava-se tambem o de Theobaldo Henrique de Alburquerque.

O organizador do novo ministerio chamara-o na vespera para lhe dar a pasta da Agricultura, Commercio e Obras Publicas.

Estava ministro.

O Coruja, logo ao saber da grande nova, não se pôde conter e atirou-se para a casa do amigo.

— Theobaldo ministro ! Oh ! que bello ! que bello ! ía elle a pensar pelo caminho. Quem o havia de suppor ? Deputado apenas nesta ultima candidatura e já hoje no poder ! Isto é o que se chama andar aos pulos !

E foi com immensa difficuldade que o Coruja conseguiu chegar até á porta de S. Ex., tal era a multidão que ahí se reunia, para saudar o novo ministro. A rua, a chacara, tudo estava cheio de gente, uma banda de musica tocava o hymno nacional em frente da casa, e dentre o povo partiam repetidos vivas ao heróe daquella festa e ao partido conservador.

André deteve-se um pouco entre a multidão, empenhado em escutar os originães e desencontrados commentarios que se faziam a respeito do amigo.

— Não ha duvida que elle é uma grande cabeça! dizia um sujeito em meio de uns quatro ou eineo.

— Ora qual ! oppunha um destes, não passa de um felizardo ! Entrou na camara dos deputados por um acaso e ainda por outro acaso conseguiu pilhar uma pasta.

— Como por acaso ?

— Pois então ha quem ignore que este typo foi chamado ás pressas para substituir o Rosas, que não aceitava o programma do Paranhos ? Entrou para fazer numero e, uma vez passada a lei, mandam-n'o passeiar de novo.

Em outro grupo se affirmava que Theobaldo era no Brazil o homem talvez de maior illustração e com certeza o de idéas mais adiantadas.

— Hão de ver o que vai sahir dali !

— E' um portento, não ha duvida !

Um desses dera a sua palavra de honra em como o partido conservador jámais tivera um ministro tão tezo, tão activo e tão recto. E jurava que as repartições publicas sujeitas á alçada delle iam agora ver o bom e o bonito.

— Ah ! Já foi contando com isso que o chamaram para o poder, acrescentou outro. E affianço que certos empregadinhos vão pedir demissão de seus logares, antes que Theobaldo lh'a dê.

— E' um farofa ! dizia entretanto um typo de outro magote, um rhetorico ! não enxerga um palmo adiante do nariz, nada sabe, nada ! Um verdadeiro pulha !

Mais adiante se dizia que a principal qualidade de Theobaldo era a pureza de character e, logo ao pé, proclamavam-no um velhaeo de marea maior.

— Hypocrita só como elle ! segredava-se aqui.

— Homem sincero ! considerava-se ali.

— Elle o que é, dizia alguém, é um grande pandego ! Foi eleito deputado pelo eserutinio secreto das damas e chegou até ao poder subindo por uma trança de cabellos louros.

Mas a opinião geral e mais corrente a respeito do marido de Branca era-lhe de todo ponto favoravel. Davam-lhe grande talento, vasta erudição, character firme e sentimentos patrioticos ; quer dizer : quasi todos attribuiam-lhe justamente aquillo que lhe faltava, e ninguém, menos a esposa, as duas unicas qualidades intellectuaes que elle tinha devéras desenvolvidas : — habilidade e bom gosto.

E foi só com a sua habilidade e com o seu bom gosto que o pandego chegara áquella altura.

Todavia, o Coruja, meio atordoado pela confusão do povo e

pelo desaccôrdo das opiniões que ouvira a respeito do amigo, atravessou a chacara e subiu a escada que ia dar á sala.

— Ainda não póde entrar ! gritou-lhe asperamente um ordenança que ali se achava.

— Oh, senhor ! mas não era preciso dizer isso deste modo.

O ordenança mediu-o de alto a baixo com um gesto de superioridade e virou-lhe as costas desdenhosamente.

— Olha que impostor ! disse consigo o Coruja, e perguntou quando seria possível falar a Theobaldo.

— A quem ? !

— Ao ministro.

— An ! Logo mais ! Daqui a pouco franqueia-se a casa ao povo.

— Está bom ; eu espero.

— Lá em baixo ! Espere lá em baixo !

Ouvia-se vir de dentro da casa um rumor alegre e quente de vozes de homens e risos de senhoras ; alguma cousa que dava logo a idéa de uma existencia aristocraticamente feliz. Pelo rumor daquellas vozes, pelo tilintar daquella alegria bem educada, pelo aspecto exterior da casa, com as suas cortinas muito claras, com a sua chacara e as suas escadas de pedra branca imaginava-se logo um boa mesa servida com porcellana e crystaes de primeira ordem ; imaginava-se a confortavel mobilia, as largas cadeiras estofadas, a voluptuosa cama de molas de aço, o banho perfumado, as roupas de linho puro.

E o Coruja, sem que aliás a menor sombra de inveja lhe entrasse no coração com a idéa de tudo isso, nunca se sentiu tão desamparado, tão só no mundo, como naquelle momento.

Uma agonia surda e duvidosa apoderou-se d'elle.

E foi com a garganta cerrada por um punho de ferro que o misero desceu lentamente a escada, arrastando de degráo em degráo o seu pé aleijado pelo tiro.

Ao chegar embaixo reparou que um grito de acclamação partia de todos os lados ; voltou-se e notou que Theobaldo acabava de assomar ao balcão da janella seguido pela esposa.

E o Coruja notou igualmente que o amigo não parecia um simples ministro, mas um principe. Estava bello com o seu porte altivo e dominador ; com o seu grande ar de fidalgo que exerce a delicadeza, não em honra da pessoa a quem se dirige, mas em sua propria honra. Iam-lhe muito bem os fios de cabello branco que agora lhe prateavam a cabeça e a barba, dando-lhe á physionomia uma expressão ainda mais distincta e mais nobre.

Abriam-se as portas da casa ao povo que ia comprimental-o,

e as salas foram invadidas, emquanto a banda de musica continuava a tocar.

Havia um grande numero de senhoras lá dentro e, Branca, ao lado de D. Geminiana e mais do velho Hyppolito, que se tinham apresentado de vespera, fazia as honras da festa, sem alterar, no meio daquella tempestade de louvor e adulação que cercava o marido, o seu frio riso de estatua.

Só ella parecia não tomar parte moral no grande enthusiasmo de toda aquella gente.

Coruja ouviu de fóra os honras dos brindes e os vivas levantados a Theobaldo, ao partido conservador e ao monarcha; não se sentiu, porém, com animo de entrar e resolveu ir-se embora.

Sahi triste, profundamente triste, sem comtudo saber a razão dessa tristicza. Um vago desgosto pela vida o acabrunhava e consumia; um tedio enorme, uma especie de cansaço de ser bom, levava-o sombriamente a pensar na morte.

E' que em torno de seus passos havia encontrado sempre e sempre a mesma ingratição ou a mesma antipathia por parte de todos, ou a mesma maldade por parte de cada um.

Agora daria tudo para poder commetter uma acção má, como se por essa fórmula o seu coração pretendesse repousar um instante.

E, por todo o caminho, notou pela primeira vez os encontrões que lhe davam, as caras más que lhe faziam os transeuntes, a falta de consideração que todos lhe patenteavam.

Observou que ninguem lhe cedia a passagem na calçada. Um homem em mangas de camisa dera-lhe um empurrão e, ainda por cima, lhe gritara : — « Que diabo ! Está bebado ? ! » Um padre, querendo passar ao mesmo tempo que elle, dissera-lhe : « Arredese ! » E um menino de jaquetinha e calça curta chegara a obrigalo a ceder-lhe o passo. Ao atravessar a rua, quando ia a chegar á casa, uma carruagem que passava a todo trote, levantou com as rodas um jacto de lama, que se foi estampar na cara d'elle.

Era o Affonso de Aguiar quem ia dentro desse carro. Voltara, afinal, ao Brazil.

E, só aquelle facto de ver o Aguiar, sempre feliz, rico, rejuvenescido com o passeio á Europa, ainda mais o fez entristecer.

Coruja recolheu-se, finalmente, foi para o seu quarto, que era o peor da casa de D. Margarida, fechou-se por dentro e deixou-se cahir em uma cadeira, a soluçar como uma creança que não tem pai nem mãe.

## XXIII

E de então em diante ia ficando cada vez mais triste, mais concentrado e mais esquivo de tudo e de todos.

Não tinha afinal um canto seguro, no qual, fugindo aos desgostos da rua, pudesse refugiar-se com o seu tédio, porque na propria casa onde morava é que a mãe vontade mais se assanhava contra elle; o infeliz em troca de toda a sua dedicação pelas duas desgraçadas senhoras que tomara á sua conta, só recebia constantes e inequivocas provas de resentimento e até de odio.

Ah! o Coruja estava bem convencido de que aquella gente, se não precisasse delle para não morrer de fome, tambem o enxotaria de junto de si, como se enxota um cão impertinente.

E, pois, sem carinhos de especie alguma, sem o menor consolo, lá ia vegetando entre aquella familia, que não era sua senão no peso, e entre aquella mesquinha e perversa humanidade, que o apupava, que o insultava e que nunca lhe estendera a mão, com outro fim que não fôra pedir uma esmola ou dar uma bofetada.

Isto, além de o tornar mais sobrio, afrouxava-lhe a coragem, enfraquecia-lhe o character, a ponto de lhe trazer um mal, que elle até ahí não conhecia: a revolta contra a propria sorte e o desamor á vida.

Dera para resmungão: falava só, gesticulando zangado; affectava contra seus semelhantes uma grande raiva toda de palavras desesperando-se ainda mais por não poder deixar de ser bom, por não poder dominar o seu irresistivel vicio de soccorrer os desgraçados e despir-se de tudo para suavisar as necessidades alheias; soffrendo por não conseguir ser máo como qualquer homem e procurando esconder da vista de todos as boas acções que praticava, como se procurasse esconder uma falta vergonhosa e humilhante.

E tal era agora o seu empenho em disfarçar a bondade que, um dia, depois de muito discutir com um taverneiro, a quem elle não pagara no prazo marcado uma velha conta de vinho, feita pelo marido de Ignez, viram-no pôr-se a rir, estranhamente satisfeito, porque o credor lhe gritara em tom de descompostura:

— Mas eu não devia esperar outra cousa de quem aproveita a molestia de um desgraçado para se metter com a mulher delle!

Este modo de explicar a residencia de André na casa de velha Margarida não pertencia exclusivamente ao taverneiro, mas á

rua inteira, e ninguém perdoava áquelle a supposta concubina-gem.

Mas tambem se elle, em vez de defender-se de taes accusações rejubilava-se com ellas, mostrando-se pelos homens e seus juizos de uma indifferença de cynico!...

Agora, só um nome tinha o poder de o despertar ainda: o nome de Theobaldo.

Era, porém, tão difficil chegar até Sua Excellencia!... havia sempre durante o dia na ante-camara do Sr. ministro tanta gente á espera de chegar a sua occasião de falar com este!... E durante a noite a casa de Theobaldo tiuha um tal aspecto de festa, um tal movimento de casacas e vestidos de seda, que o Coruja muito poucas vezes se animou a procurar o amigo depois da mudança.

— Mas para que illudir-se? Theobaldo não podia gostar de semelhantes visitas!

E, com effeito, a presença de André o constrangia bastante.

Não que já não o estimasse de todo; ao contrario sentia prazer em vel-o, de vez em quando; apertar-lhe a mão e trocar com elle idéas que não trocava com ninguém; gostava ainda de arrepiar os arminhos do seu espirito roçando a lixa daquelle character de ferro; gostava de ouvir-lhe aquellas meias palavras, sinceras e asperas; preferia ainda um gesto de approvação feito pelo Coruja a quantos elogios lhe fizessem os outros; gostava muito de tudo isso, mas não ali, em presença de tantas testemunhas e exposto ao ridiculo.

Estimava-o, não havia duvida que o estimava, porém sentia-se mal a vontade e aborrecido, quando o presentia chegar pelo barulho da sua grossa bengala de coxo.

Tanto que uma occasião, vencendo todos os escrupulos, disse-lhe abertamente:

— Queres saber de uma cousa, André? Desconfio que estas visitas que me fazes são para ti um verdadeiro sacrificio! Acho que o melhor é procurar-te eu em tua casa, de vez em quando; hein? Que achas?!

— E! resmungou o Coruja, abaixando a cabeça.

— Não te parece melhor?... Bem sabes que sou o mesmo; sou teu amigo e no meu conceito estas acima de todos, mas é que aqui não conseguimos nunca ficar á vontade; não podemos conversar livremente, e deves concordar que isto para mim é nada menos que um martyrio! Que diabo! Prefiro não te ver senão quando estivermos a sós, completamente a nosso gosto! Não es da mesma opinião?



Coruja mastigou algumas palavras em resposta, sem levantar os olhos, muito vermelho, e depois retirou-se, todo atrapalhado á procura do chapéo, que elle aliás conservara debaixo do braço durante a visita.

E foi quasi a correr que atravessou a chacara e ganhou a rua, como um criminoso que foge do logar do delicto.

Notaram em casa que elle esse dia falou e gestieulou sosinho mais do que era de costume, com a differença que desta vez os seus soliloquios acabavam sempre em lagrimas.

Dous mezes depois, em um domingo, Theobaldo fôra sorprendel-o em casa ás nove horas da manhã.

Ia de chapéo baixo, fato leve e bengalinha de junco. Em vez do coupé, que costumava usar com duas ordenanças, vinha de tilbury.

Entrou gritando desde a porta da rua pelo Coruja :

— Onde estava aquelle malandro ! Talvez ainda mettido na cama ! ? Pois que não fosse tão epicurista e viesse cá para fóra receber os amigos !

André, que trabalhava fechado no quarto, largou de mão o serviço e correu ao encontro d'elle ; ao passo que Ignez fugia para junto da mãe, muito sobresaltada por aquella voz argentina e cheia de vida, que espantava a miseravel tristeza da casa com a sua risonha expressão de estroinice fidalga.

— Ora venha de lá esse abraço, mestre Coruja !

E assentando-se com desembaraço em uma cadeira da sala de jantar :

Sabes ! Vim disposto a almoçar contigo. Hoje estou perfeitamente livre ; minha propria mulher suppõe-me fóra da cidade.

Ninguem desconfia de que eu estou aqui.

Ah ! eu precisava passar algumas horas completamente despreoccupado, precisava descansar e então lembrei-me de fazer-te esta surpresa ; cá estou !

Ergueu-se, foi até ao parapeito do quintal ; esteve a olhar por algum tempo para um tanque cheio de roupa que lhe ficava defronte dos olhos, e disse depois suspirando :

— Como tudo isto é bom e consolador ! E' como se eu voltasse ao meu passado ; estou vendo o momento em que entra por aquella porta, com a sua lata na cabeça, aquelle velho que nos levava todos os dias o almoço e o jantar. Como se chamava, lembras-te ?

— Sebastião.

— Era isso mesmo. Sebastião. Muito fiz eu soffrer o pobre diabo ! Recordas-te de uma vez em que o obriguei a improvisar

um bestialógico encarapitado sobre a mesa e com uma garrafa equilibrada na cabeça? Bom tempo!

Coruja erguera-se para ir á cozinha ver o que havia para almoçar, mas ou outro, percebendo-lhe a intenção, gritara:

— Olha! Vão chegar ahí umas cousas que mandei vir do hotel.

— Bom, disse André, risonho como havia muito tempo não o viam, porque o nosso almoço, força e confessar, não vale dous caracóes!

— Com certeza já tivemos outros peiores! replicou Theobaldo, encaminhando-se tambem para a cozinha. Deixa estar que ainda havemos de fazer aqui um jantar. Nós dous!

— Quando quizeres!

— Nós dous é um modo de dizer! Tu não entendes patavina a respeito de cozinha!

— Mas posso servir de teu ajudante.

Pouco depois chegou a encomenda do hotel. Theobaldo foi por suas proprias mãos abrir a caixa da comida e, para cada prato que tirava de dentro della, tinha uma exclamação de affectado enthusiasmo:

— Bravo! bravo! Bolinhos de bacalháo! Costelletas de porco! Mayonese de camarões! Peixe recheado! Paca assado!

E, tão á vontade se mostrava na pobre casa de D. Margarida, que ninguem diria estar ali o ministro mais amigo da etiqueta, mais apaixonado pela sua farda e pelas suas bordaduras de ouro, como por tudo aquillo que fosse brilhante, luxuoso e offuscador.

— Como vai a velha? perguntou elle.

— Assim, respondeu Coruja. Pouco melhor.

— Ah! está doente?...

— Ora! Pois então não sabes? Eu já te falei nisso por mais de uma vez.

— E' exacto, agora me lembro.

— E a filha?

— Essa está boa. Vou chamal-a.

— Não deixa-a lá por ora. Virá depois. Olha. Recommenda-lhe que nos arranje o almoço, enquanto conversamos no teu quarto. Onde é?

— Aqui. Entra.

No quarto, o ministro, sem se mostrar nem de leve impressionado pelo aspecto de miseria que o cercava, tirou fóra o palitó e poz-se a examinar o que havia sobre a mesa do Coruja.

O grande maço de annotações historicas, já suas conhecidas, era a cousa mais saliente entre todo aquelle oceano de papeis e alfarrabios.

— Está muito adiantado? perguntou, batendo com o dedo sobre as notas.

— Pouco mais. Ultimamente não tenho podido fazer quasi nada. Ainda me falta muito para concluir a obra.

— Pois é tratares de a concluir, que eu te arranjarei a publicação della á custa do governo.

— Promettes!

— Ora!

— Ah! só assim tenho esperanças de não perder o meu trabalho, porque juro-te que já ia me fugindo o gosto...

— Podes ficar certo que a tua historia será impressa.

— Não calculas o alegrão que me das com essas palavras!

— E então digo-te mais: a obra sera adoptada na Instrucção Publica e transformar-se-ha para ti em uma mina de ouro!

— Que felicidade!

— Has de ver!

E na sua febre de fazer promessas agradaveis, Theobaldo perguntou a razão por que o amigo não se mettia ahi em qualquer repartição do Estado.

— Ora, que pergunta! Bem sabes que não é por falta de esforços de minha parte...

— Pois digo-te que agora tambem serás empregado. E' verdade que a epoca não é das melhores para isso: os bons logares estão todos preenchidos, mas...

— Não! qualquer cousa me serve... declarou André. Tu bem me conheces; desde que não haja necessidade de concurso...

— Que diabo! Se eu pensasse nisto ha mais tempo, já podias até estar com o teu emprego.

— Olha! Vê se me arranjas alguma cousa na bibliotheca. Isso é que seria magnifico!

— Homem! e é bem lembrado. Havemos de ver.

Assim conversaram até a occasião de irem para a mesa.

O almoço foi alegre e comido com bastante appetite. Ignezinha preparou-se antes de apparecer ao senhor ministro, mas, apezar das instancias deste, não tomou logar á mesa, pará ficar servindo.

Dona Margarida, lá mesmo da camá onde continuava amarrada pelo rheumatismo, dirigia o serviço, lembrando de quando em quando á filha tudo aquillo que podia ser esquecido.

— Areaste o paliteiro? perguntava ella do quarto. Se não areaste é melhor pôr o outro de louça, que esta na gaveta do armario.

— Já puz, sim senhora.

— Não te esqueças dos guardanapos. Os melhores são os de debrum encarnado.

— Eu sei, mamãe.

— Olha que o café esteja prompto quando elles acabarem! Mas o Sr. Theobaldo talvez prefira o chá. Pergunta-lhe.

— Café! café! respondeu o proprio Theobaldo, de modo a ser ouvido pela velha.

E então uma conversa de gritos se entabou entre os dous.

— S. Ex. nos desculpe, pedia a dona da casa, bem sabe quaes são as nossas circumstancias!

— Ora, por amor de Deus, D. Margarida! Acredite que ha muito tempo eu não almoço tão bem ou pelo menos com tamanho prazer.

— Que diria se eu não estivesse presa a esta cama! Não acredito que Ignez tenha dado conta do recado!

— E' uma injustiça que faz a sua filha. Está tudo muito bom.

E dirigindo-se a Ignez: — Tenha a bondade de levar este calice de vinho á senhora sua mãe, que eu vou beber á saude della.

— Não sei se não me fará mal! gritou logo a velha.

— Este só lhe póde fazer bem, respondeu Theobaldo, é uva pura!

Depois do café, Theobaldo esteve alguns instantes no quarto da velha, pediu-lhe licença para lhe deixar sobre a commoda uma nota de cinquenta mil réis, dinheiro que elle depositou ao pé de um velho oratorio, dizendo.

— E' para a cera dos seus santos.

A velha agradeceu muito commovida e teria contado pelo miudo a sua historia, se a visita não arranjasse meios de afastar-se, declarando que ia para o quarto do Coruja encostar um pouco a cabeça.

E Theobaldo, tendo ainda conversado com o amigo enquanto dava cabo do um charuto, estirou-se melhor no tropego canapé em que estava e adormeceu profundamente.

Coruja veio na ponta dos pés até á da sala de jantar e, concheando a mão contra a boca, disse em voz baixa:

— Agora, nada de barulho, que Theobaldo está dormindo!

#### XXIV

Theobaldo, durante o pouco tempo em que esteve no ministerio, grangeou as sympathias de toda a nação.

Parecia ser querido e apreciado desde pelo seu monarcha, até pelo ultimo dos serventes de secretaria; os empregados das repartições sujeitas ao seu mando adoravam-no.

A todos conquistára elle com aquella proverbial affabilidade e com aquella sua irresistivel seducção de maneiras; os velhos chamavam-lhe collega na prudencia e na reflexão; os moços no enthusiasmo e no modernismo das idéas; a uns e outro cegára o seu inestimavel talento de adopção, que era toda a sua força e a sua principal arma de conquista.

Sem fazer nada, parecia fazer tudo, porque nas camaras a sua palavra era sempre a mais destacavel entre os collegas.

Além de que, affectava uma grande actividade espectacular: não havia inauguração de estrada de ferro, ou de qualquer fabrica industrial ou cousa deste genero, que elle não acompanhasse de corpo presente, fingindo ligar a isso grande attenção e derramando-se em longos discursos talhados ao sabor do auditorio que encontrava.

E ainda uma circumstancia, independente de sua vontade veiu completar o prestigio d'elle e solidificar a sympathia que o publico lhe dedicava, acrescentando-lhe á fama, já não pequena, uma gloria que lhe faltava ainda e que, pela raridade, seria talvez a melhor e mais desejada — a gloria de ser um ministro notoriamente honrado.

Até ahi era aclamado como bom patriota, ministro de talento progressista e activo; de então em diante ficou tendo, além de tudo isso, o prestigio de homem de bem.

Foi o caso que um inglez, representante de certa companhia, desejava obter do governo concessão para uma empreza, da qual Theobaldo fruiria lucros de socio, ou, quando não, uma recompensa de tresentos contos de réis.

Depois de varias negações de parte a parte, o ministro convidou o inglez e mais outros interessados no negocio para um pequeno jantar em sua casa.

Antes da sobremesa quasi ou nada se conversou a respeito do unico assumpto que os reuniu ali; apenas alguma phrase destacada fazia desconfiar que entre elles havia qualquer intenção escondida; mas, quando Branca, que presidia ao jantar, ergueira-se da sua cadeira, pedindo licença para deixal-os em liberdade, o inglez entrou abertamente ná questão e declarou que estava disposto a não se separar de Theobaldo sem levár consigo uma resposta definitiva.

— O Sr. ministro, concluiu elle na sua meia lngua, se proteger o negocio só póde com isso fazer bem, tanto a si como aos outros.

Theobaldo lembrou que ia expor o seu nome; talvez desmoralisar-se para sempre.

— Sim, talvez, voltou o inglez, mas com certeza V. Ex. fica com a vida segura e garantida. Além de que, semelhante particularidade jámais cahirá no dominio publico! Oh! a politica do Brazil está cheia de exemplos muito mais escandalosos, e não me consta que nenhum dos seus autores ficasse desmoralisado; ao contrario cream novo e maior prestigio quando enriquecem!

Afinal, Theobaldo prometteu dar no dia seguinte uma decisão. O inglez que o procurasse na secretaria á hora de audiencia.

E, ao despedir-se, accrescentou no ouvido do pretendente :

— Vá descansado, que tudo se ha de arranjar pelo modo mais conveniente a todos nós...

Logo, porém, que as visitas sahiram. Branca appareceu na porta do seu quarto.

— Ouvi, disse ella, toda a conversa que tiveram depois que eu me levantei da mesa.

— Ah! ouviu?

— Ou, melhor, escutei; escutei por detrás daquella cortina.

— E então?

— Então, é que amanhã o senhor dirá a esse especulador que não se acha disposto a mercadejar com a sua posição. Dir lhe-ha que não é ministro para proteger velhacadas, mediante uma gratificação de dinheiro, e que, se elle insistir nos seus planos, o senhor o denunciará perante a nação...

Theobaldo posto estivesse já habituado ao genio secco e orgulhoso da mulher, estranhou-a mais ainda desta vez e tentou justificar-se aos olhos della.

— Convença-se, disse-lhe elle de que a senhora ouviu mal ou não comprehendeu o que ouviu.

— Mal ou bem ouvido, juro que, se o senhor não fizer o que acabo de ordenar, terá em mim o mais terrivel de seus inimigos.

— Mas não posso comprehender esta solicitude por mim, á ultima hora...

— Engana-se : não é de sua pessoa que se trata, mas de seu nome, que desgraçadamente tambem é o meu. Não quero ser a esposa de um traficante!

— Faz muito bem.

— Isto quanto ao lado moral, porque pelo lado pratico acho que o senhor faz um máo negocio. Que poderá aproveitar uma somma tão deshonestamente adquirida? Do que lhe servirão esses miseraveis contos de réis senão para fazer a mortalha com que o senhor cahirá na valla commum dos patoteiros? O senhor, que já é um ministro nullo, quer ser agora um politico desmoralisado? Ou, quem sabe, se o senhor teve a pretensão de acreditar um instante

que com o seu supposto talento havia de escapar ao anathema dos homens de bem?... Se o senhor não arranjar prestigio pelo lado do character, por que lado então conta arranjar-o? Acaso fez o senhor alguma cousa tão grande, tão util, tão genial, que com ella possa esconder as falhas da sua honra? Esquece-se por ventura, de que neste facto casual da sua entrada para o ministerio foi o senhor o unico afortunado? Esquece-se de que o chamaram, não porque o senhor fora singularmente necessario, mas sim porque era o mais á mão entre todos aquelles de quem podiam dispor?

— Pois bem! E dahi? perguntou Theobaldo, ardendo de impaciencia.

Dahi, continuou Branca, sem se alterar, é que o senhor faria máo negocio cedendo a troco de dinheiro esta boa occasião, boa e unica, que a fortuna lhe proporciona para se distinguir de qualquer modo entre seus collegas.

— Distinguir-me?

— Sim, na qualidade de homem verdadeiramente honrado. Acho que o senhor, mesmo por interesse pratico, não deve inutilisar os meios de que dispõe agora como ministro para pôr em relevo as suas qualidades moraes; qualidades que ficariam eternamente ignoradas, se o senhor não estivesse no poder.

Theobaldo poz-se a meditar.

A esposa disse ainda:

— E é semelhantê homem, que se julga ambicioso; um homem capaz de vender-se a um especulador vulgar! Um homem que não percebe que seu nome amanhã seria muito maior e respeitado, quando dissessem que um ministro preferiu continuar pobre a ter de transigir com os principios da sua honra!

Theobaldo ergueu a cabeça, olhou por algum tempo a esposa e, estendo-lhe a mão, disse:

— Obrigado.

Não tem que me agradecer, respondeu ella já lhe expliquei que não é pelo senhor que levanto esta luta, é por mim mesmo; não quero, repito, ser esposa de um traficante! E, agora, é despachar o cavalheiro de industria, e ter de hoje em diante um pouco mais de escrupulo nos seus actos e em suas palavras!

Theobaldo não se contentou com repellir energicamente a proposta do inglez, mas explorou o facto quanto pôde, mettend-o logo em circulação pela imprensa e transformando-o no melhor ornamento das suas glorias politicas.

Dahi ha poucos mezes, não tinha já a seu cargo a pasta da Agricultura, mas seu nome era apontado na lista triplice para a primeira eleição de senador.

## XXV

Que mais podia desejar?

Aos quarenta e tantos annos havia já percorrido a enorme gamma das classes sociaes e experimentado, uma por uma, toda a impressão capaz de fazer vibrar o coração humano. Desde os seus primeiros tempos de collegio até aquella elevada posição a que chegara, sua vida fôra uma serie de conquistas faceis, uma interminavel cadeia de bons acasos.

Mas agora justamente que mais nada lhe faltava a conquistar; agora que elle, dispondo ainda de uns restos de mocidade para ser amado como homem, era já celebrisado como medalhão; agora que elle possuia tudo; agora que todas as classes do seu paiz haviam já lhe tributado a melhor parte do seu enthusiasmo; agora é que elle se sentia menos satisfeito, porque, á medida que se alargavam os horizontes da sua ambição tanto mais a consciencia da sua mediocridade o estreitava em um terrivel circulo de inconsolaveis desgostos.

Pouco a pouco foi-se tornando invejoso. Afinal já não podia ouvir falar dos homens verdadeiramente grandes, sem ficar com o coração apertado por um punho de ferro que o estrangulava. As grandes e legitimas reputações, os nomes universaes, fossem de artistas, de poetas, de descobridores, de philosophos ou de guerreiros, o irritavam acerbamente e enchiam-no de um odio surdo, inconfessavel e assassino.

Principalmente ao voltar dos seus relativos triumphos, quando no circulo mesquinho das suas glorias ouvia o proprio nome aclamado e coberto de ovações, é que mais desabrida lhe roncavam por dentro a dor da inveja e a consciencia da sua incapacidade.

— Oh! antes nunca chegasse a ser nada, nem tivesse pensado em ser alguma cousa!

Ser tão pouco, quando tanto se ambiciona; ambicionar tanto e ter certeza de nunca ir além da propria pequenez, é muito mais doloroso, é muito mais cruel do que ficar eternamente succumbido ao peso da primeira desillusão!

Era isto o que agora o fazia máo de todo; era isto o que agora o tornava infeliz, desconsolado e triste.

Nunca houvera penetrado dentro de si mesmo e, quando, graças á franqueza da esposa, o fizera pela primera vez, achou-se tão vazio e tão ridiculo aos proprios olhos, achou-se tão de gesso, que sentiu impetus de reduzir-se a pó.

E, com o correr de mais algum tempo e com a percepção da sua inferioridade, veio-lhe o tedio, o desprezo proprio, a grande



molestia dos que sobem sem convicção e sem causa; veio-lhe o desfallecimento dos que vencem sem ter lutado, dos que olham para trás e não encontram no passado sequer uma boa recordação, á sombra da qual repousem o espirito fatigado e o coração desilludido; veio-lhe o fastio e o cansaço dos que nunca amaram, dos que nunca soffreram nem se sacrificaram por ninguem; veio-lhe enfim o desespero dos egoistas, o desespero dos que se vêem isolados no meio do publico que os acclama victoriosos, mas que está prompto a virar-lhes as costas logo que o menor interesse particular chama a sua attenção para outro lado.

E, da mesma fórma que o Coruja sentia-se cansado de ser tão bom, tão dos outros e precisava commetter uma acção má para repousar; assim Theobaldo, reconhecendo o seu egoismo e a sua indifferença pelos que o amaram, desejou pela primeira vez em sua vida praticar o bem.

Mas, se áquelle era impossivel commetter uma acção má, a este não seria mais facil praticar um rasgo de abnegação e de heroismo.

Os extremos encontravam-se de novo; as duas creaturas, que o isolamento unira no collegio, fugiam agora dos homens, homens tão caprichosos, tão ruins e tão pequenos como os seus discipulos de outra ora.

E, ainda como o Coruja, Theobaldo pensou na morte, não como elle por não conseguir abominar seus semelhantes, mas por não conseguir amal-os.

E fez-se cada vez mais sombrio, mais concentrado e mais doente.

Agora passava horas e horas esquecidas no seu gabinete, sozinho fechado por dentro, a scismar; ou enterrado sombriamente no fundo de uma poltrona, ou passeandó de um lado para outro, com as mãos nas algebeiras e os olhos postos no chão.

E sua figura, ainda elgante e altiva, mas prematuramente envelhecida e gasta, havia de impressionar a quem o surprendera pelas horas silenciosas da madrugada nessas profundas meditações.

— Afinal que fiz eu?... interrogava elle a si mesmo em um desses momentos; sim, qual foi a minha obra?... Qualquer homem, por mais pequeno, por mais obscuro, tem sempre um ideal na sua vida: uns dedicam-se á familia, e cada filho é um poema, bom ou máo, que elles deixam á patria; outros trabalham para enriquecer, e depois da morte, ainda são lembrados pelos seus herdeiros; outros nos legam um livro de suas memórias, ou uma casa commercial, ou uma empreza que crearam, ou uma idea a

que se sacrificaram por toda a vida ! Todos deixam alguma coisa atrás de si : um nome ou uma recordação ; só eu não deixarei nada, porque todo o meu idéal durante a minha vida inteira — fui eu proprio ! Nunca fiz nada pelos outros ; nunca amei pessoa alguma que não fosse eu mesmo. E, de tudo que apresentei durante a vida como producto do meu esforço, e de tudo que me engendrou este nome transitorio que possuo, nada foi obra minha ! Eu nada fiz !

Depois pensou nos entes que mais o entremeceram e, defronte da memoria de cada um, seu coração sentiu-se envicinhado e arrependido.

E, dahi em diante, quem o visse, apesar de tão profundamente abatido pelos seus padecimentos moraes, ainda assim não poderia calcular os desgostos que iam por aquella pobre alma.

A sua larga fronte, já despojada de cabellas até ao meio do craneo, raiara-se de longas rugas paralelas, como um horizonte no crepusculo que se enfaixa de nuvens sombrias ; seus grandes olhos, dantes tão insinuativos e lisongeiros, amorteciam agora em uma profunda expressão de magoa sem esperanças de consolo ; seus labios pareciam cansados de tanto sorrir para todo o mundo e, como já não tinham forças para fingir, quedavam-se em uma immobilitade cheia de tedio e desdem ; e todo o seu aspecto, ao contrario do que fôra, servia agora muito mais para fazer pena do que para seduzir.

E dahi principiaram todos a notar a sua ausencia nos lugares em que elle era dantes mais frequente ; afinal já nunca o encontravam em parte alguma, onde houvesse um pouco de alegria ou um pouco de prazer ; agora o riso lhe fazia mal ; ao passo que ao cahir da tarde viam-n'o sempre nos arrabaldes mais solitarios, passeando a pé, vagarosamente ; as mãos cruzadas atrás, a cabeça baixa, o ar todo preocupado como de um misero pai de familia que vai sentindo faltar-lhe a vida e treme defronte da morte, não por si, mas pelos entes que lhe são caros e que ahi ficam no mundo abandonados.

Todavia era justamente o inverso o que se dava com Theobaldo succumbia á falta de familia ; succumbia á falta de afeições sinceras e á falta de carinhos legitimos.

E quanto mais, com o correr do tempo, a falta de tudo isto lhe apertava o coração e lhe ensombrava os dias, tanto mais insupportaveis se lhe faziam as tredas amizades da rua, as falsas relações politicas, os frivolos protestos dos seus admiradores e o palavreado venal daquelles que mendigavam a sua protecção.

## XXVI

Foi em tal estado que elle, atravessando certa noite uma das ruas menos frequentadas da cidade velha, sentiu, da rotula de uma casinha de porta e janella, baterem-lhe no hombro.

— Abrigue-se da chuva, disse uma voz de mulher.

Theobaldo afastou-se, mas não tão depressa que não chegasse a reconhecer quem o provocara.

Era Leonilia.

Uma rapida nuvem de desgosto tingiu-lhe logo o coração.

Parou. Ella não o tinha reconhecido, graças á circumstancia de que Theobaldo levava o sobretudo com a gola levantada e o guarda-chuva aberto. Sua primeira intenção foi dar-lhe dinheiro e seguir caminho sem lhe falar; mas tomado de subito por uma outra idéa, olhou em torno de si, fechou o guarda-chuva e transpuz a porta que Leonilia havia já aberto.

Ah! Que terrivel impressão experimentou S. Ex. ao achar-se em meio daquella pequena sala, systematicamente preparada para o vicio barato!

Que doloroso effeito lhe causaram aquellas pobres cortinas de renda, aquellas cadeiras encapotadas de musselina branca, para fingir mobilia de luxo; aquelles dous consolos cobertos de crochet e guarnecidos por um par de bonecos de gesso colorido; aquella mesinha de centro, onde havia um candieiro de kerosene e ao lado deste um maça de cigarros *Byrd's eye!*

Theobaldo, sem tirar o chapéo, considerava entristecido tudo isto, enquanto que a dona da casa passava para uma alcova que havia ao lado da sala, deixando correr atrás de si uma cortina de lá vermelha.

— Que transformação, pensava elle. — Que transformação!

E, a despeito de tudo, sua memoria o transpunha ao passado, reconstruindo os extinctos aposentos da cortezã, outr'ora tão luxuosos, e nos quaes elle tantas vezes viu palpitar de amor nos seus braços aquella mesma mulher, quando era moça.

Então, a belleza de Leonilia, a mocidade de ambos, o luxo que os cercava, punham-lhe no amor um languido reflexo de romantismo, um picante sabor orgiaco, um quer que seja, que agradava á vaidade d'elle e satisfazia em segredo ao temperamento dos dous.

Então, atiravam-se um contra o outro, sem se envergonharem da sua loucura; bebiam pela mesma taça o vinho de sua mocidade, e os beijos estalavam entre seus labios como o estribilho de uma canção de amor.

Oh! Masa prostituição é contristadora, ainda mais quando precisa trocar a túnica de seda pelos andrajos da miseria; a prostituição é pavorosa quando não gira sobre diamantes e não tem a seu serviço a beleza e a mocidade.

— E quanto ella era bella, dantes! Que partido não sabia tirar de todos os seus thesouros! Com que graça não se embriagava, mostrando o colo e deixando-se cahir em gargalhadas nos braços dos seus amantes!

E agora?... Uma velhusca, muito gorda, o rosto coberto de rugas mal disfarçadas pelo alvaiade, os olhos cansados, os labios descachidos, os dentes sem brilho, o cabello reles, o halito mão. Que differença!

Quando Leonilia tornou da alcova e viu Theobaldo já com a cabeça desaffrontada, soltou um grito e voltou-se para o lado contrario, escondendo o rosto.

— Entrei, porque a reconheci... disse elle, tirando dinheiro do bolso. Tome, e se quizer deixar esta vida, eu lhe darei o necessario para não morrer de fome.

Ella soluçava, sem descobrir os olhos.

— Então? perguntou o ministro ao fim de algum silencio, eu não vim aqui para a fazer chorar! Vamos, recolha esse dinheiro e creia que não me esquecerei de sua pessoa. Adeus.

— Não, não! disse afinal a cortezá, não preciso: prefiro nunca mais ter noticias suas! O senhor fez mal em entrar aqui! Devia fazer que não me reconhecia e ir seguindo o seu caminho! Vá, va-se embora e nunca mais se lembre de mim!

— Se entrei, foi porque a minha consciencia me obrigou a entrar. Cumpro um dever.

— Não! E' muito tarde para isso. Vá se embora! Deixe-me!

— Desejo ser-lhe util naquillo que puder.

— Fez mal em entrar; eu não lhe merecia ainda mais esta maldade! Basta o muito que já soffri por sua causa, quando este corpo valia alguma cousa! O que o senhor acaba de fazer é uma profanação! Para que mexer nas sepulturas? Por que não me deixou apodrecer socegada neste meu aviltamento, nesta ante-camara do hospital? O senhor foi o homem que eu mais ameí e tambem o que eu mais odiei; agora já não lhe tenho nenhuma dessas cousas; estamos quites; já não lhe devo nada, nem o senhor a mim; contudo preferia nunca mais lhe pôr a vista em cima! Vá embora! Vá.

— Mas, recolha ao menos esse dinheiro.

— Não, não quero; protestei que de suas mãos nunca mais accitaria a menor obsequio!

— Lembre-se de que precisa.

— Deixe-me em paz ! Não vê que a sua presença me faz mal ? Não vê que fico neste estado ?

E Leonilia soluçava, não com a mesma graça dos outros tempos, mas com uma sinceridade que seria capaz de commover ao diabo.

— Mas, filha, aceite, é um favor que me faz ! insistia o conselheiro.

— De suas mãos — nada ! O senhor é um homem máo ! E' um egoista, é um fatuo ! Prefiro morrer de fome, prefiro ir acabar em um hospital, mas deixe-me, deixe-me por amor de Deus !

## XXVII

Theobaldo abandonou a casa de Leonilia e, depois de vagar ainda pelas ruas, recolheu-se mais aborrecido do que nunca.

Uma indomável necessidade de companhia, mas de companhia amiga e consoladora, o asoberbava a ponto de irrital-o.

Foi com o coração desconfortado e o espirito opprimido que elle atravessou as salas desertas de sua casa. Dir-se-hia que ali não morava viva alma ; um silencio quasi completo parecia immobilisar o proprio ar que se respirava ; os quadros, as estatuetas e as fayanças nunca para elle haviam sido tão mudos tão frios e tão imperturbaveis.

Metteu-seno gabinete, disposto a trabalhar qualquer cousa, para ver se conseguia distrahir-se ; mas aquella solidão tirava-lhe o gosto para tudo ; aquella solidão o aterrava, porque o desgraçado já não podia, como dantes, fazer companhia a si mesmo ; já não podia entreter-se a pensar em si horas e horas esquecidas, e tambem já não tinha illusões, porque o principal objecto de suas illusões era elle proprio, e elle estava desilludido a seu respeito.

Seu ideal era como um espelho, onde só a sua imagem se reflectia ; quebrado esse espelho, elle não tinha coragem de encarar os pedaços, porque em cada um via ainda, e só, a sua figura, mas tão reduzida e tão mesquinha que, em vez de lhe causar orgulho como outr'ora, causava-lhe agora terriveis dis sabores.

— Como a vida é horrivel ! pensou elle ; como tudo que ambicionamos nada vale, uma vez alcançado ! Como eu me sinto farto e desprendido de tudo aquillo que até hoje me interessava e me comprazia ! Afinal, do que serve existir ? Para que viver ? Que lucramos em atravessar estes longos annos que atravessei ? Onde estão os meus gozos ? as minhas regalias ? Que espero fazer

amanhã melhor do que fiz hoje? Que ha em torno de mim que possa me dar um instante de ventura? Ah! Se eu não tivera sido tão mão! Tão mão para mim, pensando que o era para os outros!...

E ouviu bater tres horas.

— Tres horas da madrugada! E não trabalhei, nem li, nem fiz cousa alguma, e não posso dormir, e tenho de supportar a mim mesmo, sabe Deus até quando! E sinto-me doente! A febre escalda-me o sangue!

Levantou-se do logar onde estava e, cambaleando, fez algumas voltas pelo quarto.

— Oh! Este isolamento me aterra!

Pensou então na mulher: — Ella nessa occasião dormia, com certeza... Naquelle momento daria tudo para a ter junto de si.

Mas elle a queria, não como ella era ultimamente, porém, como dantes, quando o amava, quando vinha recebê-lo á porta da rua e não o abandonava senão quando elle tornava o sahir de casa...

Assim é que a queria — companheira, amiga, unida e inseparavel.

— Ah! Se eu não tivesse me incompatibilisado com ella!... Se pudesse ir buscal-a, trazel-a aqui para o meu gabinete, desfructar a sua companhia, gozar o seu coração!... Oh! mas tudo isto já não póde ser! Está tudo perdido! Ella continúa a ver em mim um vaidoso, um fatuo, um homem ainda menor que o mais vulgar! Nunca mais poderei ser para Branca o que fui, o que ella me julgou na cegueira do seu primeiro amor!

E Theobaldo deixou-se cahir de novo na cadeira, com o rosto escondido entre as mãos, a respiração convulsa, os olhos ardendo como se fossem duas chagas.

— Se eu não tivesse sido para ella o que fui, talvez, quem sabe? tivéssemos agora um filhinho?

Esta idéa lhe trouxe uma golfada de soluços.

E, no seu desespero, elle via esse filho imaginario; esse ente que nunca existira e de quem elle tinha saudades, porque entre os vivos não encontrava um coração que o recebesse.

Chorou inuito ainda, depois ergueu-se e sahiu do gabinete.

Atravessou como um somnambulo os aposentos da casa, até chegar ao corredor por onde se ia ao quarto de Branca.

A porta estava fechada.

— Se ella soubesse quanto eu soffro!... Ella, que é tão boa, tão compassiva e tão casta, talvez, tivesse compaixão de mim!...

Mas não se animou a bater.

— Havia tanto tempo que não se falavam senão em publico!... Elle tantas vezes desdenhara dos seus carinhos; tantas vezes fingira não comprehender as lagrimas della!...

Abandonou de novo o corredor, na intenção firme de recolher-se a cama.

Chamou o creado, pediu cognac, bebeu, despiu-se e deitou-se,

Não conseguiu dormir.

Tocou de novo a campainha.

— Meu amo chamou?

— Sim. Vê roupa. Torno a sahir.

— Mas V. Ex. parece incommodado; creio que faria melhor em...

— Vê roupa! Não ouves?!

E, quando o creado ia de novo a sahir, depois de cumprida aquella ordem:

— Olha!

— Senhor!

— Chama o Caetano.

Era um idéa que lhe acudira com vislumbres de inspiração.

— O Caetano?... repctiu o creado, saiba V. Ex. que o Cactano está de cama.

— De cama?... Que tem elle?

— Amanheceu ha quatro dias com muita febre e ainda não melhorou.

— Achava-se nesse estado, e nada me diziam! Canalha!

— Peço perdão, mas devo notar que o senhor conselheiro ha muito tempo não apparece a ninguem.

— Cala-te. Sou capaz de apostar que deixaram sózinho o pobre velho!...

— Saiba V. Ex. que a Sra. D. Branca, que o têm ido ver muitas vezes todos os dias, deu ordem ao Sabino para não sahir do lado delle.

— Bem. Previne ao Sabino que eu quero ir ver o Cactano.

O creado, sorprezo com estas palavras, mas sem o dar a perceber, afastou-se immediatamente; ao passo que o amo, vestindo-se ás pressas e, contra o seu costume, em desalinho, abandonou ainda uma vez o gabinete e ganhou em direitura ao quarto do enfermo.

Não era, como elle proprio suppunha na sua necessidade de fazer bem, o interesse pelo velho servo de seu avô e companheiro de seu pai o que o impellia áquelle acto de piedade, mas simplesmente a urgencia de falar com alguem que ainda o estimasse;

alguem que lhe arrancasse o coração do lastimavel estado em que se achava naquelle instante.

Recebeu um logro, O pobre velho não dava mais accôrdo de si e só dizia palavras desnorteadas pelo delirio da febre,

— Não me reconheces, amigo velho ? perguntou-lhe o conselheiro, amparando-se-lhe das mãos hirtas e nodosas.

— Sim, Nhô Miló ? Metta a espora no cavallo, que os Saquaremas, embicando por este lado, hão de encontrar homem pela prôa !

E os olhos do velho torciam-se nas orbitas com um accesso de colera senil.

— Sonha com meu pai e com as revoluções de Minas!... pensou Theobaldo entristecido. Ah ! o Barão de Palmar foi ao menos um homem ! E' justo que este désgraçado lhe dedique os seus ultimos pensamentos em vez de os dedicar a mim, que nem isto mereço. E' justo ! E' justo !

E sahiu dali para esconder o seu desespero contra aquelle maldito velho, que, no delirio da morte, não achava uma palavra de consolação para lhe dar.

Atravessou a chacara sem levantar a cabeça, o ar muito sombrio e pesado, os olhos fundos e cheios de sangue.

Quando chegou á rua, estacou e poz-se a olhar para as aguas da balhia que se douravam aos primeiros raios do sol.

Poz-se a andar pela praia, vagarosamente, quasi que sem consciencia do que fazia.

E o dia, que apontava, um dia triste e cheio de nevoas, um dia sem horizonte, como o proprio espirito de Theobaldo, ainda mais lhe aggravava o máo estar.

Elle sentia frio e dores por todo o corpo.

Caminhou assim durante uma hora ; cabeça baixa, mãos nas algibeiras do sobretudo e uma secura enorme a lhe escafdar a garganta.

Tres vezes tentou fumar e de todas lançou fóra o charuto, porque não podia supportar o cheiro do fumo.

Afinal viu um carro de praça, chamou-o, metteu-se dentro d'elle e mandou tocar para a casa do Coruja.

Todavia, depois mesmo de estar em caminho, hesitava em lá ir. O seu procedimento para com o pobre amigo não podia ser peor e mais ingrato do que fôra, ultimamente.

Nada fizera do que lhe promettera não lhe dera o tal emprego, nem mandara publicar a celebre historia do Brazil.

— E havia tanto tempo que já não se viam !... Em que disposição estaria André a respeito d'elle ?... Qual teria sido nessa



ausencia a sua vida, com uma familia ás costas e sem meios de ganhar dinheiro?... Quem sabe até se elle não tivera estado doente?... Quem sabe se já não teria morrido?...

Davam sete horas quando Theobaldo entrava em casa do Coruja.

O aspecto do corredor, o silencio que ahi reinava, entristeceram-no, pondo-lhe no coração um vago sentimento de remorso.

— Com um bocadinho de esforço, pensou a sua consciencia, ter-se-hia restituído a esta pobre gente a primitiva felicidade!..

Foi Ignez que veio recebê-lo, e, posto que surpresa com a visita, ella deixava transparecer no semblante as contrariedades de sua vida.

— Como está a senhora sua mãe? perguntou Theobaldo.

— Mal, Sr. conselheiro, ha mais de um mez que ella não faz outra cousa senão gemer. Está cada vez peor. Agora tudo lhe dóe: são as pernas, os braços, a caixa do peito, as costas, o peçoço e a cabeça! Coitada, chega a fazer dó!

— E o André? Como vai?

— Não sei, não senhor, mas tambem não anda bom! Ultimamente quasi que não dá uma palavra á pessoa alguma; entra da rua e sahe de casa, sem tugar nem mugir; ás vezes mette-se no quarto ás seis da tarde e só dá signal de si no dia seguinte.

— E como vão os negocios d'elle? Sabe?

— Sei cá! Se elle não fale com pessoa alguma! Não dá uma palavra!

— Tem trabalhado muito?

— Trabalhado?

— Pergunto se tem escripto.

— E' natural; pelo menos leva um tempo infinito mettido no quarto.

— Elle está ahi?

— Está, sim, senhor; faz favor de entrar.

Theobaldo foi bater á porta do Coruja e ficou gelado defronte do ar frio com que este o recebeu.

— Como vais tu? disse.

André sacudiu os hombros e resmungou alguns sons que não lhe passaram da garganta.

— Que diabo tens hoje? Acho-te mudado.

— Nada.

— Não! Tens alguma cousa que te afflige!

— Aborrecimento. Entra. Já tomaste café?

— Ainda não, e quero, porque não me sinto bem.

— Estás doente? Nunca te vi tão amarello e tão abatido.

— E' ! Effectivamente não tenho passado bem ! Apoquentações !... Agora mesmo creio que sinto febre ! Não imaginas a vida que levo ! Um martyrio !

Coruja afastou-se para ir buscar café e o outro então o considerou melhor. O desgraçado estava muito mais acabado e mais feio : cahia-lhe agora todo o cabello sobre os olhos, que se sumiam de baixo das palpebras ; a boca envergava-se para baixo em uma expressão constante de desgosto e resentimento ; as costas arqueavam-se-lhe como as de um cachetico, e o peito afundava-se-lhe cavernosamente, tornando-o mais encolhido, mais mesquinho e mais reles.

— Pois, meu amigo, confesso-te, disse Theobaldo, quando elle voltou com as chicaras, que te procurei, porque preciso de ti, como de pão para a boca. Preciso da tua companhia. Aqui onde me vês, sou uma victima do isolamento e do tedio !

André não respondeu e foi assentar-se a um canto do quarto, sobre um caixão vazio.

— Ah, meu bom Coruja, proseguiu S. Ex., não calculas como ando ! Um inferno ! Sinto-me farto, inteiramente farto da vida ! Sinto-me devastado ! Preciso de ti ! Quero-te ao meu lado ! Venho buscar-te, e não volto para casa sem te levar commigo !

— Impossivel ! respondeu o outro seccamente.

— Impossivel ? ! repetiu o ministro, fulminado por esta palavra. Como impossivel ? ! Pois tu não queres vir commigo ?

— Não posso.

— E por que ?

— Porque me sinto inutilisado ! Já não presto para nada ! Já não posso supportar a companhia de ninguém !

— Ora essa ! Então tu tambem estás desgostoso ?

— Mas do que podes suppor. E peço-te que mudemos de assumpto.

Fez-se um grande silencio entre os dous ; cada um fitava o seu ponto, sem animo de trocarem um olhar entre si.

Theobaldo perguntou afinal, erguendo-se :

— Não devo então contar comtigo ?

— Não, não posso ir. Desculpa-me.

— Está bom ! Paciencia !

E, depois de dar em silencio uma volta pelo quarto, disse meio hesitante ;

— E' verdade ! E a tua historia do Brazil ? Terminaste-a ?

O Coruja, sem desviar os olhos do logar em que estavam presos, apontou para um grande montão de papcis rotos, accumulados ao fundo do quarto.

-- Que é isto ? interrogou o conselheiro.

-- Desisti.

-- Como assim ?

-- Abandonei por uma vez!

-- Não concluíste o trabalho ?

-- Não.

-- Mas foi uma loucura de tua parte.

Coruja sacudiu os hombros, indifferentemente, e pousou os cotovellos sobre os joelhos, ficando com as duas mãos abertas contra o queixo, sem dar mais uma palavra.

Causava estranha e viva impressão aquella figura tetrica e soffredora, que parecia agora mergulhada nesse estado comatoso que ás vezes acommette os loucos.

Embalde tentou o outro puxar por elle e, vendo o egoista que, em vez de consolações, encontrara ali ainda maior desanimo que o seu, despediu-se e sahiu arrastando até á casa a negra tunica das suas afflicções.

-- Até este ! pensava elle já na rua, até o Coruja me vira as costas ! Só o publico, essa besta insupportavel e estúpida, só o publico me abre os braços ! E do que me serve o publico, se não tenho a quem amar ? Do que me serve o publico, se vivo neste isolamento peor que tudo ? Do que me servem admiradores, se não tenho amigos ?

Durante o caminho, Theobaldo, justamente ao contrario do que succedia com André, encontrou mil pessoas que corriam a saudal-o, apertar-lhe a mão, que o abraçavam, que o felicitavam « mais uma vez » por taes e taes gloriosos feitos.

Mas em todas essas physionomias só viu e percebeu : — em umas, a adulação ; em outras o fingimento ; em outras a má vontade invejosa e sem animo para se patentear ; e em nenhuma encontrou o que elle procurava com tamanho empenho, aquillo que elle dantes descobria em quantos o amavam e a quem afastou de si, para sempre ; isto é, a dedicação, o desinteresse, a verdadeira amizade.

-- Ah ! não valia á pena sacrificar áquella besta esse inestimavel thesouro, que agora lhe fazia tanta falta !

E era tarde ! O egoista já não podia encontrar em torno de si senão a sombra de si mesmo. E todos que o idolatravam com tanto desinteresse e aos quaes elle só respondeu com a ingratitude, perpassavam agora em torno de seu espirito como espectros de remorso, que se erguiam para o fazer mais infeliz, mais inconsolavel e mais revoltado contra o seu isolamento.

Ainda como o Coruja, elle desejava fugir do publico e ao

mesmo tempo sentia medo de metter-se em casa. A rua e o lar eram para ambos um tormento de genero diverso, mas de iguaes effeitos.

Foi, pois, completamente aniquilado. que elle chegou ao portão da sua chacara.

Um criado veio dizer-lhe logo, que o velho Cactano estava agonisante.

Theobaldo apressou-se air ter com elle, apezar da prostração, em que se achava.

O quarto do moribundo parecia agora ainda mais sombrio do que á noite.

Um quarto estreito, enterrado no porão da casa, mais dignamente arranjado e limpo.

Era tudo de uma simplicidade austera e pobre. Na parede via-se um retrato do Barão de Palmar, sobre o qual dependurava-se uma grinalda de rosas murchas, contrastando com uma espada enferrujada e um jogo de pistolas antigas, que guarneciam a parte inferior do quadro; por cima deste, em um intervallo talvez de dous palmos, havia ainda um pequeno crucifixo de metal branco.

Dir-se-hia que aquillo era a cellula de algum fidalgo victimado pela revolução.

Ao fundo do quarto, sobre uma cama estreita e sem cortinas, destacava-se a longa figura de Caetano.

Parecia agora muito mais comprido e mais magro; sentiam-se-lhe os angulos do corpo por detrás do lençol.

O amo, se se demora um instante mais, já não o encontrava com vida.

Assentou-se ao lado da cana e ajudou o moribundo a segurar uma vela de cera, que lhe haviam posto entre as mãos extensas e descarnadas.

Entretanto, o velho agonisava, quasi sem o menor movimento de corpo ou a menor contracção de rosto.

Era uma figura immovel, hirta, com os membros duros os, olhos cravados no ar, fixos e já turvados pela morte.

O conselheiro debruçou-se sobre elle, disse-lhe em voz baixa algumas palavras de consolação, que não foram ouvidas, e afinal quando a morte chegou de tudo, retirou-se para o seu gabinete, sem conseguir resolver em lagrimas o peso enorme que se lhe fôra accumulando por dentro.

## XXVIII

Dadas as providencias para o enterro do velho Caetano, Theobaldo tomou algumas colheres de caldo et mettu-se na cama, recommendando que não o chamassem.

Passou o dia inteiro na modorra da febre e á noite foi necessario buscar o medico, porque o seu incommodo recrudescia.

O medico examinou-o e declarou que havia uma congestão de figado. Era, pois, indispensavel para o doente evitar todo e qualquer abalo moral e submeter-se a um rigoroso tratamento, sem o que podia sobrevir a hemoptyse, e a cousa tornar-se então muito mais séria.

Acudiu logo muita gente com a noticia da molestia de S. Ex.; como, porém, o doutor havia prohibido ao enfermo falar a alguem, contentavam-se todos com deixar o cartão de visita; só o Coruja não levou lá o seu nome, porque nunca passava do portão do jardim e entendia-se com os criados inferiores.

Hyppolito e D. Geminiana achavam-se então na fazenda e por isso não deram signal de si.

Todavia, e apezar dos affectados desvelos de tanta gente, a hepate do senhor conselheiro progredia, agravada agora por uma lesão pulmonar, cujos symptomas já se denunciavam.

Elle, muito abatido, o rosto côr de oca, a barba de quatro dias, os olhos fundos e tingidos de amarello, mostrava-se muito desanimado e com um grande medo de morrer.

O medico ia vel o tres vezes ao dia e de todas lhe recommendava a mais completa tranquillidade de espirito.

O doente sorria ao ouvir estas palavras.

Uma noite mandou chamar a mulher.

Ella não se fez esperar e correu ao quarto do marido. A enorme transformação, que lhe notara logo ao primeiro golpe de vista, impressionou-a vivamente; comtudo quedou se fria e contrafeita á porta da alcova, como se estivesse defronte de um estranho.

— Branca!... murmurou elle, volvendo para a esposa os olhos já despídos do primitivo encantamento.

— O medico recommendou que lhe não deixassem falar... respondeu ella, sem sahir do ponto em que se achava.

— Venha para junto de mim, pediu o infeliz; preciso do seu perdão.

Branca aproximou-se delle, recommendando do novo que se calasse.

Theobaldo, quando a sentiu ao alcance de suas mãos, quiz abraçal-a. Branca retrahiu-se com um movimento expontaneo, no qual só transparecia repugnancia.

Elle fechou os olhos e deixou cahir a cabeça sobre os travesseiros.

Ella então adiantou-se, arrependida talvez de o haver contrariado, mas soltou logo um grito, porque o marido, sentindo congestionar-se-lhe o sangue no pulmão, erguera-se de subito, suffocado por uma golfada de sangue.

Era a hemoptyse.

O quarto encheu-se de estranhos; uma balburdia formou-se em torno de Theobaldo; todos queriam soccorrel-o, mas ninguém o conseguia; o sangue lhe golpejava pelas ventas e pela boca.

O medico, quando entrou dahi a nada, declarou-o morto.

## XXIX

O facto, mal cahiu em circulação, abalou devéras o publico.

Desde as nove horas da manhã notou-se na cidade um movimento anormal de ordenanças a cavallo e de tilburys, que subiam e desciam a todo o trote a praia de Botafogo.

No dia subsequente cada folha, das diarias, trouxe na sua parte editorial um artigo de fundo a proposito do illustro morto. Tudo que se póde dizer sobre um politico e sobre um homem de talento publicou-se a respeito de Theobaldo; publicou-se em typo grande, entrelinhado e guarnecido das melhores flores de rhetorica de que dispunham as redacções; mas, no que pareciam ajustadas, era em glorificar o fallecido como um peregrino exemplo de honestidade e rectidão.

« Ainda ha bem pouco tempo, dizia um dos jornaes mais acreditados, tinha o insubstituivel cidadão que a morte acaba de arrebatarnos, a seu cargo uma das pastas mais rendosas, do ministerio, e talvez, afóra a da Fazenda, a que melhor se presta a certos manejos de especulação e, no entanto bem ao contrario do, que é de costume entre nós, elle morreu pobre, pauperrimo, a ponto de se lhe encontrar em casa apenas um pouco de dinheiro em papel e quasi nenhum objecto de valor. Só este facto, pela sua raridade, é mais que o bastante para dar idéa de quem foi

Theobaldo Henrique de Albuquerque e collocar o seu nome entre o daquelles que figuram no Pantheon da Historia, cercado de gloria, abençoado pela sua geração e eternamente bem quisto pela humanidade. »

Toda a imprensa se mostrou empenhada em que o governo estabelecesse immediatamente uma pensão á viuva de festejado defunto, e tal foi o enthusiasmo que semelhante morte encontrou no publico e até entre os collegas do morto que na camara chegaram a falar em erigir-lhe uma estatua.

Em uma subscrição para este fim aberta, figurava em primeiro logar a assignatura de Affonso de Aguiar com a quantia de quinhentos mil réis.

Poucos, muito poucos dos enterros que têm havido no Brazil, poderiam rivalisar com o que elle teve.

Parecia que se tratava da morte de um príncipe, tal era o acerto do gosto, a boa disposição artistica; tal era a distincção, o luxo aristocratico daquellas cerimoniaes, que a gente tinha vontade de acreditar, que por ali andava o dedo do proprio Theobaldo e que tudo aquillo era obra d'elle.

Dir-se-hia que de dentro do seu rico caixão, coberto de crepe e engenhosamente entretecido de funebres corôas, Theobaldo dirigia o solemne prestito que o acompanhava a sepultura. Esperava-se ver a cada momento surgir entre as abas do caixão a cabeça do grande homem de gosto, exclamando para algum soldado que sahira da fileira :

— Mais para a direita ! P'ra direita ! Em linha !

E, todo aquelle reblicar de dragonas e commendas, e todo aquelle deslumbramento de fardas bordadas, aquelle scintillar de armas em funeral, e mais aquella marcha cadenciada da tropa; tudo se casava admiravelmente com a impressão gloriosa que Theobaldo deixava gravada na alma do povo, desse mesmo povo que elle dominou com a sua encantadora figura de fidalgo revolucionario e com o seu fino espirito de diplomata apaixonado pelas multidões.

Coruja estava na rua, quando lhe deram noticia da morte do amigo.

Ao contrario do que esperavam todos, elle a ouviu sem soltar uma palavra de dor ou derramar uma lagrima ; apenas lhe notaram certa contracção no rosto e um quasi imperceptivel sorriso de desdem.

Comtudo, atirou-se logo para Botafogo e, quando deu por si, estava defronte da casa do fallecido, sem aliás sentir animo de levar aquellas magnificas salas em luto o seu pobre typo farandulesco e miseravel.

Acompanhou o enterro de longe, a pé, coxeando como um cão ferido que segue a carruagem do dono.

Ao chegar ao cemiterio já as formalidades do estylo estavam cumpridas.

Um coveiro em mangas de camisa socava a sepultura de Theobaldo, e a multidão, que o acompanhara até ahí, punha-se em retirada, com pressa, como quem volta de fazer uma obrigação e quer ainda aproveitar o resto do tempo.

Coruja parou cansado e encostou-se n'uma sepultura, a olhar estranhamente para tudo aquillo.

O cemiterio recahia aos poucos na sua pesada somnolencia, cmquanto os ultimos clarões do dia descambavam no horisonte em um rico transbordamento de cores sideraes. Já as montanhas ao fundo se cobriam de azul escuro e os cyprestes rumorejavam as primeiras vozes da noite.

Ouviam-se rolar ao longo da rua as derradeiras carruagens que se retiravam e, de espaço a espaço, uma pancada surda e dobrada pelo echo. Era a maceta do coveiro que socava a terra.

Coruja seguiu, coxeando, a direcção dessas pancadas e, chegando á sepultura do amigo, ficou a contemplal-a em silencio.

— Quer alguma cousa ? perguntou-lhe o coveiro.

— Nada, não senhor, respondeu André.

— Pois então é andar, meu caro, que são horas de fechar o cemiterio !



Com effeito, quando os dous chegaram ao portão, já o guarda os esperava sacudindo as suas chaves.

Coruja, logo que se viu só, encostou-se ao muro do cemiterio e começou a soluçar.

Chorou muito, até que um fundo cansaço se apoderou delle voluptuosamente. Sentia-se como que arrebatado por um somno delicioso ; mas cahiu logo em si, lembrando-se de que já se fazia tarde e naquelle dia, distraído com a morte do amigo, descuidara-se da gente que tinha á sua conta.

E manquejando, a limpar os olhos com a manga do casaco, lá se foi, rua abaixo, perguntando a si mesmo « Onde diabo iria, aquellas horas, arranjar dinheiro para dar de comer ao seu povo?... »

FIM







## BRASILIANA DIGITAL

### ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que participam do projeto BRASILIANA USP. Trata-se de uma referência, a mais fiel possível, a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital - com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

**1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais.** Os livros, textos e imagens que publicamos na Brasiliiana Digital são todos de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

**2. Atribuição.** Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Brasiliiana Digital e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

**3. Direitos do autor.** No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se um obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Brasiliiana Digital esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente ([brasiliiana@usp.br](mailto:brasiliiana@usp.br)).